

CLASS: 373
N 518 p
TOMBO: 545

ANICEH FARAH NEVES

SVE

PARA QUÊ DESENHO NO 2º GRAU?

**Caracterização do ensino do Desenho no 2º grau da rede pública
estadual - Município de Bauru - S.P.**



1410000545



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
- 1993 -



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
- CAMPUS DE MARÍLIA -
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

SVE

PARA QUÊ DESENHO NO 2º GRAU?

**Caracterização do ensino do Desenho no 2º grau da rede pública
estadual - Município de Bauru - S.P.**

Dissertação apresentada como exigência parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Educação à
Comissão Examinadora do Programa de Pós-
Graduação em Educação na Faculdade de Filosofia
e Ciências.

- Marília - UNESP -

Orientadora:

Profª Drª Helena Faria de Barros

**Marília
dezembro - 1993**

*A meus pais
pelos lições de vida*

Agradecimentos

A Prof.^a Dr.^a Helena Faria de Barros
pela orientação segura e permanente incentivo.

A minha família pelo apoio e compreensão.

Ao Prof. Roberto Alcarria do Nascimento
pela experiência e conhecimento compartilhados.

A Prof.^a Vera de Toledo Soares Rocco
pela gentileza da revisão redacional e pela amizade.

A Débora e Paulo
pelo empenho na digitação e composição
do trabalho.

*A meus pais,
pelas lições de vida...*

Aos professores da rede estadual e a todos que direta ou
indiretamente colaboraram na execução deste trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	VI
LISTA DE GRÁFICOS	VII
LISTA DE FIGURAS	VIII
RESUMO	IX
ABSTRACT	X
INTRODUÇÃO	1

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Desenho: esboçando o significado e a importância	4
2. Ensino do Desenho: revendo objetivos	11
3. Ensino do Desenho no Brasil: reformando currículos antes de 1930	12
3.1 Dos jesuítas ao final do séc. XIX	12
3.2 O início do século XX	24

Agradecimentos

4. Ensino do Desenho: caracterizando um intervalo na trajetória histórica do ensino do Desenho no Brasil	27
4.1 Desenho do natural	27
4.2 Desenho geométrico	30
4.3 Desenho convencional	31

À Prof^ª Dr^ª Helena Faria de Barros
pela orientação segura e permanente incentivo.

À minha família pelo apoio e compreensão.

Ao Prof. Roberto Alcarria do Nascimento
pela experiência e conhecimento compartilhados.

À Prof^ª Vera de Toledo Soares Rocco
pela gentileza da revisão redacional e pela amizade.

À Débora e Paulo
pelo empenho na digitação e composição gráfico/visual do trabalho.

Aos professores da rede estadual e a todos que direta ou indiretamente colaboraram na execução deste trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	VI
LISTA DE GRÁFICOS	VII
LISTA DE FIGURAS	VIII
RESUMO	IX
ABSTRACT	X
INTRODUÇÃO	1
 I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	 4
1. Desenho: esboçando o significado e a importância	4
2. Ensino do Desenho: revendo objetivos	11
3. Ensino do Desenho no Brasil: refazendo caminhos antes de 1930	19
3.1 Dos jesuítas ao final do séc. XIX	19
3.2 O início do século XX	24
4. Ensino do Desenho: caracterizando modalidades - um intervalo na trajetória histórica do ensino do Desenho no Brasil	27
4.1 Desenho do natural	27
4.2 Desenho geométrico	30
4.3 Desenho convencional	31
4.4 Perspectiva	34
4.5 Desenho decorativo	36
5. O 2º grau e o ensino do Desenho: refazendo caminhos após 1930	40
5.1 A Reforma Francisco Campos e a Portaria Ministerial de 17/03/1936	40
5.2 A Lei Orgânica do Ensino Secundário e a Portaria Ministerial de 04/01/1946	42
5.3 A Portaria Ministerial nº 966 - 02/10/1951	43
5.4 A década de 50 e o ensino do Desenho	44
Ênfase à arte e/ou ciência?	45
Aluno x aptidão: possibilidades e limitações	46
A formação do professor de Desenho	46
5.5 Anos 60: o ciclo colegial, o ensino do Desenho e a formação do professor ..	48
5.6 O 2º grau e o ensino do Desenho a partir de 1970	49
5.7 Caracterizando a atualidade: o ensino do Desenho no 2º grau nas escolas da rede pública estadual de Bauru	55
 II - METODOLOGIA DA PESQUISA	 56
1. Procedimentos de coleta de dados	56
 III - RESULTADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO	 58
1. Caracterização das escolas estaduais de 2º grau de Bauru	58

2. Caracterização do Desenho na grade curricular das escolas estaduais de 2º grau de Bauru	60
3. Caracterização dos professores atuantes no 2º grau lecionando Desenho nas escolas estaduais de Bauru	62
4. Caracterização do ensino do Desenho nas escolas estaduais de 2º grau de Bauru	65
4.1 Objetivos da disciplina	65
4.2 Conteúdos programáticos	67
4.3 Procedimentos de ensino de Desenho	69
4.4 Material	71
4.5 Avaliação	72
4.6 Dificuldades dos alunos em relação ao ensino do Desenho	74
4.7 Dificuldades e sugestões dos professores em relação ao ensino do Desenho	75
CONCLUINDO E SUGERINDO	80
BIBLIOGRAFIA	87
ANEXOS	94
Quadro 11 - Classificação, por ordem de frequência, dos objetivos citados pelos professores que lecionam Desenho nas escolas estaduais	65
Quadro 12 - Conteúdos Programáticos - 2º grau - Rede Estadual - Bauru / 1992	67
Quadro 13 - Classificação, por ordem de frequência, dos procedimentos de ensino utilizados pelos professores que lecionam Desenho nas escolas estaduais de 2º grau da rede oficial de Bauru	70
Quadro 14 - Classificação, por ordem de frequência, do material solicitado ao aluno e utilizado pelos professores de Desenho do 2º grau da rede estadual de Bauru	71
Quadro 15 - Classificação, por ordem de frequência, dos instrumentos e critérios de avaliação utilizados pelos professores que lecionam Desenho no 2º grau da rede estadual de Bauru	72
Quadro 16 - Classificação, por ordem de frequência, das dificuldades em relação aos alunos no ensino do Desenho no 2º grau da rede pública estadual de Bauru	74

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE QUADROS

Gráfico 01 - Evolução das matrículas

Quadro 01 - Evolução dos Objetivos do Ensino do Desenho	18
Quadro 02 - Ensino do Desenho no Brasil (antes de 1930)	26
Quadro 03 - O 2º Grau e o Ensino do Desenho (após 1930)	54
Quadro 04 - Relação das Escolas Estaduais de 2º grau do Município de Bauru	59
Quadro 05 - Modalidades de Disciplina na Grade Curricular	60
Quadro 06 - Distribuição por sexo dos professores que atuam no 2º grau da rede estadual de Bauru lecionando Desenho	62
Quadro 07 - Formação dos professores que lecionam Desenho nos estabelecimentos estaduais de 2º grau de Bauru	62
Quadro 08 - Faixa etária dos professores que lecionam Desenho nas escolas estaduais de 2º grau de Bauru	63
Quadro 09 - Tempo de magistério em Desenho dos professores atuantes no 2º grau da rede estadual de Bauru	64
Quadro 10 - Situação Funcional dos professores que lecionam Desenho nas escolas estaduais de 2º grau de Bauru	64
Quadro 11 - Classificação, por ordem de frequência, dos objetivos citados pelos professores que lecionam Desenho nas escolas estaduais	65
Quadro 12 - Conteúdos Programáticos - 2º grau - Rede Estadual - Bauru / 1992	67
Quadro 13 - Classificação, por ordem de frequência, dos procedimentos de ensino utilizados pelos professores que lecionam Desenho nas escolas estaduais de 2º grau da rede oficial de Bauru	70
Quadro 14 - Classificação, por ordem de frequência, do material solicitado ao aluno e utilizado pelos professores de Desenho do 2º grau da rede estadual de Bauru	71
Quadro 15 - Classificação, por ordem de frequência, dos instrumentos e critérios de avaliação utilizados pelos professores que lecionam Desenho no 2º grau da rede estadual de Bauru	72
Quadro 16 - Classificação, por ordem de frequência, das dificuldades em relação aos alunos no ensino do Desenho no 2º grau da rede pública estadual de Bauru	74

Gráfico 17 - Dificuldades dos Alunos

2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992



LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 01	- Opções de habilitações 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	59
Gráfico 02	- Modalidades da disciplina na grade curricular 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	60
Gráfico 03	- Total de aulas - Des./Des. Geom./Des. Téc. 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	61
Gráfico 04	- Disciplina: Desenho 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	61
Gráfico 05	- Disciplina: Desenho Geométrico 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	61
Gráfico 06	- Disciplina: Desenho Técnico 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	61
Gráfico 07	- Formação dos Professores 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	62
Gráfico 08	- Faixa Etária dos Professores 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	63
Gráfico 09	- Tempo de Magistério dos Professores 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	64
Gráfico 10	- Situação Funcional dos Professores 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	64
Gráfico 11	- Objetivos da Disciplina 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	65
Gráfico 12	- Procedimentos de Ensino 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	70
Gráfico 13	- Material dos Alunos 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	71
Gráfico 14	- Material dos Professores 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	71
Gráfico 15	- Instrumentos de Avaliação 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	72
Gráfico 16	- Critérios de Avaliação 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	72
Gráfico 17	- Dificuldades dos Alunos 2º grau - Rede Estadual - Bauru/1992	74



LISTA DE FIGURAS

Desenho do Natural

Figura 01	- Fonte: BANDEIRA, 1958	28
Figura 02	- Fonte: PENTEADO, 1972	28
Figura 03	- Fonte: PENTEADO, 1972	28
Figura 04	- Fonte: CURSO de desenho e pintura, Globo	29
Figura 05	- Fonte: CARVALHO, 1958	29

Desenho Geométrico

Figura 06	- Fonte: PENTEADO, 1972	30
Figura 07	- Fonte: PENTEADO, 1972	30

Desenho Convencional

Figura 08	- Fonte: PENTEADO, 1972	31
Figura 09	- Fonte: CUNHA, 1989	32
Figura 10	- Fonte: CUNHA, 1989	32
Figura 11	- Fonte: CUNHA, 1989	32
Figura 12	- Fonte: DOMINGUES, 1979	33
Figura 13	- Fonte: PENTEADO, 1972	33
Figura 14	- Fonte: PENTEADO, 1972	34
Figura 15	- Fonte: MACHADO, 1971	34

Perspectiva

Figura 16	- Fonte: MACHADO, 1967	35
Figura 17	- Fonte: PENTEADO, 1972	35
Figura 18	- Fonte: PENTEADO, 1972	36
Figura 19	- Ilustração de Paulo Scardine	36

Desenho Decorativo

Figura 20	- Fonte: BANDEIRA, 1958	37
Figura 21	- Fonte: BANDEIRA, 1959	37
Figura 22	- Fonte: BANDEIRA, 1959	37
Figura 23	- Fonte: BANDEIRA, 1959	38
Figura 24	- Fonte: BANDEIRA, 1959	38
Figura 25	- Fonte: PENTEADO, 1972	38
Figura 26	- Fonte: PENTEADO, 1972	39



RESUMO

O objetivo deste trabalho foi caracterizar o ensino do Desenho nas escolas de 2º grau da rede estadual de Bauru.

Para melhor se compreender a situação em que se encontra tal ensino, destacou-se na primeira parte de sua fundamentação teórica, o significado e a importância do Desenho como representação gráfica, forma de linguagem e meio de comunicação e expressão. Após a abordagem dos objetivos gerais do ensino do Desenho através dos tempos, acrescentou-se uma retrospectiva histórica do seu ensino no Brasil, do período colonial ao início do século XX. As referências, sobre as modalidades de Desenho constatadas nos programas oficiais de ensino, serviram de suporte à compreensão da etapa final da fundamentação teórica. A intenção foi apresentar, a partir da década de 30, a estruturação do 2º grau, o Desenho como seu componente curricular e alguns problemas pertinentes ao seu ensino. O fio condutor dessa abordagem foi a legislação educacional.

Os dados e informações que caracterizam o atual ensino do Desenho, foram coletados junto às 15 escolas estaduais de Bauru que oferecem o 2º grau como também aos professores que lecionam a disciplina nas referidas escolas.

Os resultados indicam - pelos objetivos, procedimentos de ensino e formas de avaliação propostos - uma prática docente conservadora, uniforme, apoiada em um ensino reprodutivo. A primazia atribuída ao Desenho geométrico - em detrimento de outras modalidades que requerem maior grau de expressão, criatividade e sensibilidade por parte do educando - confirma a ênfase ao racional e ao intelectual sempre presente, na trajetória histórica do ensino secundário, acentuadamente propedêutico, e na do ensino do Desenho no Brasil.

A pesquisa possibilitou, também, detectar dificuldades, preocupações e sugestões demonstradas pelos professores em relação ao ensino da disciplina.



INTRODUÇÃO

ABSTRACT

This paper achieves to develop a drawing teaching at the public high-schools in Bauru, Brazil.

First of all, to the better understanding of the current situation, drawing - meaning and value - is presented corresponding to graphic image, language form, and means of communication and expression.

Secondly, following drawing and a general approach of its specific goals across the centuries, comes a historical perspective of brazilian teaching within the colonial period, twentieth century. The references regarding drawing modalities in public curriculum supports the final step of the theoretical research which, beginning in the thirties, presents the high-school evolution, drawing as curricular element, and some teaching problems. This approach main guide was the educational legislation.

The drawing teaching statistics and data were selected in Bauru among 15 public high-schools and their drawing teachers.

By the goals, procedures, and evaluation forms the results indicated a conservative and uniform instruction based upon reproductive teaching. The preference of geometric drawing - regardless the importance of other modalities which requires more expression, creativity and sensibility - authenticates a rational and cognitive emphasis always present in high-school teaching - which has prominently been propaedeutic - as well as in brazilian drawing teaching.

The research has enabled the acknowledgment of difficulties, needs, and teachers' suggestions in relation to drawing teaching.



INTRODUÇÃO

Comumente se associa Desenho a “coisa de lápis e papel” para fazer compreender a forma e a estrutura de um objeto qualquer, como também explicar alguma idéia ou fato, através de traços ou de um simples esboço. A sabedoria popular diz: “um desenho vale por mil palavras ...”

Porém, uma revisão dos caminhos por ele percorridos na história permite ampliar a concepção dessa linguagem tão antiga, tão permanente e importante que atravessa as fronteiras temporais e geográficas, influenciando o progresso cultural da humanidade. Essa trajetória nos leva à percepção de um significado muito mais vasto do que um simples movimento do lápis sobre o papel, que se revela sob dois aspectos: o do Desenho propriamente dito e o do ensino do Desenho.

O primeiro aspecto - ao considerar o Desenho como linguagem gráfica, como ato humano fundamental e como tendência inata importante na adaptação do indivíduo aos seus semelhantes e ao meio ambiente desde os primórdios da humanidade - visa a história do Desenho e do estudo do desenvolvimento da capacidade representativa através dos tempos.

O outro ponto de vista - de maior relevância para a proposta desta pesquisa - relaciona-se intrinsecamente com o primeiro, levando em consideração, sobretudo, a história do ensino do Desenho e a sua importância como disciplina escolar.

Não é demais lembrar que, tal como o gesto ou a fala, o Desenho é para a criança, a sua primeira escrita. No dinamismo que lhe é peculiar, ela escreve o mundo a seu modo enquanto desenha.

Para a criança, o ato de desenhar é uma comunicação do pensamento que se faz acompanhar de sentimento, de descoberta, de imaginação, de prazer, de jogo... Como linguagem viva, o Desenho assume características próprias em cada uma das etapas evolutivas do desenvolvimento infantil. Assim, a garatuja cede lugar às primeiras tentativas de representação, caracterizando a fase pré-esquemática. Esta, por sua vez, é substituída pela conquista do conceito de forma como produto do pensamento operacional concreto. De jogo simbólico, o Desenho passa a jogo de construção, estruturado, comprometido com o real...

A entrada para a escola, porém, assinala o início de um processo de atrofia dessa linguagem tão natural que culmina com a perda do ato de desenhar na própria criança, no adolescente e no adulto. Ao analisar essa ruptura, MOREIRA (1984), com bastante propriedade, assim se manifestou: “...muito depressa o desenho-fala se cala e do desenho-certeza se passa à certeza de não saber desenhar”. (p.56)

Esta perda não se justifica apenas pelo amadurecimento próprio de cada uma das etapas de desenvolvimento pelas quais passa o ser humano, mas, principalmente, por ser consequência de um problema geral que afeta o ensino e o sistema escolar : a ausência de expressão dentro da escola.

Nosso sistema educacional parece estar direcionado para uma única fase do desenvolvimento: o da evolução intelectual. A finalidade da educação continua sendo a aquisição do saber e o acúmulo

de conhecimentos. Valoriza-se excessivamente o ensino verbal centrado em atividades intelectuais e abstratas, ou então, cuida-se do armazenamento de informações fragmentadas, devolvidas através de respostas limitadas e previamente determinadas, em detrimento da criação, da expressão, da pesquisa, da descoberta...

A capacidade de interrogar, de buscar soluções, de repensar e reestruturar novas relações encontradas são aptidões básicas ao desenvolvimento do educando que não parecem merecer a atenção do processo escolar. É oportuno considerar também que, em sua complexidade, o processo de aprendizagem envolve não apenas o aspecto intelectual, mas também, fatores físicos, psicológicos, emocionais, perceptivos e sociais, além das diferenças individuais e daquelas ocasionadas pelas características próprias de cada faixa etária.

Portanto, a ação recíproca entre os símbolos, o eu e o meio ambiente é fundamental ao desenvolvimento dos processos intelectuais abstratos e ao crescimento mental do aluno. LOWENFELD; BRITAIN (1977) assinalam que as experiências centradas em atividades artísticas colaboram de maneira efetiva para consolidar essa interação. Como manifestação gráfica expressiva/representativa, o Desenho se faz presente dentre essas experiências, constituindo-se num ingrediente básico à ampliação e ao enriquecimento das relações do educando com o mundo.

Todavia, a ênfase atribuída à objetividade, ao ensino verbal e à frequente imposição de conhecimentos elaborados leva a observar que a estruturação dos currículos tem privilegiado algumas áreas de conhecimento em prejuízo de outras. A oposição sustentada pela civilização ocidental entre dois extremos, quase contraditórios: a inteligência, o pensamento, o raciocínio e a imaginação, a intuição e o sensível se reflete claramente nessa estruturação. Reserva-se a maior parte do tempo às disciplinas que se propõem a oferecer o máximo de informações destinadas ao desenvolvimento do pensamento lógico, comparando-se àquelas que envolvam aspectos expressivos, emocionais e sensíveis.

Neste segundo grupo encontra-se o Desenho. O decréscimo de tempo a ele destinado no decorrer do processo de escolarização é claramente visível, a ponto desta redução culminar com a sua quase total eliminação.

Paralelamente a este fato, a marginalização e o empobrecimento da expressão gráfica iniciados com o processo de alfabetização - numa ênfase quase que exclusiva ao mundo da grafia da palavra - conduzem à perda do significado lúdico e da carga simbólica e expressiva inerentes ao Desenho. O sistema escolar passa, de um modo geral, a considerá-lo como um manual de exercícios e atividades que - de maneira impessoal - conduzem o aluno à cópia, à reprodução automática, à técnica, à destreza, excluindo seu entendimento como uma forma de construção do pensamento que permite expressar uma visão e uma leitura de si mesmo e do mundo.

Diante destas considerações, este trabalho se propôs a analisar o ensino do Desenho em uma das etapas do processo de escolarização: o 2º grau.

Especificamente, a pesquisa aqui apresentada buscou caracterizar o atual ensino do Desenho nas escolas de 2º grau da rede pública estadual no município de Bauru.

Para a referida caracterização, foram considerados os seguintes aspectos: a formação dos professores que lecionam a disciplina nesta fase de escolarização; a importância e finalidade do ensino do Desenho para esses professores; os conteúdos por eles ministrados; os procedimentos de ensino utilizados; as formas de avaliação empregadas; as dificuldades demonstradas pelos alunos na sua aprendizagem; as dificuldades, entraves e sugestões apontados pelos professores quanto à prática docente.

Para melhor entendimento da presente situação do ensino desta disciplina, destacou-se algumas idéias essenciais à compreensão do significado e importância do Desenho como representação gráfica, forma de linguagem e meio de expressão e comunicação.

Procurou-se, também, apresentar em uma retrospectiva histórica, os objetivos gerais do ensino do Desenho e, em seguida, subsídios referentes ao seu ensino na escola média brasileira, tomando a legislação educacional como fio condutor.



I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. DESENHO: ESBOÇANDO O SIGNIFICADO E A IMPORTÂNCIA

“DESENHAR CONCRETIZA MATERIAL E VISIVELMENTE A EXPERIÊNCIA DE EXISTIR”

EDITH DERDYK

É próprio do ser humano viver na companhia de seus semelhantes e se comunicar com eles. Esta necessidade é comprovada desde a mais remota antigüidade pelo grafismo paleolítico, certamente a origem do Desenho como forma de linguagem e de comunicação.

Muito rapidamente, o homem se deu conta dos poderes expressivos da linha e em todas as épocas demonstrou possuir acuidade visual e aptidão para registrar graficamente a vida e seu movimento através do traço, do risco, do contorno, do “ver nascer a forma”.

Desenhar é um ato humano fundamental. Acompanha a trajetória humana a despeito dos limites do tempo e do espaço.

À primeira vista, porém, se constata uma acentuada tendência de limitar a concepção de Desenho às marcas do lápis sobre o papel: pontos, linhas, texturas, manchas... No entanto, as manifestações gráficas não se restringem apenas aos sinais criados pelo homem e àqueles que revelam sua presença no meio que o circunda: um risco na parede, uma impressão digital, uma pegada na areia... As possibilidades de manifestação e de realização do Desenho se ampliam quando se percebe sua presença na própria natureza: na nervura de uma folha, nas asas da libélula e da borboleta, na disposição das estrelas no espaço celeste e das conchas na praia, na sinuosidade de um riacho e do contorno das montanhas, nas rugas da face...

Uma busca às raízes e emprego da palavra Desenho em nossa língua revela seu aparecimento no fim do século XVI.

“D. João III, em carta régia dirigida aos patriotas brasileiros que lutavam contra a invasão holandesa no Recife assim se exprime, segundo Varnhagem: “Para que haja forças bastante no mar, com que impedir os desenhos do inimigo, tenho resoluto etc”.

Portanto, desenho - desígnio; intenção ; “planos do inimigo”.

Um século mais tarde, o padre Bluteau registra no seu vocabulário português e latino: “Dezenhar: - ou dezenha no pensamento. Formar huma idea, idear. “Forman in animo designare”. Quais as igrejas que dezenhava no pensamento”. (Vida de S. Xavier de Lucena).

Registra também o significado técnico “Desenhar no papel”. “Forman in animo designatam lineis describere” - delineare. “Que desenhasse a fortificação”.

(ARTIGAS 1967, p. 27).

No século XVIII, foi usada com o mesmo sentido a ela atribuído atualmente, embora certamente não fosse de uso comum entre o povo:

“Dá-lhes o desenho de huma nova escada. E dize-lhes que a façam”.

Correia Garção - Obras Poéticas - 1778

As palavras debuxo e debuxar, então utilizadas e abandonadas por completo no decorrer dos tempos, tornaram-se hoje completamente arcaizadas.

Uma consulta ao “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” (2ª edição) de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, permite encontrar significados para **desenho** e **desenhar**, que alargam - na atualidade - o conceito dessa linguagem gráfica universal:

a) **Desenho**

- “Representação de formas sobre uma superfície por meio de linhas, pontos e manchas, com o objetivo lúdico, artístico, científico ou técnico: um desenho de criança; desenho de uma paisagem, um desenho de anatomia, o desenho de um motor”.
- “A arte e a técnica de representar com lápis, pincel, pena etc, um tema real ou imaginário, expressando a forma e geralmente abandonando a cor: o desenho de um modelo vivo; o desenho abstrato. (O desenho tende a representar o tema racionalmente, configurando ou sugerindo seus limites, enquanto a cor tende a transmitir valores de ordem emotiva)”.
- “Toda obra de arte executada segundo as condições acima descritas: um desenho de Portinari; um desenho expressionista”.
- “A disciplina relativa à arte e à técnica do desenho: uma aula de desenho”.
- “Versão preparatória de um desenho artístico ou de um quadro; esboço, estudo: Os desenhos de Leonardo da Vinci revelam a riqueza de seu gênio criador”.
- “Traçado, risco, projeto, plano: O desenho da Igreja de São Francisco de Ouro Preto é obra do Aleijadinho”.
- “Forma, feitio, configuração : O desenho de uma letra, de uma boca”.
- “Delineamento, esboço, elaboração : O desenho de uma idéia, o desenho de uma personagem de ficção”.

- “Intento, propósito, desígnio: “O manhoso cortesão vira claramente que a partida del-rei trantornava todos os seus desenhos” (Alexandre Herculano, Lendas e Narrativas I, p. 149)”.

b) Desenhar

- “Traçar o desenho”
- “Dar relevo a; desenhar”.
- “Descrever, apresentar, caracterizando, oralmente ou por escrito”.
- “Tornar perceptível, representar, acusar”.
- “Conceber, projetar, imaginar, idear”.
- “Exercer a profissão de desenhista: trabalhar como tal”.
- “Apresentar-se com os contornos bem definidos; ressaltar; avultar, destacar-se”.
- “Aparecer, representar-se ou reproduzir-se na mente, na imaginação, afigurar-se, figurar-se”

É oportuno observar que em inglês, por exemplo, comumente se empregam as expressões “drawing”, “drafting”, “sketching” e mesmo “design”, referindo-se às diversas modalidades de representação gráfica. A ausência de uma tradução literal em português para as mesmas, permite interpretá-las generalizadamente como “contorno”, “esboço”, “delineamento”, “esquema”, “estrutura linear”, “composição”, “projeto” ... Diz-se simplesmente “desenho”, título que reúne

“diferentes atividades cujo único traço comum é sua susceptibilidade de representação gráfica.”

(FACHINI, 1972, p.1)

Referindo-se aos significados da palavra Desenho, o autor de “A Tecnologia e o Trabalho na História”, comenta:

“A acepção usual que a reduziu, em português, quase que à representação gráfica, aos atos de lançar no papel, com maiores ou menores recursos técnicos algo que já existe, e que portanto se quer representar, ou então, algo que ainda não existe, e se quer projetar, passa quase que com exclusividade a denotar desenho”.

(GAMA, 1986, p.110)

O Desenho acompanhou a evolução da humanidade diversificando-se e especializando-se de acordo com suas aplicações. Originou as linguagens escritas; transformou-se em Desenho artístico quando seus aspectos estéticos e formais foram ressaltados e evoluiu para o Desenho técnico quando sua capacidade de representação da forma e da solução de problemas geométricos foi aperfeiçoada.

As primeiras tentativas de comunicação por escrito foram feitas através de desenhos, originando a pictografia. Ao se tornarem progressivamente mais esquemáticos, numa busca de

simplificação, os desenhos acabaram por conduzir à ideografia (sistema de escrita em que os desenhos simbolizam idéias), da qual são exemplos os hieróglifos egípcios e a escrita utilizada na China.

As escritas ideográficas paulatinamente cederam lugar às escritas com alfabeto. Estas, por se basearem em um determinado número de sinais, tornaram-se mais práticas e de aprendizagem mais simples, o que contribuiu, conseqüentemente, para uma utilização generalizada na atualidade.

Contudo, paralelamente à escrita, o Desenho não perdeu sua posição como meio de expressão e comunicação. A experiência cotidiana demonstra que muitas vezes o Desenho consegue uma eficácia expressiva e comunicativa bem maior que a fala e a escrita.

A problemática da semântica relativa ao termo “desenho” favorece as mais diversas modalidades de representação adotadas por autores e especialistas na área, impossibilitando uma classificação conclusiva e definitiva das mesmas.

Há, entretanto, unanimidade entre eles em considerar basicamente dois tipos de Desenho: o artístico (ou “livre”) e o técnico, ambos “... representação gráfica de formas e idéias executadas à mão livre ou através de instrumentos e aparelhos especiais com a observância de certas normas” (DÓRIA, 1981, p.94). A distinção entre eles, porém, foi fruto de um longo processo evolutivo.

Tanto o Desenho artístico como o técnico envolvem a aquisição técnico/operacional (referente à utilização de suportes materiais: papel, madeira, tecido, pedra etc, e ao manejo de instrumentos) e à aquisição intelectual (referente ao produto da visão, observação, percepção, memória, imaginação, associação...)

O primeiro, permitindo ampla subjetividade e liberdade na sua representação, engloba o Desenho do natural, de memória, de criação, decorativo, figurativo, de comunicação... O Desenho técnico, objetivando clareza, uniformidade, rigor, ausência de ambiguidades através de representações convencionais, abrange, predominantemente, as modalidades técnicas de Desenho: o Desenho geométrico, projetivo, topográfico, esquemático, técnico, a Geometria Descritiva, a Perspectiva (frequentemente utilizada tanto na linguagem artística como na técnica)...

Uma estruturação atual do campo do Desenho, fornecida por DÓRIA (1981) e transcrita literalmente engloba:

I - DESENHO PLANIGRÁFICO: Linear Geométrico

- à mão livre (artístico)
- preciso (com instrumentos)

II - DESENHO ESTEREOGRÁFICO

- Geometria Descritiva
- Expressão Gráfica ou Desenho Projetivo

Métodos:

- da Projeção Cotada
- Projeção Central
- Bi-ortogonal
- Axonométrico

III - DESENHO TÉCNICO

Aplicação de I e II, entre eles:

- Desenho: Arquitetônico, Geológico, de Máquinas, de Aviões, de Navios, Topográfico etc.

IV - DESENHO ESQUEMÁTICO

Aplicação de I, II, III com simbologia adequada, entre eles:

Desenho Eletrotécnico, Eletrônico, de Canalizações.

V - DESENHO INDUSTRIAL

VI - HOLOGRAFIA

O autor salienta que é função da Planigrafia solucionar graficamente problemas a duas dimensões e da Estereografia, a três dimensões. Acrescenta à sua explicação que:

“Do Desenho Geométrico, parte-se ao estudo da Geometria Descritiva; desta se vai ao Desenho Técnico e Esquemático. O Desenho Artístico ou livre também muito se serve de seus conceitos. Há, então, uma ligação entre as partes do desenho. O artístico também tem predominância do subjetivo, que pode levar ao desenho figurativo, decorativo, ou abstrato; o técnico é preso à função”.

(DÓRIA, 1981, p. 95)

Atualmente, em decorrência do avanço e sofisticação da tecnologia, a computação gráfica permite a resolução de problemas geométricos e a representação gráfica de formas e objetos com maior facilidade, precisão e rapidez.

No texto “O Desenho”, ARTIGAS (1967) comentou que o “extraordinário conteúdo semântico” revelado pela palavra, compara-se a um espelho onde a arte e a técnica se refletem no desenrolar da história. O “disegno” da Renascença suscitou um conflito - que perdura pelo tempo - pelos “conteúdos entrelaçados” nele contidos: linguagem para técnica e para a arte. Apontou Leonardo da Vinci como desenhista de ambas linguagens que - ao lado de outros artistas - contribuiu para a “cidadania” do Desenho.

“Passou a ser linguagem de técnica e da arte - como interpretação da natureza e como desígnio humano...”

(ARTIGAS, 1967, p. 26)

Como linguagem e meio de expressão, o Desenho evoluiu influenciado pelas aquisições culturais decorrentes das necessidades do indivíduo e da espécie. É “forma de conhecimento” fundamental na sua formação, intervindo nos aspectos mental, ambiental e material da existência



humana. Acerca desse significado e, referindo-se também aos fundamentos do Desenho, na década de 50, SCOTT (1951) relatou a impressão de que houve uma modificação no seu aspecto gramatical:

“ El antiguo diseño era un sustantivo: el centro de la atención era la idea de esquema, de lo qual el empapelado sería un ejemplo característico. El nuevo diseño es un verbo: denota una actividad que penetra en todas las fases de la vida contemporánea. Basta considerar el meteórico surgimiento de la nueva profesión del diseño industrial para comprender hasta qué punto ha adquirido importancia”. (p. VII)

Básico na vida cotidiana, o Desenho se manifesta em todas as atividades humanas, pois a “paisagem cultural” (DERDYK, 1989) que circunda o espaço em que se vive é fruto da criação, planejamento, desenho e construção de alguém: o talher utilizado diariamente, o último modelo de carro, as peças do vestuário, a cadeira, a rua, o edifício, a representação dos conceitos matemáticos e químicos, a paginação do jornal, o relógio ostentado no pulso... enfim, tudo o que se possa imaginar...

Em 1935, o Congresso Internacional de Desenho, realizado em Bruxelas estabeleceu que: - “Não há cultura moderna sem desenho” (SILVA, 1959, p. 54). Se, por um lado, esta afirmação traduz a extensão do valor do Desenho para a existência humana, por outro lado, suscita algumas considerações a respeito de sua importância como fator de educação, o que se tentará expor a seguir.

Não resta dúvida de que a produção em massa, o consumismo, a educação, a visão e as experiências massificadas inerentes ao contexto cotidiano, concorrem para a supressão das relações sensitivas das pessoas e da sua capacidade de identificação com o que fazem, transformando-as em espectadoras passivas da “paisagem cultural”.

Nesse processo de massificação, o sistema educacional tem deixado de lado a importância dos sentidos e suas implicações para a aprendizagem. A esse respeito, LOWENFELD; BRITAIN (1977) nos advertem:

“O programa das escolas públicas tendem a preocupar-se muito pouco com o simples fato de que o homem - e a criança também - aprende através desses cinco sentidos. Assim, o desenvolvimento da sensibilidade perceptual deve converter-se na parte mais importante do processo educativo. Entretanto, se excetuarmos as artes, os sentidos parecem destinados a ser ignorados. Quanto maior for a oportunidade para desenvolver uma crescente sensibilidade e maior conscientização de todos os sentidos, maior será também a oportunidade de aprendizagem” (p.17).

Como um reforço ao pensamento acima exposto, ARNHEIM (1980) alerta, também, para a negligência em relação ao “dom de compreender as coisas através dos sentidos” e direciona as considerações introdutórias de “Arte e Percepção Visual” para o sentido da visão, ressaltando que “... a capacidade inata para entender através dos olhos está adormecida e deve ser despertada”.

O “entender através dos olhos” é, no entanto, muito mais profundo e amplo do que registrar mecanicamente com a visão, as formas ao derredor. É **ver e observar** no sentido de olhar atentamente, de detalhar, considerar, refletir, reter, examinar os diferentes pormenores visuais relacionando-os entre si. É conhecer, compreender, captar características significativas dos objetos, das coisas, dos seres, do meio ambiente.

A linguagem gráfica é uma das formas de manifestação concreta da rerepresentação do que foi percebido. Em se tratando de linguagem visual, a imagem é elemento necessariamente inerente a ela, a despeito dos seus diversos níveis de entendimento e existência: imagem retiniana, mental e gráfica. Estas, por sua vez, são fruto da percepção, da observação, da memória, da imaginação, da sensibilidade, capacidades imprescindíveis e de suma importância para o processo de aprendizagem e para o conhecimento.

Ao traduzir a visão que se tem das coisas, e não simplesmente ao reproduzi-las, o Desenho - como linguagem para a arte e para a ciência - contribui para o desenvolvimento perceptual, sensitivo, criativo e lógico do aluno. Interpretar, relacionar, estabelecer correspondências, simbolizar, elaborar novas configurações ao original, são algumas das operações mentais decorrentes do ato de ver e de desenhar importantes para esse desenvolvimento.

Paralelamente ao ensino de aptidões verbais e de outras que estimulem os processos intuitivos e criativos no aluno, o Desenho poderá concorrer para ampliar a leitura da experiência própria e de sua visão de mundo, habilitando-o a “enfrentar novos desafios com a capacidade de perceber conjuntos complexos de idéias e fatos correlatos, perceber configurações básicas de eventos e ver os velhos problemas de uma nova forma” (EDWARDS, 1984, p.211).

A importância do Desenho como participante do projeto social - ao atender aos interesses da comunidade - e na forma de eficiente fator de educação, foi preponderantemente salientada na obra pedagógica de Rui Barbosa:

“... no domínio material, Rui procuraria pelo desenho, ensinar ‘a ver, a pensar, a comunicar, a produzir; no domínio espiritual, ensinaria a encarar a vida, a inventar, a libertar a mente’.”

(LOURENÇO FILHO, 1956, p.105)

Tal destaque atribuído ao Desenho e aos seu ensino ainda se conserva atual, pela clareza, objetividade e abrangência que encerra. Para corroborar esta asserção - alvo principal do presente trabalho - no próximo tópico serão apresentados os objetivos do ensino de Desenho sob perspectiva histórica.

2. ENSINO DO DESENHO: REVENDO OBJETIVOS

A abordagem do Desenho como disciplina pedagógica servindo aos interesses da Educação é algo recente. Na tentativa de revê-la através de um panorama geral, utilizar-se-á, como guia, a orientação apresentada pelo Prof. José Sennem Bandeira no manual intitulado “Como Ensinar Desenho no Curso Ginásial”, acrescida, porém, de algumas informações e fatos relatados a seguir.

O autor enquadra o ensino do Desenho em 3 períodos históricos caracterizados “pela eleição de um OBJETIVO GERAL, predominante, senão exclusivo:

a) DESENHO ENSINADO COM OBJETIVO ARTÍSTICO

(Dos primórdios da humanidade até a criação da “Primeira Escola de Desenho e Matemática Aplicados à Indústria” (1787), por Jean Bachelier).

b) DESENHO ENSINADO COM OBJETIVO UTILITÁRIO

(Da fundação e funcionamento da Escola de Bachelier à “Reforma do Ensino do Desenho nas Escolas Francesas” em 1909)

c) DESENHO ENSINADO “COMO LINGUAGEM”

(Da “Reforma do Ensino do Desenho nas Escolas Francesas” em 1909 até os nossos dias)”

(BANDEIRA, s.d., p. 93)

No primeiro período, o ensino não sistematizado destinava-se ao discípulo “bem dotado”, que se dedicava às “artes do desenho” (pintura, escultura, gravura, arquitetura e as artes menores), com base na imitação do mestre.

Remontando-se ao início dos tempos modernos, verifica-se que o humanismo renascentista, ao buscar uma nova imagem do homem e da cultura, centrada nos valores antropocêntricos, opôs-se ao teocentrismo dominante no período medieval. Em se tratando das artes visuais, as preocupações teológicas da Idade Média se traduziram no “caráter francamente didático” (OSBORNE, 1970, p. 123) da arte eclesiástica, manifestado pelas produções típicas desse período: mosaicos, vitrais, relevos e iluminuras.

Com a atenção dirigida às questões cotidianas, o humanismo contribuiu para o aguçamento da curiosidade através da observação direta dos fatos, da natureza e do próprio corpo humano, sob o dogma de que em relação à arte, o seu objetivo último seria a “imitação da natureza”.

“Em nenhuma outra época, os artistas são mais apaixonados pelas ciências exatas e naturais do que entre 1430 e 1530. Geometria, óptica, anatomia, fisionomia, zoologia, botânica etc. são postas a fornecer-lhes um vocabulário de formas novas, que



a ciência das escolas - cuja preocupação fundamental era a exegese dos autores antigos - mostrava-se incapaz de criar. Desta maneira o mundo terrestre parecia novo ao artista experimentador”.

(FLOCON; TATON, 1967, p. 45)

A concepção do Desenho como linguagem para a técnica e para a arte, configura-se portanto, a partir desse período.

Centro de difusão das artes e da nova produção cultural, a Itália tem nos florentinos, não apenas os pioneiros da nova ciência-pictórica - a perspectiva geométrica - mas também, das ciências auxiliares em geral. Ao lado de Leonardo da Vinci, salienta-se igualmente, o alemão Dürer (1471 - 1528) dentre os artistas geômetras da Renascença, autor de um tratado sobre linguagem das formas visuais que reúne todos os conhecimentos racionais da época sobre as mesmas. Essa publicação lhe conferiu a primazia de iniciador alemão do ensino técnico e científico.

Entretanto, a organização do ensino e do currículo escolar constatada nesse período, demonstrou que a escola elementar - destinada a atender essencialmente as necessidades da burguesia urbana que despontava - não conduzia “a nenhum grau de ensino médio ou superior, tendo como objetivo único, permitir aos alunos uma quantidade limitada de instrução”. (SILVA, 1989, p. 6)

O Desenho ainda não era utilizado como instrumento educacional, embora pré-clássicos e clássicos apontassem aspectos positivos do ensino artístico. Em sua obra “O Cortesão”, o italiano Castiglione (1478 - 1529) assim se refere:

“... Quero ainda mencionar mais uma coisa que, visto a importância que lhe concedo, não gostaria de ver esquecida: é a ciência do desenho e a arte de pintar”.

(CASTIGLIONE apud ARANHA, 1989, p. 102)

O século XVII marcou o início da pedagogia realista, cujo lema - “saber ativo” - fundamentou-se no testemunho dos sentidos e no valor da experiência propagados por Galileu (1564 - 1642). Como expressão da nova ordem burguesa, o método científico por ele divulgado, era resultante da união entre a experimentação e a matemática.

Nessa época, o “desenho geométrico” adquiriu autonomia própria como matéria de ensino, desprendendo-se das matemáticas.

Registra-se também nesse período, o aparecimento das academias, consideradas como “instituições privadas de alto nível” e justificadas por ARANHA (1989) para compensar o ensino das universidades decadentes e a ausência de oportunidade “para estudo da cultura desinteressada de cunho ora literário, ora filosófico ou científico” (p. 106)

A “Academie Royale d'Architecture” (1671) foi, na França, o primeiro exemplo de criação pelo Estado das academias de nível superior destinadas ao ensino do Desenho e das artes com a finalidade de “... incrementar a qualidade e a quantidade das manufaturas francesas...” (ARTZ apud

GAMA, 1986, p. 131). A influência das academias foi marcante no posterior ensino do Desenho e das artes visuais, quer a nível superior de ensino, quer no de grau médio.

Digna de destaque foi, também, a contribuição de Comenius (1592 - 1670), criador do método intuitivo que, ao valorizar a experiência sensível como fonte de todo conhecimento, dedicou algumas páginas de sua obra “Didática Magna” (1627) ao ensino das artes.

“Em sua escola-modelo, lá pelo ano de 1628, fazia as crianças de 3 a 4 anos pintarem livremente; mas no seu livro Orbis Pictus diz aos alunos que devem copiar com possível fidelidade, à mão livre”.

(ARRUDA, 1956, p. 4)

Sua proposta de aprendizagem - “aprender fazendo” - partia do conhecido, do simples para o complexo, do concreto para o abstrato, baseando-se, todavia, na imitação e na cópia.

O Iluminismo do século XVIII assinalou um período fértil em reflexões pedagógicas. O pensamento de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) tornou-se um marco na pedagogia contemporânea ao considerar a criança como o centro dos interesses pedagógicos. No projeto de uma “educação conforme a natureza”, o pensador suíço aplicou o Desenho na educação de “Emilio” (1762) não com finalidade estética, porém como auxiliar da intuição sensível. Recomendava a prática do Desenho como apropriada ao desenvolvimento da precisão dos olhos e da habilidade das mãos, mas era contrário ao Desenho de memória sem a perfeita observação das coisas. Para ele, a experiência direta e o valor do “aprender fazendo”, ocuparam o “lugar da autoridade na educação”.

As idéias de Rousseau através do trabalho manual influenciaram escolas elementares alemãs no final do século XVIII e início do século XIX e pedagogos tais como: Basedow, Pestalozzi e Fröbel.

Em 1766, portanto quatro anos após a publicação de “Emilio”, o pintor Jean Jacques Bachelier (1724-1805) - ao fundar a Escola Real para o ensino gratuito de Desenho, que, após a Revolução Francesa, passou a ser a Escola de Artes Decorativas - proclamou a utilidade do Desenho como preparação à aprendizagem e como ponto de partida da educação profissional.

“Difunde-se nessa época, a idéia de que o desenho é a base de todos os trabalhos mecânicos e que os trabalhadores competentes devam ser excelentes na arte do desenho”.

(GAMA, 1986, p. 133)

A iniciativa de Bachelier, juntamente com a publicação de “Geometria Descritiva” (1779) por Gaspard Monge (1746 - 1818), determinou o início do período em que o ensino do Desenho convencional se sistematizou e se colocou ao alcance de todos, bem dotados artisticamente, ou não. Precedido pelas conquistas efetuadas na Geometria, em especial, pelo geômetra francês Girard Desargues (1591 - 1661) - que unificou os diversos procedimentos gráficos usados em perspectiva e na técnica do corte de pedras (estereotomia) - o mérito de Monge foi “... revitalizar todos os aspectos

da geometria e demonstrar as vantagens decorrentes da teoria das projeções, em particular das projeções cilíndricas, base de sua geometria descritiva''. (FLOCON; TATON, 1967, p. 128)

Utilizando métodos racionais de ensino que pressupõem certa base matemática por parte dos alunos, e empregando recursos auxiliares indispensáveis à técnica e construções diversas, essa 2ª fase da história do ensino do Desenho visou especificamente seu objetivo prático e utilitário. Ela foi marcada pela necessidade de organização racional da sociedade e pela sistematização da produção em larga escala, provocada pela Revolução Industrial e, também, pelo racionalismo científico do século XIX. Nesse período acentuou-se - com a colaboração das correntes liberal e positivista - a nítida feição do Desenho como linguagem para a técnica.

Os liberais, favoráveis à Revolução Industrial, encaravam o desenvolvimento econômico diretamente ligado à concepção de educação como preparo para o trabalho, não desprezando, contudo, o desenvolvimento intelectual. O Positivismo, fruto da ênfase atribuída ao avanço da ciência no século XIX, firmava-se na validade do conhecimento científico ligado à prática e ao aperfeiçoamento intelectual, como requisito básico e essencial ao progresso social e político. A observação, a experimentação, a matematização e, obviamente, o raciocínio, deveriam se estender a todas as áreas de indagação e atividades humanas.

Em consonância a esse panorama delineado por tais correntes filosóficas, o ensino do Desenho nessa época, além de se destinar à preparação de operários, direcionou sua aplicação "aos princípios e práticas artísticas de ornamentação, decoração e manufaturas" (FUSARI; FERRAZ, 1992, p.24). Essa orientação privilegiou - ao lado do Desenho geométrico - o Desenho de ornatos e a modalidade posteriormente identificada como "Desenho decorativo". Ela marcou também o ensino da disciplina na Inglaterra, França e outros países europeus, comprovando a teoria da "Arte Aplicada" dominante nos meados do século passado. De acordo com essa teoria, tornava-se necessário "escolher o melhor em matéria de ornamento ou decoração, em todos os tempos e estilos para, em seguida, superpô-los aos produtos da máquina, sem modificar-lhes fundamentalmente o desenho". (OSBORNE, 1970, p.42)

BANDEIRA (s.d.) chama a atenção para o efeito legado pela "First Great Exhibition" em Londres (1851) sobre as sucessivas feiras internacionais realizadas nos centros europeus, pois "... passaram a servir de 'test' através dos quais verificava-se, pelos produtos industriais expostos, que país melhor ensinava desenho" (p.96)

No caso da América, e especificamente dos Estados Unidos, a crescente concorrência comercial com a Europa, levou à necessidade de preparar operários aptos a competir com os produtos tão bem desenhados e produzidos nos grandes centros europeus.

"Uma nova lei educacional foi estabelecida em 1870, sob o nome de Industrial Drawing Act, exigindo compulsoriamente o desenho nas escolas públicas. Contudo, essa lei manifestou e enfatizou a histórica separação entre arte e tecnologia, dando importância somente à tecnologia, porque tornou claro que o

desenho deveria ser ensinado na escola com objetivos industriais e não com objetivos artísticos. A cópia era usada para treinar os olhos e as mãos, e o desenho geométrico também fazia parte do programa”.

(BARBOSA, 1975, p.16)

A figura do inglês Walter Smith, o primeiro supervisor do ensino de Desenho em Massachussets, foi decisiva na orientação que determinou o modelo americano de ensino da disciplina. Os trechos de um pronunciamento seu, dão-nos idéia da concepção que possuía sobre o assunto:

“... O que cumpre, é que todos os gêneros do Desenho sejam ensinados, não como arte, mas como linguagem comum, e se utilizem não como diversão, mas como instrumento prestadio.(...) É, especialmente, a arte do Desenho, dócil serva ao estudo da ciência, estampando-lhe as verdades, pintando-lhe os fenômenos e exibindo-lhe as leis. Na escola, convém tomar rigorosas cautelas contra o risco de se praticar o Desenho meramente com o intuito de produzir trabalhos de mimo ou beleza. Havemos de considerá-lo como auxiliar, ou veículo que nos ajude a expressão no estudo de outros assuntos. (...) O desenho geométrico é a única base verdadeira do desenho artístico e industrial. Um bom sistema de desenho, ainda quando não tem por fim senão o resultado artístico, deve tornar a geometria por guia, desde o princípio até o fim”.

(SMITH apud BARBOSA, 1978, p.50 e 54)

O contexto sócio-econômico decorrente da Revolução Industrial influenciou o panorama educacional do século XIX. Tentativas de tornar a escola elementar universal, gratuita e obrigatória, já haviam sido empreendidas no século XVIII. Porém, a efetiva reorganização do ensino ocorreu no século passado, através da ampliação do ensino elementar e da escola secundária dicotômica: clássica e propedêutica para a elite burguesa e técnica para a formação do trabalhador. O aparecimento de escolas politécnicas, no ensino superior, destinou-se a atender ao avanço tecnológico.

A partir de 1853, o Desenho apareceu dentre as disciplinas oferecidas pela Universidade da França e seu ensino se estendeu obrigatoriamente aos liceus. Na determinação dos programas e nas listas de modelos a serem utilizados, prevaleceram as idéias do escultor francês Eugene Claude Jean Baptiste Guillaume (1822 - 1905), que, em detrimento de outras modalidades de Desenho, atribuiu predomínio absoluto ao Desenho geométrico.

Refletindo influências positivistas marcantes no período, o escultor considerava o Desenho como uma ciência para a qual “... o sentimento, o gosto artístico, a expressão de personalidade do aluno, eram elementos de segunda ordem, de pouco valimento perante a austera rigidez do traço, da justeza e concordância das linhas, o apuro no rigor da construção, sempre genuinamente geométrica e inflexivelmente exata ...” (CABRITA apud BANDEIRA, 1957, p.75). Conseguiu ele a sua adoção

oficial em todas as escolas francesas, durante trinta anos, influenciando a maneira de ensiná-lo em todo mundo.

O triunfo do método geométrico proposto por Guillaume provocou acentuada reação nos contemporâneos franceses.

Um deles, Viollet Le Duc (1814 - 1879), professor de Estética e História da Arte do Collège de France, criticou-o tão ousadamente, que teve a primeira edição de sua obra - considerada a mais importante publicação sobre Pedagogia do Desenho e intitulada “Histoire d’ Un Dessinateur - Comment on Apprend a Dessiner” - retirada do mercado e confiscada em quase sua totalidade.

Felix Ravaisson (1813 -1900), também em oposição à influência de Guillaume, preconizava um processo fundamentalmente contrário ao processo mental exigido pela geometria. Esse filósofo belga - ao inaugurar o que ele próprio denominava “novo positivismo” - valorizava a experiência fundada na intuição e no dinamismo. Daí, recomendar como método aplicável ao ensino do Desenho, o método intuitivo.

As reações ao método geométrico foram fortalecidas por influências marcantes na época: a nascente Psicobiologia (colaborando para a modificação de atitudes com respeito às crianças e aos jovens); o romantismo (ao enfatizar a sublimidade da natureza, da expressão e sentimentos individuais, bem como a exaltação patriótica); as idéias impressionistas (que procuravam libertar o Desenho da atmosfera acadêmica e geométrica reinante, pondo-o em contato com a natureza). Acrescenta-se a esse rol de influências, o estudo das culturas exóticas e o renascimento das artes populares.

Realizaram-se congressos em Paris, Dresde, Berna (1904) com a finalidade de estudar os problemas relativos ao ensino do Desenho e também de procurar caminhos práticos para sua realização mais eficiente.

Em 1905, a União dos Professores da França solicitou ao Ministro da Instrução Pública, a nomeação de uma comissão para estudar possíveis reformas e introdução de novos programas e exames especiais para professores, enfim, uma “reforma de base”, culminada em 1909 e conhecida como “Reforma do Desenho nas Escolas Francesas”.

De uma maneira resumida, os princípios gerais abaixo citados passaram a orientar os programas:

- 1) “Todo ensino deve ajustar-se ao desenvolvimento do aluno. Portanto, nos primeiros anos escolares deve o desenho ser espontâneo, livre ou observando a natureza. A capacidade mental infantil não pode compreender medidas, proporções distintas etc.
- 2) Abster-se de início das formas abstratas. Coisas concretas e naturais sem usar a geometria. Usar sem restrição todas as técnicas

possíveis desde a mais tenra idade: lápis, lápis de cor, penas, tintas sólidas e úmidas, pincéis, guache, aquarela etc.

- 3) O desenho será, antes de tudo na escola popular, um meio para expressão gráfica das faculdades imaginativas dos alunos, pondo em relevo seu gosto natural e sua expressão espontânea.
- 4) A aula de desenho não deverá formar meros copistas, mas será meio de encorajar os alunos às criações próprias e os porá em contato com a arte na melhor acepção da palavra.
- 5) Deverá ser feito um entrosamento entre o desenho e as demais disciplinas do currículo escolar. Só assim se poderá aquilatar o seu grande poder educativo, seu verdadeiro valor pedagógico”.

(ARRUDA, 1956, p.8)

O terceiro período histórico - ao considerar o ensino do Desenho não apenas com objetivos artístico e utilitário, porém como “linguagem” - caracterizou-se pela ênfase dada à liberdade do aluno e do professor quanto à iniciativa, ação e procedimentos. Nele, a natureza foi utilizada como guia e modelo e o Desenho passou a ser, então, um fator de cultura, de estímulo da imaginação e sensibilidade, e não apenas um simples passatempo.

Estes princípios transpareceram na exposição das instruções relativas aos programas de ensino da Bauhaus, escola alemã fundada em 1919, que - numa tentativa de integração das artes - buscava a formação integral do aluno, influenciando o ensino artístico e, em especial, as artes visuais no século XX. Nortearam, também, as sugestões elaboradas pelo Ministério da Educação da Inglaterra em 1927, para o ensino do Desenho. Como disciplina obrigatória e como “linguagem gráfica” passou a ser reconhecido como “meio de expressão, de representação e como instrumento de cultura” (SANTOS, 1959, p.100).

O quadro apresentado a seguir (próxima página), tem por finalidade sintetizar os relatos expostos neste tópico.

3. ENSINO DO DESENHO NO BRASIL: REFAZENDO CAMINHOS ANTES DE 1930

A abordagem histórica dos objetivos gerais do ensino do Desenho evidenciada na nem anterior

QUADRO 1 - Quadro Resumo: Evolução dos objetivos do ensino do Desenho

Objetivo Geral (Fonte: BANDEIRA, s.d., p.93)	Período Histórico (Fonte: BANDEIRA, s.d., p.93)	Características
1) Desenho ensinado com objetivo artístico	Dos primórdios da humanidade até a criação da "Primeira Escola de Desenho e Matemática Aplicados à Indústria" (1787) por J. Bachelier	Até o Renascimento
		- Ensino do Desenho não sistematizado destinado ao discípulo bem dotado
		Renascimento
		- Humanismo: ênfase à observação direta dos fatos, natureza e corpo humano - Perspectiva Geométrica - Desenho concebido como linguagem para a arte e para técnica, porém não utilizado ainda como instrumento educacional
		Século XVII - Pedagogia Realista
		- Autonomia do Desenho Geométrico desprendendo-se da Matemática - Aparecimento das Academias (instituições privadas de alto nível) - Comenius (1592-1670): "aprender fazendo" com base na imitação e cópia
		Século XVIII - Humanismo
		- Rousseau (1712-1778): ênfase à observação das coisas: precisão dos olhos e habilidade das mãos
2) Desenho ensinado com objetivo utilitário	Da Fundação e funcionamento da Escola de Bachelier à "Reforma do Ensino do Desenho nas Escolas Francesas" em 1909	- Publicação da " Geometria Descritiva" (1779) - Monge (1746-1818) - Desenho encarado como preparação à aprendizagem e como ponto de partida da educação profissionalizante - Desenho concebido como linguagem para a técnica - Influências positivas e liberais - Ensino do Desenho: ênfase ao Desenho geométrico e ao Desenho de ornatos
3) Desenho ensinado "como linguagem"	Da "Reforma do Ensino do Desenho nas Escolas Francesas" em 1909 até os nossos dias	- Desenho concebido como meio de expressão, representação e estímulo à imaginação e sensibilidade

1978, p. 23), refletiu a intenção de uma nova abordagem educacional com esse incluído no currículo escolar.

A chegada de D. João VI ao Brasil (1808) permitiu que os efeitos da reforma pudessem se frutificar muito mais rapidamente, manifestando-se de formas diversas. Primeiramente, na preocupação com o ensino superior, em detrimento do primário e secundário, fato este justificado pela necessidade de formar uma elite apta à defesa da colônia e à mobilização cultural da corte aqui instalada. Em segundo lugar, pelo esforço direcionado ao desenvolvimento das profissões técnicas e científicas, intento que, de pronto, não evidenciou quaisquer transformações relevantes na mentalidade da sociedade.

3. ENSINO DO DESENHO NO BRASIL: REFAZENDO CAMINHOS ANTES DE 1930

À abordagem histórica dos objetivos gerais do ensino do Desenho evidenciada no item anterior deste capítulo, acrescenta-se nesta busca de aprofundamento teórico - para seu enriquecimento e compreensão - uma retrospectiva de seu ensino no Brasil do período colonial ao início do século XX.

3.1 - DOS JESUÍTAS AO FINAL DO SÉCULO XIX

A influência da ação educativa jesuítica se fez sempre presente na formação do espírito nacional, atravessando os períodos Colonial e Imperial, atingindo o Republicano. Caracterizado pela transmissão de uma cultura geral, apegada à tradição escolástica, o ensino ministrado pelos jesuítas valorizou primordialmente os estudos retóricos, literários, livrescos e desprezou as atividades técnicas, artísticas e as conquistas científicas emergentes da Idade Moderna.

Este fato indica a marginalidade do ensino, destituído de utilidade prática visível para o modelo econômico, alicerçado na agricultura rudimentar. Por outro lado, denota a nítida separação que os jesuítas - em obediência ao modelo platônico - faziam entre as artes liberais (atividades literárias e retóricas destinadas ao homem culto) e as dos ofícios manuais e mecânicos próprios dos trabalhadores escravos. Após a expulsão dos jesuítas em 1759, a Reforma Pombal intentou uma reforma educacional através de uma renovação metodológica estendida às Ciências, Artes Manuais e à Técnica (aspectos desprezados pela ação jesuítica), fragilmente levada a efeito aqui no Brasil. No que concerne ao desenvolvimento da ciência, registrou-se a criação da cadeira de Geometria na Capitania de São Paulo (1771) e na Capitania de Pernambuco (1799) e a inclusão de Desenho no currículo do Seminário Episcopal de Olinda, fundado em 1800 por Azeredo Coutinho.

Embora se desconheça a metodologia aplicada no ensino do Desenho nessa época, o fato acima citado, acrescido da “criação de uma aula régia de Desenho e figura em 1800” (BARBOSA, 1978, p. 23), refletiu a intenção de uma nova abordagem educacional com essa inclusão no currículo escolar.

A chegada de D. João VI ao Brasil (1808) permitiu que os efeitos da reforma pombalina se fizessem sentir mais presentes, manifestando-se de formas diversas. Primeiramente, na preocupação com o ensino superior, em detrimento do primário e secundário, fato este justificado pela necessidade de formar uma elite apta à defesa da colônia e à mobilização cultural da Corte aqui instalada. Em segundo lugar, pelo esforço direcionado ao desenvolvimento das profissões técnicas e científicas, intento que, de pronto, não evidenciou quaisquer transformações sensíveis na mentalidade da sociedade

brasileira. A tradição humanista e literária arraigada ao sistema colonial, persistiu na reação ao trabalho manual, fortaleceu-se com a ausência de atividades industriais e com a exploração do trabalho escravo, colaborando desta forma para o desprestígio dos estudos e profissões relacionadas com habilidades manuais e técnicas. BARBOSA (1978) relata que os cursos de Desenho Técnico criados em Vila Rica e Bahia (1817) e no Rio de Janeiro (1818), não produziram grandes resultados ao lado de outras iniciativas na área da Agricultura, Veterinária e Economia.

O objetivo primordial da vinda da Missão Artística Francesa em 1816 foi organizar um núcleo de ensino destinado à aprendizagem dos “ofícios artísticos e mecânicos”, tendo por modelo a orientação impressa por Bachelier à escola parisiense. Porém, a pretendida Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios começou a funcionar com outra denominação : Academia Imperial de Belas Artes e com uma conotação diversa daquela proposta inicialmente. A orientação artística - predominantemente neoclássica, a serviço dos ideais aristocráticos do sistema monárquico - opôs-se à arte de traços originais (barroco e rococó) aqui existentes, produzida por artistas de origem popular (na maioria, mestiços) e identificados como simples artesãos pelas classes superiores.

Posteriormente, em 1855, a tentativa de reforma empreendida na Academia para quebrar o distanciamento entre esses pólos culturais, não impediu, todavia, a permanência dos velhos métodos - como por exemplo, o Desenho figurado como cópia de estampas - e de uma linguagem requintada, baseada em “... particularidades tão intelectualizadas do desenho...” (FUSARI; FERRAZ, 1992, p.24), que se traduzem na concepção neoclássica de ênfase à precisão, à linha, ao contorno, ao modelado, à configuração, dominantes até hoje, na prática do Desenho nas escolas de grau médio.

Em relação ao ramo secundário do ensino, torna-se importante observar que desde essa época “... o caráter propedêutico assumido pelo ensino secundário, somado ao seu conteúdo humanístico, fruto da aversão a todo tipo de ensino profissionalizante ...” (ROMANELLI, 1989, p.39), acentuou a dualidade de sistemas, caracterizada pela educação elitista e popular, confiadas respectivamente à Coroa e à precária atuação das Províncias.

A desarticulação entre os diversos níveis, bem como a falta de vinculação entre seus currículos, determinados pela escolha aleatória das disciplinas, refletiam - dentre outros fatores - a situação caótica do ensino no Período Imperial. A escolha das disciplinas do ensino secundário obedecia às exigências do ensino superior, contribuindo desta forma para o acentuado caráter propedêutico de escola média, ou seja, de preparação para a faculdade.

O Colégio Pedro II (1837) - cristalizando-se na primeira tentativa do poder central de organizar o ensino secundário regular no país - constitui-se em modelo para os demais estabelecimentos de ensino. Além de revelar um ramo de ensino fragmentado e descaracterizado, as sucessivas reformas curriculares pelas quais passou o referido colégio, demonstraram a situação instável atribuída ao Desenho, enquanto componente curricular do ensino secundário no Império. Isto se comprova nos dados apontados por PILETTI (1987) resumidamente apresentados a seguir:

- em 1838, o Desenho fazia parte das matérias de seu currículo;
- pelo decreto nº 62 (1841), a disciplina desmembrou-se em Desenho caligráfico, linear e figurado;
- no regulamento de 17/02/1855, o Desenho não constou do elenco de disciplinas;
- pelo decreto 2883 (1862), o Desenho figurou dentre as cadeiras facultativas;
- no currículo de 1870, embora constituindo prática obrigatória, o Desenho não foi incluso na seriação geral;
- no plano curricular de 1876, o Desenho apareceu dentre as práticas obrigatórias.

A partir de 1856 surgem os Liceus de Artes e Ofícios destinados a todas as camadas da sociedade, iniciando

“... a etapa de seu desenvolvimento em que (o ensino de ofícios) aparece sempre ligado ao das artes. Ofícios e artes passariam a constituir uma combinação ideal para a preparação do pessoal destinado à indústria e o ensino do desenho assumiria caráter de grande importância e tornar-se-ia indispensável, daí por diante no currículo de todas as escolas onde se ensinassem profissões manuais”.

(FONSECA, 1986, v.5, p.13)

Na época se tratava, portanto, de uma tentativa de articulação entre a Arte, o Desenho e a prática industrial.

O livro “Arte - Educação no Brasil”, traz uma informação interessante quanto à concepção do ensino do Desenho em vigor na segunda metade do século passado e no início do séc. XX. Ao transcrever e analisar o artigo “Generalizações do Ensino do Desenho” escrito por André Rebouças em 1878, a autora conclui que a argumentação para a inclusão e permanência da disciplina nas escolas primárias e secundárias nesse período, fundamentou-se no fato de se considerar o Desenho “mais uma forma de escrita do que uma arte plástica”.

“O desenho é um complemento da escrita: da caligrafia e da ortografia. E o meio de comunicar a idéia de uma figura do mesmo modo que a escrita é o modo de comunicar um pensamento”.

(REBOUÇAS (1878) apud BARBOSA, 1978, p.33)



Para BARBOSA (1978), a “literariedade” dos jesuítas, que retornaram ao Brasil após oitenta anos de expulsão, também colaborou para a aceitação do Desenho através de sua identificação com as artes da palavra. O preconceito contra o ensino artístico foi rompido, ao se valorizar o Desenho equiparando-o funcionalmente ao ato de escrever. O ensino artístico direcionou-se, então, ao ensino do Desenho.

A partir de 1870, verificou-se uma alteração no trato da disciplina, pelo menos a nível de concepção, quando o liberalismo e o positivismo passaram a fundamentar os conceitos de educação no Brasil.

Aos positivistas coube a direção da educação geral no país desde 1890, enquanto os liberais orientaram setores mais restritos aos quais se atribuía menos importância: o ensino da Arte e o treinamento profissional.

Para a corrente liberal, o ensino do Desenho pretendia “... abrir à população em geral ampla, fácil e eficaz iniciação profissional”. (BARBOSA, 1978, p.43). Rui Barbosa atribuiu um realce de extrema significação ao ensino do Desenho e da Arte no currículo secundário, conforme se constata em sua obra pedagógica. A “lição inglesa” da Exposição Universal de 1851, acrescida de informações relevantes sobre o progresso do ensino de Desenho nos países estrangeiros e, em especial, as idéias de Walter Smith divulgadas nos Estados Unidos, repercutiram grandemente no pensamento de Rui quanto à importância do Desenho como disciplina da escola popular.

Ao enfatizá-lo como “uma das forças mais poderosas para a fecundação do trabalho e engrandecimento da riqueza dos Estados”, Rui destacou também “a sua importância como instrumento de transformação de uma pedagogia meramente retórica e verbalista, num processo de desenvolvimento intelectual através do uso dos sentidos, da percepção e da transcrição de objetos”. (BARBOSA, 1978, p.56, 57) Percebe-se em sua obra pedagógica - além da presença do método intuitivo, baseado no estudo das coisas e fenômenos naturais - o mérito atribuído ao Desenho geométrico e industrial para desenvolver valores estéticos e espirituais e não apenas como meio de educação para o trabalho.

Imbuídos do espírito reformista, os positivistas propunham mudanças radicais nas instituições militar, política, religiosa e educacional. Neste último setor, exerceram considerável grau de influência na reorganização da Escola Normal do Distrito Federal e do Colégio Pedro II, que sob a denominação de Ginásio Nacional, tornou-se modelo para todo ensino secundário no Brasil.

Objetivando “proporcionar à mocidade brasileira a instrução secundária fundamental, necessária e suficiente, para matrícula nos cursos superiores da República, como em geral, para o bom desempenho dos deveres do cidadão na vida social”, a reforma educacional positivista encetada por Benjamim Constant em 1890, concentrou seu currículo no ensino das ciências, associando o Desenho à aritmética como preparação para o ensino de geometria em detrimento do ensino da Arte. Resultante das críticas a esta interpretação, a cópia de estampas (Desenho figurado) retornou ao

ensino primário com a finalidade de tornar o Desenho “estético” e perdurou como prática ainda nos primeiros vinte anos deste século.

Contudo, apesar do currículo do Ginásio Nacional obedecer à classificação positivista das ciências, o Desenho geométrico não aparecia nos programas de Desenho e, sim, nos de Geometria, na forma de resoluções gráficas dos conceitos e noções dela apreendidos. A função do Desenho, portanto, era a de colaborar com o estudo da ciência. Norteavam o estudo da Geometria, objetivos que permitiam apreciar a exatidão, desenvolver o raciocínio e o pensamento metódico.

Na realidade, os programas de Desenho eram dominados pelos desenhos de ornatos, executados sob a observação dos modelos de gesso. Essa prática refletia a marcante influência da metodologia utilizada na Escola de Belas Artes e os desígnios da moda arquitetônica brasileira, ecleticamente mesclada de florões, faixas e ornamentos em relevo, ornatos sobrepostos, apliques de gesso etc.

No final do século, todavia, modificações introduzidas na Reforma de 1890, atestaram uma diminuição dos conteúdos de Geometria, o que levou BARBOSA (1978) a observar que:

“... à medida que o currículo vai-se tornando menos carregado de noções de Geometria, vão-se geometrizando os programas de Desenho, assumindo o Desenho Geométrico aquela função propedêutica de desenvolver a inteligência atribuída a geometria pelos positivistas. (...) A geometria era matéria de exame para entrar nas faculdades e, portanto, à medida que se geometrizava o conteúdo do Desenho, maior importância se atribuía a ele. Passou a ser exigida prova prática de desenho”. (p. 74)

O Desenho Geométrico e Elementar foi incluso dentre as disciplinas exigidas para o ingresso na Escola Politécnica e na Escola de Minas de Ouro Preto, fundadas em 1870.

Em síntese, a partir da segunda metade do século XIX, o Desenho figurado (cópias), o linear ou geométrico e de ornatos dominaram o ensino da escola secundária. O predomínio de uma das modalidades sobre as outras se fez presente, dependendo ora dos fatores sócio-políticos, ora das concepções artísticas vigentes.

Quanto aos objetivos do Desenho, para os positivistas era um instrumento de educação do caráter, da inteligência e do raciocínio, confirmando, portanto, sua necessidade como disciplina propedêutica. Não desprezando esta característica, os liberais visavam com o ensino do Desenho, sobretudo, a preparação para o trabalho.

3.2 O INÍCIO DO SÉCULO XX

Reformas educacionais permearam as primeiras décadas do século XX, as quais, no entender de ROMANELLI (1989) - foram tentativas “sem êxito para a solução de problemas educacionais mais graves” e que “não lograram acarretar nenhuma mudança substancial no sistema” (p.42)

O sistema dual de ensino vigente no período anterior persistiu nessa época. Um dos sistemas se constitui da escola primária, escola normal e as denominadas escolas profissionais. O outro sistema foi representado pela escola secundária acadêmica e propedêutica.

Decorrentes da influência positivista, as reformas de ensino que se sucederam a partir de 1901 - quanto ao aspecto curricular - foram tentativas de tornar o conteúdo do ensino secundário menos humanístico e mais científico, incentivando o estudo das ciências e da matemática e tinham por objetivos para esse ramo de ensino:

- a) “Proporcionar a cultura intelectual necessária para a matrícula nos cursos de ensino superior e para a obtenção do grau de bacharel em ciências e letras”. (Reforma Epitácio Pessoa - 1901)
- b) “Proporcionar uma cultura geral de caráter essencialmente prático, aplicável a todas as exigências da vida e difundir o ensino das ciências e das letras, libertando-o da preocupação subalterna de curso preparatório”(Reforma Rivadávia Correa - 1911)
- c) “Ministrar aos estudantes sólida instrução fundamental, habilitando-os a prestar, em qualquer academia, rigoroso exame vestibular”(Reforma Carlos Maximiliano - 1915)
- d) a) “Base indispensável para a matrícula nos cursos superiores”;
“Preparo fundamental e geral para a vida”. b) “Fornecer a cultura média geral do país” (Reforma João Luiz Alves - 1925)

Atentando-se para estes textos legais, juntamente com o proposto pela Reforma Benjamin Constant (1890), percebe-se que a orientação positivista se fez presente na formulação dos objetivos que predominaram para o curso secundário. Tal orientação se evidenciou na proposta do aspecto formativo (identificado como “preparo à vida”) e, principalmente, na do propedêutico (encarado como preparatório para o ingresso no curso superior). No entanto, conforme se observa, a Reforma de 1911 ao excluir a finalidade propedêutica do texto legal, instituiu - mediante outro dispositivo - o exame de capacitação para prosseguimento dos estudos. Essa prova, conhecida como “exame de admissão” para o ingresso no curso secundário, vigorou até 1971 e o “vestibular”, ou seja, o exame de capacitação para o ingresso no curso superior, ainda continua em vigência.

O ensino do Desenho, até então proposto como um meio auxiliar da geometria, passou a ser um fim em si mesmo, fruto do excesso de importância a ele atribuído pela posição positivista matematizante. Os programas do curso secundário determinavam, por um lado, traçados geométricos rigorosamente precisos, executados com instrumentos e, por outro lado, o Desenho de ornatos, recomendado como um “acessório” à formação geral, característica desse ramo de ensino.

Ao considerar o Desenho de ornatos como ponto de partida da manifestação da arte, difundiu-se também nessa época, o que BARBOSA (1978) denominou uma “interpretação evolucionista de arte”. Para esclarecer esse fato, a autora cita um texto da época, do qual se destaca o final:

“... Parece, pois, um fato indiscutível, que as primeiras manifestações artísticas da humanidade começaram pelos ornatos, e foi por eles que se desenvolveram as artes, seguindo depois uma progressão ascendente até se chegar à figura humana. Estabelecido este princípio, se quisermos seguir para o ensino do Desenho um método racional e lógico a se adotar nas nossas escolas, deveremos ter isto presente e ser pelos ornatos, por onde se deverá começar a ensinar o Desenho”.

(BROCOS (1915) apud BARBOSA, 1978, p.89)

A importância do estudo de ornatos residia na crença de que pela cópia dos mesmos, a capacidade de imaginação dos alunos seria desenvolvida em obediência aos princípios da evolução.

Ressalta-se, na reforma de 1901 e na de 1915, a realização de provas gráficas do Desenho como instrumentos de avaliação, visando a promoção para o ano seguinte. A Reforma Carlos Maximiliano, em vigor de 1915 a 1925, porém, não estabeleceu o conteúdo de Desenho para o curso secundário e - ao contrário das reformas anteriores - invalidou a importância da nota nos exames dessa disciplina.

Esta medida contribuiu para que as aulas de Desenho comesçassem a ser depreciadas por serem aulas que “nunca reprovavam”, inferiorizando de tal forma o professor da disciplina, que, “em muitos estabelecimentos de ensino oficial, era excluído da Congregação”. (MATTOS, 1923 apud BARBOSA, 1978, p.92)

De maneira resumida, poder-se-ia concluir que o quadro do ensino do Desenho apresentado no final do século XIX, não se alterou ao adentrar às primeiras décadas do presente século.

O Desenho geométrico e o Desenho de ornatos permaneceram como modalidades abordadas na escola secundária onde dominava a filosofia dos estudos como adestramento da mente e como condutores da cultura geral. O demasiado valor atribuído ao Desenho geométrico refletiu o predomínio da concepção positivista sobre o Desenho, encarado como linguagem científica.

A concepção da corrente liberal - Desenho como linguagem técnica, básica para o ensino industrial - foi adotada no campo da educação popular profissional e técnica, liderada pelos Liceus de Artes e Ofícios. Essas escolas ofereciam em seu currículo modalidades variadas: o Desenho geométrico, o Desenho de máquinas, de arquitetura civil, naval, o Desenho de figura e o de ornatos.

O quadro abaixo demonstra, de maneira sintética, as considerações abordadas nesta etapa da fundamentação teórica.

QUADRO 2 - Quadro Resumo: Ensino do Desenho no Brasil (antes de 1930)

Período	Educação Geral	Ensino do Desenho
Colônia	- Presença jesuítica: ênfase ao ensino retórico, literário e livresco - Reforma pombalina: intenção de reforma educacional fragilmente estendida às Ciências, Artes Manuais e à Técnica - Chegada de D. João VI (1808): - Preocupação com o ensino superior em detrimento do primário e secundário - Missão Artística Francesa (1816): Academia Imperial de Belas Artes	- Desprezo às atividades manuais e artísticas - Inclusão de Desenho no currículo do Seminário Episcopal de Olinda (1800) - Criação de aula-régia de Desenho e figura (1800) - Cursos de Desenho Técnico em Vila Rica e Bahia (1917); Rio de Janeiro (1818) - Orientação artística predominantemente neoclássica (ênfase à precisão, à linha, ao contorno)
Império e início da República	- Desarticulação entre os diversos níveis e seus currículos - Ensino Secundário: - dualidade de sistemas (elitista e popular) - acentuado caráter propedêutico - Colégio Pedro II (1837) - modelo para estabelecimentos de ensino - influências: - positivista: educação geral (ênfase ao aspecto intelectual) - liberal: ensino da arte e treinamento profissional (Rui Barbosa)	- Situação instável do Desenho na grade curricular - Predomínio do ensino do Desenho figurado (cópias), linear ou geométrico e de ornatos na escola secundária - Corrente Positivista: o Desenho era encarado como instrumento da formação do caráter, da inteligência e do raciocínio - Corrente Liberal: além de acatar o objetivo positivista para o seu ensino, o Desenho era identificado como instrumento de preparação para o trabalho
Século XX (1º Vintênio)	Ensino Secundário: - sucessão de 4 reformas educacionais (1901 a 1925) - permanência do sistema dual do ensino e, - da finalidade propedêutica do ensino secundário elitista	- Quadro inalterado em relação ao período anterior: - ensino do Desenho geométrico (precisão, rigor, ordem) - ensino do Desenho de ornatos ("acessório" a formação geral) - Positivistas: valorização demasiada ao Desenho geométrico como fim em si mesmo (linguagem científica) - Liberais: Desenho adotado como linguagem técnica para a educação popular profissional e técnica (Liceus de Artes e Ofícios)

4. ENSINO DO DESENHO: CARACTERIZANDO MODALIDADES

Este tópico é um “intervalo” na trajetória histórica do ensino do Desenho no Brasil, porque objetiva - para melhor compreensão do próximo período a ser considerado - uma abordagem relativa à Educação e, especificamente ao seu ensino na escola brasileira de grau médio.

A exposição que se segue, é fruto de uma caracterização baseada na literatura coletada a partir de 1930, compreendendo artigos e compêndios publicados por autores - em sua maioria professores e especialistas na área - que se manifestaram mais fertilmente nos anos 50 e início da década de 60.

De um modo geral, os programas estaduais de Desenho abordam as seguintes modalidades:

- Desenho do natural
- Desenho geométrico
- Desenho convencional
- Desenho decorativo
- Desenho “pedagógico” para as Escolas Normais.

Por se tratar de uma modalidade que atende a um ramo do ensino médio com características próprias e a ele restritas - como é a antiga “Escola Normal” destinada à formação de professores - o Desenho “pedagógico” (esquemas de construção de desenhos para ilustrar aulas), mereceria um estudo especial à parte. Por esta razão, serão abordadas somente as quatro primeiras modalidades citadas, que se relacionam mais diretamente com o objeto desta pesquisa: o ensino do Desenho ministrado nas escolas da rede estadual, especificamente no atual 2º grau (excetuando-se, porém, os cursos que oferecem a Habilitação Específica de 2º grau para o Magistério).

4.1 DESENHO DO NATURAL

O valor atribuído ao naturalismo e à influência greco-romana sobre o Renascimento, contribuiu para que esta modalidade despontasse neste período e se centralizasse no desenho da figura humana. Desenhar diretamente do modelo vivo acarretou, no entanto, dificuldades à prática deste ramo de Desenho, que passou a ser substituído pela cópia de estampas, alicerçada na concepção de que esta atividade “treinava melhor a observação do que a cópia da natureza”. Este procedimento, assimilado pelos neoclássicos, dominou acentuadamente a posterior metodologia do ensino do Desenho.

Basicamente, o Desenho do natural “consiste em representar graficamente as coisas que são vistas por um observador”. (STEIN, 1960, p.112)

Ao considerá-lo como uma das mais antigas atividades do homem (pois o Desenho do natural já era feito nas paredes das cavernas), BANDEIRA (1957) em “Métodos Específicos do Ensino de Desenho do Natural” o define como “... fazer a representação de um objeto - tal qual é visto pelos nossos olhos” (p.76).

Referindo-se à habilidade manual aliada à capacidade de observação necessárias ao aluno para a prática desta modalidade, BRUNO (s.d.) assim se expressou na introdução do comentário: “O desenho do natural, quer o de memória, quer o de observação...” (p.33)

Esta citação alarga a definição de BANDEIRA (1957), que se limita à fidelidade (tal qual) e ao presente (é visto), pois no Desenho de memória representam-se cenas, objetos, pessoas, formas ... que foram vistos e presenciados pelo aluno, envolvendo uma interpretação gráfica pessoal, condicionada não somente à observação presente, mas também à análise, percepção e memorização (fatores psicológicos que condicionarão o êxito da atividade) das formas visíveis.

Quer seja de observação, a mão livre, de memória, ou cópia do natural, os textos conduzem a uma significativa reflexão quanto a finalidade do Desenho do natural: na escola de grau médio, ele não encerra o mesmo sentido que lhe é atribuído num curso de Belas Artes ou de Desenho, os quais buscam, primordialmente, a formação de um artista ou de um desenhista. O professor não deve pretender que o educando seja um exímio desenhista (embora possa colaborar para que futuramente o seja), valorizando especialmente o produto ou aquilo que fica no papel, como resultado da atividade discente.

Entretanto, o que mais deverá interessar é o esforço mental, associado aos seus movimentos. Eles contribuirão, em primeiro lugar, para a educação da visão, isto é, o aluno deve ser levado a enxergar os detalhes, pois está habituado apenas a olhar despreocupado... e depois, para a educação motora, através do exercício de coordenação e destreza dos movimentos específicos, frutos das observações feitas (figs. 1, 2 e 3). Evidenciou-se, desta forma, a importância atribuída ao binômio educação visual e motora, unanimemente destacada pelos autores (especialmente os dos anos 50 e 60) como a principal finalidade desse ramo de Desenho.

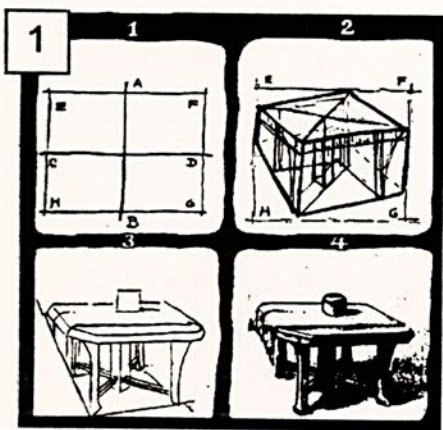
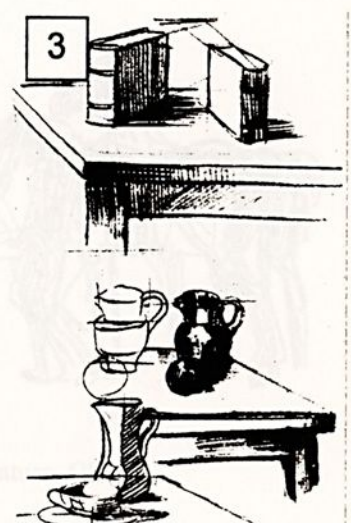


fig. 1- Fonte: BANDEIRA, 1958;

figs. 2 e 3 - Fonte: PENTEADO, 1972.



As considerações divergentes quanto à concepção desta modalidade e quanto à sua interpretação gráfica levaram FACHINI (1971) a sugerir a troca de sua denominação para “desenho com modelo à vista”, ao apontar um problema pedagógico-didático que surge, dependendo da orientação impressa pelo professor na prática desta modalidade:

“... ou ele obriga o aluno a se prender ao modelo proposto, tentando reproduzi-lo da maneira mais fiel que for possível, cuidando bem das proporções que suas diferentes partes oferecem entre si, bem como do claro-escuro apresentado, fazendo mais ou menos uma “fotografia” do mesmo, ou então, leva os alunos a interpretarem tal modelo dando asas à imaginação sem se preocuparem com a fidelidade da cópia”. (p.2)



Enfatizando a observação, a primeira interpretação gráfica, seria racional, fruto de uma orientação pedagógica tradicional, atendo-se ao modelo, dando-lhe prioridade (fig. 4). A segunda, ao valorizar a expressão, sugere uma interpretação emotiva, mais livre (fig. 5)

O autor acrescentou, ainda, a possibilidade de uma terceira abordagem em que o desenho seria ao mesmo tempo emotivo e imaginativo, tendo apenas por ponto de partida o modelo. A discrepância muito acentuada entre o original e o desenho obtido - ao conduzir à criação de novas formas plásticas - prestigia, portanto, a invenção.

As duas últimas interpretações refletem a orientação pedagógica renovada que conduz a “uma ruptura com as cópias de modelos”, realçando as experiências individuais baseadas no entendimento sensível, na expressão, emoção e imaginação do educando.

Estas observações permitem sugerir a ligação desta modalidade de Desenho à posterior presença de Educação Artística na estrutura curricular.

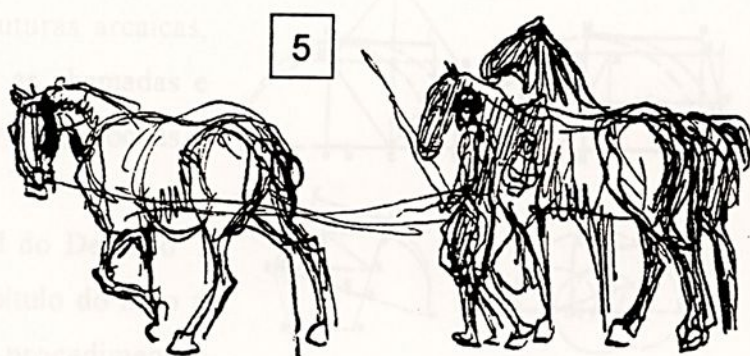


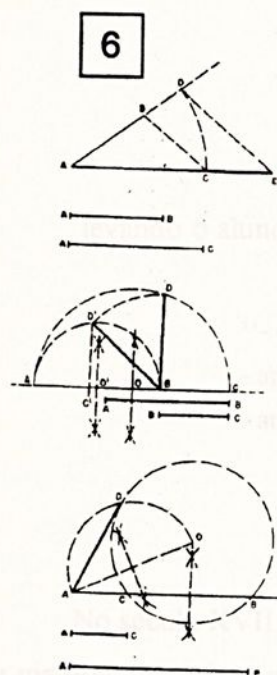
fig. 4 - Fonte: CURSO de desenho e pintura. Globo;

fig. 5 - Fonte: CARVALHO, 1958.

4.2 DESENHO GEOMÉTRICO

A Geometria - ciência que tem por objeto a medida de extensão considerada nos três aspectos: a linha, a superfície e o volume - fez-se presente, desde a Antiguidade, como disciplina autônoma nos sistemas educacionais.

Discorrendo sobre sua importância, D'AMBRÓSIO (1983) destacou que, a partir dos primórdios da humanidade, a Geometria Prática se impôs como uma área de conhecimento prático, atendendo à finalidades essencialmente utilitárias tais como as práticas arquitetônicas, a demarcação de terrenos etc.

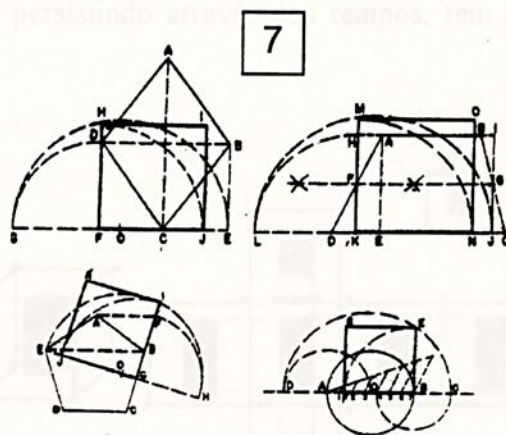


Posteriormente, a Geometria Dedutiva - baseada na Geometria Prática, utilizada pelos egípcios - foi introduzida pelos gregos através de elementos primitivos e conceituais (ponto, reta, plano) que permitiram "... dar o passo do concreto ao abstrato (...) numa relação dialética que se introduziu naturalmente nos sistemas escolares..." (D'AMBRÓSIO, 1983, p. 1-2) e que os acompanhou no desenrolar da história.

O Desenho geométrico é uma modalidade de representação que, ao possibilitar a "visualização" das abstrações geométricas (figs. 6 e 7), requer uma atividade eminentemente racional nas soluções de problemas geométricos, os quais "sem o apoio da Matemática, carecem de sentido..." (BRUNO, s.d. p.34)

A essa orientação fundamentada na Matemática e que encerra uma "situação problemática reflexiva", STAMATO (1970) acrescentou a necessidade de "uma representação rigorosa de figura atendendo às suas propriedades matemáticas" através de um "traçado preciso e rigoroso..." (p.25). Na opinião do autor, se estes requisitos não conduzirem a prática do Desenho geométrico, o mesmo restringir-se-á "às suas estruturas arcaicas, anti-pedagógicas, orientado segundo as chamadas e clássicas 'receitas de bolo' ao 'decoreba', inócuas e sem valor educativo algum". (p.25)

O autor da "Didática Especial do Desenho", CARVALHO (1958), dedicou um capítulo do livro a esta modalidade e, através dos procedimentos metodológicos relatados, ressaltou a necessidade de mostrar a "objetividade das aplicações do desenho e



figs. 6 e 7 - Fonte: PENTEADO, 1972.

noção da sua magna utilidade'' na representação das formas no contexto e no meio ambiente do aluno. A proposta do autor rejeita o Desenho geométrico como simples construção gráfica de formas abstratas, desintegradas e alheias à realidade do aluno.

Os autores que tratam do Desenho geométrico referem-se, em sua maioria, à utilização dos materiais de precisão (compasso, escalas, esquadros, transferidor etc) precedida da prática à mão livre, da morfologia geométrica, não para formar um desenhista técnico ou um profissional da área técnica, objetivando, porém, criar:

- “- hábitos de limpeza, atenção, ordem, precisão, correção.
- habilidades de:
 - representar à mão livre as figuras geométricas;
 - manejar com destreza os instrumentos de precisão;
 - executar com rigor os diferentes traços geométricos”.

levando o aluno a se interessar pelas

- “- convenções e sistematização da matéria;
- aplicações e especializações do desenho técnico;
- atividades práticas e objetivas”.

(SANTOS, 1959, p.102)

No século XVII, ao separar-se das matemáticas, o Desenho geométrico alcançou a autonomia de matéria de ensino, o que, na época, no entender de BANDEIRA (1957), não deixou de ser na realidade “uma árida sistematização visando representar figuras geométricas abstratas...” (p.74).

A ênfase ao ensino do Desenho geométrico evidenciou-se nos séculos XVIII e XIX, respectivamente com o cientificismo e o positivismo neles dominantes. Desde então, ocupando lugar de destaque nos programas de Desenho e neles persistindo através dos tempos, tem sido enfaticamente ministrado nos cursos de grau médio.

4.3 DESENHO CONVENCIONAL

O ramo do Desenho convencional identificado como “Desenho projetivo” abrange a representação precisa de formas e objetos do mundo material sobre um plano, de maneira que se permita a reconstituição dos mesmos (fig. 8).

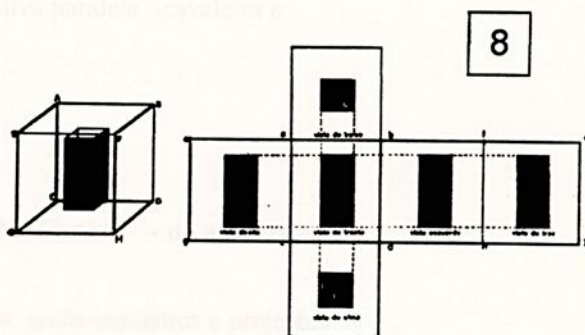
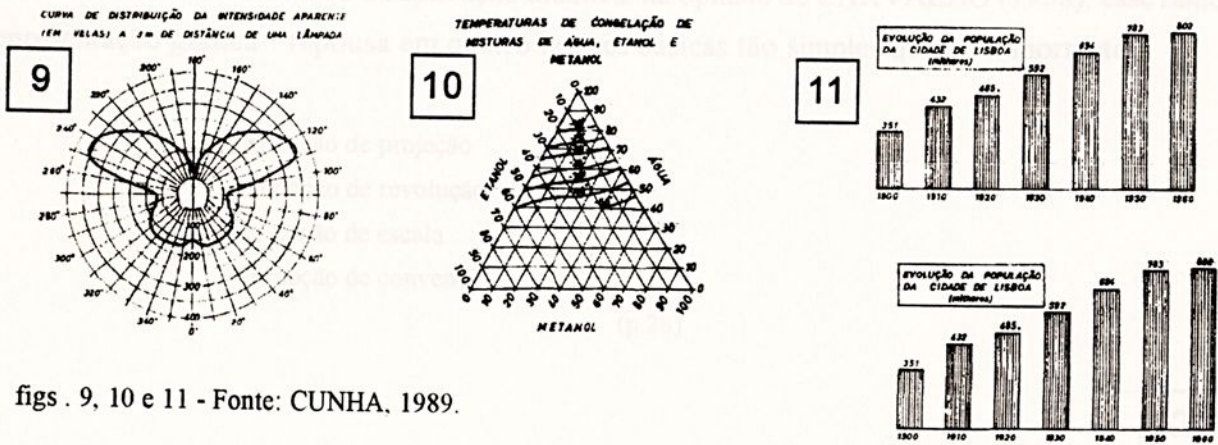


fig.8 - Fonte: PENTEADO, 1972.

Contudo, o Desenho convencional se estende também à representação gráfica de cálculos, leis e dados estatísticos por meio de diagramas, organogramas, normogramas, ábaco etc., que pertencem ao campo do “Desenho não projetivo” (figs. 9, 10 e 11)



figs. 9, 10 e 11 - Fonte: CUNHA, 1989.

A representação gráfica desses dois campos (projetivo e não projetivo) - e que configura o “Desenho Técnico” para autores e especialistas na área - fundamenta-se na Geometria “Plana” (quando resolve graficamente os problemas a duas dimensões), na Geometria “Espacial” e na Geometria “Descritiva” (que contam com a teoria das projeções, sistemas de representação e métodos gráficos adequados para solucionar problemas a três dimensões).

No livro “Como Ensinar Desenho no Curso Ginásial”, BANDEIRA (s.d.) descreve o Desenho convencional como:

“Representação subjetiva, abstracionista (no bom sentido do termo) dos objetos, cujos fundamentos têm por alicerces as geometrias “Plana”, “No Espaço” e “Descritiva”, orientados e complementados pela tecnologia das principais atividades técnicas da hora presente”. (p.92)

Apresenta sua divisão, compreendendo:

- I - Projeção Cilíndrica Ortogonal (método de Monge)
- II - Desenho Axonométrico - perspectiva paralela (cavaleira e axonométrica)
- III - Desenho Esquemático
- IV - Desenho Morfológico
- V - Desenho Funcional
- VI - Desenho Industrial ou “Desenho Técnico” - de arquitetura, máquinas e móveis
- VII - Desenho Geográfico (topográfico, grafo-estatística e projeções cartográficas)

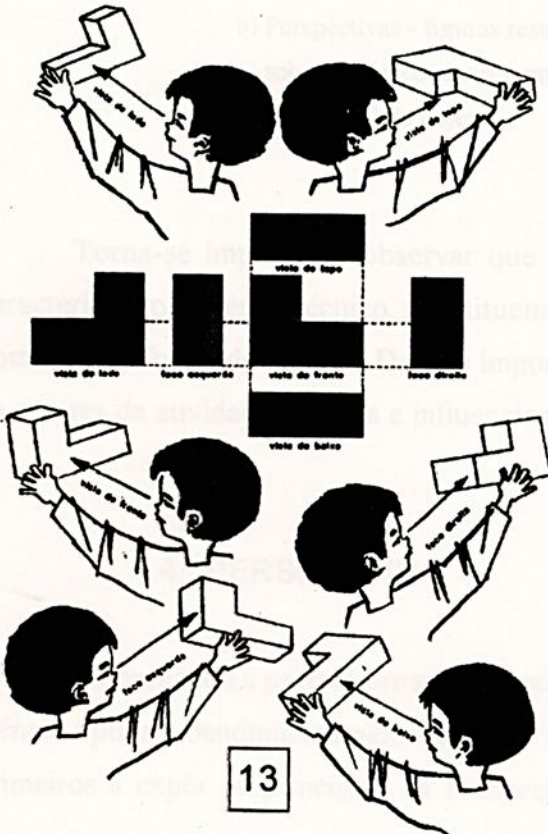
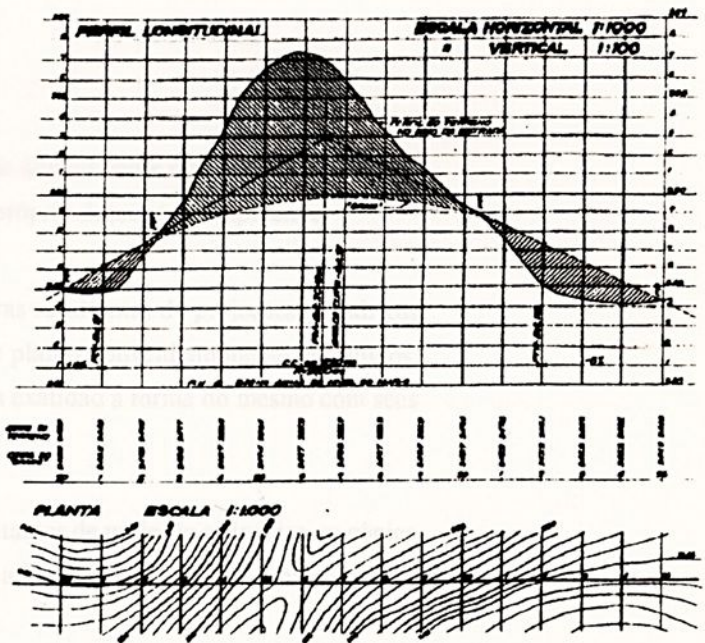
Os princípios de representação do Desenho convencional impõem uma normalização progressiva, utilizando-se de recursos e convenções os mais simples e claros possíveis, que tendem cada vez mais a uniformizar-se nos vários países, criando-se assim uma verdadeira linguagem internacional. Em se tratando da aplicação didática, na opinião de CARVALHO (1958), esse ramo da representação gráfica “repousa em quatro noções básicas tão simples quanto importantes:

- a) noção de projeção
- b) noção de revolução
- c) noção de escala
- d) noção de convenção gráfica”.

(p.28)

12

A primeira delas - sem dúvida a mais importante - é suporte para o Desenho projetivo, para a Geometria Descritiva, para o Desenho perspectivo e de extrema validade para as representações cartográficas, topográficas etc. (fig. 12). Entendida como “a operação gráfica que estabelece a correspondência entre uma figura do espaço e sua representação num plano”, a noção de



projeção - focalizada na escola de grau médio sob o rótulo de Desenho projetivo - requer do aluno visualização e representação mental sensivelmente desenvolvida (fig. 13). Por este motivo, destaca-se do Desenho geométrico atrás abordado, embora ambos possam ser considerados ramos da Geometria. O raciocínio matemático, como é empregado na Geometria Euclidiana, não é suficiente para este tipo de Desenho, baseado na Geometria Descritiva, a qual,

fig. 12 - Fonte: DOMINGUES, 1979;

fig. 13 - Fonte: PENTEADO, 1972.

por sua vez, “se propõe como escopo fundamental o traduzir e resolver no plano as considerações e os problemas relativos às figuras do espaço” (figs. 14 e 15).

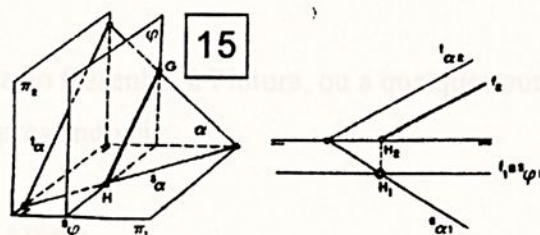
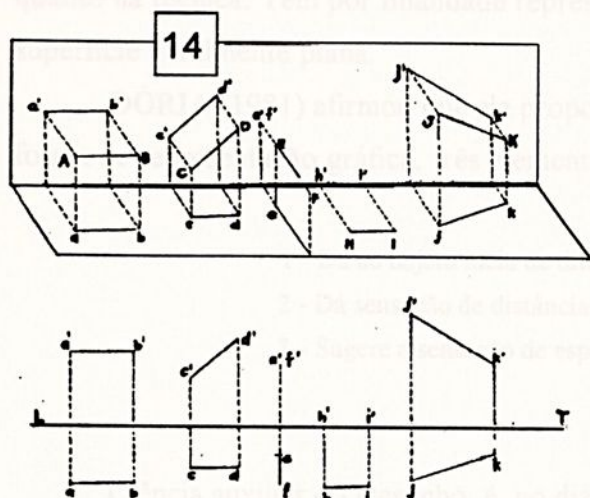


fig. 14 - Fonte: PENTEADO, 1972;

fig. 15 - Fonte: MACHADO, 1971.

O Desenho projetivo resulta

... “de projeções de objetos sobre um ou mais planos que se fazem coincidir com o próprio desenho. Compreende:

- Vistas Ortográficas - figuras resultantes de projeções cilíndricas ortogonais do objeto sobre planos convenientemente escolhidos, de modo a representar com exatidão a forma do mesmo com seus detalhes.
- Perspectivas - figuras resultantes de projeção cilíndrica ou cônica sobre um único plano, com a finalidade de permitir uma percepção mais fácil do objeto”

(DÓRIA, 1981, p. 95 - 96)

Torna-se importante observar que a objetividade e a univocidade de interpretação que caracterizam o Desenho técnico, constituem-no como o meio mais conciso, exato e inequívoco para comunicar a forma de objetos. Daí sua importância na tecnologia, intervindo praticamente em todos os setores da atividade humana e influenciando sobremaneira o progresso científico e industrial.

4.4. PERSPECTIVA

Empregando a palavra prospectiva ou perspectiva, que designava, no latim da Idade Média, a ciência óptica - denominada pelos gregos “optikê” -, os mestres da Renascença italiana foram os primeiros a expor os princípios da Perspectiva clássica, partindo da observação dos aspectos no

espaço. A Perspectiva é um dos ramos do Desenho empregado tanto na linguagem artística quanto na técnica. Tem por finalidade representar a imagem visual de objetos em relevo numa superfície geralmente plana.

DÓRIA (1981) afirmou que ela proporciona ao Desenho, à Pintura, ou a qualquer outra forma de representação gráfica, três elementos imprescindíveis:

- “ 1 - Dá ao objeto idéia de dimensão e corpo
- 2 - Dá sensação de distância
- 3 - Sugere a sensação de espaço”.

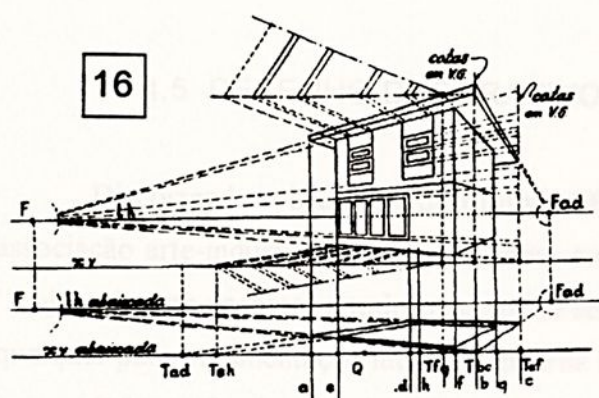
(p. 96)

Ciência auxiliar do Desenho, é, no dizer de Leonardo da Vinci, o “guia” do desenhista.

Resumidamente, a Perspectiva pode ser dividida em Perspectiva linear e Perspectiva aérea.

Quando se representa sobre uma superfície ou plano, o contorno aparente dos objetos através de traçados geométricos e com o auxílio da teoria das projeções, tem-se a Perspectiva linear que, por sua vez, pode se subdividir em linear exata e de observação.

A Perspectiva linear exata consiste na representação geométrica exata dos objetos, obedecendo rigorosamente às regras (fig. 16). Na Perspectiva de observação, o conhecimento das regras é aplicado à mão livre,



tendo em vista apenas a forma e a idéia do objeto (fig. 17).

Enquanto a Perspectiva linear só traça a forma dos objetos, a Perspectiva aérea volta-se ao estudo das cores, sombras e gradações da luz sobre o objeto, observados cautelosamente em função das várias nuances apresentadas na atmosfera. A denominação aérea justifica-se pelo fato da interposição do ar entre o objeto e o observador causar efeitos variáveis, principalmente sobre a

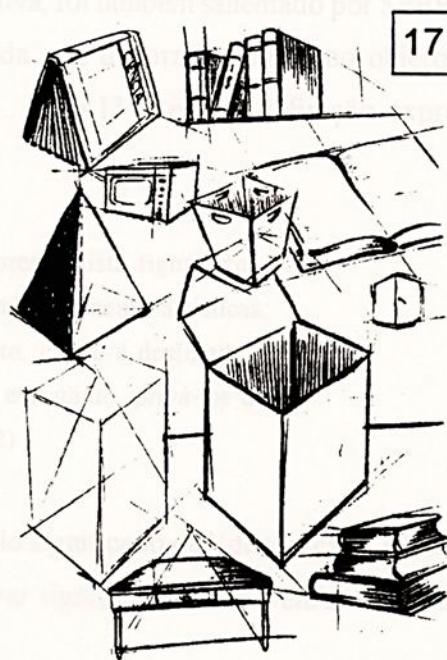


fig. 16 - Fonte: MACHADO, 1967;

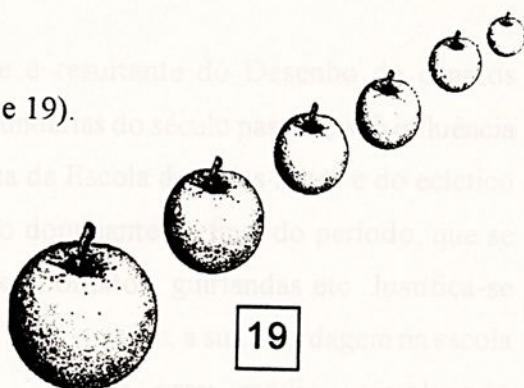
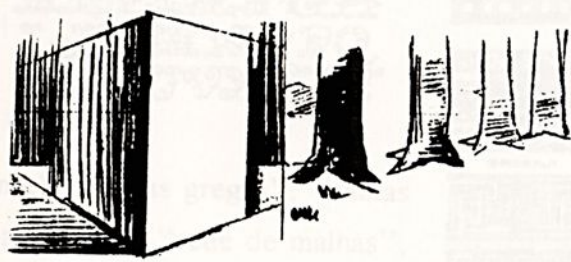
fig. 17 - Fonte: PENTEADO, 1972.

percepção das cores. Por esta razão pode ser identificada, também, como Perspectiva da cor (fig. 18 e 19).

O emprego da Perspectiva aérea completa a impressão da terceira dimensão esboçada na Perspectiva linear.

fig. 18 - Fonte: PENTEADO, 1972

fig. 19 - ilustração de Paulo Scardine



“Maturidade lógica, controle sensorio nato e acuidade visual” são elementos necessários ao conhecimento e estudo da Perspectiva. Estes requisitos despontam nos alunos de faixa etária mais avançada, daí a necessidade de inclusão dessa prática nas séries finais dos cursos de grau médio.

4.5 DESENHO DECORATIVO

Discorrendo sobre a arte decorativa, SPERANDIO (1938) atribuiu seu desenvolvimento à associação arte-indústria, certamente como consequência da Revolução Industrial, pois torna-se “objeto da arte decorativa tudo o que pode ser objeto da indústria, contribuindo esta dum modo qualquer para ornamentação interna e externa da casa, da mobília, dos vestidos etc”. (p.111)

O fator “funcionalidade”, inerente à arte decorativa, foi também salientado por SPERANDIO (1938) quando diz: “um dos princípios fundamentais da arte decorativa é que no objeto se deva reconhecer à primeira vista o uso a que é destinado...” (p.111) e pela definição expressa por BANDEIRA (s.d.):

“É uma representação expressionista figurativo - subjetiva, executada supondo leis eminentemente artísticas, estando sempre presente o bom gosto, e que é destinada à decoração de vários elementos sem, entretanto, privá-los de suas características funcionais”. (p.92)

BARBOSA (1978) chamou a atenção para o duplo significado de “decoração” e “decorar”: além de aprendizagem pela retenção da memória, decorar significa também “enfeitar, ornamentar; pôr ornatos em alguma coisa”. (p.94)

20



mente), “barras gregas”, “faixas ornamentais”, “rede de malhas”, “mosaicos”, “painéis decorativos” etc (figs. 20 a 26), obedecendo às leis da repetição ou do decalque e

copiados quase sempre do modelo fornecido pelo professor ou livro, modelo este, composto de ornatos geométricos, estilizações de motivos da flora, fauna e figura humana. Esta prática levou BARBOSA (1960) assim se manifestar nas “Sugestões para Novos Programas de Desenho”: “Deveriam ser esquecidas as tão bolorentas ‘redes de malhas’, ‘mosaicos’, ‘faixas’ etc... e também as célebres leis de repetição” (p.112).

Considerado uma espécie de “elo” por CARVALHO (1958), o Desenho decorativo é um complemento das modalidades atrás mencionadas, não apenas na utilização de formas geométricas como elementos compositivos, mas porque proporciona oportunidade de manifestação pessoal do educando em atividades que empreguem o conhecimento técnico sobre a cor e as leis da composição.

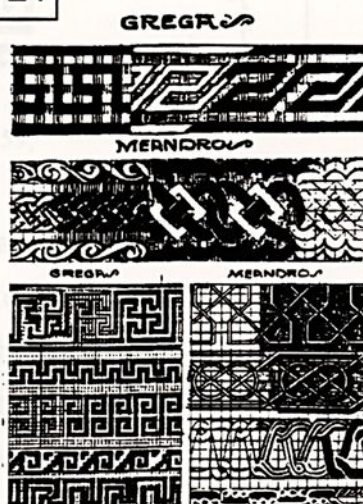
No entender de BRUNO (s.d.), é a modalidade que, de modo geral, encontra maior disposição e aceitação por parte dos alunos, porque nela se destacam os seguintes valores:

- “é um apelo constante à imaginação, a liberdade de criar.
- causa, por isso mesmo, maior prazer estético;
- põe em jogo a sensibilidade pela cor;
- reúne em sua realização, o exercício de representação gráfica exigido pelo desenho do natural, assim como o rigor, a precisão, a limpeza próprios do desenho geométrico, porém, sem exclusividade;

Esta modalidade é resultante do Desenho de ornatos praticada nas escolas secundárias do século passado sob influência da orientação neoclássica da Escola de Belas Artes e do eclético movimento arquitetônico dominante no final do período, que se utilizava de relevos, faixas, ornatos, guirlandas etc. Justifica-se

assim, a sua abordagem na escola de grau médio, envolvendo comumente o “estudo das letras” (a gótica, principal-

21



22

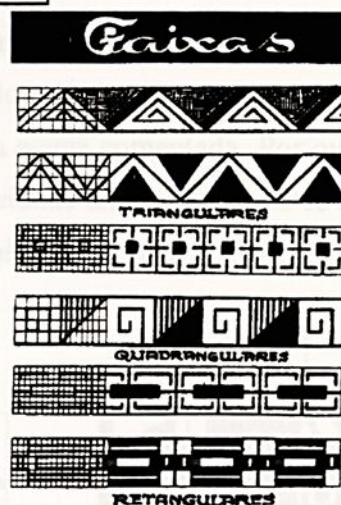


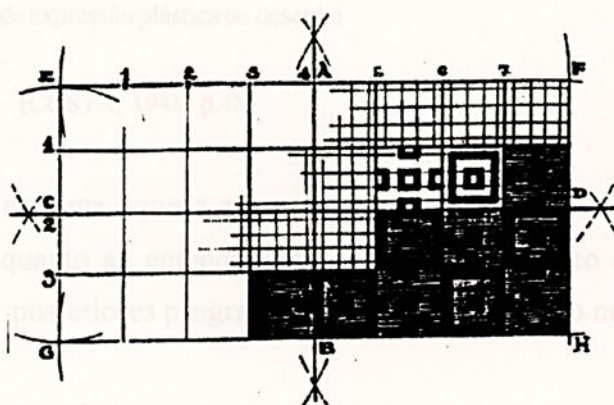
fig. 20 - Fonte: BANDEIRA, 1958;

figs. 21 e 22 - Fonte: BANDEIRA, 1959.

23



24



figs. 23 e 24 - Fonte: BANDEIRA, 1959;

fig. 25 - Fonte: PENTEADO, 1972.

e, sobretudo, porque permite a aplicação prática em atividades estudantis, profissionais e artísticas.

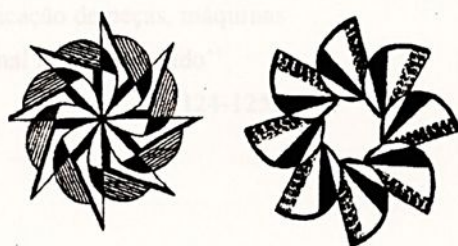
Estes valores, porém, não parecem ter sido aproveitados e explorados na disciplina Desenho, talvez, por um lado, pela ênfase tradicionalista atribuída à sua prática acima comentada. Por outro lado - devido à sua evidente contribuição ao desenvolvimento da capacidade criadora - supõe-se que o Desenho decorativo tenha sido absorvido pelas atividades da disciplina Educação Artística, após 1971, tal como o ocorrido com o do natural.

Este apanhado geral sobre as modalidades empregadas no ensino do Desenho nas escolas de grau médio, ficaria com uma significativa lacuna se não se mencionassem as considerações feitas pelo arquiteto brasileiro Lúcio Costa sobre a metodologia do Ensino do Desenho no Curso Secundário, publicadas pela primeira vez no vol. I da Revista Cultura do Ministério da Educação e Cultura (posteriormente transcrito na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos vol. XVIII, jan-mar, 1952, nº 45, do referido Ministério). Esse excelente trabalho tem uma significação profunda para os interessados na área e, em especial, para os professores de Desenho.

Em relação às modalidades - após observar que os diversos "objetivos do ensino do desenho, nesse curso, são de natureza contraditória e que deles resultam modalidades diferentes de desenho" - o autor as apresenta resumidamente de maneira simples, clara e objetiva nos dizeres abaixo:

- 1 - "para a inteligência quando concebe e deseja construir, o desenho como meio de fazer, ou desenho técnico;
- 2 - para a curiosidade quando observa e deseja registrar - o desenho como documento, ou desenho de observação;

25



- 3 - para o sentimento, quando se impressiona, a imaginação quando inventa e a inteligência quando idealiza, ou seja, recriar, compor e significar - o desenho como meio de expressão plástica ou desenho de criação''

(COSTA, 1948, p.48)

Pela simplicidade e, ao mesmo tempo, pela extrema riqueza que encerra, esta classificação é considerada por muitos como a mais abrangente quanto ao entendimento do assunto e quanto à facilidade de aplicação didática, a ponto de nortear posteriores programas e servir de orientação no ensino da disciplina.

Ao concluir esta exposição, destaca-se a classificação das diversas espécies de Desenho proposta mais recentemente por ANDRADE (1987) na publicação "Educação pela Criatividade", que assim a relata:

"Partindo do pressuposto de que o desenho é um todo indissolúvel, no que aliás contrariamos o mestre, Lúcio Costa, distingue-se a representação gráfica, pelos fins a que se destina, em três tipos fundamentais:

1 - DESENHO LINGUAGEM

... também chamado impropriamente desenho criativo. incorpora, entre suas metas, a ilustração, o registro de épocas, vestuário, paisagens, o croqui de detalhe, a caricatura ou o próprio desenho de observação.

2 - DESENHO VISUAL

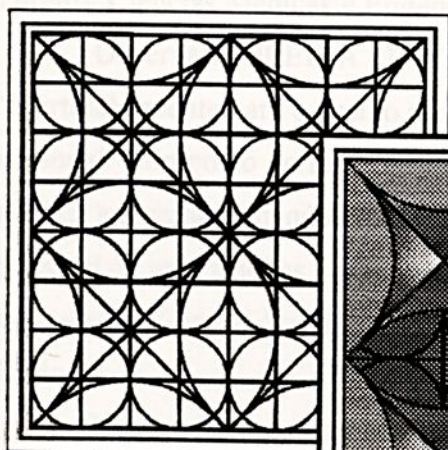
... é aquele que se destina ao estabelecimento de marcas, logotipos, logomarcas, sinalização etc.

3 - DESENHO TÉCNICO

... também chamado desenho operativo, visa a execução de expressões gráficas destinadas à fabricação de peças, máquinas ou qualquer outro objeto tridimensional a ser produzido".

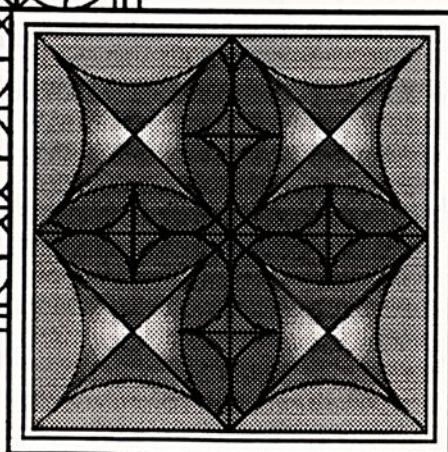
(p. 124-125)

1 - ESQUEMA



26

2 - CONCLUSÃO



Justificando-se no fato de que nenhum desses tipos de Desenho manifesta-se isoladamente, o autor atribui à representação mongeana (diédrica), o elo básico de todos eles.

fig. 26 - Fonte: PENTEADO, 1972.

5. O 2º GRAU E O ENSINO DO DESENHO: REFAZENDO CAMINHOS APÓS 1930

À caracterização das modalidades de Desenho apresentada no tópico anterior, segue-se esta etapa final da fundamentação teórica, cujo objetivo é abordar - em retrospectiva histórica a partir de 1930 - a estruturação do 2º grau, o Desenho como seu componente curricular, bem como alguns problemas pertinentes ao ensino da disciplina detectados nesse período. A análise documental (leis, pareceres, programas oficiais) e de material técnico (livros, artigos e revistas) subsidiaram a teoria exposta a seguir.

5.1 A REFORMA FRANCISCO CAMPOS E A PORTARIA MINISTERIAL DE 17/03/1936

A Reforma Francisco Campos (1931) estruturou organicamente, pela primeira vez, o ensino secundário, comercial e superior em todo território nacional.

O decreto nº19890 de 18/04/1931, ao determinar a organização do ensino secundário, proporcionou-lhe a partir daí, uma feição própria, autônoma e uma estrutura em séries anuais sequenciais. Tornou-se obrigatório como requisito à continuidade dos estudos em nível superior.

Inspirada, segundo CUNHA (1980), no modelo educacional italiano proposto por Gentile, a reforma do ensino secundário objetivava “... a formação do homem para todos os setores da atividade nacional, construindo no seu espírito todo um sistema de hábitos, atitudes e comportamentos que o habilitem a viver por si mesmo e a tomar em qualquer situação as decisões mais convincentes e mais seguras”.

Ao estabelecer definitivamente o currículo seriado, o curso secundário passou a ser dividido em 2 ciclos: o fundamental (5 anos), que visava uma formação básica geral (equivalente ao posterior “ginásio” e obrigatório para o ingresso em qualquer escola superior) e o complementar (2 anos), que buscou estruturar-se como curso propedêutico (obrigatório para o ingresso em determinadas escolas: Direito, Ciências Médicas e Engenharia).

Observa MOREIRA (1990) que os currículos e programas prescritos de maneira rígida - “particularmente para o ensino secundário” (p.97) - se estenderam uniformemente a todo território nacional. Composto de matérias isoladas, esse currículo enciclopédico - que obrigava o programa escolar a abranger um número excessivo de matérias para proporcionar ao aluno a maior quantidade possível de informações - ressaltava a cultura humanística, literária e acadêmica. Permitia, porém, a inclusão de Ciências Sociais e uma dedicação de tempo significativa à Matemática, Física, Química e Biologia.

Nesse período, pela primeira vez, é encontrada a publicação oficial dos programas de Desenho para os cursos fundamental e complementar extensivos para todo país.

O Desenho era concebido como “meio de aquisição e de expressão da cultura”, conforme se constata na introdução das instruções pedagógicas dos programas do curso fundamental publicada em 31/06/1931.

A Portaria Ministerial de 17/03/1936 determinou os programas para o curso complementar, não apontando, porém, os objetivos específicos das modalidades propostas.

A - CURSO MÉDICO, FARMACÊUTICO, ODONTOLÓGICO		
MODALIDADES	SÉRIE	AULAS SEMANAIS
Desenho à mão livre	2ª	05
Desenho linear geométrico		
Noções de Desenho projetivo		

Para o Desenho “à mão livre”, foram propostas a representação de objetos de laboratório e de partes do corpo humano, denotando a tentativa de relacionar esta abordagem com a natureza dos cursos a que se destinava.

Excetuando-se o aspecto formativo de habilidades, atitudes e de raciocínio, o Desenho geométrico e projetivo, por sua vez, não apresentou a ligação dos conteúdos às características dos cursos da área médica.

B - CURSO DE ENGENHARIA		
MODALIDADES	SÉRIE	AULAS SEMANAIS
Desenho geométrico	2ª	06
Noções de Geometria Descritiva (desenho de projeção)		

Os tópicos referentes ao Desenho geométrico foram apresentados numa vasta seqüência, semelhante às formulações tradicionais de programas encontrados em compêndios de Desenho do final do século passado. Apesar de extensos, os tópicos de Geometria Descritiva acrescentaram pouca coisa ao conteúdo proposto para o curso fundamental. O programa denotou uma acentuada desvinculação dos aspectos práticos a que o curso deveria estar ligado como preparatório de um ramo essencialmente técnico. Esta observação torna clara a finalidade propedêutica de uma escola elitista que evidenciou a nítida divisão entre o pensar e o fazer.

5.2 A LEI ORGÂNICA DO ENSINO SECUNDÁRIO E A PORTARIA MINISTERIAL Nº 10 - 04/01/1946

As reformas conhecidas como “Leis Orgânicas de Ensino” foram iniciadas a partir de 1942 por Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde Pública.

A Lei Orgânica do Ensino Secundário, promulgada em 09/04/1942 mediante o decreto-lei nº 4244, estabelecia em seu artigo 1º, os objetivos desse ramo de ensino:

- 1 - “Formar (...) a **personalidade** integral dos adolescentes”.
- 2 - “Acentuar e elevar (...) a consciência patriótica e a consciência humanística”.
- 3 - “Dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial”.

No entender de ROMANELLI (1989), excetuando-se o 2º objetivo - novo e típico do período histórico que o país atravessava com a implantação do Estado Novo, realçando acentuadamente o nacionalismo - os demais, reforçaram a antiga tradição do ensino secundário acadêmico (ao proporcionar uma cultura geral e humanista), propedêutico (ao proporcionar condições para o ingresso no curso superior) e, conseqüentemente, aristocrata (ao se constituir no ramo nobre de ensino).

Esta etapa da escolarização reestruturou-se em 2 ciclos: o primeiro ciclo - ginásial - compreendendo 4 séries anuais e o segundo ciclo - colegial - subdividido em clássico e científico, com duração de 3 anos.

O currículo, caracterizado ainda como enciclopédico, enfatizou o caráter de cultura geral humanística, oferecendo praticamente as mesmas disciplinas em quase todas as séries, não denotando diversificação sequer quanto aos níveis.

O artigo 15º da referida lei estabeleceu o Desenho para as três séries do curso científico e a Portaria Ministerial nº 10, de 04/01/1946 especificou seu programa.

Concebido como “linguagem gráfica e disciplina de expressão”, o Desenho foi considerado “fonte de prazer intelectual, pelas criações e interpretações que permite”, conforme se constata nas Instruções Metodológicas para a execução do programa do curso ginásial (parece não ter havido instrução específica para o curso científico). Nelas, salienta-se, também, o emprego do Desenho como fator de “disciplina da observação visual e da capacidade de representação objetiva”. Nessa fase de escolarização, este componente curricular deveria ser exercitado como contribuição para o “desenvolvimento da observação analítica com justas medidas de proporção” a se processar nos vários ramos de estudo posteriores (colegial, científico, comercial, técnico).

CURSO CIENTÍFICO	
MODALIDADE	SÉRIE
- Desenho do natural - Desenho geométrico e projetivo - Desenho decorativo - Desenho convencional	1ª
- Desenho do natural - Desenho geométrico e projetivo - Desenho decorativo - Desenho convencional	2ª
- Desenho do natural - Desenho projetivo - Perspectiva geométrica. Traçado geométrico das sombras próprias e projetadas - Geometria Descritiva - Desenho técnico	3ª

A Portaria nº 10 não forneceu objetivos específicos para cada modalidade ou unidade e não especificou o número de aulas semanais destinadas a cada série.

Embora o programa do curso científico tivesse acrescentado as modalidades de Desenho do natural, decorativo, convencional e técnico não relacionadas no programa anterior (1936), evidenciou, ainda, nas extensas unidades especificadas de maneira detalhada, pouca oportunidade à liberdade de ação do professor e de expressão do aluno.

Como reflexo, talvez, da orientação humanista, intelectualizada e de cunho enciclopédico impressa ao currículo nas unidades propostas para o Desenho decorativo, bem como para o Desenho do natural, percebe-se uma orientação rígida, acentuando a cópia relacionada a conteúdos da Geometria, da Botânica, da Zoologia, de motivos e vultos históricos etc, em detrimento de uma manifestação expressiva mais pessoal e coerente com a realidade do educando.

5.3 A PORTARIA MINISTERIAL Nº 966 - 02/10/1951

Novos programas oficiais para o curso secundário foram publicados em 1951, cuja elaboração coube à Congregação do Colégio Pedro II. A Portaria Ministerial nº 966 de 02/10/1951 especificou os programas de Desenho para o curso ginásial e científico.

Concebido como linguagem gráfica, o ensino do Desenho nessa etapa de escolaridade, foi encarado como “disciplina de integração de conhecimentos, de técnicas e de formação estética, com valor cultural próprio e não apenas como adestramento utilitário”.

O texto destacou como objetivo geral do Desenho para o curso científico, a oportunidade de “ampliar as habilidades e os conhecimentos adquiridos no curso ginásial e, ao mesmo tempo, mostrar ao estudante os grandes ramos de aplicação de desenho no campo das artes e nos domínios da técnica”.

Objetivos específicos para as modalidades do programa foram também evidenciados neste tópico introdutório. O Desenho do natural e o decorativo, concorrem para “apurar o bom gosto e despertar a curiosidade para a compreensão da evolução das artes plásticas nos diferentes povos e épocas”. É finalidade do Desenho geométrico, projetivo e técnico, proporcionar elementos “de construção e revisão crítica e de senso de medidas e precisão tão importante nos domínios da aplicação científica”. Como nos programas anteriores, esta modalidade exposta em maior extensão, predominou sobre as demais.

CURSO CIENTÍFICO	
MODALIDADE	SÉRIE
- Desenho do natural - Desenho geométrico e projetivo - Desenho decorativo	1ª
- Desenho do natural - Desenho geométrico e projetivo - Desenho decorativo	2ª
- Desenho do natural - Desenho projetivo e de perspectiva	3ª

Observa-se, porém, que nesse programa, as unidades apresentadas de maneira menos minuciosa, sugeriram a idéia de “programas mínimos”, direcionando as publicações de livros didáticos dos anos 60 e a orientação de atividades dos professores de Desenho até meados da década de 70, quando se implanta a Educação Artística nos currículos de 1º e 2º graus.

O programa de 1951 parece ter sido o último programa estadual publicado e extensivo a todo o território nacional.

5.4 A DÉCADA DE 50 E O ENSINO DO DESENHO

Nos anos 50, o Desenho atingiu uma posição importante e definida na estrutura curricular do ensino secundário equiparando-se às demais disciplinas. As reflexões e questionamentos em torno do seu ensino - fecundos no período - comprovaram esse fato.

Artigos publicados nessa época por revistas como “Escola Secundária”, “Revista de Pedagogia”, “Atualidades Pedagógicas” (relacionadas na bibliografia deste trabalho), evidenciaram a preocupação dos autores e professores na identificação de problemas relativos ao seu valor educativo. Tais problemas diziam respeito aos seus objetivos e conteúdos, à abordagem das várias modalidades, à extensão dos programas e às contradições quanto a distribuição de suas partes, bem como à inexequibilidade dos mesmos, devido ao número restrito de aulas semanais destinadas à disciplina.

Dentre estes aspectos, no entanto, três questões detectadas no decorrer da história do ensino do Desenho - presentes na sua prática, inclusive na atualidade - serão comentadas a seguir com o intuito de apresentar e conhecer o ponto de vista de alguns autores do período abordado. Referem-se elas à ênfase ao valor artístico ou técnico do Desenho, enquanto disciplina escolar; às possibilidades e limitações do aluno pouco dotado e ao questionamento mais importante e em evidência no final do anos 50: a formação específica dos professores de Desenho.

ÊNFASE À ARTE E/OU CIÊNCIA?

A preferência pelo aspecto técnico, pelo valor artístico do Desenho ou a aceitação de ambos, transpareceu nos textos publicados nesse período. No entanto, essa divergência - proveniente das polêmicas levantadas na França, no final do século XIX, acerca dos objetivos do ensino do Desenho e da orientação didática a ele impressa - parece ter sido excluída da programação oficial, que encarava a disciplina sob os dois aspectos.

Partidário da integração das duas tendências, SILVA (1959) considerou o programa de 1951 como o melhor elaborado até então, pois possibilitava, através do desdobramento em 4 modalidades - o Desenho do natural, o geométrico, o decorativo, o técnico e o convencional - uma abordagem mais abrangente dessa disciplina escolar, atendendo a interesses variados dos educandos.

Partilhando dessa mesma idéia, GUANABARA (1960) se referiu ao “duplo valor da cadeira de Desenho”, que “por sua própria natureza deve reunir no ginásio e científico noções de Arte e Ciência” (p. 109).

Um ponto de vista contrário a essas opiniões, foi manifestado na monografia “Didática Especial do Desenho” de JULIO BRUNO, publicada (ao que tudo indica) em meados da década de 50. Ao ponderar sobre o cunho “estritamente intelectualista” impresso à nossa escola e sobre a necessidade da formação de uma cultura artística, bem como da “formação da personalidade integral” do educando que compreende sentimentos, valores estéticos e morais, o autor defendeu a idéia de que - num plano ideal - dever-se-ia atribuir “à cadeira de Desenho o objetivo essencialmente artístico” (p.28) e à cadeira de Matemática, a parte do Desenho técnico.

Comentando os programas oficiais, assim se posicionou: “Dispondo-se a cuidar igualmente dos dois aspectos do desenho, os programas não logram satisfazer eficientemente a nenhum dos objetivos; porque, de um lado, o Desenho Geométrico sem a indispensável justificação matemática não tem sentido - e é o que acontece normalmente no ginásio; por outro lado, o aspecto artístico com o objetivo preciso de visar a educação artística se realiza de modo absolutamente precário, à vista da deficiência de instalação, de material didático e, sobretudo, da formação do professor” (BRUNO, s.d., p. 28-29).

Ciente das dificuldades que a escola encontraria ao implantar essa inovação, via - contudo - nela, a solução para a divergência entre a orientação artística e técnica.

ALUNO X APTIDÃO: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

Embora houvesse unanimidade entre os autores em não considerar o ensino do Desenho com a finalidade de formar artistas, o questionamento em torno da maior ou menor aptidão do aluno em relação à diferentes modalidades de Desenho suscitou reflexões divergentes entre eles.

A proposição expressa por Claparède de que “um indivíduo só rende na medida em que se apela para suas capacidades naturais e é perder tempo forçar o desenvolvimento de capacidade que ele não possua” fundamentou, para BRUNO (s.d.), a necessidade de se levar em conta as possibilidades e limitações do aluno pouco dotado, uma vez que não compartilhava o autor da afirmação otimista dos que acreditam na possibilidade de “criar aptidões” (p.32). Por essa razão, sugeriu insistência maior nas “modalidades que requerem em menor grau dotes inatos” (p.32) e aconselhou a prática do Desenho decorativo como modalidade mais eficaz, rica em valor educativo se, “convenientemente explorada com a finalidade de criar no educando, atitudes novas” (p. 32).

Esse mesmo autor considerou “pouco recomendável a prática intensiva” do Desenho do natural, pois exige do aluno uma “certa disposição favorável” decorrente da habilidade manual acrescida da capacidade de observação, as quais concorrem para evidenciar as diferenças de aptidão entre os alunos. Para ele, o exercício dessa modalidade com o intuito expresso de desenvolver os requisitos acima citados, levaria os menos dotados a uma atividade que - por lhes ser pouco interessante - não teria outro alvo senão a conquista da nota para a aprovação.

Contrário a essa colocação, SILVA (1959) argumentou que, em aula, a prática das quatro modalidades distintas do Desenho possibilitava ao aluno não dotado de habilidade para a área artística, aprender outras de cunho técnico e vice-versa. “O Desenho exige treino insistente para o desenvolvimento da habilidade visual - motora” (p.95). “O necessário é fazer, fazer sempre e de qualquer jeito - até que se revelem as habilidades ou se manifeste a imaginação criadora”(p.96).

Dessa forma, o autor contestou a “afirmativa pessimista” de Claparède: “é perder tempo forçar o desenvolvimento da capacidade que ele não possua” por não se aplicar - segundo sua opinião - ao Desenho como disciplina escolar.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE DESENHO

Este tema, alvo de questionamento e reflexões importantes no período, foi - até então - quase totalmente entregue ao descaso.

Apontando “a disparidade dos tipos de professores encarregados das aulas de Desenho”, PENTEADO (1950) salientou a deficitária preparação técnica e pedagógica dos responsáveis pela disciplina na época. O autor caracterizou o perfil dos mesmos ao enumerar os diversos “tipo de professores”:

- Professor registrado no MEC (às vezes com curso de Belas Artes);
- Professor aluno-politécnico (estudante de engenharia que precisa de um “bico”);

- Professor inexperiente (sem formação alguma, preso aos livros didáticos);
- Professor normalista (sem formação alguma, com registro obtido através de uma banca constituída de elementos com os mesmo tipos de formação citados nos itens anteriores).

Discorrendo sobre este assunto, SANTOS (1958) criticou, também, a diversidade de formação dos responsáveis pelo magistério da disciplina.

“Foi-se o tempo de admitir como professor de Desenho:

- a) O ARTISTA - (pintor, escultor, arquiteto, gravador, decorador etc) apenas por dominarem estes o desenho artístico;
- b) O ENGENHEIRO - simplesmente por seus conhecimentos e experiências com o desenho técnico;
- c) O PROFESSOR DE MATEMÁTICA - por conhecer os fundamentos do desenho geométrico;
- d) O PROFESSOR PRIMÁRIO - ‘Com jeito para o desenho’ - por possuir alguma habilidade e já lidar com o aluno como professor”.

(p. 109)

O autor alertou para a responsabilidade e os cuidados que devem nortear a formação e a profissão do professor de Desenho e apontou o modelo ideal desse professor como possuidor de “vocação para o magistério”; de “formação técnica, artística e profissional” e de uma “cultura geral atualizada” (p.109). Acentuando o caráter de versatilidade desse modelo, o professor Sady C. dos Santos defendeu a idéia de que essa formação deveria ser identificada com elementos de dupla natureza: a artística e a científico-técnica.

Em oposição a esse ponto de vista, BARBOSA (1960) propôs nas suas “Sugestões para novos Programas de Desenho” a criação de outros termos para as modalidades de caráter técnico e artístico. Ao Desenho de teor técnico, sugeriu o termo “expressão gráfica” (abrangendo o Desenho geométrico projetivo e a Perspectiva exata) e ao Desenho de significação artística, recomendou o termo “expressão artística” (referindo-se ao Desenho decorativo, do natural, à Perspectiva de observação etc). Coerentemente a esta proposta, ensejou a separação dos professores de Desenho por formação: os de formação técnica, para o setor técnico e os de formação artística, para o setor artístico. Tais professores trabalhariam junto aos alunos, de acordo com seus interesses e necessidades.

Em relação aos cursos de formação de professores, PENTEADO (1950) referiu-se à “recente criação” no Instituto Caetano de Campos de São Paulo de cursos de especialização para as disciplinas - Desenho, Trabalhos Manuais, Economia Doméstica e Canto Orfeônico, que não possuíam, ainda, cursos universitários para a preparação profissional.

Em São Paulo, o Curso para Formação de Professores de Desenho do Instituto de Arte Contemporânea - criado em 1953 e reconhecido dez anos após - funcionou no Museu de Arte de São Paulo, transferindo-se em 1959 para a Fundação Armando Álvares Penteado.

Para atender aos professores do interior, também na década de 50, o MEC criou o C.A.D.E.S. (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário) destinado a promover cursos e a fornecer informação e orientações quanto à atuação didático-pedagógica para várias disciplinas, inclusive o Desenho. Se apto, após o preenchimento de vários requisitos, o professor recebia um registro provisório do MEC. O definitivo somente era obtido por aqueles que concluíssem cursos de nível superior.

5.5 ANOS 60: O CICLO COLEGIAL, O ENSINO DO DESENHO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Em 1962, passou a vigorar a Lei 4024/61, conhecida por Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional, que propunha a continuidade de integração do sistema nacional de ensino iniciado pela Reforma Francisco Campos e prosseguido pelas Leis Orgânicas de Ensino. Pela primeira vez, um só instrumento legal prescrevia sobre todos os níveis de ensino e estendia sua validade para todo território nacional.

Manteve-se, praticamente, a estrutura de ensino anteriormente implantada. O ensino médio, dividido em ciclo ginásial - com a duração de 4 anos - e ciclo colegial - com 3 anos - passou a compreender o ensino secundário e o ensino técnico (industrial, agrícola, comercial e de formação de professores primários e pré-primários). O artigo 33 assim explicitou o objetivo desse ramo de ensino: “A educação de grau médio, em prosseguimento à ministrada na escola primária, destina-se à formação do adolescente”.

Em comparação à legislação anterior, assinalaram-se modificações quanto à não-fixação de um currículo rígido de extensão nacional, denotando um certo grau de descentralização e de equiparação entre os cursos secundários e técnicos.

Em se tratando da organização curricular, o Conselho Federal de Educação determinou a existência de disciplinas obrigatórias (até 5), permitiu aos Conselhos Estaduais completar esse número e aos estabelecimentos de ensino a inclusão de disciplinas optativas.

A circular CFE 1/62, referente às Instruções da Diretoria do Ensino Secundário, forneceu quadros exemplificativos da organização curricular dos ciclos ginásial e colegial. Nas quatro combinações sugeridas para o ciclo colegial, o Desenho - apontado como disciplina complementar do sistema federal - constitui matéria obrigatória de apenas uma delas.

O fato do Desenho já não mais aparecer na relação das disciplinas principais, e da sua inclusão ou não, estar sujeita a condições e interesses peculiares, marcou o início de um processo de discriminação do seu ensino na escola de grau médio. Apesar disto, porém, o Desenho permaneceu

dentre as disciplinas oferecidas pela maioria das escolas, sob o risco de ser eliminado da grade curricular, na ausência de professor habilitado para o seu ensino.

No Parecer CFE nº 47/62 - que pondera sobre a presença do Desenho no ensino de grau médio - observou-se que a sua colocação “na condição de disciplina complementar e praticamente ausente na formação secundária brasileira”, ocasionou uma situação “incompatível com a função formadora e propedêutica do ensino médio”. Tal situação acarretou prejuízos ao preparo de candidatos às escolas de Engenharia, Arquitetura, Química, Belas Artes e cursos militares.

O texto deixou transparecer, também, que a cobrança do Desenho nos vestibulares dos cursos acima citados, contribuiria para ressaltar a sua importância e prestígio, bem como para inculcar a “preferência dos alunos pelos cursos onde o desenho tenha mais espaço do que o concebido na 3ª série do Colegial”.

Paralelamente a essa situação que levou o Desenho a uma posição secundária na estrutura curricular do grau médio, foi na década de 60 que se processou a regulamentação da licenciatura destinada à formação do professor de Desenho.

O Parecer CFE nº 338/62 definiu o currículo de Licenciatura em Desenho salientando que esta disciplina, na escola secundária, visaria atender objetivos variados como “o da expressão ao lado da linguagem, o de complemento da Matemática e o da técnica auxiliar no ensino das ciências e nas técnicas em geral”.

Na tentativa de harmonizar essas tendências, foi sugerido um currículo básico para a formação do professor de Desenho, conforme se verifica no Anexo 6.

No final da década de 60, precisamente em 08/05/69, o Parecer CFE nº 354/69 estabeleceu o currículo da Licenciatura em Desenho e Plástica, embora a resolução nº 13, que fixou os mínimos de conteúdo e duração do curso, datasse de 23/02/70.

Aconselhando a revisão do currículo da Licenciatura anterior, o relator sugeriu a nova denominação: Licenciatura em Desenho e Plástica. Esta alteração baseou-se na necessidade de se atribuir ao professor de arte, no curso de grau médio, a condição de polivalente e de formador de personalidade (e não de artista) para o desempenho da tarefa de integração arte/vida.

É interessante observar que, no decorrer dos anos 60, as publicações relacionadas com o Desenho e seu ensino, cederam lugar a textos referentes à educação pela arte e à criatividade, com base, principalmente, nos estudos e análises de Lowenfeld, Rogers, Guilford e Read, evidenciando orientações divergentes quanto aos conteúdos e procedimentos até então divulgados e praticados.

5.6 O 2º GRAU E O ENSINO DO DESENHO A PARTIR DE 1970

A expressão “ensino de 2º grau” surgiu com a reforma de 1971 (Lei 5692/71), correspondendo à faixa de escolaridade do anteriormente denominado ciclo colegial ou segundo ciclo do grau médio.

Embora o texto dessa lei evidenciasse o objetivo de “formação integral do adolescente”, o ensino de 2º grau passou a ser proposto com a característica principal de profissionalização universal

e compulsória, conforme estabeleceu o Parecer CFE nº 45/72 e a Resolução CFE nº 2/72 ao fixarem os mínimos a serem exigidos em cada habilitação profissional ou conjunto de habilitações afins do ensino de 2º grau.

Constatando, porém, a impossibilidade de atender ao espírito original da Lei 5692/71, o próprio Conselho Federal de Educação procurou amenizar as exigências através do Parecer 76/75, que - ao formular conceitos de “famílias de habilitações” e “habilitação básica” - livrou as escolas de 2º grau da exigência de conceder o diploma de Técnico, permitindo, desta maneira, um ensino mais consistente em relação à educação geral.

Em 1982, a Lei 7044 substituiu a “qualificação para o trabalho” proposta na lei anterior, pela “preparação para o trabalho”, completando, assim, um processo de rejeição à profissionalização compulsória - o que, “praticamente descaracterizou de uma vez o já conturbado 2º grau” (GHIRALDELLI, 1991, p. 183)

A Deliberação CEE nº 29/82 estabeleceu as diretrizes iniciais para a implantação da Lei 7044/82 no Sistema de Ensino do Estado de São Paulo, possibilitando à clientela escolar a opção por um ensino de 2º grau despojado de uma conotação estritamente profissionalizante (Inciso III, Art. 7º da Del. CEE nº 29/82) ou por cursos que qualificam para ocupações de maior ou menor complexidade (Incisos I e II do Artigo citado).

A falta de identidade própria do 2º grau levou SAVIANI (1989) a caracterizar a problemática dessa etapa da escolarização pelas expressões “nó do 2º grau e sua situação pendular”. Assim explicou o autor:

“Em certos momentos ele é puxado para baixo e pensado como propedêutico, como ensino geral preparatório para o vestibular. Em outros momentos, ele é puxado para cima com caráter terminal, profissionalizante, na forma que é regular ao ensino superior. A Lei 7044 atenuou os efeitos da profissionalização estrita da Lei 5692 e abriu aquela idéia de habilitações básicas mas, de uma certa forma, ela corre o risco de reabilitar aquela educação geral propedêutica do antigo segundo grau. Ora, se a solução da Lei 5692 não foi satisfatória, no entanto, é preciso considerar que o problema do qual ela partiu era real, isto é, de caráter academicista do segundo grau. Temos, pois, que ultrapassar esse caráter academicista”. (p. 41)

O autor propõe como alternativa para a solução desse problema, o projeto da Politecnia que visaria “propiciar aos alunos o domínio dos fundamentos das técnicas diversificadas utilizadas na produção, e não o mero adestramento em técnicas produtivas. Não a formação de técnicos especializados, mas de politécnicos” (SAVIANI, 1986, p. 15).

Em relação à estrutura curricular do 2º grau, a Lei 5692/71 - acrescida das possibilidades previstas nos Pareceres 45/72 e 76/75 e dos currículos de educação geral permitidos pela Lei 7044/82 - ofereceu um leque de opções propiciado pelas inúmeras habilitações do ensino de 2º grau, que concorreram para o aparecimento de escolas bastante diversificadas quanto ao currículo.

O Parecer CFE nº 853/71 prescreveu as quatro “camadas” que compõem o currículo pleno de ensino de 2º grau, compreendendo:

- 1a. camada: núcleo comum (indicado pelo CFE)
- 2a. camada: matérias do Art. 7º da Lei 5692/71 (Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística, Programas de Saúde e Ensino Religioso)
- 3a. camada: parte diversificada (matérias indicadas pelo Conselho Estadual de Educação)
- 4a. camada: matérias profissionalizantes (mínimos de cada habilitação profissional estabelecidos pelo CFE)

Portanto, pelo Art. 7º da Lei 5692/71, a Educação Artística tornou-se obrigatória no currículo de 1º e 2º graus, numa tentativa de suprir as deficiências do ensino artístico na educação escolar. Justificando essa inclusão, CHAGAS (1980) assim se manifestou:

“A Educação Artística realça a expressividade e mantém a comunicação do natural, porque inter-individual, enriquecendo e humanizando a reflexão com a emoção, o pensamento com o sentimento e a imaginação, a inteligência com a criatividade... O que se pretende não é formar artistas... ou sequer produzir arte... O que importa na educação artística geral é o desenvolvimento da atitude expressiva e criadora...” (p. 140)

No entanto, desde a sua implantação, a Educação Artística foi tratada de maneira indefinida, como transparece em um dos textos elucidativos da lei, o Parecer CFE nº 540/77 que a ela assim se referiu: “não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”.

Observam FUSARI; FERRAZ (1992) que a oficialização da Educação Artística no currículo de 1º e 2º graus - embasada numa “diretriz um tanto escolanovista” de valorização ao “processo” de trabalho e à livre expressão - se contrapôs à tendência pedagógica tecnicista estendida nessa época, às escolas brasileiras, firmando-se em princípios de eficiência, racionalidade e produtividade. Segundo as autoras, “os professores de Educação Artística, assim como os das demais disciplinas, deveriam explicitar os planejamentos de suas aulas, com planos de cursos onde objetivos, conteúdos, métodos e avaliações deveriam estar bem claros e organizados” (p. 38).

A presença da Educação Artística na grade curricular do ensino de 1º e 2º graus, ocasionou a implantação de uma nova licenciatura para habilitar professores. Determinada pelo Parecer CFE nº 1284/73 e pela Resolução nº 23 de 23/10/73 (que fixou o currículo mínimo constituído de uma parte comum e de uma parte diversificada), essa licenciatura destina-se, respectivamente, a habilitações em Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música e Desenho (vide Anexo 10).

Paralelamente à presença da Educação Artística, a legislação permitiu a inclusão do Desenho na parte diversificada da grade curricular do 2º grau, como uma disciplina optativa de livre escolha pelo estabelecimento de ensino, dentre as relacionadas pelos Conselhos Estaduais de Educação.

A Deliberação CEE nº 18/72, que aprovou a relação de matérias para a parte diversificada do currículo do ensino de 2º grau do Sistema Estadual de Ensino de São Paulo, especificou 31 tipos de desenhos para a área de representação gráfica. Porém, em decorrência da escassez de professores habilitados, bem como da falta de espaço e de equipamentos apropriados, a opção das escolas tem recaído, quase que na totalidade, sobre Desenho ou Desenho Geométrico, pois não requerem alterações significativas na estrutura já existente nas referidas escolas.

Na década de 70, alguns pareceres se manifestaram quanto à importância e à presença do Desenho no currículo de 1º e 2º graus.

O Parecer CFE nº 1071/72 tratou da “Posição do Desenho no Currículo de Ensino de 1º e 2º graus” em resposta às questões: “Por que o Desenho não foi incluído em Comunicação e Expressão? Qual será o futuro do professor de Desenho?”. O relator distinguiu o Desenho e a Plástica como auxiliares de outras disciplinas. Tanto as atividades de expressão plástica, quanto o Desenho geométrico objetivam despertar vocações, estimular a criatividade e o raciocínio analítico. Quanto ao professor de Desenho, não lhe cabe “dedicar exclusivamente ao exercício da disciplina sob o enfoque técnico ou artístico; deve ser o educador da arte no plano de formação do aluno”. O texto evidenciou que “a atividade do professor de Desenho não pode englobar todas as especializações” citadas no catálogo de opções de matérias. “Serão necessárias a atualização e a escolha de campo. No entanto, a formação básica desses profissionais permite a atuação imediata”. Na conclusão do questionamento formulado, o relator salientou que “o receio da falta de mercado de trabalho para o professor de desenho é infundado”.

Considerando o tratamento a ser dado aos componentes curriculares previstos no Art. 7º da Lei 5692/71, o Parecer CFE nº 540/77 se referiu ao oferecimento do Desenho, tratado como disciplina no período anterior à essa lei, salientando-o como “um poderoso elemento de educação e um imprescindível instrumento para um melhor desempenho do homem em múltiplas circunstâncias”. O relator acrescentou que, por si só, o ensino do Desenho “não satisfaz à expectativa em relação à Educação Artística” e deixou transparecer que compete à Matemática, ministrar o ensino do Desenho quando este se concentra na Geometria. Também se referiu à inclusão do Desenho decorativo em “programas” de Desenho de muitos estabelecimentos de ensino - o que, embora pressupondo um envolvimento com a educação artística, não conduzia devidamente ao estímulo da livre expressão e da criatividade.

No Parecer CEE nº 395/80, que tratou do acréscimo da disciplina Desenho no currículo de 1º e 2º graus, o relator afirmou que o Desenho não foi retirado do ensino de 1º e 2º graus, pois, “Desenho, parte das artes plásticas, pode ser ministrado dentro da matéria obrigatória - Educação Artística”. Salientou o valor educativo do Desenho e das Artes Plásticas “na formação do aluno, no

desenvolvimento dos dons criadores e de todas as faculdades: imaginação e expressão, sensibilidade, memória, vontade, inteligência, desenvolvimento do sentido das formas, das cores, do movimento, do gosto em geral”. No final de sua exposição, o relator concluiu que “o Desenho pode ser lecionado dentro da matéria obrigatória Educação Artística, e pode ser escolhido pela escola e ministrado como disciplina da parte diversificada”.

Embora esses pareceres destacassem a importância do Desenho ao lado da Educação Artística no currículo escolar de 1º e 2º graus, não evidenciaram de maneira objetiva, o verdadeiro papel do Desenho nessa estrutura curricular e tampouco explicaram claramente como ele poderia ser ministrado nos referidos graus de ensino.

Em 1988 foi apresentado na Câmara Federal um Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sob nº 1258/88. Depois da regular tramitação no processo legislativo, com aprovação das comissões específicas que trataram da matéria, foi o projeto de LDBEN aprovado pela Câmara Federal no dia 13/05/93 e encontra-se, presentemente, no Senado Federal para apreciação dessa Casa Legislativa.

Se e quando aprovado o Projeto de Lei pelo Congresso Nacional, serão revogadas as Leis atualmente em vigor e a regulamentação incompatível com o novo diploma legal.

Pela nova LDBEN, a Educação Básica (correspondente aos atuais 1º e 2º graus) compreende os níveis:

a) Educação Infantil, oferecida a crianças de 0 a 6 anos;

b) Ensino Fundamental, abrangendo a faixa etária de 7 a 14 anos com duração de 8 anos e subdividida em duas etapas:

- 1ª fase (5 anos)

- 2ª fase (3 anos)

c) Ensino Médio, posterior ao fundamental, com duração mínima de 3 anos ou 2400 horas de trabalho escolar (equivalente ao atual 2º grau).

O artigo 47 relaciona os objetivos específicos do Ensino Médio. Referem-se eles ao “aprofundamento e consolidação dos conhecimentos adquiridos (...) preparação do educando para continuar aprendendo (...) o desenvolvimento da capacidade de pensamento autônomo e criativo; a compreensão dos fundamentos científico-tecnológico dos processos produtivos (...) e a preparação do aluno para o exercício de profissões técnicas (...).”

O Projeto de Lei em causa, quando trata da Educação Básica dispõe em seu artigo 33 que “O ensino da arte se constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, para desenvolver a criatividade, a percepção e a sensibilidade estética, respeitadas as especificidades de cada linguagem artística, pela habilitação em cada uma das áreas, sem prejuízo da integração das artes com as demais disciplinas”.

Pelo dispositivo acima citado, subentende-se que ele poderá ser tratado como uma das linguagens componentes da Educação Artística.

Uma síntese do conteúdo apresentado nesta parte final da fundamentação teórica, destacando o 2º grau e o ensino do Desenho após 1930, pode ser observada no quadro exposto a seguir.

QUADRO 3 - Quadro Resumo: O 2º grau e o ensino do Desenho (após 1930)

Período	Legislação Educacional	Organização Curricular do Ensino Secundário	Desenho como componente curricular
Década de 30	Reforma Francisco Campos (1931) Decreto 18980 (18/4/1931) (organização do ensino secundário)	- 2 ciclos: - Fundamental (5 anos) formação básica geral - Complementar (2 anos) - curso propedêutico - Curso Médico, Farmacêutico, Odontológico - Curso de Engenharia	Desenho concebido como "meio de aquisição e de expressão da cultura" - Portaria Ministerial de 17/03/1936
Década de 40	Lei Orgânica do Ensino Secundário - Decreto-lei 4244 (9/4/1942)	- 2 ciclos: - Ginásial (4 séries) - Colegial: Clássico (3 séries) e Científico (3 séries)	Desenho concebido como "linguagem gráfica e disciplina de expressão" - Artigo 15 - estabelece o Desenho para as 3 séries do Curso Científico - Portaria nº 10 de 4/1/1963 - Programa de Desenho do Curso Científico
Década de 50		- idem à anterior	Desenho concebido como "linguagem gráfica" e como "disciplina de integração de conhecimentos de técnicas e de formação estética, com valor cultural próprio e não apenas como adestramento utilitário" - Portaria Ministerial nº 966 de 10/1/1951 - Programa de Desenho o Curso Científico - Questionamentos acerca do ensino do Desenho na década de 50: - Ênfase à arte e/ou ciência? - Aluno x Aptidão: possibilidades e limitações - A formação do professor de Desenho
Década de 60	Lei 4024/61 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)	- 2 ciclos: - Ginásial (4 anos) - Colegial (3 anos): ensino secundário e ensino técnico	- Circular CFE 1/62: Desenho é disciplina obrigatória de apenas uma, dentre as quatro combinações de quadros de organização curricular propostos. - Formação do Professor de Desenho: - Parecer CFE nº 338/62 - Currículo de Licenciatura em Desenho - Parecer CFE nº 354/69 - Currículo de Licenciatura em Desenho e Plástica
Década de 70	Lei 5692/71 (Diretrizes e Bases de Ensino)	- Ensino de 1º grau (8 séries) - Ensino de 2º grau (3 séries) - Característica principal: profissionalização universal e compulsória	- Artigo 7º da Lei 5692/71: obrigatoriedade da disciplina Educação Artística - Inclusão do Desenho na parte diversificada da grade curricular como disciplina optativa de livre escolha pelo estabelecimento dentre as relacionadas pelos CEE. - Deliberação CEE nº 18/72: especificação de 31 tipos de desenhos para a área de Representação Gráfica: - Opção da maioria das escolas: Desenho ou Desenho Geométrico
Década de 80	Lei 7044/82 (altera os dispositivos da anterior, revogando a profissionalização no ensino de 2º grau) Deliberação CEE nº 29/82 (Diretrizes para a implantação da Lei 7044/82 no Sistema de Ensino do Estado de São Paulo)	- Ensino de 2º grau: "preparação para o trabalho"	- Sem modificações em relação ao período anterior
Década de 90	Projeto de Lei nº 1258/88 - (Diretrizes e Bases da Educação Nacional) - aprovado em 13/5/93 pela Câmara Federal	Ensino Básico a) Ensino Infantil - 0 a 6 anos b) Ensino Fundamental - 7 a 14 anos - 1ª fase (5 anos) - 2ª fase (3 anos) c) Ensino Médio	Artigo 33 - "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis de educação básica (...)" - Desenho como linguagem artística

5.7 CARACTERIZANDO A ATUALIDADE: O ENSINO DO DESENHO NO 2º GRAU NAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE BAURU

As observações expostas na fundamentação teórica deste trabalho permitiram constatar que - a partir da década de 30 - o Desenho se colocou em plano de igualdade em relação às demais disciplinas, logrando uma posição definida na estrutura curricular. Essa situação perdurou até a década de 50, época em que o Desenho e seu ensino, foram alvos de questionamentos e reflexões por parte de vários autores e educadores.

O fato, porém, do Desenho não constar do elenco de disciplinas principais do currículo por ocasião da implantação da Lei 4024/61, e, figurar como obrigatória complementar a ser escolhida dentre as combinações propostas pelo CFE e CEE, abriu caminho para um processo de marginalização do seu ensino, corroborado pela reforma educacional de 71. Ao prescrever a obrigatoriedade da Educação Artística no núcleo comum do 1º e 2º graus e relacionar o Desenho como disciplina optativa da parte diversificada do currículo, a Lei 5692 quase que aboliu o espaço por ele anteriormente conquistado e contribuiu para o descaso e discriminação relativos ao seu ensino.

Esta pesquisa de campo pode ser considerada uma caracterização da situação presente do ensino do Desenho no 2º grau da rede estadual de ensino de Bauru objetivando destacar alguns de seus aspectos: a formação dos docentes que lecionam a disciplina nessa faixa de escolarização, os conteúdos programáticos propostos, os procedimentos metodológicos, os materiais didáticos e as formas de avaliação empregadas, as dificuldades dos alunos em relação ao referido ensino, bem como as dificuldades e sugestões dos professores quanto à atividade docente.

A caracterização da realidade do ensino da disciplina a nível de 2º grau buscada por este trabalho, poderá contribuir com subsídios para que a Universidade, no desempenho de sua função de extensão, colabore de maneira mais direta, efetiva e permanente com essa etapa de escolarização nesta área.

II - METODOLOGIA DA PESQUISA

Procedimentos de Coleta de Dados

Com a fundamentação teórica servindo de contexto ou, como na citação de ALVES (1992): “Teorias são redes; somente aqueles que as lançam pescarão alguma coisa...” (p. 92) esta pesquisa buscou dados concernentes ao ensino do Desenho nas escolas estaduais de 2º grau do município de Bauru.

Inicialmente, um levantamento efetuado junto à Delegacia de Ensino permitiu verificar que 15 (quinze) escolas estaduais oferecem ensino de 2º grau nessa cidade.

Identificadas as referidas escolas, efetuaram-se visitas a cada uma delas para constatar a presença do Desenho na grade curricular, o número de aulas semanais e de séries a ele destinadas, bem como o total de professores ministrando a disciplina. Assim, os sujeitos da pesquisa puderam ser estabelecidos. Inicialmente, a população foi então composta de 18 professores.

Após esse levantamento, procedeu-se à coleta de informações em duas etapas.

Na primeira delas, as informações foram obtidas através de entrevistas realizadas junto à totalidade da população pesquisada, ou seja, 18 professores atuantes no 2º grau lecionando Desenho. Optou-se por questões do tipo aberto na elaboração do roteiro-entrevista utilizado. (anexo 14). Este instrumento de coleta de dados permitiu a verificação de alguns aspectos referentes ao ensino do Desenho no 2º grau: objetivos da disciplina, conteúdos programáticos, instrumentos e critérios de avaliação e dificuldades demonstradas pelos alunos em relação ao ensino da disciplina. Além destes dados, a aplicação do instrumento possibilitou constatar a caracterização profissional e a situação funcional dos professores.

Na segunda etapa da coleta de dados, 15 (quinze) professores - um licenciado em Matemática; seis, licenciados em Educação Artística e oito, licenciados em Desenho e Plástica - se dispuseram a gravar entrevista para aprofundamento das informações, objeto da pesquisa. Para tal procedimento, optou-se, também, por um roteiro-entrevista com questões do tipo aberto (anexo 15). A aplicação deste instrumento tornou possível detectar outros aspectos referentes ao tema-objeto deste trabalho, tais como: a concepção que os professores possuem a respeito do 2º grau; a importância atribuída ao Desenho, como componente básico cotidiano e como disciplina escolar; as dificuldades, os problemas e as sugestões por eles apontados, quanto à prática docente.

A sistematização dos dados não mereceu uma análise estatística mais sofisticada, principalmente pela maneira como foram solicitadas as questões (em aberto). Optou-se por uma análise estatística simples em termos de porcentagem, cálculo que pareceu mais adequado e exigido pelos dados disponíveis.

Para a apresentação, os dados foram agrupados do seguinte modo:

1. Caracterização das escolas estaduais de 2º grau de Bauru.
2. Caracterização do Desenho na grade curricular das escolas estaduais de 2º grau de Bauru.
3. Caracterização dos professores atuantes no 2º grau lecionando Desenho nas escolas estaduais de Bauru.
4. Caracterização do ensino do Desenho nas escolas estaduais de 2º grau de Bauru.

III - RESULTADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos foram categorizados, organizados em itens e são apresentados a seguir, através de quadros e gráficos.

1. Caracterização das escolas estaduais de 2º grau de Bauru

O quadro 4 (página seguinte) demonstra a totalidade das escolas estaduais do município de Bauru que oferecem ensino de 2º grau e sua localização nos setores geográficos estabelecidos pela Delegacia de Ensino de Bauru.

O gráfico 01 (página seguinte) revela que 46% das escolas de 2º grau diurnas e 100% das que funcionam no período noturno, oferecem a modalidade de curso previsto no Inciso III do Artigo 7º da Deliberação CEE 29/82, que permite a opção por um ensino de 2º grau despojado de uma conotação estritamente profissionalizante, concentrando os estudos na área de formação geral.

Em uma proporção acentuadamente menor, 20% das escolas de 2º grau optam pela Habilitação Específica de 2º grau para o magistério no período diurno e 6,6% no período noturno. Em 13% das escolas de 2º grau do período noturno verifica-se a opção pela Habilitação Técnica em Contabilidade.

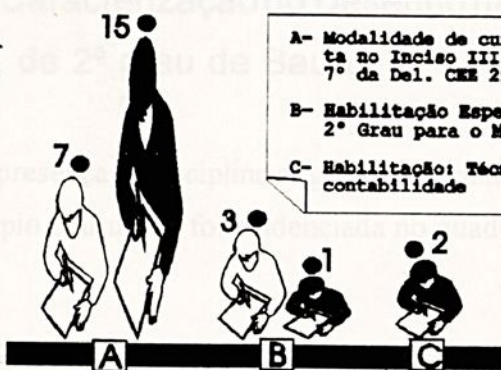
Justificando a maior incidência da opção pela modalidade Inciso III, obteve-se junto à supervisão de ensino de 2º grau da Delegacia de Ensino de Bauru, a informação de que, para a instalação de um curso de 2º grau, é levada em consideração a manifestação da comunidade, que geralmente solicita o curso com a referida modalidade. No entender da supervisão de ensino de 2º grau, este fato representa para a Delegacia de Ensino, a melhor opção devido à falta de infraestrutura para a instalação de cursos técnicos, bem como a escassez de professores habilitados para as áreas técnicas. Em relação aos alunos, as dificuldades se referem ao encarecimento do material por eles utilizado e à “dificuldade de acompanhar intelectualmente um curso essencialmente técnico”.

OPÇÕES DE HABILITAÇÕES

2º Grau - Rede Estadual - Bauru - 1992

Fonte: Delegacia de Ensino

NÚMERO DE ESCOLAS



A- Modalidade de curso prevista no inciso III do artigo 7º da Del. CEE 29/82

B- Habilidade Específica do 2º Grau para o Magistério

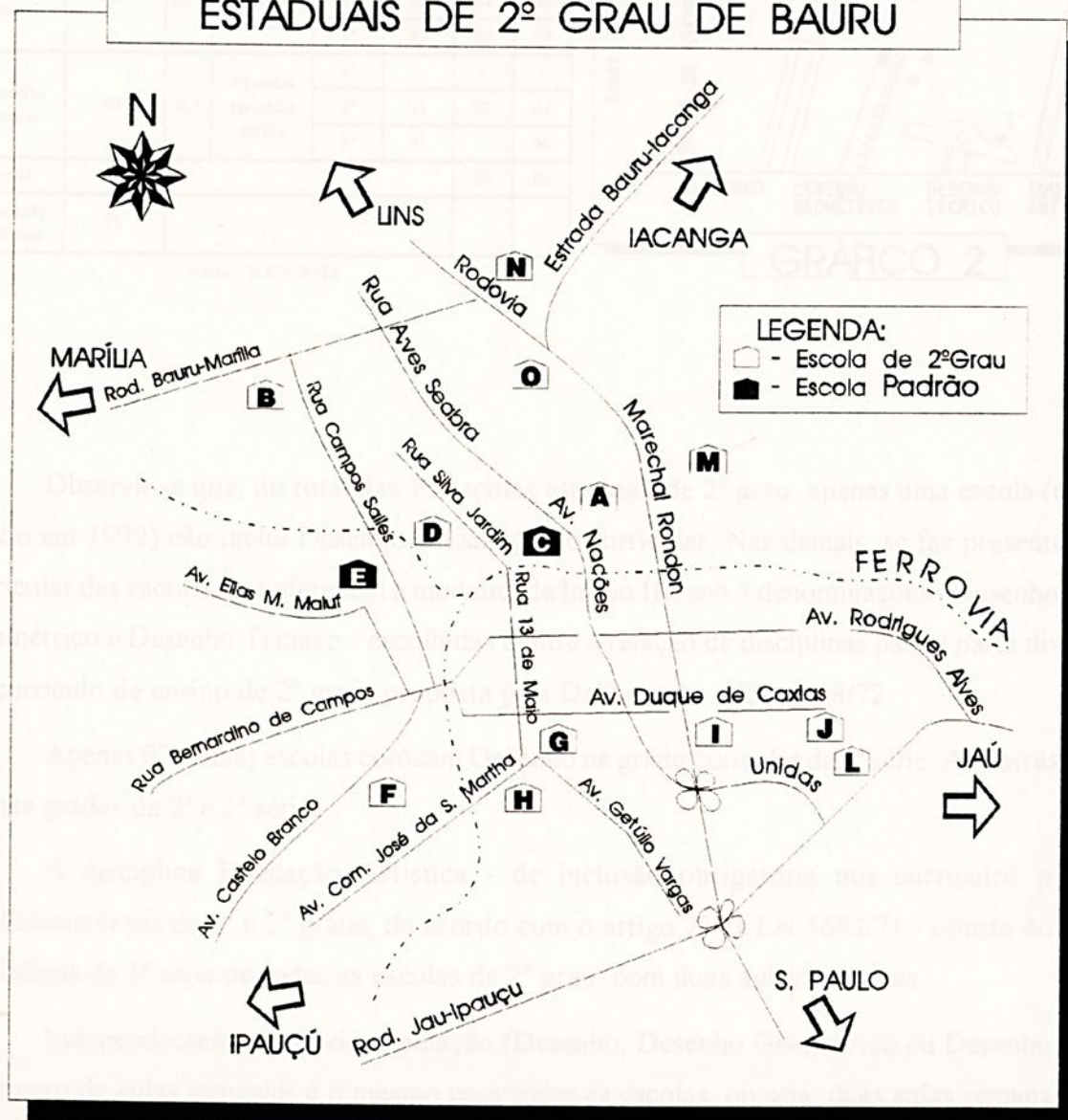
C- Habilidade: Técnico em contabilidade

GRÁFICO 1

QUADRO 4 - Relação das Escolas Estaduais de 2º Grau do Município de Bauru			Setor
A	E.E.P.S.G. "Joaquim Rodrigues Madureira"		01
B	E.E.P.S.G. "Im. Arminda Sbrissia"		02
C	E.E.P.S.G. "Prof. Moraes Pacheco"		03
D	E.E.P.S.G. "Prof. Jose Ap. Guedes de Azevedo"		03
E	E.E.P.S.G. "Stela Machado"		05
F	E.E.P.S.G. "Plínio Ferraz"		06
G	E.E.P.S.G. "Ernesto Monte"		08
H	E.E.P.S.G. "Prof. Cristino Cabral"		08
I	E.E.P.S.G. "Dr. Luiz Zanani"		11
J	E.E.P.S.G. "Azarias Leite"		12
L	E.E.P.S.G. "Francisco Alves Brizola"		13
M	E.E.P.S.G. "João Maringoni"		14
N	E.E.P.S.G. "Prefeito Edson Bastos Gasparini"		15
O	E.E.P.S.G. "Carolina Lopes de Almeida"		01
P	E.E.P.S.G. "Prof. Walter Barreto Melchert"		16

Fonte: Delegacia de Ensino

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE 2º GRAU DE BAURU

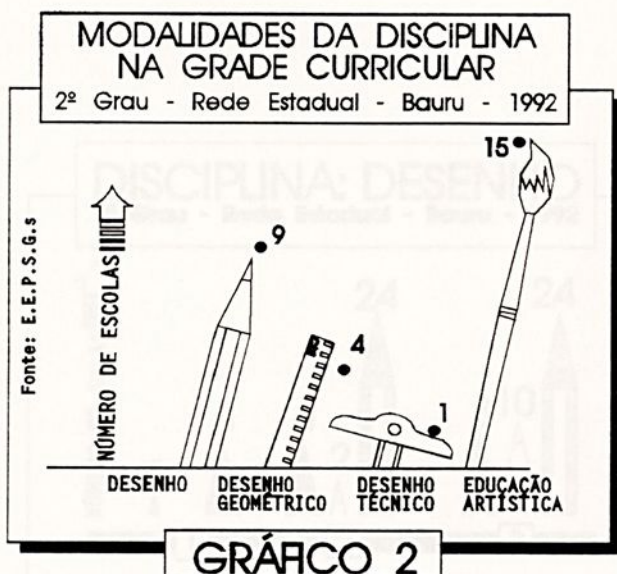


2. Caracterização do Desenho na grade curricular das escolas estaduais de 2º grau de Bauru

A presença da disciplina na grade curricular dos estabelecimentos estaduais de ensino de 2º grau no município bauruense foi evidenciada no quadro 5 e no gráfico 2.

Disciplina	Nº de Escolas	%	Aulas Semanais	Séries	Escola	Nº de Aulas	
						Diu.	Not
Desenho	09	60.0	02 aulas (p/ cada série)	1ª	01	-	06
				2ª	06	02	24
				3ª	08	10	24
Desenho Geométrico	04	26.6	02 aulas (p/ cada série)	1ª	01	-	04
				2ª	02	04	08
				3ª	03	02	10
Desenho Técnico	01	6.7	02 aulas (p/ cada série)	1ª	-	-	-
				2ª	01	02	04
				3ª	01	-	06
Total	14					20	86
Educação Artística	15						

Fonte : E.E.P.S.G.s



Observa-se que, do total das 15 escolas estaduais de 2º grau, apenas uma escola (com curso criado em 1992) não inclui Desenho em sua grade curricular. Nas demais, se faz presente na grade curricular das escolas que oferecem a modalidade Inciso III, sob 3 denominações - Desenho, Desenho Geométrico e Desenho Técnico - escolhidas dentre a relação de disciplinas para a parte diversificada do currículo de ensino de 2º grau, proposta pela Deliberação CEE nº 18/72.

Apenas 02 (duas) escolas colocam Desenho na grade curricular da 1ª série. As outras, incluem-no nas grades da 2ª e 3ª séries.

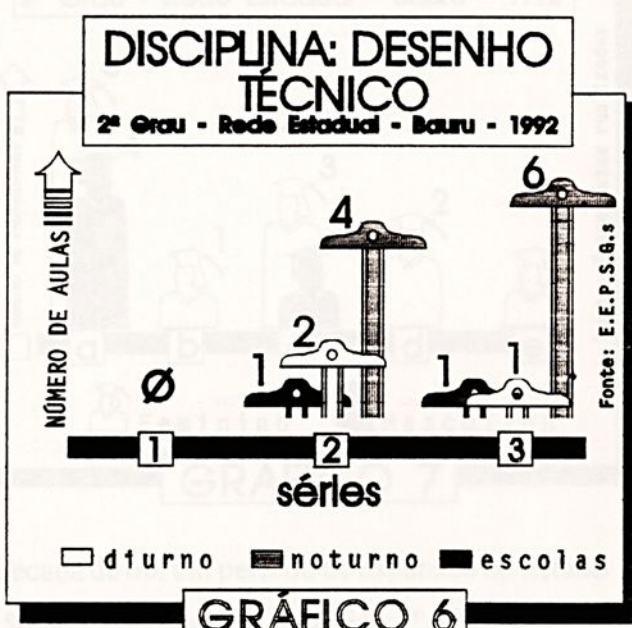
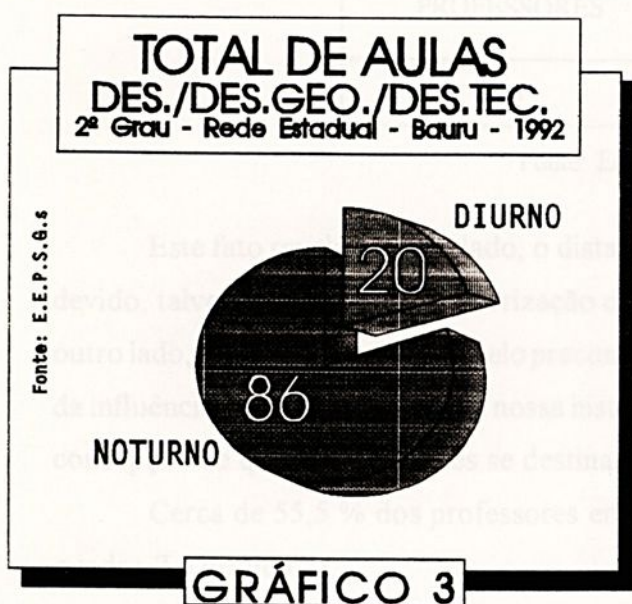
A disciplina Educação Artística - de inclusão obrigatória nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, de acordo com o artigo 7º da Lei 5692/71 - consta do elenco de disciplinas da 1ª série de todas as escolas de 2º grau, com duas aulas semanais.

Independentemente da denominação (Desenho, Desenho Geométrico ou Desenho Técnico), o número de aulas semanais é o mesmo para todas as escolas, ou seja, duas aulas semanais.

3. Caracterização dos professores atuantes no 2º grau lecionando Desenho nas escolas estaduais de Bauru.

O número de aulas da disciplina ministrada no período noturno corresponde a 81% do total das aulas em todos os estabelecimentos (vide gráfico 3).

Reforçando esta observação, os gráficos 4, 5 e 6 permitem visualizar, além da maior incidência das aulas no período noturno, a maior distribuição, também, das aulas nas 2ªs. e 3ªs. séries de cada uma das escolas de 2º grau que oferece a disciplina sob as 3 denominações: Desenho, Desenho Geométrico e Desenho Técnico.



3. Caracterização dos professores atuantes no 2º grau lecionando Desenho nas escolas estaduais de Bauru.

Os dados apresentados a seguir foram coletados junto aos professores nos estabelecimentos de ensino e possibilitaram observar, primeiramente, a predominância do sexo feminino (72,2%), atuando no magistério da disciplina Desenho, conforme demonstra o quadro abaixo.

QUADRO 6 - Distribuição por sexo dos professores que atuam no 2º Grau estadual de Bauru lecionando desenho.				
TOTAL DE PROFESSORES	SEXO			
	F	%	M	%
18	13	72,2	5	27,8

Fonte: Entrevistas realizadas

Este fato revela, por um lado, o distanciamento do sexo masculino dos quadros do magistério devido, talvez, à crescente desvalorização da profissão como também à sua baixa remuneração. Por outro lado, poderia ser explicado pelo preconceito contra as atividades manuais e artísticas proveniente da influência jesuítica, presente na nossa história cultural até os dias atuais, e, também, pela acentuada concepção de que tais atividades se destinam, primordialmente, ao sexo feminino.

Cerca de 55,5 % dos professores entrevistados são licenciados em Desenho e Plástica (vide quadro 7 e gráfico 7).

QUADRO 7 - Formação dos professores que lecionam desenho nos estabelecimentos estaduais de 2º grau de Bauru.					
LICENCIATURA		Nº de Profs.	F	M	%
A	Desenho e Plástica	10	6	4	55,5
B	Educação Artística / habilitação em Artes Plásticas	01	1	-	5,6
C	Educação Artística / habilitação em Desenho	04	3	1	22,2
D	Educação Artística / habilitação em Artes Plásticas / habilitação em Desenho	02	2	1	11,1
E	Matemática	01	1	-	5,6

Fonte: Entrevistas realizadas



Iniciada nos anos 50, esta licenciatura teve na década de 60, um período de expansão no Estado de São Paulo e em outras cidades brasileiras. A Lei 5692/71 determinou no artigo 7º, a inclusão da Educação Artística como componente curricular obrigatório no núcleo comum do 1º e 2º graus. Este fato levou à substituição das licenciaturas de Desenho e Plástica pelas licenciaturas em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, em Desenho ou em ambas. Com exceção de uma

professora - que se restringiu apenas à licenciatura em Desenho e Plástica - os demais professores licenciados nesse curso complementaram-no com outros cursos: licenciatura em Educação Artística (habilitação em Artes Plásticas); Artes Industriais; Pedagogia (Administração e Supervisão); Música; Belas Artes; Letras; Especialização em Desenho Geométrico, em Teatro e Cenografia; Pós-Graduação em Programação Visual e Mestrado (cursando). Os licenciados em Educação Artística, com habilitação em Desenho, acrescentaram à sua formação, os cursos de Pedagogia (Administração e Supervisão), Belas Artes e de Música. Os demais, não complementaram os cursos de Licenciatura em Educação Artística com outros tipos de formação. A única professora portadora da licenciatura em Matemática, complementou-a com o curso de Ciências.

Referindo-se ao ensino de Desenho que tiveram nos cursos de grau médio (antigos Ginásio, Clássico, Científico ou Curso Normal), os professores entrevistados apontaram algumas atitudes neles impressas pelos professores que lecionaram a disciplina nos referidos cursos. Essas atitudes - "habilidade", "competência", "rigor" e "exigência" dos professores que lhes ministraram aulas - foram marcantes para a atividade didática da maioria dos entrevistados e decorrentes da modalidade mais lembrada pelos mesmos: o Desenho geométrico. Dois professores se referiram às lembranças do Desenho decorativo como "positivas e decisivas" para a escolha da carreira profissional. Somente uma professora entrevistada disse não possuir recordação alguma das aulas de Desenho nos seus cursos de formação no grau médio.

Houve apenas uma referência quanto à influência familiar (especificamente do pai) no desenvolvimento da percepção de formas na natureza e no meio ambiente.

Observou-se também que 50% dos entrevistados se dedicam - além do magistério - a alguma atividade que envolve o Desenho quer como lazer, quer como atividade profissional. Isto permitiu detectar uma visão mais ampla por parte dos mesmos a respeito da concepção e da importância do Desenho, não apenas como disciplina escolar, mas também como componente básico da vida cotidiana e de inúmeras atividades humanas.

Considerando-se a faixa etária dos professores, observa-se apenas um entrevistado (5,6%) localizado na faixa dos 20 aos 29 anos (vide quadro 8 e gráfico 8), enquanto que os demais são mais velhos. Este resultado poderia ser justificado pelo desinteresse dos jovens em geral, para com o

QUADRO 8 - Faixa etária dos professores que lecionam Desenho nas escolas estaduais de 2º grau de Bauru.

IDADE (em anos)	Nº de Profs.	F	M	%
20 a 29 anos	01	1	-	5,6
30 a 39 anos	06	5	1	33,3
40 a 49 anos	07	4	3	38,9
50 a 59 anos	04	3	1	22,2

Fonte: Entrevistas realizadas



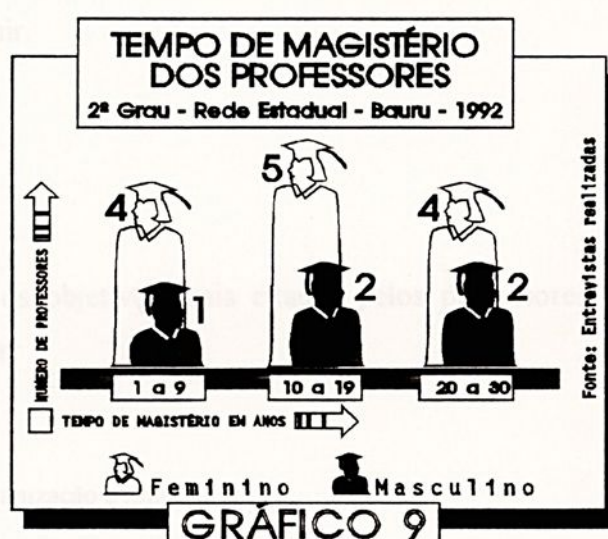
magistério, desprovido de atrativos, em decorrência do descaso e desvalorização da profissão ou pela baixa remuneração oferecida.

Em relação à área pesquisada (Desenho), esta porcentagem mínima pode ser ocasionada, também, pela ausência de cursos de licenciatura em Desenho na atualidade.

Os portadores da habilitação em Educação Artística (Artes Plásticas) e em Matemática - totalizando 27,8% dos entrevistados - são os que possuem menor tempo de experiência de ensino (inferior a 10 anos, conforme evidenciam o quadro 9 e o gráfico 9). Os demais são habilitados em Desenho e Plástica pela antiga Fundação Educacional de Bauru (com exceção de uma professora portadora da habilitação plena em Desenho, oferecida em Franca, S.P.).

QUADRO 9 - Tempo de magistério em Desenho dos professores atuantes no 2º grau da rede estadual de Bauru.				
TEMPO DE MAGISTÉRIO EM DESENHO (anos)	Nº de Profs.	F	M	%
01 a 09 anos	05	4	1	27,8
10 a 19 anos	07	5	2	38,9
20 a 30 anos	06	4	2	33,3

Fonte: Entrevistas realizadas



Os dados revelam que apenas 11,1 % dos professores são efetivos concursados, não em Desenho, porém, na disciplina Educação Artística. Os professores estáveis (27,8%) adquiriram a referida estabilidade na disciplina Desenho (a legislação permite aos professores, a situação funcional de estabilidade no cargo, após 5 anos ininterruptos de magistério, de acordo com sua habilitação). A metade dos professores entrevistados, ACTs - admitidos em caráter temporário -, se sujeita a uma situação profissional insegura e instável, condicionada, na maioria das vezes, à rotatividade por várias escolas. Esta situação parece ser consequência das constantes alterações ocorridas na política educacional e do longo distanciamento de tempo entre os concursos para efetivação nos quadros do magistério.

QUADRO 10 - Situação funcional dos professores que lecionam Desenho no 2º grau da rede estadual de Bauru.				
VÍNCULO EMPREGATÍCIO	Nº de Prof.	F	M	%
Efetivo	02	-	2	11,1
C.L.T.	02	2	-	11,1
A.C.T.	09	7	2	50,0
Estável	05	4	1	27,8

Fonte: Entrevistas realizadas



4. Caracterização do ensino do Desenho nas escolas estaduais de 2º grau de Bauru

Os dados que permitem caracterizar alguns aspectos do ensino do Desenho no 2º grau da rede estadual de Bauru, foram coletados junto aos professores nos estabelecimentos de ensino, através das entrevistas realizadas. Os conteúdos programáticos, apresentados nos planejamentos anuais escolares, foram obtidos nas quinze escolas de 2º grau.

As questões formuladas para o roteiro-entrevista (anexo 14) possibilitaram detectar dados concernentes ao ensino do Desenho, relatados a seguir.

4.1 Objetivos da disciplina

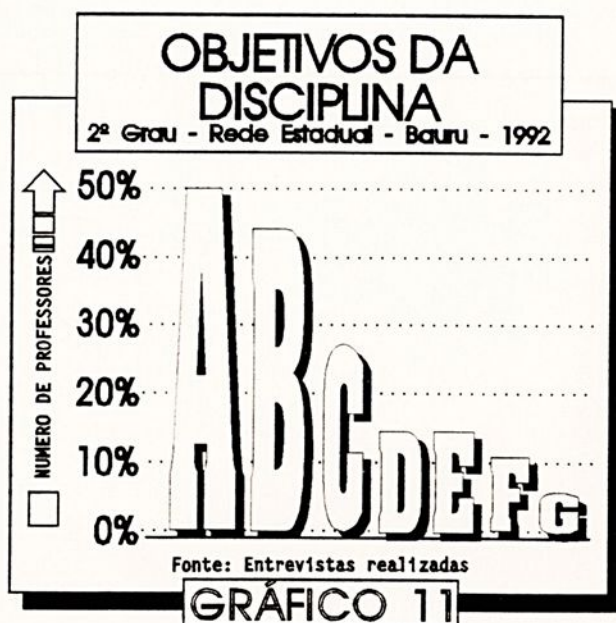
O quadro 11 e o gráfico 11 revelam que os objetivos mais citados pelos professores, independentemente das 5 diferentes formações, foram:

- desenvolver o raciocínio lógico;
- desenvolver hábitos de precisão, organização e limpeza;
- preparar para o vestibular.

QUADRO 11 - Classificação, por ordem de frequência, dos objetivos citados pelos professores que lecionam Desenho nas escolas estaduais de 2º grau de Bauru

OBJETIVOS DO DESENHO PARA O 2º GRAU		Nº de Professores	%
A	Desenvolver o raciocínio lógico	09	50,0
B	Desenvolver hábitos de precisão, organização e limpeza	08	44,4
C	Preparar para o vestibular	05	27,8
D	Desenvolver habilidade no uso de instrumentos	03	16,6
E	Auxiliar a Matemática	03	16,6
F	Perceber a necessidade e importância do Desenho geométrico para a realidade cotidiana	02	11,1
G	Outros	01	05,0

Fonte: Entrevistas realizadas



Esta classificação evidenciou:

- a ênfase a uma visão tradicional de educação alicerçada em objetivos formulados no século XIX, que denotam a nítida influência positivista quanto ao aspecto intelectual (preocupação com o raciocínio, com a precisão e organização) e quanto à finalidade propedêutica da escola de 2º grau, ou seja, preparo para o vestibular;

- a primazia do Desenho como técnica, em detrimento de sua concepção como linguagem. Os professores consultados foram unânimes em destacar a modalidade Desenho geométrico como “a base de tudo”, atribuindo-lhe valor exclusivo como fim em si mesmo e acentuando a desvinculação entre a teoria e a prática. Apenas dois (2) professores apontaram para o seu valor como meio ao tentarem levar o aluno a “perceber a necessidade e importância do Desenho geométrico para a realidade cotidiana”.

O item “outros” foi apontado pela minoria dos entrevistados, ou seja, um professor para cada objetivo:

- “desenvolver coordenação motora e hábitos de memória e atenção”
- “aplicar o Desenho na decoração”
- “conhecer a vida de artistas”

Em coerência aos objetivos do ensino do Desenho para o 2º grau, os objetivos propostos em 1992 às quinze escolas que aderiram ao referido grupo de experimentação, denotaram predomínio dos tópicos referentes ao Desenho geométrico, independentemente da nomenclatura atribuída à disciplina,

4.2 Conteúdos Programáticos

Quadro 12 - Conteúdos programáticos ministrados nas escolas estaduais de 2º grau de Bauru										
TÓPICOS		MODALIDADES								
		DESENHO			DESENHO GEOMÉTRICO			DESENHO TÉCNICO		
		Séries/Nº de Escolas			Séries/Nº de Escolas			Séries/Nº de Escolas		
		1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª
CONSTRUÇÕES FUNDAMENTAIS		1	3	3		1				
DIVISÃO DE SEGMENTOS			1							
CONSTRUÇÃO COM SEGMENTOS:	Média Geométrica, Aplicação do Teorema de Pitágoras, Segmento Aureo.		1							
ÂNGULOS			4	2						
TEOREMA DO ÂNGULO INSCRITO E CENTRAL							1			
LUGARES GEOMÉTRICOS		1	4	2	1	2	2		1	1
TRIÂNGULOS - PONTOS NOTÁVEIS		1	4	2	1	1	1			
TRIÂNGULOS - CONGRUÊNCIA		1								
QUADRILÁTEROS			2	2	1	1	1			
POLÍGONOS			3	2						
POLÍGONOS ESTRELADOS			1							
ÁREA DE FIGURAS PLANAS				3						
EQUIVALÊNCIA				2			1			
RAZÃO E PROPORÇÃO			2							
SIMETRIA - TRANSLAÇÃO				2						
SEMELHANÇA			1		1				1	
HOMOTETIA				3			1		1	
CIRCUNFERÊNCIA E CÍRCULO			3	3						
RETIFICAÇÃO DE CIRCUNFERÊNCIA			1							
POTÊNCIA DE PONTO				1		1				
TANGÊNCIA			1	3	1	1	1		1	1
CONCORDÂNCIA				2	1		2			
ARCOS - ESPIRAIS - OVAIS - OVOIDES				2			2			
CÔNICAS				2			1			
CURVAS CÍCLICAS				1	1					
HELICES				1	1					
NOÇÕES GERAIS DE DESENHO TÉCNICO:	Convenções, Linhas, Símbolos		2	2					1	1
SISTEMAS DE PROJEÇÕES - PROJEÇÃO ORTOGONAL										1
COTAGEM				2			1		1	1
CORTES										1
ESCALA			1	2			1			
ORGANIZAÇÃO ESPACIAL:	Diedros, Épuras		1	1			1		1	1
PERSPECTIVA DE OBSERVAÇÃO				1						
PERSPECTIVA ISOMÉTRICA - ORTOGONAL				2			1		1	
PERSPECTIVA COM 1 PONTO DE FUGA			1	1						
PERSPECTIVA COM 2 E 3 PONTOS DE FUGA				1						
SOMBRA PRÓPRIA E PROJETADA				1						
ELEVAÇÕES ARQUITETÔNICAS				1						
PLANTAS DE CASA										1
LETRAS E NÚMEROS TIPO BASTÃO			2							
PERSPECTIVA DE LETRAS E NÚMEROS			1							
LETRAS - EFEITOS ORNAMENTAIS			1							
AMPLIAÇÃO DE DESENHOS E FIGURAS GEOMÉTRICAS			1							
SÓLIDOS GEOMÉTRICOS			1							
LUZ E COR			1							
MESTRES DA PINTURA E ARQUITETURA BRASILEIRA			1							

Fonte: E. E. P. S. Gs.

Em coerência aos objetivos do ensino do Desenho para o 2º grau, os conteúdos propostos em 1992 às quinze escolas que oferecem o referido grau de escolaridade, denotaram predomínio dos tópicos referentes ao Desenho geométrico, independentemente da nomenclatura atribuída à disciplina,



na grade curricular (Desenho, Desenho Geométrico ou Desenho Técnico), conforme se constata no quadro 12.

Nas escolas (quadro 12) em que a disciplina se apresenta sob a denominação Desenho - que permite outras formas de manifestação gráfica como linguagem artística e expressiva - observa-se a concentração quase que exclusiva dos conteúdos de Desenho geométrico.

Os itens referentes a “sistemas de projeção”, “representação espacial”, e “perspectiva” constaram apenas da relação de conteúdos elaborada por licenciados em Desenho e Plástica. Os seis últimos tópicos do quadro 12 - distantes do predomínio do Desenho geométrico diretamente relacionado com a Matemática - foram registrados na relação de conteúdos efetuada por licenciada em Educação Artística que, em entrevista - justificando a dificuldade proveniente de sua formação no que tange ao Desenho enquanto linguagem técnica - julgou mais conveniente abordar os tópicos acima mencionados.

As respostas ao roteiro-entrevista possibilitaram constatar, também, que:

- a seleção dos conteúdos é embasada em:
 - livros (na maioria, de 1º grau);
 - em “planos do ano passado”, na “experiência e vivência” do professor;
 - nos programas utilizados na 7ª e 8ª séries (este procedimento foi justificado como “aprofundamento e reforço” dos conteúdos ministrados nessas séries do 1º grau a se efetuar no 2º grau);
 - nos programas para concurso vestibular (esta atitude foi apontada apenas pela licenciada em Matemática);
 - dois professores licenciados em Desenho e Plástica (um deles responsável pela modalidade Desenho Técnico) elaboram a seleção do conteúdo a ser ministrado, após a sondagem de interesse dos alunos, revelando a preocupação com a busca e conscientização do objetivo de cada conteúdo, bem como das aplicações práticas da disciplina.
- os licenciados em Educação Artística, e com tempo menor de experiência de ensino, demonstraram
 - com uma exceção apenas - dificuldades para elaborar e dosar a seleção dos assuntos a serem ministrados. Dentre os 10 (dez) licenciados em Desenho, somente um - lecionando pela primeira vez no 2º grau - deixou transparecer essa dificuldade. Os demais professores se mostraram seguros quanto a este aspecto da prática docente;
- os professores entrevistados portadores da licenciatura em Educação Artística, que poderiam - pela natureza de sua formação - apresentar uma visão mais ampla do Desenho enquanto linguagem expressiva e artística, parecem não se desprender dos conteúdos típicos do Desenho geométrico; e
- a falta de habilidade (tendência) para outros ramos do Desenho, por parte dos professores e dos alunos, parece ter sido a justificativa para a abordagem quase que exclusiva do Desenho geométrico, além daquelas evidenciadas nos objetivos do ensino da disciplina (tópico 4.1).

Alguns professores assim se manifestaram a respeito:

- "... aí, entrei em pânico, porque em Desenho Artístico eu sou péssima. Eu desenho mesmo com instrumentos... tanto, que na parte de Plástica, quando fiz, tinha Desenho artístico e eu não suportava. Eu não conseguia. Fazia porque tinha que fazer. Não dou e, quando dou, é uma parte da criatividade passando pro técnico, pra geometria... Não dou desenho de objeto, de olhar... Não dou, porque não sei depois como trabalhar com eles..." (SIC)

- "... Desenho expressivo? Eles têm dificuldade. Não é fácil, porque eles falam: - eu não sei desenhar! Eu digo: - eu também não sei! Porque eu também não sei! Então, vamos desenhar juntos. Essa parte é difícil! Nossa Senhora! O que eles me xingam! Tem gente que tem muita facilidade. Mas, a maioria!... É que eles acham que não vão conseguir. Então já partem disso. Só no 'vamos tentar' eles já acham ruim. Quando sai alguma coisa, aí sim! É aquilo que falei: tinha que ter 2 professores para as duas modalidades..." (SIC)

- "... acho que aprender Desenho artístico, você não consegue em uma aula ensinar um traço para o aluno. Você consegue passar algumas informações para que ele, depois, vá se condicionar e atingir o objetivo, depois de algum tempo que pode ser 2 horas, 3 horas, 4 semanas, 6 meses, 1 ano... Desenho é prático, não é teórico principalmente o artístico... A resposta não é imediata como o Desenho geométrico..." (SIC)

4.3 Procedimentos de Ensino de Desenho

Os relatos dos professores entrevistados caracterizam um panorama tradicional de ensino constituído de "exposição verbal", "esboço para explicação", "resolução de exercícios com instrumentos", "repetição de exercícios para fixação..." constatados no quadro 13 e no gráfico 12.

Coerentemente aos objetivos propostos e ao conteúdo que privilegiou o Desenho geométrico, a referência quase unânime à "resolução de exercícios com instrumentos pelo professor e pelo aluno" revela o destaque especial atribuído ao rigor, ao traçado preciso, característicos da metodologia aplicada ao ensino do Desenho desde o século passado.

QUADRO 13 - Classificação, por ordem de frequência, dos procedimentos de ensino utilizados pelos professores que lecionam Desenho no 2º grau da rede estadual de Bauru

PROCEDIMENTOS DE ENSINO		Nº de Profs.	%
A	Exposição verbal do assunto	18	100
B	Demonstração do assunto na lousa com instrumentos	17	94,4
C	Resolução de exercícios com instrumentos pelo aluno	17	94,4
D	Resolução em rascunho primeiramente	13	72,2
E	Demonstração do assunto na lousa à mão livre	04	22,2
F	Repetição do exercício para fixação	04	22,2
G	Resolução de lista de exercícios	03	16,6
H	Associação do assunto à realidade cotidiana	02	11,1
I	Elaboração da sequência de passos para a resolução do exercício	02	11,1
J	Resolução do exercício à mão livre pelo aluno	02	11,1
L	Atenção individualizada aos alunos	02	11,1
M	Outros	01	05,0

Fonte: Entrevistas realizadas



Procedimentos importantes como “associação do assunto à realidade cotidiana” e “resolução do exercício à mão livre pelo aluno” foram pouco valorizados pelos professores consultados. A respeito deste último procedimento citado, um entrevistado assim se manifestou: “... normalmente, no colegial, procuro ir tirando o vício do esboço a mão livre...”

No item “outros”, destacaram-se procedimentos pouco significativos para a maioria dos professores, pois foram apontados por um número restrito da população consultada, ou seja, um entrevistado para cada procedimento:

- “resolução de exercícios na lousa, pelos alunos”
- “associação do assunto à Matemática e à História” (citado apenas pela licenciada em Matemática)
- “pesquisa em grupos na biblioteca e exposição verbal do aluno sobre a pesquisa realizada” (referente ao último item dos conteúdos programáticos apresentados no quadro 12)

Não se verificou a adoção de livro didático por nenhum entrevistado. De um modo geral, observou-se uniformidade nos procedimentos em relação às diferentes formações da população consultada, procedimentos esses fundamentados numa metodologia de ensino conservadora.

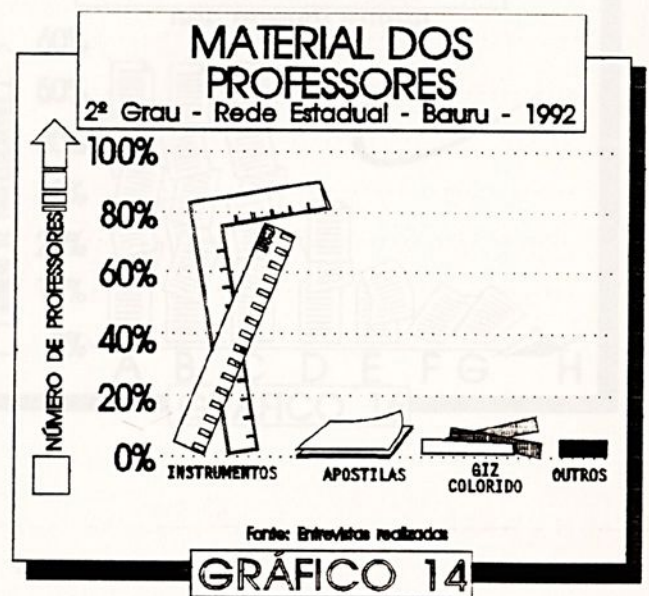
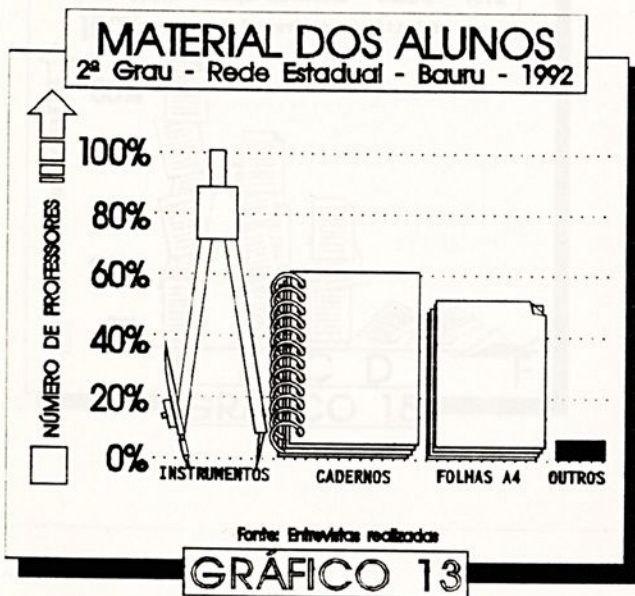
Os professores deixaram transparecer pouca preocupação e valorização a procedimentos que ensejam uma participação mais dinâmica pessoal e crítica dos alunos, como: a discussão e a pesquisa em torno das diferentes formas de representação da realidade através do Desenho (técnica/geométrica e artística); a procura da relação entre Desenho e outras disciplinas; da relação entre conceitos aprendidos e o meio natural e cultural, a busca de soluções diferentes para um mesmo exercício etc.

4.4 Material

O quadro 14 e os gráficos 13 e 14 demonstram que apenas um professor, dentre os consultados, não solicita, nem utiliza os instrumentos básicos (régua, compasso, esquadros, transferidor) para o Desenho, enquanto linguagem técnica. No item “outros” do material solicitado ao aluno, figuram: papel vegetal, régua T, curva francesa, cartolina, lápis de cor, revistas e lapiseira:

QUADRO 14 - Classificação, por ordem de frequência, do material solicitado ao aluno e utilizado pelos professores de Desenho do 2º grau da rede estadual de Bauru							
SOLICITADO AO ALUNO		Nº de Professores	%	UTILIZADO PELO PROFESSOR		Nº de Professores	%
A	Instrumentos	17	94,4	A	Instrumentos	17	94,4
B	Caderno	11	61,1	B	Apostilas xerocadas	02	11,1
C	Folhas de sulfite	09	50,0	C	Giz colorido	02	11,1
D	Outros	01	05,0	D	Outros	01	05,0

Fontes: Entrevistas Realizadas



No material do professor, faz parte do item “outros”, a utilização de slides, retroprojektor, filme e material mimeografado (para serem empregados no último tópico do quadro 12 referente aos conteúdos programáticos).

A falta do material básico, solicitado ao aluno, ocasionada pelo baixo poder aquisitivo, pelo esquecimento ou pelo desinteresse, foi um problema levantado por todos os entrevistados, no entanto, contornado e em grande parte solucionado mais rapidamente durante o ano letivo, pelos professores licenciados em Desenho e em Matemática e com maior tempo de experiência de ensino.

Quanto ao material empregado pelo professor, a queixa recaiu sobre a carência e o estado do mesmo.

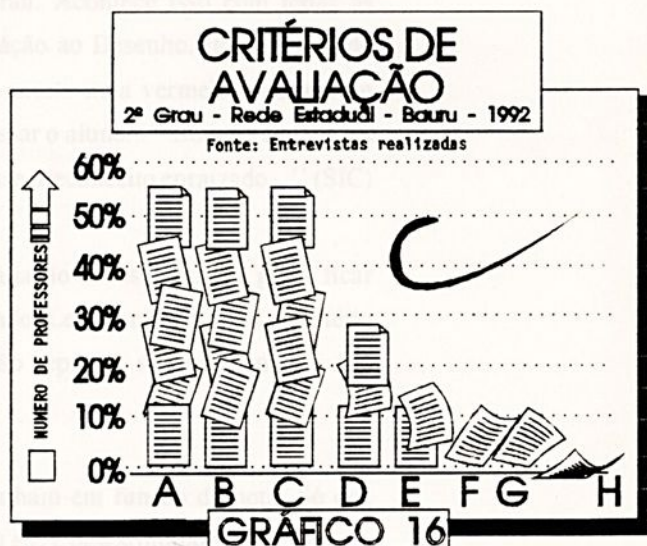
- “... encontramos os instrumentos deteriorados!...” (SIC)
- “... falta material para trabalhar. Tem escola que não tem um compasso. Às vezes, temos que trazer o esquadro para casa para arrumar. Régua, eu chamo de 'curva de nível'...” (SIC)

4.5 Avaliação

QUADRO 15 - Classificação, por ordem de frequência, dos instrumentos e critérios de avaliação utilizados pelos professores que lecionam Desenho no 2º grau estadual em Bauru

INSTRUMENTOS		Nº de Profs	%	CRITÉRIOS		Nº de Profs.	%
A	Prova	17	94,4	A	Raciocínio demonstrado	10	55,5
B	Trabalhos	13	72,2	B	Traçado correto e preciso	10	55,5
C	Caderno	09	50,0	C	Limpeza, organização e capricho	10	55,5
D	Trabalhos em grupo	03	16,6	D	Domínio do assunto	05	27,8
E	Exercícios e atividades	03	16,6	E	Criatividade nos trabalhos	03	16,6
F	Chamada oral	01	05,0	F	Resposta exata	02	11,1
				G	Interesse e força de vontade	02	11,1
				H	Outros	01	05,0

Fonte: Entrevistas realizadas



A realização de provas gráficas objetivando, primordialmente as construções geométricas, a verificação de trabalhos individuais visando a resolução de exercícios geométricos, foram os instrumentos de avaliação mais indicados pelos professores, independentemente de sua formação. Apenas dois entrevistados (licenciados em Ed. Artística com habilitação em Artes Plásticas e Desenho) emitiram opiniões divergentes quanto aos instrumentos de avaliação. Um deles, assim se manifestou: “... provas questionativas. Ele tem que dar resposta gráfica. Quem sabe fazer, faz. Não faço avaliação de caderno. Caderno é um vício. Reforça o aluno a não estudar e reforça o desestímulo pela matéria..”

Outro, se posicionou contrariamente ao afirmar: “... não uso prova. Avalio os trabalhos...”

Os 3 critérios de avaliação mais citados evidenciam coerência em relação aos objetivos, conteúdos e procedimentos utilizados: “raciocínio demonstrado”; “traçado correto e preciso”; “limpeza, organização e capricho”.

Os critérios apontados no item “outros” foram citados por um número restrito da população entrevistada, ou seja, um professor para cada critério:

- “transferência do conhecimento da realidade”
- “letra legível e correta”
- “assiduidade”
- “material empregado”

A maioria dos entrevistados, especialmente os habilitados em Educação Artística, deixou transparecer a preocupação em torno da desvalorização da disciplina causada pelo sistema de avaliação vigente nas escolas oficiais. Assim se expressaram:

- “... há um preconceito pelo fato de não ser disciplina que reprova o aluno no 1º grau. Acontece isso com todas as disciplinas, mas mais com relação ao Desenho, tipo: “Cuidado com as notas. Não fica dando muita nota vermelha, porque no final do ano você vai ter que passar o aluno...” Embora no 2º grau seja disciplina, continua com esse preconceito enraizado...” (SIC)

- “... o sistema de avaliação do Estado faz a gente ficar magoado com o ensino do Estado. Levam mais a sério a matéria que reprova, a matéria que não reprova, só quem gosta é que faz...” (SIC)

- “... os alunos trabalham em função da nota. Só que passar para menções A, B, C, D e E é desestimulante e eles sabem que não têm nota! Como vão fazer? Não vão repetir!! Eles vivem em função disso! Infelizmente!...” (SIC)

- “... no Conselho, seu voto é insignificante!...” (SIC)

A problemática em torno da desvalorização da disciplina e do professor que a ministra, em virtude do sistema de avaliação adotado pelas escolas estaduais, não é inédito e nem recente. convém relembrar a ocorrência dessa mesma situação no início do século XX, conforme se constata nas informações do item 3.2 deste trabalho.

Não houve, por parte da população consultada, referências a alguns aspectos do processo avaliatório, tais como: a discussão com os alunos quanto aos critérios de avaliação empregados pelo professor; a prática de se confrontar provas e trabalhos pelos alunos para a atribuição de conceitos; a oportunidade de se proceder à auto-avaliação relativa à participação e produção dos alunos durante as aulas.

4.6 Dificuldades dos alunos em relação ao ensino do Desenho

O item mais citado - falta de material - já foi comentado no tópico relativo à solicitação de material ao aluno.

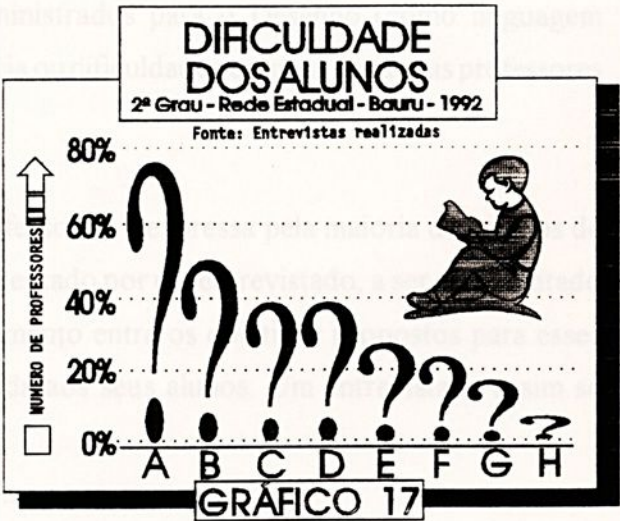
É interessante observar que os professores preocupados em deixar claro os objetivos dos conteúdos e de sua aplicação prática, não apontaram os itens B e F (“falta de interesse pela disciplina” e “não percebem os objetivos e importância da disciplina”) como dificuldades demonstradas pelos alunos. Este fato evidenciou-se nas respostas dos professores licenciados em Desenho e Plástica com o maior tempo de experiência no magistério da disciplina. Esses mesmos professores também não revelaram dificuldades quanto à baixa ou nenhuma frequência dos alunos do período noturno às 6^{as}. feiras, dificuldade acentuada para os professores com menor tempo de experiência de ensino e licenciados em Educação Artística.

Num acréscimo aos itens B, E e F, grande parte dos entrevistados salientou a passividade, como característica dos alunos que “não gostam de pensar, de questionar”, pois, segundo um professor, “90% aceita aquilo que é dado, sem questionamento algum”, quanto à importância, finalidade da disciplina, conteúdos ministrados e procedimentos de ensino.

Os itens C e G foram complementados com observações relativas ao problema da falta de sequência no ensino do Desenho desde os anos iniciais de escolaridade, o que o torna fragmentado em virtude da variedade de formas de ensinar provocada pela frequente sucessão de professores numa mesma escola. Tal fragmentação é reforçada, também, pelo hiato existente entre a presença da disciplina na grade curricular do 1º e 2º graus, como acontece em algumas escolas em que, após a 8ª série, os alunos só terão Desenho no 3º colegial. Esta obsevação justificou, para alguns professores, a necessidade de se ministrar no 2º grau, conteúdos básicos e iniciais, esquecidos ou não assimilados nesse intervalo de tempo.

QUADRO 16 - Classificação, por ordem de frequência, das dificuldades dos alunos em relação ao ensino do Desenho no 2º grau da rede estadual de Bauru			
DIFICULDADES DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO ENSINO DO DESENHO		Nº de Professores	%
A	Falta de material	14	77,8
B	Falta de interesse pela disciplina	09	50,0
C	Falta de noções e pré-requisitos básicos (1º grau)	07	38,8
D	Cansaço (curso noturno)	07	38,8
E	Falta do hábito de raciocinar	05	27,8
F	Não percebem os objetivos e importância da disciplina	04	27,2
G	Falta de noções e pré-requisitos básicos acarretados por transferência de escola ou de professor	03	16,6
H	Outros	01	05,0

Fonte: Entrevistas realizadas



A transferência de um período para o outro (às vezes na mesma escola), ou de uma escola para outra, acarreta, além da descontinuidade do conhecimento, o problema das provas para adaptação do aluno do que não cursou a disciplina na escola anterior ou que teve a noção dos conteúdos, embora em disciplinas com nomenclatura diferente.

Ao cansaço - aspecto característico do aluno do curso noturno - soma-se a impossibilidade de se solicitar tarefas e atividades a serem efetuadas fora do período de aula.

No item “outros” registrados pela minoria dos entrevistados, ou seja, um professor para cada dificuldade apontada, relacionam-se:

- “tempo escasso para estudo” (noturno)
- “inabilidade no uso de instrumentos”
- “dificuldade motora e visual”
- “dificuldade para interpretar textos (enunciados)”

4.7 Dificuldades e sugestões dos professores em relação ao ensino do Desenho

Para o levantamento das dificuldades e sugestões dos professores relativas ao ensino do Desenho no 2º grau, foram entrevistados 15 professores que, numa 2ª etapa de coleta de dados, se dispuseram a aprofundar as informações anteriormente obtidas.

Alguns aspectos da **formação universitária** apontados somente pelos licenciados em Educação Artística e que concorreram para acarretar dificuldades na sua prática docente, foram:

- o pouco tempo destinado ao Desenho como linguagem técnica no curso universitário, ou seja, um ano para cursos, principalmente os que oferecem a habilitação em Desenho;
- a baixa qualidade dos “cursos vagos” oferecidos por algumas faculdades;
- o pouco aproveitamento dos conteúdos ministrados para o Desenho (como linguagem técnica) decorrente do desinteresse, displicência ou dificuldade de alguns dos atuais professores enquanto estudantes universitários.

A “preocupação em formar artistas e não professores”, expressa pela maioria dos cursos de licenciatura em Educação Artística, foi um aspecto salientado por um entrevistado, a ser acrescentado aos acima mencionados. Este fato reflete o distanciamento entre os objetivos propostos para esses cursos e a realidade do mercado de trabalho oferecida aos seus alunos. Um entrevistado assim se expressou:

“... acho que faltou mais pedagogia do Desenho na Faculdade, porque não aprendi na faculdade como ensinar o aluno.

Eu fiz uma faculdade elitista que não se preocupava em formar professores de Educação Artística, porém, se preocupava em jogar para o mercado, artistas. E não era isso que a gente estava querendo de lá, na época. Mas éramos uma minoria: dois ou três que tinham essa preocupação ... Na realidade, a grande maioria da faculdade se formou professor. Ninguém foi ser artista plástico...” (SIC)

Complementando o pensamento acima exposto, apenas um - dentre os licenciados em Desenho e Plástica e em Matemática - se referiu a aspectos característicos da formação do professor de Desenho, assim se posicionando:

“... o professor de Desenho, de Arte, tem que ter uma sensibilidade. tem que ter alguma coisa diferente para ele poder passar isso, para ele formar alguém. Senão, não vai formar ninguém. Se ele for apenas com o espírito estritamente profissional, não dá. Se ele tem o dom e acha que nunca vai dar aula, e depois cai num mundo como o de hoje - em que a profissão mais fácil, mais comum, é dar aula, onde o campo é maior - ele vai dar aula sem nenhum conhecimento didático... então, é outro caos!...

São dois extremos que eu vejo na formação do professor: ou ele tem o dom e não tem a didática, que não adquiriu, ou ele não tem nada de sensibilidade, tem medo do outro, continua achando que a Matemática é mais forte, o Português é mais importante... E essa briga é muito difícil...” (SIC)

“... na faculdade (o conhecimento) foi passado desligado, não mostrando utilidade, sem uma integração natural com a realidade do mundo. E isso parece que continua...” (SIC)

Uma reflexão sobre o final deste relato, aliada à necessidade de se rever e questionar os procedimentos de ensino utilizados, pode, em parte, ajudar a esclarecer a dificuldade maior destacada pela quase totalidade dos entrevistados:

“... é difícil despertar o aluno... fazer com que ele se interesse pela disciplina...” (SIC)

Quanto ao **aperfeiçoamento da formação docente**, os professores entrevistados salientaram unanimemente a dificuldade financeira de acesso a livros, xerox e outros materiais, dificuldade esta ocasionada pela baixa remuneração da categoria. Apontaram também para a falta de cursos de atualização, reciclagem, de apoio orientado para área a serem oferecidos, principalmente, pelos setores competentes dos órgãos oficiais aos professores da rede.

“...eu nunca vi um curso oferecido pelo Estado direcionado mesmo para Desenho ou Educação Artística mais voltado para a pedagogia. Nunca vi. Fui participar de cursos na Divisão de Ensino e chegou lá é papel, papel... Só ficou no papel... Não houve resposta também. Fomos lá para montar um trabalho de acordo com as realidades locais de cada município. Fez, fez... e ficou por isso mesmo...” (SIC)

“... sinto falta de abertura para estudo, para cursos. Quando tem, é em horário em que não podemos fazer...” (SIC)

“... Eu não fazia curso nenhum porque não tinha tempo. Sou ACT (admitido em caráter temporário) e ACT às vezes não chega nos cursos que tem...” (SIC)

Este último depoimento evidencia a discriminação muitas vezes ocorrida em relação à situação funcional dos professores admitidos em caráter temporário, ao privilegiar os efetivos e estáveis nas raras oportunidades de aperfeiçoamento docente oferecidas por órgãos oficiais do setor educacional.

Em relação à **prática docente**, a falta de orientação para a elaboração dos planos de ensino e para a dosagem dos conteúdos, tem sido motivo de insegurança para a totalidade dos professores licenciados em Educação Artística e para uma porcentagem menor dos licenciados em Desenho e Plástica (dentre oito entrevistados, dois professores se manifestaram a respeito). Alguns relatos confirmam essa dificuldade:

“... Acho falta de uma orientação principalmente para o colegial... Eu montei o programa sozinha e, de repente, me senti sozinha. Será que estou procedendo corretamente? Será que vou atingir os objetivos?” (SIC)

“... No colegial, estou meio perdido. Não sei se o que estou dando é suficiente. Foi mínimo!” (SIC)

“... Não tem com quem buscar informação. Se conversar com professores, a gente sente a mesma coisa. Estão perdidos... Eu estou perdida até hoje, principalmente no 2º grau...” (SIC)

“... Estou querendo alguém que me oriente o quanto, de que maneira e como fazer essa dosagem. Nunca tive essa orientação. Por ser um professor ACT (admitido em caráter temporário), acho que tem que ter mais essa preocupação de saber,

de orientar... Não que eu queira uma dosagem rígida, mas uma orientação... acho que um acompanhamento... o ser humano vive de direitos, deveres, respostas e questionamentos. Eu não tenho percebido essa orientação..." (SIC)

Os professores entrevistados disseram não enfrentar interferências da direção ou dos professores de Matemática quanto ao conteúdo programático e aos procedimentos de ensino. Apesar de considerarem fundamental a integração do Desenho com a Matemática e com outras disciplinas, tal procedimento não se verifica na prática docente, pois trabalham independentemente uns dos outros.

Outras dificuldades foram relacionadas pela maioria dos professores no que tange à atividade docente:

- a falta de material dos alunos (comentada no item 4.4 - Material - e no item 4.6 - Dificuldades dos alunos em relação ao ensino do Desenho);
- a falta de uma sala-ambiente exclusiva para as aulas de Desenho;
- a insuficiência de duas aulas semanais para ministrar a disciplina, dispostas, muitas vezes, separadamente uma da outra, como "tapa-buraco" na grade horária;
- a desvalorização da disciplina e do professor perante as demais disciplinas e perante o Conselho de Classe (comentada no item 4.5 - Avaliação);
- a escassez de professores aptos para substituírem os professores atuantes no 2º grau que lecionam Desenho em seus eventuais afastamentos, licenças e faltas.

Um entrave apontado pelos entrevistados, principalmente pelos licenciados em Educação Artística, diz respeito à "marginalização" que ocorre na atribuição de aulas de Desenho, pelo fato de se priorizar os professores de Matemática na escolha das mesmas. Isto se explica pela presença da disciplina sob a denominação "Desenho Geométrico" na grade curricular de algumas escolas, para a qual apenas os professores licenciados em Matemática - e que possuem registro específico para essa modalidade de Desenho - têm direito de ministrar a referida disciplina. Os licenciados em Desenho e Plástica e em Educação Artística com habilitação em Desenho possuem apenas registro em "Desenho". Os licenciados em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, não são portadores de registro nem em "Desenho" e nem em "Desenho Geométrico". Essa situação cria embaraços no período de atribuição de aulas, reforçando a insegurança e instabilidade profissional principalmente para os professores ACT (admitidos em caráter temporário).

“... não gosto como ela (atribuição de aulas) é vista na hora de escolha do Desenho Geométrico pelo professor de Matemática. Acho que aí você fica marginalizado, embora o professor de Matemática pegue muito raramente, porque ele não gosta de dar Desenho...” (SIC)

Além da insegurança ocasionada pela “marginalização” no momento da atribuição, transpareceu, nas entrevistas realizadas, a grande inquietação quanto a permanência do Desenho na grade curricular, com a implantação da “escola-padrão” iniciada em 1992. Dentre as modificações por ela introduzidas no que tange ao aspecto curricular, assinala-se o fato de se delegar ao professor de Matemática a responsabilidade de ministrar os conteúdos de Desenho (enquanto linguagem técnica), justificando-se, assim, sua exclusão do quadro curricular.

As **sugestões** apresentadas pelos professores referentes ao ensino do Desenho, vinculam-se coerentemente às dificuldades relatadas. Foram elas:

- a necessidade da permanência do Desenho na grade curricular - a despeito da implantação da “escola-padrão” - na condição de “disciplina” (como as demais) e, não apenas como “atividade” como vem ocorrendo nas séries do 1º grau;
- o aumento do número de aulas semanais, agrupando-as preferencialmente em aulas duplas;
- sala-ambiente adequada às atividades pertinentes à disciplina.

Excetuando-se a opinião de apenas uma entrevistada - que não sente a necessidade de encontros para troca de experiências e de cursos para treinamentos, atualização e reciclagem - os demais, unanimemente, destacaram esta necessidade, conforme se constata em alguns relatos:

“... o professor precisa de cursos e incentivo. Falta base...”
(SIC)

“... sugiro a oportunidade de se reciclar ou até de participar de curso de treinamento, mas que fosse evoluir para alguma coisa e não ficar no papel somente. Eu acho que a Universidade tem essa resposta... para que se eleve o nível de informação que está baixo...” (SIC)

A sugestão abaixo transcrita, complementa as acima mencionadas, traduzindo uma visão - além de pessoal - coerente e realista, não apenas do tema-objeto da pesquisa, mas do ensino, de modo geral:

“... é preciso formar o professor mais competente. O professor tem que ter conhecimento para ele mesmo se valorizar.

Não esperar (esse valor) de ninguém. Valorizar-se a si próprio como professor... não adianta oferecer curso, se o professor não estiver motivado dentro dele... a motivação não é fora dele. E aquele que está motivado dentro dele, vai à busca...

A Universidade poderia oferecer uma reciclagem, não em termos políticos, porém uma reciclagem contínua, de busca. Mas, muitas vezes ela não está preparada para atender a gente...'' (SIC)

As dificuldades e sugestões quanto à formação e à prática docente dos entrevistados, revelam uma situação característica não apenas da área de ensino objeto desta pesquisa, como também do magistério público, em geral. A falta de atualização periódica do professor da rede estadual, relativa aos conteúdos curriculares e às práticas pedagógicas, é notória.

O professor que ingressa na escola pública, formado, geralmente, por faculdades que oferecem cursos "apressados" e superficiais, tem sido, por longo tempo, relegado, sem quase nenhuma oportunidade de reciclagem ou aprimoramento. O acesso a cursos de atualização ou de pós-graduação das universidades públicas, revela uma ação direcionada muito mais para dificultar, do que estimular os professores a frequentá-los. A pouca valorização desses cursos na contagem dos títulos para a classificação dos professores, tendo em vista a atribuição de aulas; a dificuldade de concessão de afastamentos da atividade docente para cursá-los; a escassez de substitutos para eventuais afastamentos; a inexistência de bolsas de estudo para auxiliá-lo financeiramente, são algumas das condições que dificultam a oportunidade de complementar e aprimorar a formação dos docentes da rede estadual.

Embora a universidade pública e o sistema público de 1º e 2º grau, através de seus vários órgãos, se mostrem interessados e envolvidos com os problemas educacionais, é, no entanto, evidente o seu isolamento e o desconhecimento mútuo. A ausência de interação e colaboração se manifesta em diversas áreas de ensino, porém, de maneira mais acentuada no que diz respeito ao tema-objeto deste trabalho.

CONCLUINDO E SUGERINDO

O presente trabalho teve por objetivo principal proceder ao levantamento de alguns aspectos que caracterizam o ensino do Desenho no 2º grau da rede pública estadual de Bauru.

Embora os dados obtidos falem por si sobre o assunto pesquisado, cabem aqui algumas considerações a seu respeito.

De início, julguei conveniente destacar a concepção da população entrevistada quanto à função do 2º grau, tendo em vista a proposta desta pesquisa: caracterizar o ensino do Desenho nesta etapa do processo de escolarização.

Embora os professores estejam conscientes de que, na realidade, essa fase “intermediária”, de “passagem”, de “complementação” e de “revisão” do 1º grau se destina apenas à obtenção de um certificado, encaram-na - na maioria das vezes - como uma “preparação para o vestibular” (dois entrevistados, somente, se referiram a ele como “preparação para a vida”). A despeito das inúmeras e reconhecidas dificuldades que envolvem a disputa, a conquista e a manutenção de uma vaga no ensino superior público ou particular, a finalidade propedêutica continua arraigada à concepção desse período de escolaridade, confirmando ainda presentemente, a influência da orientação positivista impressa à educação de grau médio no final do séc. XIX e constante no seu caminhar histórico.

Reconhecer a importância do Desenho para a existência humana, foi atitude unânime dos entrevistados, expressa, no entanto, em dimensões diferentes. Dois fatores parecem concorrer para essa diversidade: a vivência com o Desenho em outras atividades além do magistério e a formação dos professores.

Os depoimentos dos entrevistados que constantemente se utilizam do Desenho em profissões como desenhista técnico, serralheiro, soldador, ou atividades paralelas à atividade docente (em grande parte, licenciados em Desenho e Plástica e em Educação Artística, com habilitação em Desenho), traduziram esse valor com maior propriedade e objetividade, comparando-se àqueles que se dedicam apenas ao magistério e que se manifestaram com colocações mais superficiais e gerais, tais como: “...é importante para o dia-à-dia... acho fundamental para tudo... é usado na maioria das profissões...”. Neste segundo grupo, registrou-se a maior presença dos licenciados em Educação Artística e, especificamente, os habilitados em Artes Plásticas.

O desinteresse e a pouca importância que os alunos revelam para com o Desenho - dificuldades enfrentadas na atividade docente desse último grupo de entrevistados - parecem estar vinculados, além de outros fatores, à dimensão expressa por esses professores, quanto ao valor a ele atribuído nas atividades humanas, em geral e, como disciplina escolar.

Assim, a diversidade de formação dos entrevistados, além de se refletir na visão que possuem sobre o tema em questão, parece afetar também a prática docente, chegando a provocar uma das dificuldades relatadas: a falta de interesse pela disciplina, por parte dos alunos.

Quanto à questão “para quê ensinar Desenho no 2º grau?”, pude observar no relato de quase todos os entrevistados, coerência entre a concepção propedêutica desta etapa de escolaridade e a finalidade e importância atribuídas ao ensino da disciplina: “o ensino do Desenho visa preparar para o vestibular e proporcionar uma noção para a Faculdade...”.

Verifiquei, também, coerência entre a concepção expressa pela minoria dos professores quanto à finalidade do 2º grau como “preparo para a vida” e à referente ao ensino do Desenho: “... o aluno deve chegar ao 3º colegial com dose crescente de informações para que possa caminhar na vida e usar esse Desenho (geométrico) em qualquer campo... que saiba tirar proveito dele... não formá-lo para uma profissão, formá-lo, sim, para ser gente...” (SIC).

É interessante observar que o “preparo para o vestibular” continua - no entender dos professores da disciplina na rede estadual - a se restringir à abordagem da modalidade Desenho geométrico, reafirmando a mesma atitude constatada na história do ensino do Desenho no Brasil. Grande parte dos professores parece desconhecer que o preparo para cursos mais diretamente envolvidos com o Desenho, tais como Arquitetura, Desenho Industrial, Educação Artística etc, solicita Desenho de observação, de memória, de criação, nas provas de aptidão dos respectivos concursos vestibulares. A visão positivista de educação e ensino parece ser o suporte mais amplo dessa concepção.

As diferenças de formação parecem não ter ocasionado diversidade de atuação no ensino da disciplina. Os objetivos propostos, os procedimentos de ensino e as formas de avaliação, em conjunto, denotaram uma prática docente conservadora, uniforme, apoiada em um ensino reprodutivo com pouca ou nenhuma alteração quanto ao que se praticava há algumas décadas atrás. Porém, o maior tempo de experiência de ensino aliado à formação específica em cursos de Desenho e Plástica (praticamente extintos), podem ser considerados fatores influentes na segurança em relação aos procedimentos didáticos, no domínio e seleção dos conteúdos propostos e na solução de dificuldades manifestas pelos alunos.

A análise dos objetivos visados e dos conteúdos propostos deixou claro o predomínio da concepção do Desenho como linguagem técnica, confirmando a preocupação com o racional e o intelectual sempre presente na trajetória histórica do ensino secundário acentuadamente propedêutico e intelectualista e na do ensino do Desenho no Brasil.

Embora não exista, atualmente, um programa oficial obrigatório, constatei que a ação didática parece ser direcionada por um “senso comum” evidenciado pelos conteúdos de Desenho geométrico - trabalhados de maneira fragmentada e nem sempre em doses correspondentes ao nível de 2º grau - em detrimento de abordagens que levem, por um lado, à representação de formas mais criativas, sensíveis e pessoais e, por outro lado, de outras que conduzam ao exercício da visão espacial e da representação tridimensional. A ocorrência deste fato sugere um estudo mais profundo e minucioso a seu respeito.

À primeira vista, creio que esse “senso” comum poderia estar condicionado à “tradição” atribuída à importância do Desenho geométrico como fim em si mesmo, propagada nos níveis médio

e superior no decorrer dos tempos e, corroborada, também, pela influência dos professores de Desenho que atuaram na formação educacional da população entrevistada, dando prioridade e ênfase a essa modalidade em relação às outras. Ao fator “tradição”, acrescentar-se-ia a facilidade de obtenção dos conteúdos e procedimentos “já prontos” divulgados pelos livros didáticos (especificamente de 1º grau) apontados, pela maioria, como fonte de referência e consulta para a elaboração dos planejamentos e no preparo das aulas, sob a justificativa de facilitar-lhes a tarefa, em virtude da escassez de tempo disponível. Essa prática evidencia características dos professores de maneira geral: seu despreparo e sua frágil competência técnica, resultantes do esvaziamento da formação docente ocasionada, por sua vez, pela deteriorização da qualidade dos cursos de licenciaturas curtas e plenas, que se proliferaram em condições improvisadas, para atender à política de expansão quantitativa do ensino superior.

A avaliação das atividades de Desenho geométrico pode ser considerada outro fator inerente a esse “senso comum”. Ela se processa de maneira mais fácil e objetiva, comparando-se às formas de avaliação solicitadas por outras modalidades de Desenho, como o do natural, de observação, de expressão etc, que demandam maior vivência, habilidade, preparo e segurança por parte do professor para que possa enfrentar os questionamentos dos alunos.

Tendo em vista o objetivo “formação integral do adolescente”, expresso pela lei 5692/71, entende-se que esta formação requer, de maneira equilibrada, o desenvolvimento de aspectos racionais e intelectuais, aliados aos sensíveis, perceptivos, expressivos e criativos do educando.

Embora se atribua à Educação Artística a responsabilidade de trabalhar este segundo aspecto, isto não parece se comprovar, pois há indicações nas entrevistas realizadas, de que conteúdos de Desenho geométrico são inclusos nas aulas de Educação Artística, desde o 1º grau e, principalmente no 2º grau, sob a alegação da falta de tempo para desenvolver e aprofundar os conteúdos de geometria mais “necessários e importantes” para esta faixa de escolaridade.

Não resta dúvida de que a geometria assume papel fundamental como estrutura-mestra da natureza e da “paisagem cultural” em que vivemos. Daí, a necessidade de se reconhecer que a vivência geométrica proporcionada pelo Desenho como disciplina autônoma na grade curricular do 2º grau contribui, não apenas para a melhoria do ensino da geometria como integrante da Matemática, mas, principalmente, como fator essencial ao desenvolvimento do educando. Isto se processa de maneira efetiva, na medida em que os elementos racional e intelectual - tão acentuados nas aulas de Desenho e evidenciados por conteúdos muitas vezes fragmentados, distantes da realidade discente, transmitidos apenas como “saber elaborado” - sejam trabalhados também, de maneira sensível, através de “bases metodológicas renovadas” (D’AMBRÓSIO, 1983) a partir de um contexto concreto e cotidiano.

O resgate de atividades que envolvam o Desenho de observação e o anteriormente denominado Desenho decorativo - não como simples prática de repetição e cópia de modelos propostos - mas, como exercícios de percepção, de criatividade, de expressão pessoal, associados aos conteúdos de geometria, poderá contribuir para que se estabeleça o equilíbrio entre os aspectos básicos e necessários ao desenvolvimento do educando. A vivência e a prática desta sugestão, permitirão levá-lo, principalmente, à educação da maneira de **ver** e **observar**, considerada tão “importante para

transformar e ter consciência da nossa participação no meio ambiente, na realidade cotidiana” (FUSARI; FERRAZ, 1992, p.74) e, no entanto, como se constata, alienada da prática docente, em virtude, talvez, do acentuado caráter propedêutico atribuído ao 2º grau e ao ensino do Desenho nele ministrado.

É oportuno observar que, a despeito das oscilações referentes à sua presença na grade curricular, o Desenho ainda constou da quase totalidade das escolas oficiais de 2º grau em 1992. Todavia, a inquietação demonstrada pelos professores quanto à responsabilidade outorgada à Matemática para ministrar os conteúdos relativos ao Desenho, se confirmou em 1993 com sua exclusão da grade curricular de 2º grau como disciplina autônoma, ocasionada pela implantação da “escola-padrão”. Tornou-se competência, então, do professor de Matemática, desenvolver os tópicos relativos à geometria e ao Desenho como linguagem técnica.

A Proposta Curricular para o Ensino de Matemática no 2º grau elaborada pela CENP (Coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas) da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, como apoio à prática docente, traz em sua parte final observações/sugestões para o ensino da geometria incluso na Matemática.

Partindo de exemplos e objetos concretos são propostas situações que - em etapas - envolvem “manipulação, caracterização, construção, percepção de relações” (p. 411) para se atingir a uma sistematização formal da linguagem geométrica e do encadeamento lógico das proposições. Esse procedimento contribui para a “leitura geométrica do mundo” (p. 375) do educando. Embora se destaque a utilidade da representação, planificação e construção de sólidos geométricos como suporte concreto para a introdução e estudo de vários assuntos, percebe-se claramente a ênfase ao cálculo e a resultados obtidos algebricamente.

Quanto à representação gráfica desses resultados, em determinado momento o texto diz: “**Caso** (grifo meu) o professor proponha a construção de sólidos geométricos, é conveniente trabalhar a construção com régua e compasso...” (p. 361). Em outro trecho, há referência à “**desconfortável** (grifo meu) utilização de material de Desenho geométrico...” (p. 375). A proposta sugere a reprodução de alguns exemplos de representação gráfica de sólidos em perspectiva no quadro-negro ou em folhas mimeografadas como procedimento fundamental ao estudo da geometria.

Todavia, como a prática parece estar demonstrando, o professor de Matemática tem se esquivado do ensino da geometria (salvo honrosas exceções). Isto ocorre, muitas vezes, devido à sua pouca afinidade com o conteúdo, à frágil habilidade ou experiência em ministrá-la ou ainda, pela limitação de tempo para trabalhá-la de acordo com as etapas acima citadas. A geometria é, assim sacrificada, em detrimento de outros tópicos considerados mais convenientes e importantes para o aluno.

Dessa forma, ou se proporciona uma vivência geométrica rápida, árida e acentuadamente teórica ou então, ela é deixada de lado e acaba por não ser abordada em Matemática (pelas razões acima expostas) e nem em Desenho (pela sua exclusão do quadro curricular).

Compartilho com a posição assumida por D'AMBRÓSIO (1983) a respeito desse assunto, que numa atitude esclarecedora, assim se manifestou:

“Tem-se dito que sendo a experiência geométrica dada pelo Desenho Geométrico e, sendo este um misto de construções geométricas, Perspectiva e Geometria Descritiva, ele ficará bem situado em Matemática, e assim atribui-se aos professores de Matemática a responsabilidade para ensinar Desenho. Foi um erro fundamental. O formado em Matemática, pela sua própria formação, tende a não depender do traçado, tende a subordinar o concreto ao abstrato, isto é, o artefato ao mentefato (*). Assim, a construção de um triângulo será perfeitamente satisfeita se seus elementos - lados e ângulos - forem matematicamente bem definidos. Isto não dá o visual, o triângulo desenhado e o jovem procurando desenvolver uma intuição geométrica, sentir-se-á perdido. Dificilmente o professor de Matemática se liberará desse seu quase desprezo pela exatidão das figuras. O professor de Desenho, pela sua formação mais aberta, na qual se inclui um componente de arte, depende mais do manejo das formas e de como essas formas são em si, objetos finais de sua ação. Em essência, a ação do matemático resulta na produção de artefatos. O Desenho é aquela disciplina intelectual, aquela manifestação de ação, que se situa, privilegiadamente, entre o artefato e o mentefato” (p. 08).

Essa problemática, que coloca em xeque a presença e a importância do Desenho para o 2º grau, merece atenção especial e estudo detalhado quanto à sua viabilidade.

Na condição de pesquisadora, redescobrir o significado e a importância do Desenho foi uma experiência significativa e enriquecedora.

A redescoberta me levou a perceber que, se não me deparasse com tal oportunidade, estaria compartilhando da mesma visão que a maioria dos entrevistados demonstrou possuir sobre o assunto pesquisado. Essa visão diz respeito ao caráter propedêutico do 2º grau e do ensino de Desenho nele ministrado; à primazia do Desenho geométrico como fim em si mesmo para desenvolver o raciocínio, hábitos de ordem e precisão, e o pouco destaque à concepção do Desenho como forma de linguagem e de representação do que é visto, percebido e imaginado.

Proceder à revisão bibliográfica objetivando um resgate histórico do tema-objeto da pesquisa e ao levantamento e análise da legislação e de documentos, ampliou minha ótica - um tanto reduzida até então - acerca desses aspectos abordados.

Em se tratando de dificuldades na execução do trabalho, destacaria a escassez de bibliografia referente à história do ensino do Desenho no Brasil. Nos limites do contexto em que efetuei o levantamento bibliográfico, tal aspecto ficou restrito a pouquíssimos autores.

(*) Para o autor, “o abstrato se manifesta através de mentefatos (idéias, conceitos, valores etc), o abstrato e o saber se confundem, assim, com o concreto, que se manifesta através de artefatos (objetos, construções, ícones etc), se confunde com o fazer” (p. 3)

Por fim, no meu entender, os resultados obtidos por este trabalho, direcionam a algumas reflexões e possíveis encaminhamentos às soluções, em dois sentidos: um, de âmbito mais geral, e outro, relativo ao ensino do Desenho propriamente dito.

Acerca da qualidade da escola de 1º e 2º graus, grande peso da responsabilidade recai, sem dúvida, sobre a Universidade e os órgãos que respondem pelos sistemas de ensino. Algumas medidas gerais - certamente não inéditas, tais como as apresentadas abaixo - poderiam ser tomadas visando essa melhoria. Por um lado, torna-se necessário proporcionar oportunidades para o professor universitário conhecer melhor os demais níveis de ensino e vincular, de modo bastante estreito suas atividades de docência, pesquisa e extensão aos problemas que afetam a rede de ensino precedente. Por outro lado, é preciso, também, estimular a colaboração direta e permanente de professores universitários às escolas de 1º e 2º graus.

Tal colaboração - a se processar mediante convênios entre a Secretaria da Educação e a Universidade - abrangeria a realização de pesquisas, a assessoria a projetos relativos aos problemas de ensino, bem como a oferta de cursos de especialização e reciclagem aos docentes da rede pública. Isto teria por objetivo garantir a continuidade e aprofundamento de sua formação, em serviço.

À essa breve exposição de medidas - que concorreriam para sanar, em parte, as deficiências e anseios revelados pelos sujeitos da pesquisa - sugiro a reativação ou criação dos cursos de licenciatura em Desenho para formar um novo tipo de profissional, competente e apto a atender às reais necessidades do seu ensino. Guiando-se por uma estruturação mais adequada e flexível, a licenciatura deveria valorizar - do início ao término - a formação do professor.

No entanto, essa medida parece carecer de sentido se não se voltar à indagação-chave desta pesquisa: “para quê Desenho no 2º grau?” (e, por que não, também, para o 1º grau?)

No ato de rediscutir e repensar a importância do Desenho e sua verdadeira finalidade à formação da criança e do adolescente como forma de representação do mundo, das idéias e dos sentimentos, acredito estar o cerne da questão. Sem dúvida, a ausência de resposta explícita a este problema parece ter sido uma das causas que acarretou e ainda acarreta seu desprestígio no elenco curricular do 2º grau.

Tal rediscussão e conscientização - iniciando-se pelos professores e pela própria escola, com o respaldo da Universidade para se atingir o gabinete administrativo dos definidores da estrutura curricular - seria o ponto de partida pela reconquista do espaço perdido e pela melhor qualidade do seu ensino.

Evidentemente, a caracterização obtida por este trabalho necessita ser complementada por outros ângulos como os do ponto de vista do aluno e de especialistas na área, a respeito do seu tema-objeto. Não tive a pretensão de responder a todas as questões levantadas sobre o Desenho e seu ensino. O meu objetivo era encaminhar algumas considerações gerais que servissem como um alerta sobre o assunto pesquisado, primeira abordagem ao tema, e, também, ensejar sua ampliação a ser proposta em outros projetos de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C.M.C. e MARTIGNAGO, C.Dal C. A Concepção e a Prática de Atividades de Arte na Escola de 1º e 2º graus. In: SANFELICE, José Luiz (org.). *A Universidade e o ensino de 1º e 2º graus*. Campinas: Papirus, 1988.
- ALVES, R. *Filosofia da Ciência*. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- ANDRADE, Manuel C.Q. de *Educação pela criatividade*. Recife: Ed. Universitária, 1987.
- ARANHA, Maria L. de A. *Filosofia da educação*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1989.
- _____. *História da educação*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1989.
- ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira - EDUSP, 1980.
- ARRUDA, Maud P. *Desenho: grande força educacional*. Pirajuí, 1956.
- ARTIGAS, Vilanova. O desenho. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. nº3, p. 23 -25, 1967.
- BANDEIRA, José S. *Desenho para o curso ginásial - 2ª série*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1959.
- _____. *Desenho para o curso ginásial - 3ª série*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1959.
- _____. *Desenho para o curso ginásial - 4ª série*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1959.
- _____. Didática especial do desenho. In: *Como ensinar desenho no curso secundário*. MEC/CADES, s.d.
- _____. O ensino do desenho geométrico. *Escola Secundária*. nº1, p. 74 - 79, 1957.
- _____. Métodos específicos no ensino do desenho do natural. *Escola Secundária*. nº3, p. 76 - 79, 1957.
- BARBOSA, Ana Mae T.B. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- _____. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *Recorte e colagem: influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.
- BARBOSA, Guilherme S. Sugestões para novos programas de desenho. *Escola Secundária*. nº12, p. 110 -114, 1960.
- BARBOSA, Rui. Reforma do ensino primário. In: *Obras Completas*. v. X, tomo II, Rio de Janeiro: MEC, 1946.
- BRUNO, Júlio. *Didática especial do desenho*. MEC/CADES, s.d.



- CARVALHO, Benjamin de A. *Didática especial do desenho*. São Paulo: Nacional, 1958.
- CHAGAS, Valnir. *O ensino de 1º e 2º graus: antes, agora e depois?* 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1980.
- COSTA, Lúcio. O ensino do desenho. *Revista Cultura /MEC*, nº1, 1948.
- CUNHA, Luiz A. *A universidade temporã*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- CUNHA, L.V. da. *Desenho técnico*. 7ªed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- CURSO DE DESENHO E PINTURA - A arte de ver III, São Paulo: Globo.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Ensino de desenho geométrico em bases metodológicas renovadas. In: *5ºSimpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico*. Bauru; 1983, p.1 - 10.
- DERDYCK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. São Paulo: Scipione, 1989.
- DOMINGUES, F.A.A. *Topografia e astronomia de posição para engenheiros e arquitetos*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979.
- DOMINGUES, José L. Interesses humanos e paradigmas curriculares. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 67, nº 156, p. 351 -366, mai/ago, 1986.
- DÓRIA, Clion. Desenho e perspectiva. Desenho como base fundamental das artes plásticas e ciência da representação. In: *Anais do II Congresso Nacional de desenho*. Florianópolis, 1981, p. 94 - 116.
- DUARTE JÚNIOR, J.F. *Fundamentos estéticos da educação*. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1988.
- EDWARDS, B. *Desenhando com o lado direito do cérebro*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA
- FACHINI, Germano. *Desenho: um caso de semântica de grandes conseqüências didáticas*. Bauru, 1972, mimeo.
- FLOCON, A.e TATON, R. *A perspectiva*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- FONSECA, C. Suckow. *História do Ensino Industrial no Brasil* vol.V Rio de Janeiro: SENAI, 1986.
- FRANCO, M.L.P.B. e DURIGAN, M.I.S. Avaliação e redefinição política do ensino de 2º grau. *Caderno CEDES*, nº 20, p. 26 - 35, 1988.
- _____. O ensino de 2º grau: democratização? profissionalização? ou nenhuma coisa nem outra? *Cadernos de Pesquisa*. nº 47, p. 18 - 31, 1983.
- _____. Procurando um novo espaço para o 2º grau. *Revista ANDE*, nº 7, p. 21 -26, 1984.
- FREINET, C. O método natural - II - *Aprendizagem do desenho*. Lisboa: Estampa, 1977.
- FREITAG, Barbara. *Escola, estado e sociedade*. 4a. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FUSARI, M.F.R. e FERRAZ, M.H.C. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1992.

- GAMA, Ruy. *A tecnologia e o trabalho na história*. São Paulo: Nobel: EDUSP, 1986.
- GHIRALDELLI, Jr. P. A evolução das idéias pedagógicas no Brasil republicano. *Cadernos de Pesquisa* nº 60, p. 28 - 37, fev. 1987.
- _____. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 1991.
- GOMES, N.F.da C. Ensino de 2º grau: antecedentes e objetivos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v. 61, nº 137, p. 69 - 78, jan/mai, 1976.
- GUANABARA, C. O que é o professorado do desenho. *Escola Secundária*. nº 15, p. 108 - 113, 1960.
- KUENZER, A.Z. *Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo*. São Paulo: Cortez, 1988.
- LAURITO, Ilka B.G. As expectativas da universidade e o ensino de 2º grau. *Educação e Seleção* nº 01, p. 121 - 30, julho/1981.
- LIBÂNEO, J.C. Tendências pedagógicas na prática escolar In: LUCKESI, C.C. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1991.
- LOURENÇO FILHO, M. B. *A pedagogia de Rui Barbosa*. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1956.
- LOWENFELD, V. e BRITTAİN, W.L. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. 1ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- LUCKESI, C.C. et al. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- MACHADO, A. *Geometria descritiva*. 19ª ed. São Paulo: Ciência e Progresso, 1971.
- _____. *Perspectiva*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1967.
- MARSON, F. e SELTZER, N. O ensino artístico no curso secundário. *Revista de Pedagogia*, nº 16, p. 77 - 108, jan/jun, 1963.
- MEC/INEP/CENAFOR. A formação de professores. *BI-MESTRE. Revista do 2º grau*. São Paulo, nº 1, out. 1986.
- MELLO, G. Namó de. *Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político*. 17ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.
- MONTEIRO, J. Valores educativos do desenho. *Atualidades Pedagógicas*. nº 11, p. 24 - 25, set/out, 1951.
- MOREIRA, Ana A. A. *O espaço do desenho: a educação do educador*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1984.
- MOREIRA, A.F.B. *Curriculos e programas no Brasil*. Campinas: Papirus, 1990.
- MUNARI, B. *Desenho e comunicação visual*. São Paulo: Martins Fontes, s.d.
- NAGLE, J. *A reforma e o ensino*. 2ª ed. São Paulo: EDART, Brasília: INL, 1976.
- OSBORNE, H. *Estética e teoria da arte*. São Paulo: Cultrix, 1970.

PENTEADO, J. de A. Ensino de desenho no curso médio. *Atualidades Pedagógicas*, nº 4, p 11 - 14, 1950..

_____. *Curso de Desenho*. 10ª ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1972.

_____. O ensino de desenho e sua importância na obra pedagógica de Rui Barbosa. In: *A consciência didática no pensamento de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: 1978. Tese de livre docência. Faculdade de Educação da UFRJ, cap X, p. 72 - 91.

PENTEADO NETO, O. *Desenho estrutural*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.

PILETTI, N. *Estrutura e Funcionamento do ensino de 2º grau*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. Evolução do currículo no Curso secundário no Brasil. *Revista da Faculdade de Educação da USP*. v.13, nº2, p. 27 - 42, jul/dez, 1987.

PIMENTA, S.G. e GONÇALVES, C.L. *Reverendo o ensino de 2º grau e propondo a formação de professores*. São Paulo: Cortez, 1970.

ROMANELLI, O. de O. *História da educação no Brasil: 1930 a 1973*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989..

SANTOS, D. O valor educativo do desenho do natural nos cursos de 2º grau. *Escola Secundária* nº 13, p.110 - 111, 1960.

SANTOS FILHO, J.C. Articulação e integração entre a universidade e o ensino de 1º e 2º graus. *Revista Pro-Posições*, nº1, p. 14 - 28, mar/1980.

SANTOS, Sady C. Introdução à didática especial do desenho. *Escola Secundária*, nº 5, p. 91 - 94, 1958..

_____. O professor de desenho. *Escola Secundária*, nº6, p. 109-111, 1958.

_____. Os objetivos gerais do ensino de desenho. *Escola Secundária*, nº 7, p. 99 - 106, 1958.

_____. O desenho como matéria de ensino. *Escola Secundária*, nº 8, p. 101 - 103, 1959.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta curricular para o ensino de educação artística: 2º grau. São Paulo: SE/CENP, 1992. 79 p.

_____. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta curricular para o ensino de matemática: 2º grau, 3ª ed. São Paulo: SE/CENP, 1992. 414 p.

SAVIANI, D. Tendências e correntes da educação brasileira. In: MENDES, D.T. (coord.) *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

_____. A filosofia da educação no Brasil e sua veiculação pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v. 65, nº 156, p. 273 - 290, mai/ago, 1984.

_____. O nó do ensino de 2º grau. *BI-MESTRE: Revista do 2º grau*. São Paulo: MEC/INEP/CENAFOR, nº1, p. 13 -15, out. 1986.

_____. *Sobre a concepção da politecnia*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, Politécnica da Saúde Joaquim Venâncio, 1987.

Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SCOTT, R.G. *Fundamentos del diseno.* 3ª ed.. Buenos Aires: Victor Leru, 1951.

SEMINÁRIO - ENSINO DE 2º GRAU - ANAIS. São Paulo: FE/USP, 1989.

SILVA, Eurico. O desenho na cultura e na educação. *Escola Secundária*, nº 9, p. 94 - 100, 1959.

SILVA, T.R.N. Influências teóricas no ensino e no currículo no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, nº 70, p.5 -19, ago/1989.

SPERANDIO, Amadeu. *Curso completo de desenho para o ensino secundário.* São Paulo: Acadêmica, 1938.

STAMATO, J. et al. *Guia metodológico para cadernos MEC-Desenho.* Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1976.

STEIN, E. Iniciação ao desenho de cópia do natural. *Escola Secundária*, nº 14, p. 112 -115, 1960.

WARDE, M.J. Algumas reflexões em torno da Lei 7044. *Cadernos de Pesquisa*. nº47, p. 14 - 17, 1983..

REGULAMENTOS

Parecer CFE nº 47/62 de 13/04/1962 - Presença do Desenho no ensino de grau médio

Parecer CFE nº 338/62 de 17/11/1962 - Currículo da Licenciatura em Desenho

Parecer CFE nº 354/69 de 08/03/1969 - Curso de Licenciatura em Desenho e Plástica

Parecer CFE 853/71 e Resolução 8/71 - Fixam o núcleo comum para o ensino de 1º e 2º graus

Parecer CFE 1071/72 de 02/10/1972 - Posição do Desenho no currículo de ensino de 1º e 2º graus

Parecer CFE nº 1284/73 e Resolução nº 23 de 23/10/1973 - Conteúdos mínimos e duração do curso de Ed. Artística

Parecer CFE nº 342/77 - Tratamento a ser dado aos componentes curriculares previstos no artigo 7º da Lei 5602/71

LEGISLAÇÃO DE ENSINO

LEIS

BRASIL (Congresso Nacional)

Lei Federal nº 4024 de 20/12/1961 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Lei Federal nº 5692 de 11/08/1971 - Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus

Lei Federal nº 7044 de 18/10/1982 - Revoga a profissionalização compulsória

Projeto de lei nº 1258-C, de 1988. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional

BRASIL (Governo Federal)

Decreto-Lei nº 18890 de 18/03/1931 - Dispõe sobre a organização do ensino secundário

Decreto-Lei nº 4244 de 09/04/1942 - Das bases de organização do ensino secundário

Portaria Ministerial de 17/03/1936 - Dispõe sobre os programas do curso complementar

Portaria Ministerial nº 555 de 14/11/1945 - Dispõe sobre os programas das diversas disciplinas do ensino secundário

Portaria Ministerial nº 966 de 02/10/1951 - Dispõe sobre os programas das diversas disciplinas do curso secundário

REGULAMENTOS

Parecer CFE nº 47/62 de 13/04/1962 - Presença do Desenho no ensino de grau médio

Parecer CFE nº 338/62 de 17/11/1962 - Currículo da Licenciatura em Desenho

Parecer CFE nº 354/69 de 08/05/1969 - Curso de Licenciatura em Desenho e Plástica

Parecer CFE 853/71 e Resolução 8/71 - Fixam o núcleo comum para o ensino de 1º e 2º graus

Parecer CFE 1071/72 de 02/10/1972 - Posição do Desenho no currículo de ensino de 1º e 2º graus

Parecer CFE nº 1284/73 e Resolução nº 23 de 23/10/1973 - Conteúdos mínimos e duração do curso de Ed. Artística

Parecer CFE nº 540/77 - Tratamento a ser dado aos componentes curriculares previstos no artigo 7º da lei 5692/71



SÃO PAULO (Conselho Estadual de Educação)

Parecer CEE nº 395/80 - CESG de 12/03/1980 - Acréscimo da disciplina Desenho no currículo de 1º e 2º graus

Resolução CEE nº 7/63 da S.E do Estado de São Paulo - Currículo do ensino de grau médio

Deliberação CEE nº 18/72 - Relaciona as matérias para a parte diversificada do currículo do ensino de 2º grau, do Sistema Estadual de Ensino de São Paulo

Deliberação CEE nº 29/82 - Diretrizes sobre a implantação da Lei nº 7044/82, que altera os dispositivos da Lei 5692/71

ANEXOS



ANEXOS

ANEXO 01 - Programas do Curso Complementar

Portaria Ministerial de 17/03/1936

ANEXO 02 - Programa de Desenho para o Curso Científico

Portaria n° 10 de 04/01/1946

ANEXO 03 - Programa de Desenho - Curso Científico

Portaria n° 966 de 02/10/1951

ANEXO 04 - Circular 01/63 - Instruções da Diretoria do Ensino Secundário

ANEXO 05 - Parecer CFE n° 47/62

ANEXO 06 - Parecer CFE n° 338/62

ANEXOS

ANEXO 07 - Parecer CFE n° 354/69

ANEXO 08 - Parecer CFE n° 1071/73

ANEXO 09 - Deliberação CFE n° 18/72

ANEXO 10 - Parecer CFE n° 1284/73

ANEXO 11 - Parecer CFE n° 540/77

ANEXO 12 - Parecer CFE n° 395/80

ANEXO 13 - Deliberação CFE n° 29/82

ANEXO 14 - Roteiro Entrevistas - 1° etapa

ANEXO 15 - Roteiro Entrevistas - 2° etapa

ANEXO 16 - Entrevistas realizadas

II - Programas do curso complementar - de acordo com o artigo 10, decreto nº 21.241 de 04/04/1932 (Portaria Ministerial de 17/03/36, D.O. 19/03/1936, p. 5791, 5802 e 5812)

ANEXOS

ANEXO 01 - Programas do Curso Complementar

Portaria Ministerial de 17/03/1936.

ANEXO 02 - Programa de Desenho para o Curso Científico

Portaria nº 10 de 04/01/1946.

ANEXO 03 - Programa de Desenho - Curso Científico

Portaria nº 966 de 02/10/1951.

ANEXO 04 - Circular 01/62 - Instruções da Diretoria do Ensino Secundário.

ANEXO 05 - Parecer CFE nº 47/62.

ANEXO 06 - Parecer CFE nº 338/62.

ANEXO 07 - Parecer CFE nº 354/69.

ANEXO 08 - Parecer CFE nº 1071/72.

ANEXO 09 - Deliberação CEE nº 18/72.

ANEXO 10 - Parecer CFE nº 1284/73.

ANEXO 11 - Parecer CFE nº 540/77.

ANEXO 12 - Parecer CFE nº 395/80.

ANEXO 13 - Deliberação CEE nº 29/82.

ANEXO 14 - Roteiro / Entrevista - 1ª etapa.

ANEXO 15 - Roteiro / Entrevista - 2ª etapa.

ANEXO 16 - Entrevistas realizadas.

II - Programas do curso complementar - de acordo com o artigo 10, decreto nº 21.241 de 04/04/1932 (Portaria Ministerial de 17/03/36, D.O.: 19/03/1936, p. 5791; 5800 e 5812).

**Curso Médico, Farmacêutico e Odontológico
2ª série (5 horas semanais)**

I - Desenho à mão-livre

- 1 - Estudo especial das formas e proporções, escalas, ampliação e redução de desenhos e objetos. Noções de perspectiva.
- 2 - Esquédio de objetos e coisas peculiares às profissões: médica, farmacêutica e odontológica. Emprego do colorido (lápis, aguada e aquarela).
- 3 - Estudo sintético do corpo humano, em diversas posições.
- 4 - Ligeiros esquemas anatômicos.
- 5 - Partes do corpo humano (cabeça, mãos, pés, coração etc).
- 6 - Desenho especializado (dentes e dentadura, órgãos do corpo, material de laboratório).

II - Desenho linear geométrico

- 1 - Desenho linear geométrico.
- 2 - Objeto, importância e utilidade. Instrumentos empregados. Traçado das linhas retas e paralelas, suas combinações e divisões em partes iguais e proporcionais.
- 3 - Traçado da circunferência e combinações com a linha reta, retificação e divisão em partes iguais, traçado dos ângulos, bissetrizes, divisão e medida. Construção dos triângulos e polígonos. Concordância.
- 4 - Traçado gráfico das principais curvas geométricas, gráficas e artísticas.
- 5 - Escalas. Construção de uma escala gráfica.
- 6 - Exercícios do traçado gráfico das figuras resultantes da combinação de circunferência com linhas poligonais, redes curvilíneas e mistilíneas. Entrelaçados, rosáceas.

III - Noções de desenho projetivo

- 1 - Noções elementares da teoria das projeções: planos de projeção. Representação do ponto, reta e plano.
- 2 - Figuras planas, V.G.
- 3 - Cortes e secções planas.
- 4 - Representação dos corpos simples do espaço.

**Cursos de Engenharia
2ª série (6 horas semanais)**

- Cópia de modelos com a marcação de claro ou escuro.
- Cópia em barro de um ornato ou modelo de fácil execução.

Desenho Geométrico

- Desenho linear: definição e objeto. Instrumentos empregados: descrição, verificação e aplicação.
- Representação do ponto e da linha. Traçado gráfico de retas perpendiculares e oblíquas: sua divisão em partes iguais e proporcionais.
- Traçado gráfico de retas paralelas: sua divisão em partes iguais.
- Traçado gráfico dos ângulos: sua medida e divisão em partes iguais; bissetrizes.
- Traçado gráfico das circunferências; seus elementos: suas combinações entre si e com a linha reta.
- Retificação da circunferência e processos para a sua divisão em um número qualquer de partes iguais.
- Traçado gráfico dos polígonos inscritos e circunscritos: polígonos estrelados.
- Concordância das retas e das circunferências de círculo. Dúcina, talão, scossia e traçado de vários arcos.
- Elipse: definição, propriedade, traçado, seus elementos, tangentes e normais.



- Hipérbole: definição, propriedade, traçado, seus elementos, tangentes e normais.
- Parábola: definição, propriedade, traçado, seus elementos, tangentes e normais.
- Traçado gráfico das ovais, tangentes etc.
- Traçado gráfico da envolvente do círculo, tangentes etc.
- Traçado gráfico da cicloide e da epicloide etc.
- Traçado gráfico das espirais. Tangentes e normais.
- Traçado gráfico das figuras semelhantes.
- Escalas, construções de uma escala gráfica.
- Traçado gráfica das figuras provenientes da combinações de linhas retas; redes e entrelaçados retilíneos.
- Traçado gráfico das figuras formadas por circunferências; redes e entrelaçados curvilíneos.
- Traçado gráfico das figuras resultantes de circunferência em coroa; florões centrais.
- Traçado gráfico da combinação da circunferência com linhas retas; redes e entrelaçados mistilíneos.
- Traçado gráfico de ornatos simples, rosáceas, painéis, mosaicos; emprego do lápis colorido.

Noções de geometria descritiva (desenho de projeção)

- Definições e generalidades. Planos cotados; dupla projeção ortogonal; planos de projeção, bisetor, de perfil etc.
- Representação do ponto. Teoremas relativos às projeções do ponto. Épura. Diferentes posições que um ponto pode ter em relação aos planos de projeção; épuras correspondentes.
- Representação das retas. Traços de uma reta. Diferentes posições que uma reta pode ter em relação aos planos de projeção. Épuras correspondentes. Posições relativas de duas retas; épuras correspondentes.
- Representação do plano. Traços do plano. Linhas importantes do plano. Diferentes posições que um plano pode ter em relação aos planos de projeção; épuras correspondentes.
- Posições relativas de dois planos. Intersecção de planos. Posição relativa de um plano e uma reta, de um plano e um ponto; épuras correspondentes.
- Problemas sobre a linha reta.
- Problemas sobre retas e planos cominados.
- Figuras planas; mudança de planos, rotações e rebatimentos; V.G.
- Construção de um triedro, dados três elementos.
- Poliedros: representação dos corpos geométricos no espaço; secções planas.
- Noções de perspectiva linear e rigorosa.
- Elementos que entram na obtenção de uma perspectiva.
- Perspectiva das linhas e figuras planas.
- Perspectiva dos principais corpos simples do espaço.
- Perspectiva cavaleira.

C) Desenho decorativo

Unidade VII - COMPOSIÇÃO DECORATIVA AJUSTADA A DIVISÃO DAS SUPERFÍCIES

Distribuição dos motivos ornamentais em campo limitado e ilimitado. 2 - Eixos e patentes comendo motivos ornamentais de sua graça romana, egípcia, grega, árabe, chinesa e pré-colombiana. 3 - Eixos e patentes em curvas de concavidades sinuosas, arredondadas e angulares, mandrões curvilíneos.

Unidade VIII - DESENHO DE LETRAS E A SUA FUNÇÃO DECORATIVA

Desenho de letras quadradas, verticais e oblíquas, de tipo bastão simples. 2 - As letras romanas, as letras góticas e as letras de estilo. 3 - As letras modernas de letra.

D) Desenho convencional

Unidade IX - REPRODUÇÃO DE DESENHOS

Cópia em verdadeira grandeza por superposição - emprego da quadrícula, do alfiler - holo - stria, câmara clara e processos químicos. 2 - Cópia com redução ou ampliação por meio de quadrícula, processo mecânico (pantógrafo), uso do compasso de redução e triângulo de redução.

Unidade X - REPRESENTAÇÃO SOBRE EIXOS, SISTEMA CARTESIANO

Desenho de figuras geométricas, aritméticas e cartográficas.



PROGRAMA DE DESENHO PARA O CURSO CIENTÍFICO

(Portaria Ministerial nº 10, de 4 de janeiro de 1946)

A) Desenho do natural

Unidade I - APLICAÇÕES DA PERSPECTIVA DE OBSERVAÇÃO COM ESTUDO DAS SOMBRAS PRÓPRIAS E PROJETADAS: 1. Cópia de um objeto usual de forma prismática situado sobre um plano de contorno definido. 2. Cópia de um objeto usual de forma cilíndrica situado sobre o plano horizontal de um diedro reto. 3. Cópia de um objeto usual de forma cônica situado sobre um plano de contorno definido ou sobre o plano horizontal de um diedro reto.

Unidade II - APLICAÇÕES DA PERSPECTIVA DE OBSERVAÇÃO A CONJUNTOS DE OBJETOS USUAIS DE FORMAS SIMPLES: 1. Cópia, com estudo de sombras próprias e projetadas, de dois ou mais objetos de arestas, situados sobre um plano de contorno definido. 2. Cópia, com estudo de sombras próprias e projetadas, de dois ou mais objetos de formas diferentes sobre um plano de contorno definido.

B) Desenho geométrico e projetivo

Unidade III - EQUIVALÊNCIA DAS SUPERFÍCIES: 1. Construção de um triângulo cuja superfície seja equivalente à superfície de uma outra figura dada. 2. Construção de um quadrado ou de um retângulo cujas superfícies sejam equivalentes à superfície de uma outra figura dada. 3. Construção de um círculo cuja superfície seja equivalente à superfície de uma outra figura dada.

Unidade IV - TRAÇADO DAS CONCORDÂNCIAS: 1. Concordância de duas semi-retas paralelas por meio de um arco simples ou por meio de arcos compostos. 2. Concordância de duas retas convergentes. 3. Concordância de arcos de círculo entre si.

Unidade V - TRAÇADO DAS PRINCIPAIS CURVAS DO SEGUNDO GRAU: 1. Traçado da elipse de suas tangentes. 2. Traçado da parábola e de suas tangentes. 3. Traçado da hipérbole e de suas tangentes. 4. Traçado da espiral de Arquimedes e da tangente por um ponto dado sobre a curva. 5. Traçado da envolvente do círculo e da tangente por um ponto dado sobre a curva.

Unidade VI - SISTEMA PROJETIVO ORTOGONAL: 1. Artificio fundamental do sistema projetivo ortogonal. 2. Representação projetiva do ponto nos quatro diedros. 3. Representação projetiva de segmentos de reta de suas verdadeiras grandezas e traços de uma reta. 4. Representação projetiva do plano: retas principais de um plano qualquer e suas aplicações.

C) Desenho decorativo

Unidade VII - COMPOSIÇÃO DECORATIVA AJUSTADA À DIVISÃO DAS SUPERFÍCIES: 1. Distribuição dos motivos ornamentais em campos limitado e ilimitado. 2. Frisos e painéis contendo motivos ornamentais da arte greco-romana, egípcia, assíria, árabe, chinesa e pré-colombiana. 3. Frisos e painéis em curvas de concordâncias sinuosas, onduladas e espiraladas: meandros curvilíneos.

Unidade VIII - DESENHO DE LETRAS E A SUA FUNÇÃO DECORATIVA: 1. Desenho de letras padronizadas, verticais e oblíquas, do tipo bastão simples. 2. As letras romanas, as letras góticas e as letras de texto. 3. Letras iniciais de texto.

D) Desenho convencional

Unidade IX - REPRODUÇÃO DE DESENHOS: 1. Cópia em verdadeira grandeza: por suposição - emprego da quadricula, por decalque - heliografia, câmara clara e processos químicos. 2. Cópia com redução ou ampliação: processo da quadricula, processo mecânico (pantógrafo); uso do compasso de redução e triângulos de redução.

Unidade X - REPRESENTAÇÃO SOBRE EIXOS, SISTEMA CARTESIANO: 1. Eixos e coordenadas. 2. Diagramas, histogramas, estereogramas e cartogramas.



SEGUNDA SÉRIE

A) Desenho do natural

Unidade I - APLICAÇÕES DE PERSPECTIVA DE OBSERVAÇÃO COM ESTUDO DAS SOMBRAS PRÓPRIAS E PROJETADAS: 1. Cópia de modelos em baixo relevo de gesso representando elementos de fibra estilizada. 2. Cópia de modelos de gesso em baixo relevo representando elementos da fauna estilizada.

Unidade II - REPRESENTAÇÃO DA FIGURA HUMANA: 1. Estudo das proporções do corpo humano sobre diagrama típico. 2. Estudo elementar das proporções do corpo humano apresentado de frente, de costa e de perfil, sobre diagrama típico. 3. Representações em esboço, dentro das devidas proporções, de várias posições do corpo humano.

B) Desenho geométrico e projetivo

Unidade III - TRAÇADO DAS PRINCIPAIS CURVAS CÍCLICAS: 1. Traçado das ciclóides e da tangente por um ponto dado sobre a curva. 2. Traçado das epiciclóides e da tangente por um ponto dado sobre a curva. 3. Traçado das hipociclóides e da tangente por um ponto dado sobre a curva.

Unidade IV - APLICAÇÕES ELEMENTARES DAS PROJEÇÕES ORTOGONAIS NO PRIMEIRO DIEDRO: 1. Representação projetiva das principais figuras planas nos casos em que uma das projeções está em verdadeira grandeza. 2. Representação projetiva das principais figuras planas consideradas isoladamente ou situadas nos planos de topo, vertical e de perfil. 3. Representação projetiva das principais figuras planas situadas nos planos paralelos à linha de terra e plano qualquer.

C) Desenho decorativo

Unidade V - COMPOSIÇÃO DECORATIVA COM A UTILIZAÇÃO DE ELEMENTOS DA FLORA E DA FAUNA ESTILIZADAS: 1. Frisos e painéis contendo motivos da flora, com especial aproveitamento dos elementos brasileiros. 2. Frisos e painéis contendo motivos da fauna, com especial aproveitamento dos elementos brasileiros.

Unidade VI - COMPOSIÇÃO DECORATIVA COM A UTILIZAÇÃO DA FIGURA HUMANA: 1. Representação em frisos e em painéis quadrangulares das efígies dos maiores vultos da história pátria, das ciências, das artes e dos grandes benfeitores da humanidade. 2. Representação em frisos e em painéis da figura humana em atitudes simbólicas de suas atividades as ciências, nas artes, na agricultura, nas indústrias, no comércio e na aeronáutica.

D) Desenho convencional

Unidade VII - REPRESENTAÇÃO DE FENÔMENOS SOBRE O SISTEMA DE COORDENADAS POLARES: 1. Diagrama de setores. 2. Representações por meio de coordenadas polares.

Unidade VIII - GRÁFICOS ESTATÍSTICOS: 1. Distribuição de freqüência. 2. Polígono de freqüência. 3. Histograma de freqüência. 4. Curvas de freqüência. 5. Ogiva de Galton.

TERCEIRA SÉRIE

A) Desenho do natural

Unidade I - APLICAÇÕES DA PERSPECTIVA DE OBSERVAÇÃO À ORGANOGRAFIA BOTÂNICA E ZOOLÓGICA: 1. Representação de uma folha, flor ou fruto, todos de conformação simples para estudos gráficos, de seus pormenores morfológicos. 2. Representação de insetos, especialmente os lepidópteros. 3. Representação de aves, particularmente os exemplares brasileiros. 4. Representação de peixes, répteis e quelônios, idem. 5. Representação de mamíferos, principalmente animais domésticos.

Unidade II - REPRESENTAÇÃO DE PARTES DA FIGURA HUMANA: 1. Representação de elementos simples da osteologia, como por exemplo: o fêmur, a tíbia, o perônio, o maxilar inferior etc. 2. Representação do esqueleto da cabeça.



Unidade III - REPRESENTAÇÃO DE ÓRGÃOS DO CORPO HUMANO: 1. Representação esquemática do corte do coração com indicação morfológica de seus pormenores. 2. Representação do corte do aparelho visual com indicação morfológica de seus pormenores. Representação do corte do aparelho auditivo com indicação morfológica de seus pormenores.

B) Desenho projetivo - Perspectiva geométrica. Traçado geométrico das sombras próprias e projetadas. Geométrico.

Unidade IV - APLICAÇÕES ELEMENTARES DAS PROJEÇÕES ORTOGONAIS NO PRIMEIRO DIEDRO: 1. Representação projetiva dos principais sólidos geométricos tendo as bases paralelas ao plano horizontal de projeção ou nele situadas. 2. Representação dos principais sólidos geométricos situados nos planos paralelos à linha de terra e plano qualquer. 3. Representação projetiva dos principais sólidos geométricos orientados segundo seus eixos ou arestas.

Unidade V - TRAÇADOS PERSPECTIVOS: 1. Artificio fundamental da perspectiva linear geométrica. 2. Leis fundamentais de perspectiva linear geométrica. 3. Traçados práticos das perspectivas das principais figuras planas, dadas por suas projeções. 4. Traçados práticos das perspectivas dos principais sólidos geométricos, inclusive o método das três escalas. 5. Perspectiva cavaleira, traçados práticos das principais figuras e dos principais sólidos geométricos dados por suas projeções. Noções sobre perspectiva axonométrica.

Unidade VI - TRAÇADO GEOMÉTRICO DAS SOMBRAS PRÓPRIAS E PROJETADAS: 1. Direção da luz convencional. 2. Representação das sombras próprias dos principais sólidos geométricos dados por suas projeções. 3. Representação das sombras projetadas do ponto e das retas, dados por suas projeções. 4. Representação das sombras projetadas das principais figuras planas. 5. Representação das sombras projetadas dos principais sólidos geométricos.

C) Desenho Técnico

Unidade VII - REPRESENTAÇÕES ESQUEMÁTICAS: 1. Rascunhos cotados de um objeto, de um móvel, de um aparelho de física, de um aparelho de laboratório etc. 2. Problemas gráficos sobre altimetria, planimetria, perfis, plantas, elevações e secções.

Unidade VIII - GRÁFICOS DIVERSOS: 1. Desenho esquemático do fenômeno da visão. 2. Desenho esquemático da circulação no corpo humano. 3. Desenho esquemático de um circuito elétrico. 4. Desenho esquemático do fenômeno da refração da luz. 5. Desenho de organogramas, particularmente os de aplicação aos serviços da administração pública.

LIVROS DE DESENHO PARA O CURSO COLEGIAL EDITADOS PELA COMPANHIA EDITORA NACIONAL E DE USO AUTORIZADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

J.M. de Castro Neves
Desenho geométrico plano.
Desenho projetivo.



PORTARIA Nº 966, DE 2 DE OUTUBRO DE 1954

O Ministro da Educação e Saúde, tendo em vista os termos da Portaria nº614, de 10 de maio de 1951, que incumbiu a Congregação do Colégio Pedro II da elaboração dos programas das diversas disciplinas do curso secundário,

Resolve:

Art. 1º: Ficam aprovados os programas que a esta acompanham para o ensino de Português, Francês, Inglês, Latim, Grego, Espanhol, Geografia Geral e do Brasil, Matemática, Ciências, História Natural, Filosofia, História Geral e do Brasil, Economia Doméstica e Trabalhos Manuais no ensino secundário.

Art. 2º: Os programas aprovados pela presente portaria serão adotados por todos os estabelecimentos de ensino secundário do país e entrarão em vigor progressivamente, a começar do ano vindouro, pela primeira série ginásial e colegial.

Art. 3º: As instruções metodológicas para a execução dos programas das disciplinas a que se refere o art. 1º, redigidas pela Congregação do Colégio Pedro II, serão entregues dentro de trinta dias, ao Ministro da Educação, que as expedirá.

Art. 4º: Os programas das diversas disciplinas do curso secundário serão cumpridos no Colégio Pedro II e nos demais estabelecimentos de ensino secundário do país com desenvolvimento adequado à diversas regiões, tendo-se sempre em vista as conveniências didáticas.

Art. 5º: Para efeito do estabelecido no artigo anterior, a Congregação do Colégio Pedro II, no prazo de trinta dias, apresentará os planos de desenvolvimento desses programas mínimos ao Ministro da Educação, que os expedirá.

Art. 6º: Os planos de desenvolvimento expedidos nos termos do artigo anterior são extensivos a todos os estabelecimentos de ensino secundário, salvo aos que se regerem por planos estaduais próprios, os quais deverão ser aprovados pelo Ministro da Educação, na forma do disposto nos artigos seguintes desta Portaria.

Art. 7º: Aos Governos estaduais e dos Territórios ficará facultada a elaboração de planos de desenvolvimento próprios, que poderão ser adotados nos estabelecimentos de ensino secundário equiparados ou particulares do respectivo Estado, depois de aprovados pelo Ministro da Educação.

§ 1º: Os Governos Estaduais e dos Territórios que desejarem adotar plano de desenvolvimento próprio deverão apresentá-lo ao Ministro da Educação até o dia 30 de novembro de cada ano, para ser examinado pela Diretoria do Ensino Secundário.

§ 2º: A Diretoria do Ensino Secundário, depois de verificar se o plano apresentado pelo Governo Estadual está de acordo com os programas mínimos e com as respectivas instruções metodológicas, encaminhará o pedido ao Ministro até o dia 31 de janeiro, com o parecer circunstanciado sobre a conveniência ou não de sua aprovação.

§ 3º: Se não for concedida a autorização pleiteada ficarão os estabelecimentos, localizados nesse Estado, obrigados a adotar o plano de desenvolvimento em vigor no Colégio Pedro II.

Art. 8º: Os estabelecimentos de ensino secundário poderão optar entre o plano de desenvolvimento elaborado pela Congregação do Colégio Pedro II e o organizado pelo Governo do respectivo Estado.

Parágrafo único. Nos Estados ou Territórios, em que não houver plano de desenvolvimento aprovado nos termos do art. 7º desta Portaria, todos os estabelecimentos de ensino secundário ficarão sujeitos ao plano aplicado no Colégio Pedro II.

Art. 9º: O número mínimo de horas semanais para execução dos programas de cada disciplina obedecerá à distribuição constante dos quadros anexos.

Parágrafo único. Será facultado aos estabelecimentos de ensino secundário elevar o número de horas de aulas semanais de cada disciplina, desde que o total não ultrapasse o máximo permitido pelo art. 39 da Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto-lei nº 4.244, de 9-4-42).

Art. 10º: Revogam-se as disposições em contrário.

Simões Filho.



INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS PARA
EXECUÇÃO DO PROGRAMA DE DESENHOPROGRAMA DE DESENHO
CURSO CIENTÍFICO

1ª Série

Desenho de letras e algarismos padronizados, tipo bastão. Letras de texto.
Revisão das principais construções geométricas.
Origem e traçado comparativo das cônicas; tangentes.
Traçado das espirais; tangentes.
Teoria elementar das projeções. Artificio fundamental das projeções ortogonais. Épura.
Representação projetiva do ponto nos quatro diedros.
Classificação das retas do ponto de vista projetivo. Representação projetiva das retas no primeiro diedro. Traços de retas.
Classificação dos planos do ponto de vista projetivo. Representação projetiva dos planos no primeiro diedro. Verdadeira grandeza de um segmento de reta. Mudança de planos, rebatimentos e rotações.
Cópia de vasos de cerâmica, com representação sucinta das sombras.

2ª Série

Desenho de letras e algarismos padronizados, tipo bastão. Letras de texto.
Traçado das curvas cíclicas; tangentes.
Representação projetiva das retas principais de um plano. Porção útil de um plano.
Representação projetiva da intersecção de retas e planos.
Representação projetiva dos principais sólidos geométricos.
Cópia em conjunto de objetos, com representação sucinta das sombras.

3ª Série

Desenho de letras e algarismos padronizados, tipo bastão. Letras de texto.
Representação projetiva das seções planas nos principais sólidos geométricos.
Artificio fundamental da perspectiva linear geométrica. Princípios fundamentais da perspectiva linear geométrica.
Traçado perspectivo das principais figuras planas e dos principais sólidos geométricos, dados por suas projeções ortogonais.
Método das três escalas.
Traçado geométrico das sombras convencionais.
Perspectiva cavaleira.
Aplicação dos métodos perspectivos a um móvel, a um conjunto de sólidos geométricos ou a um interior.
Cópia de modelos em gesso com estudo das sombras próprias, projetadas e autoprojeadas.



INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS PARA EXECUÇÃO DO PROGRAMA DE DESENHO

O desenho é a linguagem gráfica e, assim, disciplina de expressão. Tanto quanto as demais modalidades de expressão, apresenta pelo seu exercício, ordenado ou desordenado, profundas repercussões psicológicas e, daí, justamente, o grande papel educativo que pode e deve ter na adolescência.

Passada a fase de representação gráfica de livre inventiva, que é característica da infância, o adolescente por si mesmo percebe o problema da representação em perspectiva. Dever-se-á aproveitar, então, esse interesse natural para a disciplina da observação visual e da capacidade de representação objetiva pelo desenho. Isso em nada impedirá o desenvolvimento da capacidade criadora e do senso estético, da mesma forma que a compreensão e o bom uso da gramática não invalidam as capacidades literárias de cada qual. Pelo contrário, se o ensino for bem dirigido, apurará a capacidade interpretativa e de expressão, com maior compreensão dos valores artísticos.

Será preciso ter em vista que o curso ginásial representa a base para vários outros ramos de estudos (clássico, científico, comercial, técnico) nos quais o desenvolvimento da observação analítica, com justas medidas de proporção é, de todo em todo, imprescindível. Por outro lado, deve-se compreender também que o desenho é fonte de prazer intelectual, pelas criações e interpretações que permite.

Nessa base é que se compôs o presente programa, que não apresenta sucessão de simples conhecimentos, por seriação dedutiva, mas, antes, construção indutiva.

A matéria está formulada em partes distintas para cada série, apenas para demarcação clara dos objetivos a atingir e dos processos a utilizar. Não devem essas partes, como todo professor devidamente preparado compreenderá, suceder-se de modo rígido, nem mesmo ter desenvolvimento isolado, embora paralelo. Faz-se necessário, pela orientação cíclica do programa, que essas diferentes partes, embora admitam exercícios específicos, se coordenem para o resultado final e boa harmonia dos objetivos visados. Por exemplo, será conveniente associar a construção dos triângulos aos sistemas ornamentais de redes triangulares; será profícuo, igualmente, associar o natural, com o de composições decorativas. Vê-se, portanto, que o desenho decorativo pode e deve estar associado tanto ao desenho do natural como ao desenho geométrico e ao projetivo.

A orientação didática, para cada uma das séries do curso, que se apresenta a seguir, esclarecerá os objetivos específicos de cada um dos itens e a concepção geral do programa como um todo.

CURSO CIENTÍFICO

O ensino do Desenho, no curso científico, tem como objetivo geral ampliar as habilidades e os conhecimentos adquiridos no curso ginásial e, ao mesmo tempo, mostrar ao estudante os grandes ramos de aplicação do desenho no campo das artes e nos domínios da técnica. Além das partes do desenho natural, geométrico, projetivo e decorativo, já existentes no ensino do ginásio, o programa abrange, por isso mesmo, duas outras referentes ao desenho técnico e ao convencional.

Na orientação geral a imprimir ao trabalho deverá o professor observar os mesmos princípios que se recomendam para o ensino do ginásio, com adaptação aos novos objetivos e ao nível de maior desenvolvimento dos alunos. Haverá, muitas vezes, oportunidade para o exame de problemas de caráter lógico, tanto pela representação de objetos ou grupos de objetos, como de suas partes em projeções convencionais. Deverá ser assim sempre aproveitado o ensejo que o desenho oferece, neste nível; como elemento de construção e revisão crítica e de senso de medidas, e precisão tão importante nos domínios da aplicação científica.

Por outro lado, porém, o desenvolvimento das partes de desenho do natural e decorativo facilitará exercícios que apurem o bom gosto e despertem a curiosidade para a compreensão da evolução das artes plásticas nos diferentes povos e épocas.

As técnicas de ensino são agora mais amplas, como o próprio programa indica na redação de cada uma de suas partes. Haverá a maior conveniência na coordenação de muitos exercícios com o andamento do ensino de outras disciplinas, como a Matemática, a Física, a História Natural, a Geografia e a própria História. Projetos comuns, no desenvolvimento do programa de desenho e no dessas disciplinas e, ocasionalmente, ainda, nos de outras, servindo para acentuar o sentido funcional do ensino e aumentar-lhe, por isso mesmo, o profundo caráter educativo de que deverá revestir-se.

Como linguagem gráfica o Desenho, neste nível de estudos, deverá ser compreendido, afinal, como disciplina de integração de conhecimentos, de técnicas e de formação estética, com valor cultural próprio e não apenas de



Desenvolvimento dos Programas de DESENHO CURSO CIENTÍFICO

1ª Série

I - Desenho geométrico e projetivo

- 1) Estudo das secções cônicas. Suas aplicações mais comuns nas artes, nas ciências e nas indústrias.
- 2) Traçado da elipse e de suas tangentes.
- 3) Traçado da parábola e de suas tangentes.
- 4) Traçado da hipérbole, das assíntotas e de suas tangentes.
- 5) Estudo objetivo das espirais planas. Suas aplicações nas artes, nas ciências e nas indústrias.
- 6) Traçado da espiral de Arquimedes e da espiral logarítmica e de suas tangentes.
- 7) Teoria elementar das projeções. Artificio fundamental das projeções ortogonais. Convenções gráficas. Épura.
- 8) Representação projetiva do ponto nos quatro diedros.
- 9) Classificação das retas sob o ponto de vista projetivo. Representação projetiva das retas no primeiro diedro. Traços de retas.
- 10) Classificação dos planos sob o ponto de vista projetivo. Representação projetiva dos planos no primeiro diedro. Retas concorrentes e paralelas. Planos definidos por 2 retas.
- 11) Mudança dos planos de projeção. Rebatimentos e rotações. Verdadeira grandeza de um segmento de reta e de um ângulo.
- 12) Verdadeira grandeza de polígonos e de superfícies curvas.

II - Desenho decorativo:

- 1) Desenho de letras e de algarismos padronizados tipo bastão: letras maiúsculas e minúsculas, verticais e oblíquas.
- 2) Composição de títulos e letreiros ornamentais. A letra gótica e a letra romana. Uso da policromia.
- 3) Composição de cercaduras e molduras ornamentais destinadas a realçar um título ou um texto. Uso de policromia.

III - Desenho do natural

- 1) Cópia de um vaso de cerâmica de forma simples com estudo das sombras próprias, projetadas e auto-projetadas.
- 2) Cópia de um vaso de cerâmica situado sobre um móvel pedestal.

2ª Série

I - Desenho geométrico e projetivo

- 1) Noções elementares sobre as curvas cíclicas: exemplos de curvas cíclicas nas indústrias, nas ciências e nas artes.
- 2) Traçado das cicloídes e suas tangentes.
- 3) Traçado das epicicloídes e suas tangentes.
- 4) Traçado das hipocicloídes e suas tangentes.
- 5) Traçado da evolvente do círculo e suas tangentes.
- 6) Representação projetiva no 1º diedro das retas de um plano. Retas principais de um plano.
- 7) Determinação da porção útil do plano qualquer e do plano paralelo à linha de terra, considerados no primeiro diedro.
- 8) Representação projetiva das principais figuras planas contidas ou não num plano dado por seus traços.
- 9) Representação projetiva dos principais sólidos geométricos no primeiro diedro.

II - Desenho decorativo

- 1) Desenho de letras e de algarismos padronizados tipo bastão, a tinta nanquim, empregando instrumental apropriado.
- 2) Composição de um cartaz empregando vários tipos de letras. Uso da policromia.

III - Desenho do natural

- 1) Perspectiva de observação com estudo de claro-escuro de um agrupamento de pequenos objetos.
- 2) Perspectiva de observação de um interior, como por exemplo, a sala de aula, um gabinete ou um vestíbulo.



3ª Série

I - Desenho projetivo de perspectiva:

- 1) Representação projetiva das secções planas no prisma reto, na pirâmide, no cilindro de base circular e no cone de base circular retos. Verdadeira grandeza da secção.
- 2) A perspectiva linear geométrica considerada como um caso particular das projeções cônicas.
- 3) Princípios fundamentais da perspectiva linear geométrica e aplicações práticas desses princípios.
- 4) Traçados práticos das perspectivas das principais figuras planas, dadas por suas projeções ortogonais.
- 5) Representação perspectiva dos principais sólidos geométricos pelo método das três escalas e dados por suas projeções ortogonais.
- 6) Representação perspectiva dos principais sólidos geométricos pelo método dos pontos medidores.
- 7) Noções sobre perspectiva paralela. A perspectiva cavaleira e o seu emprêgo na representação das principais figuras planas e principais sólidos geométricos.
- 8) Noções fundamentais sobre a representação das sombras convencionais. Representação da sombra própria dos corpos de arestas, dados por suas projeções ortogonais.
- 9) Representação da sombra própria dos principais sólidos redondos, dados por suas projeções ortogonais.
- 10) Representação da sombra projetada do ponto e das retas, dados por suas projeções.
- 11) Representação da sombra projetada das principais figuras planas e dos principais sólidos geométricos dados por suas projeções.
- 12) Representação das sombras em perspectivas.
- 13) Aplicação dos métodos de perspectiva a um móvel, a um conjunto de sólidos geométricos ou a um interior.

II - Desenho do natural

- 1) Cópia do natural a carvão de um ornato simples de gesso, com estudo de claro-escuro.
- 2) Cópia do natural a sanguineas de um ornato simples e gesso, com estudo de claro-escuro.
- 3) Cópia do natural com lápis Wolff de um ornato simples de gesso com estudo de claro-escuro feito por meio de traços.

INSTRUÇÕES DA DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO

CIRCULAR Nº 1/62

Sr. Diretor:

Tendo em vista as indicações feitas pelo Conselho Federal de Educação, homologadas pelo Ministro, remeto-vos os quadros anexos com os seguintes esclarecimentos:

1. Pode haver mais de um plano, no ciclo ginásial ou no ciclo colegial. Os planos são denominados, nos quadros anexos, de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª hipótese.

Atendem todos os planos às seguintes determinações legais:

- a) nove disciplinas no ginásio; b) oito disciplinas nas duas primeiras séries do colégio; c) sete disciplinas, no máximo, por série.
2. Quer para o ginásio quer para o colégio, um estabelecimento pode adotar os planos que quiser. É aconselhável, todavia, que ofereça a seus alunos, por adoção de dois ou mais planos, o maior número possível de oportunidades.
 3. Os planos podem ser adotados, um para cada turma de alunos ou mesmo mais de um para a mesma turma. Isso é exequível especialmente no ciclo ginásial. Assim, um estabelecimento, desde que ministre a todos os alunos de uma turma o ensino das disciplinas indicadas pelo Conselho Federal, poderá, se julgar conveniente, dividir a mesma turma em grupos para o ensino das demais disciplinas.
 4. Convém frisar que a lei determinou que o currículo das duas primeiras séries do ciclo ginásial deve ser comum a todos os cursos no que se refere às disciplinas obrigatórias. Essa exigência foi atendida nos planos do ginásio (quadros anexos); nas duas primeiras séries, o currículo obrigatório é o mesmo em todos os planos. Nas referidas séries, o currículo poderá variar somente na área das disciplinas optativas.
 5. Na terceira e quarta séries do ginásio, o currículo pode variar tanto na área das disciplinas optativas como na das chamadas "disciplinas complementares do sistema federal". A variação na área das disciplinas complementares é exemplificada nos quadros. Assim na 1ª hipótese: organização social e política brasileira e desenho; na 2ª hipótese: uma língua estrangeira moderna e desenho; na 3ª hipótese: uma língua estrangeira moderna e uma língua clássica; na 4ª: duas línguas estrangeiras modernas. Esses pares de disciplinas são exemplos. Outros poderão ser formados nos limites das disciplinas complementares. Exemplo: organização social e política brasileira e uma língua estrangeira moderna.
 6. Também no segundo ciclo, é admissível variação na área das disciplinas complementares do sistema federal. Exemplo: na primeira hipótese em lugar de uma das disciplinas complementares (Física, Química, Biologia), poderá ser introduzida outra disciplina complementar, como desenho ou uma língua estrangeira moderna ou filosofia.
 7. A distribuição, por séries, das disciplinas indicadas pelo Conselho Federal e das disciplinas complementares do sistema federal é a constante dos quadros. Na terceira hipótese do ciclo colegial poderá haver permuta das séries indicadas para a Geografia e as Ciências Físicas e Biológicas.
 8. As disciplinas optativas os estabelecimentos de ensino escolherão dentre as relacionadas no item 15 desta circular. Quanto à sua distribuição por séries, os quadros anexos apenas a exemplificam. Os estabelecimentos de ensino podem alterá-la, dentro dos limites que a lei permite.

Assim:

- a) terão duas disciplinas optativas para cada plano;
- b) não poderá haver série sem disciplina optativa; e
- c) uma das disciplinas optativas do ginásio pode ficar nas duas primeiras séries, e as outras nas últimas séries, como está nos quadros anexos.

Nada impede, porém, que uma fique em 3 séries e a outra em uma série só. Outra possibilidade: a disciplina que, nos quadros, figura na terceira e quarta série, poderá estender-se à segunda e até à primeira série (completando-se, assim, em cada uma delas, sete disciplinas).

9. A duração mínima do período escolar é de 180 dias. No corrente ano será observado o calendário escolar do ano anterior, com as alterações necessárias para que se torne possível o número de 180 dias efetivos de aulas. Isso se refere aos cursos diurnos. Para os cursos noturnos, a duração do período escolar ainda não foi estabelecida. Sê-lo-á, entretanto, na primeira quinzena de março.



10. Para o ensino das disciplinas e práticas educativas a lei estabelece o mínimo de 24 horas semanais. Nada impede que os estabelecimentos organizem horário de mais de 24 horas semanais.
11. O número de aulas de cada disciplina, obrigatória ou optativa, ficará a critério dos estabelecimentos de ensino. Igualmente, o número de horas destinado às práticas educativas.

A lei determinou que se deve dar relêvo especial ao ensino do português. Uma das formas de atender a essa exigência seria reservar, para esta disciplina, maior número de aulas semanais que o destinado a qualquer outra, e qualquer série.
12. O ensino da disciplina: Organização Social e Política Brasileira poderá ser ministrada, provisoriamente, por professores licenciados em Ciências Sociais ou registrados em Geografia ou História.
13. Nas duas primeiras séries do ginásio, será ministrado o ensino da História e da Geografia do Brasil, de modo a que propicie uma suficiente interpretação de seu país um sentido de integração na civilização brasileira.
14. Constituirão o ensino da terceira série do segundo ciclo quatro disciplinas, no mínimo e seis, no máximo, incluindo-se entre elas obrigatoriamente a língua portuguesa.

A lei determina que a terceira série colegial deverá ter currículo diversificado, que vise ao preparo dos alunos aos cursos superiores. Assim, além da língua portuguesa, as disciplinas da referida série deverão ser as exigidas nos concursos de habilitação para ingresso nos diferentes estabelecimentos de ensino superior.
15. As disciplinas optativas que podem ser adotadas pelos estabelecimentos são:
 - 1) no ciclo ginásial: línguas estrangeiras modernas, música (canto orfeônico), artes industriais, técnicas comerciais, técnicas agrícolas;
 - 2) no ciclo colegial: línguas estrangeiras modernas, grego, mineralogia e geologia, estudos sociais, psicologia, lógica, literatura, introdução às artes, direito usual, elementos de economia, noções de biblioteconomia, puericultura, higiene, dietética.

Além das disciplinas acima relacionadas, poderão ser escolhidas como optativas, em cada plano de currículo, as que figuram como obrigatórias em outros planos.
16. Para o ensino de Artes Industriais, podem ser aproveitados os professores de Trabalhos Manuais.
17. A lei estabelece que em cada ciclo do ensino secundário, além das disciplinas, deverá haver práticas educativas.

No sistema federal de ensino, além da educação física, que é obrigatória (para todos os alunos até a idade de 18 anos) poderão ser consideradas práticas educativas: educação cívica, educação artística, educação doméstica, artes femininas, artes industriais.
18. Segundo o artigo 39 da lei a apuração do rendimento escolar ficará a cargo dos estabelecimentos de ensino, aos quais caberá expedir certificados de conclusão de séries e ciclos e diplomas de conclusão de cursos.

No parágrafo 1º do mesmo artigo dispõe a lei que na avaliação do aproveitamento dos alunos preponderarão os resultados alcançados durante o ano letivo, nas atividades escolares, asseguradas ao professor, nos exames e provas, liberdade de formulação de questões e autoridade de julgamento.

A lei nada dispõe sobre a questão das provas e exames. Quanto a exames, no inciso VI do artigo 38, faz referência a exame final.

Assim, o que a lei dispõe a respeito da apuração do rendimento escolar é que ela avalie o aproveitamento do aluno, pelos resultados alcançados durante o ano letivo, as atividades escolares e pelo resultado de um exame final, preponderando aqueles sobre este.

Deve ficar esclarecido que, a critério dos estabelecimentos, poderão ser mantidas ou não as chamadas provas paralelas exigidas pela legislação vigente até o ano passado.

Finalmente, convém frisar que nos 180 dias de trabalho escolar efetivo não se inclui o tempo reservado a provas e exames.
19. Para os efeitos do artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases (inscrição em exames de admissão) o período letivo em cada ano será tido como encerrado em 31 de dezembro.
20. Cada estabelecimento disporá em regimento ou estatuto sobre a sua organização, a constituição dos seus cursos e o seu regime administrativo, disciplinar e didático. Até 31 de maio cada estabelecimento filiado ao



sistema federal deverá dar conhecimento à Diretoria do Ensino Secundário, por intermédio da Inspeção Seccional respectiva, da organização e regime escolar por ele adotado.

(a) Gildásio Amado

CICLO COLEGIAL (Variedades admissíveis)									
(1ª e 2ª séries)									
DISCIPLINAS INDICADAS PELO CONSELHO FEDERAL	1ª HIPÓTESE		2ª HIPÓTESE		3ª HIPÓTESE		4ª HIPÓTESE		
	SÉRIES		SÉRIES		SÉRIES		SÉRIES		
	I	II	I	II	I	II	I	II	
Português _____	x	x	x	x	x	x	x	x	
História _____	x	x	x	x	x	x	x	x	
Geografia _____	-	-	x	x	x	-	x	-	
Matemática _____	x	x	-	-	-	-	-	-	
Ciências Físicas e Biológicas _____	-	-	x	x	-	x	x	x	
DISCIPLINAS COMPLEMENTARES DO SISTEMA FEDERAL	1ª HIPÓTESE		2ª HIPÓTESE		3ª HIPÓTESE		4ª HIPÓTESE		
	SÉRIE		SÉRIE		SÉRIE		SÉRIE		
	I	II	I	II	I	II	I	II	
Física _____	x	x	-	-	-	-	-	-	
Química _____	x	x	-	-	-	-	-	-	
Biologia _____	x	x	-	-	-	-	-	-	
Filosofia _____	-	-	-	-	-	-	x	x	
Língua estrangeira moderna _____	-	-	x	x	x	x	x	x	
Língua clássica _____	-	-	-	-	x	x	-	-	
Desenho _____	-	-	x	x	-	-	-	-	
DISCIPLINAS INDICADAS PELOS ESTABELECIMENTOS	1ª HIPÓTESE		2ª HIPÓTESE		3ª HIPÓTESE		4ª HIPÓTESE		
	SÉRIE		SÉRIE		SÉRIE		SÉRIE		
	I	II	I	II	I	II	I	II	
1ª) Optativa _____	x	-	x	-	x	x	-	x	
2ª) Optativa _____	-	x	-	x	x	x	x	x	

PARECER Nº 47/62

Aprovado em 13/4/62 - (in DOCUMENTA Nº 3, pág. 64)

A presença do Desenho no ensino de grau médio

O Presidente do D.A. da Escola Nacional de Belas Artes e professores do Colégio Militar, encaminham a este Conselho exposição e representação nas quais se fazem ponderações sobre a posição do ensino do Desenho no nível secundário, em face da fixação feita por este órgão das matérias obrigatórias para aquele setor.

A representação do D.A. da Escola Nacional de Belas Artes considera que a decisão do Conselho Federal colocou o Desenho na condição de disciplina complementar e praticamente ausente na formação secundária da juventude brasileira tanto mais quanto o seu ensino exigirá aparelhamento específico, o que acarretará o seu banimento por parte de estabelecimentos de ensino particular.

Tal situação, conclui, é incompatível com a função formadora e a propedêutica do ensino médio, esta francamente prejudicada no que se refere ao preparo de candidatos às escolas de Engenharia, Arquitetura, Química, Filosofia, Belas Artes e cursos militares.

Ao fixar o currículo do ensino médio, este Conselho teve que situar-se dentro da letra e do espírito da Lei de Diretrizes e Bases, de cuja implantação e cumprimento se considera um dos instrumentos relevantes.

Entre os pontos que deviam ser considerados na ocasião, estava a restrição imperativa da Lei, que limitou a nove, no ginásio e a oito, no colégio, número de matérias a serem ensinadas, com um carregado curriculum de estudos.

O cumprimento da lei exige novas fórmulas, entre as quais se incluem o agrupamento de matérias segundo critérios de afinidades, a possibilidade de opções, segundo interesses, gostos, aptidões, etc., ou a flexibilidade de curriculum, ou a orientação educacional e profissional, ou a orientação dos colégios pelos órgãos de administração do ensino, consagradas implícita ou expressamente pelo diploma citado. Embora considerando que todos os setores de conhecimento da técnica e das práticas humanas têm a sua parcela de contribuição na formação de jovens, no cumprimento da Lei, teve o Conselho de realizar a escolha das matérias.

O Desenho está incluído entre as nove obrigatórias do ensino médio, em situação idêntica à das línguas clássicas e modernas.

Portanto, a colocação de tais disciplinas na parte complementar da lista de cinco não pode ser interpretada como omissão.

O Desenho constitui matéria obrigatória do ensino em duas das quatro combinações de curriculum do 1º ciclo e em uma das quatro combinações do segundo. Outra alternativa não foi deixada ao Conselho, salvo prejuízo do ensino de outras matérias, também valiosas para a juventude.

Por outro lado, acreditamos que o grau de contribuição formadora e propedêutica de qualquer matéria no curriculum e a sua atração para os educadores, não depende de imposições de lei, de decretos ou de decisões, da conjunção de outros fatores entre os quais o da existência de professorado de alto nível, de bons livros e de material didático adequado, da utilização de bons métodos, de orientação aos estudantes, etc. Se tais condições forem negativas, o ensino de muitas das matérias obrigatórias, quer da lista de cinco, quer da de nove não produzirá o resultado dele esperado.

Não terá sido este, o caso, no passado, do ensino de muitas das disciplinas, inclusive o Desenho?

Devemos considerar, ainda, a existência de mecanismos que por ação indireta também forçarão correções de desvios que porventura se derem na escolha de certas disciplinas pelos alunos.

Os vestibulares para ingresso nos cursos de Engenharia, Arquitetura, Belas Artes, Faculdade de Filosofia e Escolas Militares exercerão tal papel, inculcando preferência dos alunos pelos cursos onde o Desenho tenha mais espaço do que o concedido na 3ª série do colégio.

Outra ação corretiva será a exercida pelos responsáveis pela orientação educacional e profissional de cada escola, ao aconselhamento dos estudantes e pais.

Ainda outro instrumento a ser utilizado será a assistência técnica que o Ministério e as Secretarias de Educação devem dar aos ginásios e colégios, necessária a um contínuo aperfeiçoamento dos estabelecimentos, não só no sentido material, mas, sobretudo, na organização geral do ensino, o que virá necessariamente prestigiar o ensino do Desenho.



Por último, duas grandes tarefas podem ser desempenhadas pelos próprios professores de Desenho e pelas suas associações de classe:

- a) a de fortalecer uma consciência coletiva do valor dessa matéria na formação da inteligência, dos sentidos, da personalidade e da capacidade criadora e produtora do homem;
- b) a de colaborar, equiparadas em nível, no ensino das Ciências, da Geografia e da História a que levarão a sua técnica de expressão.

Tal movimento terá todo o apoio dêste Conselho.

A revisão da resolução anterior do Conselho Federal de Educação não nos parece aconselhável.

(a) Joaquim de Faria Góes Filho, Relator



18. CURSO DE DESENHO E PLÁSTICA

- Licenciatura (*)

Parecer CFE Nº 338/62

Currículo de Licenciatura em Desenho

Parecer nº 234/62, aprovado em 4 de maio de 1962

- 01) O desenho nas escolas de grau médio atende a objetivos diversos, como o da expressão, ao lado da linguagem, o de complemento da Matemática e o de técnica auxiliar no ensino das ciências e nas técnicas em geral.
- 02) Acontece que ainda cabe ao professor de desenho a iniciação dos alunos nas artes plásticas, as quais, dada a controvérsia atual, reclamam oportunidades de interpretação nos sistemas educacionais.
- 03) Escolas com cursos primários em certos países ministram de par com o desenho e a pintura, a modelagem e outras atividades artísticas.
- 04) Ao mesmo tempo, a conexão do desenho com as artes industriais e as técnicas comerciais, ora admitidos nas escolas de grau médio, se impõem, ampliando os objetivos do seu ensino, não ainda em caráter profissional, mas propedêutico, integrado nos objetivos comuns da escola média.
- 05) Procurando conciliar essas tendências e encontrar um currículo comum básico ou mínimo para a formação do professor de desenho, sugerimos:
 - 1 - História das Artes e das Técnicas;
 - 2 - Desenho Artístico e Pintura;
 - 3 - Desenho Técnico e Matemática Aplicada;
 - 4 - Modelagem e Escultura;
 - 5 - Técnica de Composição Artística;
 - 6 - Técnica de Composição Industrial;
 - 7 - Iniciação nas Artes Industriais;
 - 8 - Disciplinas pedagógicas de acordo com o Parecer 292
- 06) Os estudos de Geometria Descritiva e Projetiva, bem como os de perspectivas e sombras, estão compreendidos em Matemática Aplicada, na extensão e no desdobramento a serem fixados pelo estabelecimento de ensino.
- 07) A duração do curso será de quatro anos.



18. CURSO DE DESENHO E PLÁSTICA

- Licenciatura (*)

Parecer nº 354/69, aprovado em 8 de maio de 1969

Relator: Cons. Celso Kelly

A arte nos dias de hoje constitui um desafio, não só aos artistas que se encontram na encruzilhada de tantos caminhos como ao público ou ao consumidor de arte, nem sempre com a sensibilidade despertada, ou cultivada, para compreender expressões novas ou formas inéditas. Tantas foram as transformações e inovações que a Pintura e a Escultura experimentaram nos últimos tempos, a partir de meados do século passado, que o seu estudo, como fenômeno em si, adquiriu conotações diferentes, fazendo emergir das velhas regras da criação uma nova Estética, baseada na Psicologia da Forma e na Sociologia da Comunicação de Massas. De privilégio de alguns ou de gozo de certos grupos, a arte tenta projetar-se sobre a comunidade em geral, como um aprimoramento no estilo da vida, quer no plano pessoal, quer no plano social. Busca-se o reencontro da arte com o povo, tornando-a expressão coletiva e fruto de trabalho de equipe, de que o gótico foi exemplo edificante na história.

A fase de intensiva industrialização de nossos dias e a aspiração de proporcionar educação a todos - educação que não pode afastar a contribuição preciosa das artes - colocam, em novos termos, a presença destas na escola comum, primária ou ginásial - essencial à formação da personalidade e estímulo às vocações.

2. O comum das criaturas tem, na comunicação e no entendimento, uma de suas condições de convívio: a arte é um caminho do enriquecimento da expressão, como linguagem plástica significativa ou ordenativa: o comum das criaturas consome arte, na medida de sua sensibilidade e na razão do acesso da manifestação estética à sua percepção: a educação artística elementar pode aguçar aquela sensibilidade em soluções rudes ou requintadas, de arte pura à arte aplicada ou utilitária. O útil e o belo podem unir-se no objeto, e oferecer ao cotidiano alguns traços de encantamento e estesia. A arte projeta-se, pois, como um processo capaz de conduzir ao bem-estar e como atividade propedêutica ao domínio das técnicas de viver e de produzir. A Plástica empresta à formação humana, ao convívio social e ao progresso da comunidade o quantum de harmonia e de equilíbrio que conciliam as forças opostas em torno à criatura e em conclusão nos grupos. Partindo das formas elementares, como o retângulo, o círculo, a cruz e o quadrado, a Plástica se desenvolve em formas fechadas e abertas, e em volumes, umas e outras através de ritmos, seja numa natureza morta de Cézanne, seja num jogo de horizontais e verticais de Mondrian seja numa marca ou símbolo de fábrica, seja na linha compositiva de um automóvel ou máquina de escritório ou de qualquer objeto caseiro. Em seguida aos movimentos que, aos poucos, foram retirando à Pintura e Escultura a representatividade de seres e coisas, desde o impressionismo ao cubismo e à abstração, duas grandes experiências acentuaram a generalização da arte, a associação entre arte e indústria e a fruição da arte no uso comum dos objetos e ambientes: a Bauhaus com Gropius à frente, e a Escola Superior de Ulm., à frente Max Bill. Graças a uma e outra, destruídos os preconceitos de hierarquia, os objetos (se resolvidos plasticamente) passaram à categoria de arte. E a arte passará a rodear a criatura, a envolvê-la, a criar-lhe o ambiente. Vivendo e transpirando arte não pelo artifício de obras estratificadas, mas pela integração da criatura no mundo criado à sua volta - a arte deixará de ser requinte ou passatempo ou selo de algo gosto, para adquirir o trânsito normal das emoções que nos envolvem, sensibilizam e espiritualizam. Por que perseguir obstinadamente uma pintura se todo o ambiente é um quadro, sob a regência da harmonia que a Plástica a tudo emprestará? Nem se há de chegar, com exclusividade, a essas conclusões tão revolucionárias, nem tampouco continuar a admitir tão-somente a contemplação das peças de museus.

3. O professor de Desenho, com a exclusiva tarefa de ensinar desenho expressivo ou artístico e as primeiras técnicas de Desenho de precisão, não corresponde sequer ao mínimo de iniciação artística que nos tempos atuais e dentro do espírito da Lei de Diretrizes e Bases se deve esperar da formação comum do estudante de grau médio. A extensão progressiva de educação plástica à modelagem, às artes aplicadas ou industriais e à interpretação do fenômeno estético, quer na obra de arte pura, quer nas aplicadas, reclama um professor de Desenho que tenha pleno domínio do problema da Plástica, capaz de ser orientador e iniciador de novas formas de expressão. Não se trata - é necessário deixar bem claro - de professores de disciplinas específicas do ensino técnico ou do ensino artístico, em grau médio ou superior, mas tão-somente o educador de arte, no plano da formação comum dos adolescentes, o que não deixa de ser um caminho propedêutico e aprofundamentos específicos no futuro.

4. Esquemmatizando, o professor de Desenho e Plástica tem na escola a missão de integrar a arte na vida, visando, pelo menos, a:

- a) proporcionar melhores condições de sensibilidade e entendimento ao consumidor;
- b) enriquecer, pelos meios plásticos, a expressão humana e as comunicações coletivas;
- c) estender aos objetos, pelo seu valor formal, os efeitos até então esperados apenas das manifestações estéticas puras;
- d) associar arte e indústria, na interpretação de soluções e processos;
- e) contribuir para o bem-estar da comunidade.



Duração:

5. O curso, em virtude de sua vinculação a técnicas, que demandam exercícios prolongados, e ante a impossibilidade de tentar iniciação simultânea em todos, exige duração ponderável, como condição para o adestramento daquelas técnicas. Tal aspecto deve ser considerado por ocasião do parecer relativo à duração mínima dos cursos, atendendo quer ao problema didático, quer à importância cultural da área de estudo, quer significação social da carreira. Desde já sugere a duração mínima de 2.700 horas-aula, com a integração anual entre 540 e 900 horas-aula.

Cursos Correlatos:

6. Sempre que currículos de formação artística em cursos regulares, de grau superior, ministrados em instituições autorizadas ou reconhecidas, consubstanciarem a matéria integrando currículo de Licenciatura em Desenho e Plástica, poderão os seus diplomados candidatar-se àquela licenciatura, mediante o estudo das disciplinas pedagógicas. Não havendo correspondência total de estudos, serão complementarmente ministrados aqueles que foram exigidos para o curso de Licenciatura.

Conclusão do Relator

7. A condição polivalente do professor de arte no curso de grau médio (de vez que difícil se tornará uma equipe de professores um para cada coisa) e a condição de formador de personalidade (e não de artistas) aconselham a revisão do currículo de Licenciatura, que deverá ser denominado de Licenciatura em Desenho e Plástica, compreendendo as seguintes áreas de estudo:

1. Estética e História das Artes
2. Plástica (Teoria Elementar da Forma)
3. Análise e Exercício dos Materiais
4. Expressão em Superfície, Volume e Movimento
5. Desenho Geométrico, Geometria Descritiva e Perspectiva
6. Composição: espaço, cor, linha e ritmo
7. Iniciação às Técnicas Industriais
8. Disciplinas Pedagógicas, na forma do parecer específico.

§ 1º - O Estudo de Plástica compreende a pesquisa da forma, suas possibilidades, a criatividade e a psicologia de suas soluções.

§ 2º - A Análise dos materiais expressivos é acompanhada de exercícios experimentais e artesanais que os dominam e iniciam os alunos nas técnicas correspondentes. Entre os materiais, constarão obrigatoriamente a terra (cerâmica), a madeira (marcenaria), a pedra (escultura), o vidro (vitrais e outras aplicações), tintas e corantes (pintura), o metal (ofícios correlatos), os tecidos (estamparias e tapetes) metal e madeira (gravura).

§ 3º - A Expressão abrange: expressões em superfície (desenho, fotografia e montagens); expressões em volume (modelagem, maquetes, objetos); e expressões em movimento, ou seqüências móveis, historietas em quadrinho, desenho animado, diafilmes.

(a) Celso Kelly - Relator

Conclusões do 4º Grupo

É o 4º Grupo de parecer que:

a) sejam aceitas as conclusões do parecer;

b) seja baixada a Portaria, indicando o novo currículo e fazendo remissão às recomendações constantes da conclusão.

(a) Clóvis Salgado - Coordenador, Celso Kelly - Relator, Celso, Cunha, José Borges dos Santos.

Conclusões da Comissão

A Comissão Central de Revisão dos Currículos, tendo examinado o projeto anexo de currículo mínimo da Licenciatura em Desenho e Plástica e respectiva duração, apresentado pelo Subgrupo correspondente a relatado pelo Cons. Celso Kelly, é de parecer que o projeto atende às exigências técnicas e às normas fixadas por este Conselho para regular a matéria, recomendando sua aprovação pelo Plenário.

Sala das Sessões, em 8 de maio de 1969. (as) Newton Sucupira - Presidente da Comissão Central de Revisão de Currículos, Clóvis Salgado - Coordenador do 4º Grupo, Henrique Dodsworth - Coordenador do 2º Grupo, Valnir Chagas - Coordenador da 2ª Comissão, Roberto Santos.

Resolução nº 13, de 23 de fevereiro de 1970

- Fixa os mínimos de conteúdo e duração do curso de Desenho e Plástica.

O Conselho Federal de Educação, usando da atribuição que lhe confere o art. 26 da Lei 5.540 de 1986, na forma do Par. 354/69, que a esta se incorpora, homologado pelo Sr. Ministro da Educação e Cultura - 20 - fevereiro - 1970, resolve:

Art. 1º - O Curso de Licenciatura em Desenho e Plástica habilita ao magistério, em grau médio, de Desenho, Modelagem, História da Arte e iniciação às Artes Aplicadas.

Art. 2º - É o currículo mínimo do curso constituído das seguintes matérias:

a) Matérias básicas:

1. Estética e História das Artes;
2. Plástica;
3. Análise e exercício dos materiais expressivos.

b) Matérias profissionais:

1. Expressão em superfície, volume e movimento;
2. Desenho Geométrico, Geometria Descritiva e Perspectiva;
3. Composição: espaço, cor, linha e ritmo;
4. Iniciação às Técnicas Industriais;
5. Disciplinas Pedagógicas, na forma do parecer específico.

Art. 3º - Os cursos providenciarão estágios em "ateliers" e oficinas escolares, ou credenciados, bem como excursões, com a obrigação de relatório crítico a obras fundamentais.

Art. 4º - O Curso de Desenho e Plástica terá a duração mínima de 2.700 horas-aula, devendo ser ministrado no mínimo em três e, no máximo, em sete anos letivos.

(a) José Barreto Filho - Presidente.

PARECER CFE Nº 1.071/72 - CEPSCG - Aprovado em 02-10-12

ASSUNTO: Posição do Desenho no currículo de ensino de 1º e 2º graus

INTERESSADO: Professor de Desenho

RELATORA: Maria Terezinha Tourinho Saraiva

PROCESSO Nº 563/72 - CFE

Em correspondência dirigida ao Sr. Presidente do C.F.E., professor de Desenho tece considerações para ressaltar a "importância do Desenho" e o "pequeno destaque dado a essa disciplina no currículo escolar".

Entre as perguntas formuladas, procuraremos responder a duas, abaixo transcritas, que constituem a essência da correspondência enviada a este Conselho:

1ª - Por que o Desenho não foi incluído em Comunicação e Expressão?

2ª - Qual será o futuro dos professores de Desenho?

VOTO DA RELATORIA

O C.F.E., através do Parecer nº 853/71 - Resolução 8/71 e 45/72 - Resolução nº 2/72, regulamentou o disposto no art.4º, parágrafos e incisos, da Lei nº 5.692, de 11-8-71, que fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus:

"Artigo 4º - Os currículos do ensino de 1º e 2º graus terão um núcleo comum, obrigatório em âmbito nacional, e uma parte diversificada para atender, conforme as necessidades e possibilidades concretas, às peculiaridades locais, aos planos dos estabelecimentos e as diferenças individuais dos alunos.

§ 1º - Observar-se-ão as seguintes prescrições na definição dos conteúdos curriculares:

I - O Conselho Federal de Educação fixará para cada grau as matérias relativas ao núcleo comum, definindo-lhes os objetivos e a amplitude.

II - Os Conselhos de Educação relacionarão, para os respectivos sistemas de ensino, as matérias dentre as quais poderá cada estabelecimento escolher as que devam constituir a parte diversificada.

III - Com a aprovação do competente Conselho de Educação, o estabelecimento poderá incluir estudos não decorrentes de matérias relacionadas, de acordo com o inciso anterior.

§ 2º - No ensino de 1º e 2º graus dar-se-á especial relevo ao estudo da língua nacional como instrumento de comunicação e expressão da cultura brasileira.

§ 3º - Para o ensino de 2º grau, o Conselho Federal de Educação fixará, além do núcleo comum, o mínimo a ser exigido em cada habilitação afim.

§ 4º - Mediante aprovação do Conselho Federal de Educação, os estabelecimentos de ensino poderão oferecer outras habilitações profissionais para as quais não haja mínimos de currículos previamente estabelecidos por aquele órgão, assegurada a validade nacional dos respectivos estudos."

Dentro da competência conferida pela lei, o C.F.E. fixou o núcleo comum (Parecer nº 853/71 e Resolução nº 8/71) para o 1º e 2º graus, abrangendo as matérias: Comunicação e Expressão; Estudos Sociais e Ciências.

Para efeito da obrigatoriedade atribuída ao núcleo comum, incluiu como conteúdo específico de Comunicação e Expressão a Língua Portuguesa.

No art. 3º da Resolução nº 8/71, o Relator, Conselheiro Valnir Chagas, recomenda:

"Além dos conhecimentos, experiências e habilidades inerentes às matérias fixadas, o seu ensino visará:

a) em Comunicação e Expressão, ao cultivo de linguagens que ensejam ao aluno o contato coerente com os seus semelhantes e a manifestação harmônica de sua personalidade, nos aspectos físico, psíquico e espiritual, ressaltando-se a Língua Portuguesa como expressão da Cultura Brasileira".



Aí está o pensamento do eminente educador: além da Língua Portuguesa - conteúdo específico de Comunicação e Expressão - outras formas de linguagem (artística, física) deverão ser cultivadas. É ele ainda, no seu Parecer nº 853/71 que afirma: "Mas um núcleo comum não há de ser encarado isoladamente, se em termos de currículo, como já proclamavam os educadores do século XVIII, "tudo está em tudo". A Língua Portuguesa, não pode estar separada, enquanto forma de Comunicação e Expressão, da Educação Artística ou de um Desenho que se lhe acrescentem, sob pena de inevitável empobrecimento."

É, ainda, a Lei nº 5.692, que determina:

"Art. 7º - Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus".

O emprego do termo amplo "educação artística" indica a necessidade do ensino de diferentes aspectos artísticos, para a formação da criança e do adolescente. O professor de Desenho não se deve dedicar exclusivamente ao exercício da disciplina sob o enfoque técnico ou artístico; deve ser o educador da arte, no plano da formação do aluno.

A inclusão obrigatória de Educação Artística vem atender a esse objetivo. No campo de atividades e áreas de estudos, o Desenho e a Plástica trarão importante contribuição. Exemplificando: em Estudos Sociais, na confecção de mapas e maquetes de relevo geográfico, quadros estatísticos e cronogramas; no campo das Ciências, Comunicação Visual do Desenho Geométrico, com o Desenho de Precisão, nos gráficos de representação de fenômenos físicos e leis matemáticas, confecção e desenho de modelos anatômicos e aparelhagem e laboratórios. No próprio campo de Educação Artística, como elementos de integração das Artes na cenografia teatral, na confecção de cartazes e painéis, na expressão plástica de peças folclóricas. Tais atividades desenvolvem-se tanto nos campos do Exercício dos Materiais Expressivos, da Expressão de Superfície, Volume e Movimento, da História das Artes, quanto no Desenho Geométrico, utilizando as variadas técnicas de expressão e comunicação visual artística, despertando vocações, estimulando no estudante a criatividade, o conhecimento da problemática da composição formal, o raciocínio analítico, ensejando o convívio com as Artes Plásticas e seu entendimento dentro do contexto histórico e sócio-cultural.

Exercem esses trabalhos duplo papel: se por um lado levam a um futuro aprofundamento do cultivo da arte e das técnicas, por outro fornecem subsídios para a sondagem de aptidões e iniciação ao trabalho, na sua configuração com a Iniciação às Técnicas Industriais.

Observa-se, desse modo, que o Desenho e a Plástica têm lugar próprio nos dois campos: o da educação geral e o da formação especial. Há que acrescentar, no que se refere à parte de educação geral, quer no 1º, quer no ensino de 2º grau, que a maioria dos conselhos Estaduais, ao elaborarem a parte diversificada dos currículos, e este Conselho, quando o fez, através do Parecer nº 81/72, para o sistema federal, incluíram Desenho, por saberem e sua importância e de sua aplicação nas matérias do núcleo comum. No que se refere à habilitação profissional, o Parecer nº 45/72, CFE, que trata deste assunto, apresenta um catálogo bastante rico de opções. Estão nele relacionados oito conjuntos de habilitações profissionais afins ao nível de técnico. Dentre esses conjuntos, seis deles constam, no currículo proposto e aprovado, a disciplina Desenho, como formativo ou como instrumental.

Nesse mesmo catálogo, constam vinte habilitações específicas no campo de Desenho, tais como Desenhista de Arquitetura, Desenhista de Instalações, Desenhista de Estruturas etc.

Além dessas, são citadas nove habilitações isoladas de técnico em que o Desenho é necessário na formação especial, algumas das quais levam à especialização, como é o caso de Desenhista de Estruturas Navais.

O Parecer nº 45/72, do CFE, contém o resultado de estudos dos mais abalizados conhecedores do assunto, tanto do magistério especializado quanto das empresas privadas. As conclusões apresentadas fazem reconhecer a importância do Desenho, em suas várias formas, em vasto campo de atividades do setor secundário.

É evidente que a atividade do professor de Desenho não pode englobar todas essas especializações. Serão necessárias a atualização e a escolha de campo. No entanto, a formação básica desses profissionais permite sua atuação imediata. Basta consultar o currículo mínimo dos cursos de Licenciatura em Desenho e Plástica, ainda em vigor, aprovado pela Resolução nº 13, de 23-2-1970, do CFE: "Além da formação pedagógica necessária, impõe-se o estudo de Estética e História das Artes Plásticas, Análise e Exercício dos Materiais Expressivos, Expressão em Volume, Superfície e Movimento, Iniciação às Técnicas Industriais (composição, espaço, cor, linha e ritmo), Desenho Geométrico, Geometria Descritiva e Perspectiva."

Em conclusão, o receio de falta de mercado de trabalho para o professor de Desenho é infundado. Tal como os demais professores, em igualdade de condições, estão convocados para a tarefa de renovação educacional imposta pelo texto da Lei nº 5.692.



VOTO DA CÂMARA

A Câmara de Ensino de 1º e 2º Graus aprova o voto da Relatora.

Sala das Sessões, em 12 de setembro de 1972.

Pe. JOSÉ VIEIRA DE VASCONCELLOS - Presidente, **Maria Terezinha Tourinho Saraiva** - Relatora, **Paulo Nathanael Pereira de Souza**, **Valnir Chagas**, **Edília Coelho Garcia** e **Esther Figueiredo Ferraz**.

VOTO DO PLÊNÁRIO

O Conselho Federal de Educação, em sessão plenária, aprova o Parecer da Câmara de Ensino de 1º e 2º Graus, sobre a posição do Desenho no currículo do ensino de 1º e 2º Graus.

Sala Barreto Filho, em 2 de outubro de 1972.

Pe. JOSÉ VIEIRA DE VASCONCELLOS - Presidente em exercício. **Abgar Renault**, **Alberto Deodato**, **Edília Coelho Garcia**, **Terezinha Tourinho Saraiva**, **Newton Sucupira**, **Paulo Nathanael Pereira de Souza**, **Valnir Chagas**, **Benedito de Paula Bittencourt**, **Edson Machado de Souza**, **Alaôr de Queiroz Araújo**, **Antonio Martins Filho**, **Lena Castello Branco Ferreira da Costa**.

RESOLUÇÃO SE, DE 3 DE AGOSTO DE 1972

Homologando, com fundamento no artigo 9º e seus parágrafos da Lei nº 10.403, de 6 de julho de 1971:

a deliberação nº 18/72-CFE, aprovada pelo Conselho Estadual de Educação, em sessão realizada em 10-7-72, que aprova relação de matérias para a parte diversificada do currículo do ensino de 2º Grau, do Sistema Estadual de Ensino de São Paulo - Processo 7.076/72.

DELIBERAÇÃO CEE Nº 18/72 (*)

Aprova-se relação de matérias para a parte diversificada do currículo do ensino do 2º grau, do Sistema Estadual de Ensino de São Paulo.

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições, de acordo com o disposto no inciso II, § 1º, do artigo 4º, da Lei federal nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 e nos termos da Indicação CEE nº 304/72, da Câmara do Ensino do Segundo Grau.

Delibera:

Artigo 1º - A relação de matérias da parte diversificada do currículo pleno do ensino de 2º grau referida no artigo 4º, § 1º, inciso II, da Lei federal nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, é a constante do Catálogo anexo, que fará parte integrante da presente Deliberação.

§ 1º - Na relação figuram matérias que poderão ser escolhidas pelos estabelecimentos e tratadas a nível de 2º grau como atividades, áreas de estudos ou disciplinas, umas para o enriquecimento do currículo da parte de educação geral, e outras para o da parte de formação especial, consoante as habilitações profissionais.

§ 2º - A referida relação de matérias, constante do Catálogo será periodicamente revista pelo Conselho Estadual de Educação, considerando-se:

- a) os planos, os objetivos dos estabelecimentos, e as experiências realizadas;
- b) os interesses individuais dos alunos;
- c) os novos levantamentos sobre as necessidades concretas e peculiaridades locais.

§ 3º - As matérias relacionadas no Catálogo, e que são integrantes do Núcleo Comum, poderão ser ministradas na parte diversificada, com objetivos e amplitude diversos das fixadas na Resolução nº 8/71, do Conselho Federal de Educação.

Artigo 2º - Mediante aprovação do Conselho Estadual de Educação, os estabelecimentos de ensino poderão incluir estudos não decorrentes das matérias relacionadas, conforme o disposto no artigo 4º, § 1º, inciso III, da Lei federal nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.

Artigo 3º - Esta Deliberação entrará em vigor na data da sua homologação.

Aprovada, por unanimidade, na 433ª sessão plenária hoje realizada. O Conselheiro Alpíno Lopes Casali votou com restrições.

Sala "Carlos Pasquale", 10 de julho de 1972.

Alpíno Lopes Casali, Presidente

(*) Homologada pela Resolução - SE 1-8-72 do D.O. de 4-8-72, pág. 14



RELATÓRIO DA COMISSÃO ESPECIAL

PROCESSO CEE Nº 1.302/72

1. Em reunião do Conselho Pleno, de 3 de julho de 1972, propôs o nobre Conselheiro Paulo Gomes Romeo fosse constituída uma Comissão Especial com a finalidade de examinar o Catálogo de Matérias da Parte Diversificada do Ensino do 2º Grau, tendo em vista as emendas sugeridas por alguns conselheiros. Propôs, ainda, que o prazo para apresentação de emendas fosse fixado até o dia 5 de julho de 1972.
2. Aprovada a proposta do conselheiros Paulo Gomes Romeo, o Exmo. Sr. Presidente, em reunião do Conselho Pleno, de 5 de julho de 1972, depois de ouvir os Srs. Presidentes das Câmaras, designou para constituírem a Comissão os conselheiros: Amélia Americano Domingues de Castro, José Borges dos Santos Júnior, João Baptista Salles da Silva e José Bonifácio Silva Jardim.
3. No dia 6 de julho de 1972, reuniu-se a Comissão acima referida, para exame do Catálogo e das emendas propostas pelos nobres conselheiros Luiz Cantanhede Filho, Guido Cavalcanti de Albuquerque, Wladimir Pereira e Luiz Ferreira Martins.
4. Das emendas apresentadas, algumas eram supressivas, outras aditivas e poucas se constituíam em modificação de nomenclatura ou em alteração no grupo de classificação.
5. A comissão examinou amplamente o Catálogo, discutindo as diversas emendas apresentadas, concluindo pela aceitação de parte substancial das mesmas.
6. Tendo-se verificado algumas omissões, no que respeita às matérias que constituem os mínimos das habilitações profissionais, propõe a comissão que as mesmas sejam relacionadas à parte e distribuídas juntamente com o Catálogo.
7. Se, porventura, matérias integrantes da parte diversificada do currículo pleno, relacionadas no Catálogo, coincidirem quanto à denominação com outras componentes dos mínimos profissionalizantes, de que trata o Parecer CFE nº 45 72, a Comissão Especial, refletindo o pensamento da Indicação CEE nº 304 72, esclarece que aquelas devem diferenciar-se destas em objetivos e conteúdos.

Tendo em vista o exposto, é parecer da Comissão que o Catálogo, em anexo, atende aos objetivos propostos, devendo ao mesmo ser aplicado o que se especifica nos itens seis e sete.

São Paulo, 10 de julho de 1972

Cons. José Bonifácio Silva Jardim, Relator

Cons^a. Amélia Domingues de Castro

Cons. João Baptista Salles Silva

Cons. José Borges dos Santos Júnior

CATÁLOGO DE MATÉRIAS PARA A PARTE DIVERSIFICADA DO CURRÍCULO DO ENSINO DE SEGUNDO GRAU, DO SISTEMA ESTADUAL DE ENSINO DE SÃO PAULO, DE ACORDO COM O ARTIGO 4º, INCISO II, DA LEI FEDERAL Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971.



22 - EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Habilitações

22.1 - Habilitação Geral em Educação Artística de 1º Grau

22.2 - Artes Cênicas

22.3 - Artes Plásticas

22.4 - Desenho

22.5 - Música

INCISO IX

Composição Decorativa

Desenho

Desenho Aplicado às Artes Gráficas

Desenho Artístico Industrial

Desenho de Construção Civil

Desenho Didático

Desenho de Estruturas Metálicas

Desenho da Figura Humana

Desenho de Instalações Hidráulicas

Desenho de Modas

Desenho de Observação

Desenho Projetivo

Desenho Técnico (sem especificar o Curso)

Desenho Técnico e Edificação

Desenho Técnico de Máquinas

Desenho Técnico de Máquinas e Motores

Desenho Topográfico

Composição e Projeto (Curso Decoração)

Desenho Aplicado

Desenho Arquitetônico

Desenho de Concreto Armado

Desenho Cartográfico

Desenho de Estradas

Desenho Geométrico

Desenho de Instalações Elétricas

Desenho de Letras e Cartazes

Desenho de Móveis

Desenho Ornamental

Desenho e Pintura Aplicada

Desenho Técnico e Escultura

Desenho Técnico e Mecânica

Desenho Técnico de Projeto de Máquinas

Desenho de Tecidos

Estética

Os Fundamentos da Expressão e da Comunicação Humana estudam com os fatores de toda ordem, notadamente psicológicos, que explicam o fenômeno expressão-comunicação no vasto reino da forma, tomada esta em sua acepção lato que ultrapassa as manifestações estritamente artísticas. Sem exaurir as abordagens racionais inevitáveis ao certo ponto, o estudo há de alcançar a natureza e os processos ou características mais gerais desse fenômeno em suas dimensões individual e coletiva que são, no fundo, expressões vivas da cultura nacional (Lei nº 5.692/71, art. 4º, § 2º).

Ainda, portanto, na integração da Arte em seu contexto mais próximo, o Folclore Brasileiro surge como solução do tal evidência que chegou a ser incompreensível se haja até hoje deixado de incluí-lo, duramente, nos currículos próprios de grau superior e, imediatamente, nos graus escolares que a este precedem memória e alma coletiva, impregnado de "significados" como *formas* sedimentadas de ser e de viver, o folclore constitui expressão por excelência da cultura de um povo, não apenas um registro inerte de pitorescos, mas uma fonte sempre renovada onde é possível encontrar, em estado latente ou manifesto, muitos dos traços comportamentais que distinguem e individualizam cada região.

Tal, por demais, na parte comum, focaliza-se propriamente o setor artístico em materiais que se continuam e completam. Pela História e História da Arte, considera-se o fato estético em si mesmo - em suas condicionamentos, em seu processo, em sua realidade - e em sua forma e constante evolução que é, afinal, a busca de *Formas de Expressão e Comunicação*, presentes ajustadas a cada época e a cada circunstância. O estudo dessas formas passa então a constituir um ponto de chegada no conhecimento de licenciatura de 1º grau, e um ponto de partida na continuidade de uma habilitação específica a desenvolver-se na duração plena.

Em ambas as direções, certo é certo que não basta permanecer em generalidades sobre as Formas de Expressão e Comunicação. Na primeira, será necessário que o aluno tenha experiência das quatro áreas já previstas na Indicação nº 23/73 (art. 44): Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música e Desenho. Não, decerto, a um nível de especificidade que



22 - EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Habilitações

- 22.1 - Habilitação Geral em Educação Artística de 1º Grau
- 22.2 - Artes Cênicas
- 22.3 - Artes Plásticas
- 22.4 - Desenho
- 22.5 - Música

PARECER Nº 1.284/73, aprovado em 9 de agosto de 1973

Autor: Cons. Valnir Chagas

Esta é a primeira Indicação Específica dentre as cinco previstas na Indicação Básica nº 23/73, em que se deverão fixar os mínimos de conteúdo e duração para as licenciaturas de "educação geral". Focaliza-se o curso de Educação Artística, dando por supostos e incorporados os princípios e normas não apenas daquela Indicação Básica como da Indicação Introdutória nº 22/73, em que se disciplinou genericamente o preparo do magistério em face da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Ao mesmo tempo, considera-se a dupla circunstância de que a nova licenciatura excede os limites do "geral" para alcançar também a área de "formação especial" (Ind. 22, conclusão 6.2) e, conquanto autônoma, se insere no complexo de cursos que formam o "campo de Comunicação e Expressão" (Ind. 23, conclusão 1.3).

Como as demais, de acordo com o modelo já traçado, a licenciatura aqui focalizada poderá estruturar-se em duração plena ou curta, ou em ambas as modalidades. Proporcionará sempre a "habilitação geral" em Educação Artística - o próprio título - e "habilitações específicas" relacionadas com as grandes divisões da Arte (Ind. 22, conc. 10): não mais de uma de cada vez, ante a natureza e amplitude dos estudos a realizar. O currículo terá, assim, uma parte comum que as instituições sempre oferecerão, qualquer que seja a modalidade escolhida de duração, e outra diversificada em consonância com as habilitações específicas programadas.

O Currículo: parte comum

A parte comum deverá revestir a tríplice função de, (a) na modalidade de curta duração, constituir-se um núcleo suficiente ao professor orientador de Educação Artística para as suas atividades de ensino, sondagem de aptidões e iniciação ao trabalho; (b) na de duração plena, formar esse mesmo núcleo e servir de base à escolha e ao cultivo das habilitações específicas; e (c) em ambas as modalidades, situar o curso no campo mais amplo de Comunicação e Expressão. Para atender a esta última função, indicam-se duas matérias - Fundamentos da Expressão e da Comunicação Humanas e Folclore Brasileiro - e duas outras para a segunda: Estética e História da Arte e, sobretudo, Formas de Expressão e Comunicação Artística. Convenientemente reunidas e integradas, as quatro devem cobrir a primeira função, configurando o mínimo indispensável ao preparo do mestre polivalente que alcance, ou não, o nível das habilitações específicas.

Os Fundamentos da Expressão e da Comunicação Humanas entendem com os fatores de toda ordem, notadamente psicossociais, que explicam o fenômeno expressão-comunicação no vasto reino da forma, tomada esta em sua acepção lata que ultrapassa as manifestações estritamente artísticas. Sem exaurir-se nas abordagens teóricas, inevitáveis até certo ponto, o estudo há de alcançar a natureza e os processos ou características mais gerais desse fenômeno em suas dimensões individual e coletiva que são, no fundo, expressões vivas da cultura nacional (Lei nº 5.692/71, art. 4º, § 2º).

Ainda, portanto, na integração da Arte em seu contexto mais próximo, o Folclore Brasileiro surge como solução de tal evidência que chegue a ser incompreensível se haja até hoje deixado de inclui-lo, diretamente, nos currículos próprios de grau superior e, indiretamente, nos dos graus escolares que a este precedem memória e alma coletiva, impregnado de "significados" como *formas* sedimentadas de ser e de viver, o folclore constitui expressão por excelência da cultura de um povo: não apenas um registro inerte de pitorescos, mas uma fonte sempre renovada onde é possível encontrar, em estado latente ou manifesto, muitos dos traços comportamentais que distinguem e individualizam cada nação.

Dai por diante, na parte comum, focaliza-se propriamente o setor artístico em matérias que se continuam e completam. Pela Estética e História da Arte, considera-se o fato estético em si mesmo - em seus condicionamentos, em seu processo, em seus resultados - e em sua lenta e constante evolução que é, afinal, a busca de *Formas de Expressão e Comunicação Artística* ajustadas a cada época e a cada circunstância. O estudo dessas formas passa então a constituir um ponto de chegada, na terminalidade da licenciatura de 1º grau, e um ponto de partida na continuidade de uma habilitação específica a desenvolver-se em duração plena.

Em ambas as hipóteses, óbvio se torna que não basta permanecer em generalidades sobre as Formas de Expressão e Comunicação. No mínimo, será necessário que o aluno tenha experiência das quatro áreas já previstas, na Indicação nº 23/73 (conc. 44): Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música e Desenho. Não, decerto, a um nível de especificidade que

as desmembrem funcionalmente do conjunto artístico, mas como o teor de individualização necessário a que possa ele fazer uma opção consciente para prosseguimento de estudos e, se for o caso, atuar com eficiência na escola de 1º grau.

Impõe-se, em consequência, um grande equilíbrio entre os dois extremos; equilíbrio contra o qual, aliás, milita a tradição brasileira de um ensino superior prematuramente especializado. De qualquer modo, insistimos em que a isto já não deve conduzir aquela individualização. Tal como o candidato a uma habilitação específica, o professor do ensino de 1º grau não tem de ser um especialista em determinadas divisões da Arte. Conquanto sem desconhecer essas divisões, cabe-lhe apresentar globalmente os recursos artísticos de expressão e comunicação dentre os quais venham os estudantes a selecionar os que mais se ajustem às variáveis do seu mundo interior. O *processo*, no caso, é incomparavelmente mais importante que os resultados estéticos a obter.

Estas considerações levam sem dúvida a que, na elaboração dos currículos plenos, a matéria "Formas de Expressão e Comunicação", seja desdobrada quer em disciplinas diferenciadas, quer em subprogramas de disciplina única ministrada por vários professores. Numa e noutra alternativas, porém, exige-se adequada coordenação, para que possa o futuro mestre perceber o fato artístico na substancial unidade que reveste em meio às suas distintas manifestações. Assim irá ele tratá-lo depois no exercício do magistério, e não ainda em divisões das "artes" para as quais existem as habilitações específicas.

Observamos ainda, nesta parte comum, que tanto os Fundamentos de Expressão e Comunicação Humanas como o Folclore Brasileiro são matérias que se exigem pela primeira vez com obrigatoriedade nacional. Algumas instituições, assim, poderão não dispor de professores para ministrá-las imediatamente. Onde e quando tal ocorrer, a solução é programar transitoriamente o seu ensino para fase mais avançada do curso, enquanto se preparam os docentes que por elas irão responsabilizar-se. Certo, não se trata de formar desde o começo esses professores, mas de especializar, para o magistério das novas disciplinas, profissionais do campo artístico ou de campos afins cuja experiência os indique para tanto.

O Currículo: parte diversificada

A parte diversificada, característica do curso em duração plena, destina-se basicamente a formar professores para as disciplinas relacionadas com as grandes divisões artísticas. A enumeração inicial de Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música e Desenho nada tem de exaustiva e pode ser enriquecida com outros cortes que as instituições façam em seus currículos plenos. Apenas, quando assim ocorrer, o acréscimo dependerá de aprovação deste Conselho para que o diploma tenha validade nacional (Ind. nº 22/73 - conc. 6.3 e 6.4). O magistério daí resultante será decerto, mais freqüente nas opções profissionalizantes do ensino de 2º grau; porém não exclusivo. A educação artística só é obrigatoriamente globalizada até a quinta ou sexta série do 1º grau. Daí por diante, embora não se proíba o seu prosseguimento como "atividades" e "áreas de estudo", ainda como educação geral, qualquer que seja o campo "especial", artístico ou não, que venha a escolher no 2º grau.

Outra vantagem da diversificação, a partir de uma base comum, está na possibilidade de circulação do preparo feito com vistas ao magistério para outras ocupações não docentes do setor artístico. De várias maneiras poderá isso ocorrer. O aluno, por exemplo, deixa de receber a formação pedagógica da licenciatura e a substituição por estudos aprofundados de conteúdo - teatro, música, pintura etc. - obtendo ao fim um diploma de bacharel. Mais tarde, se assim o entender, completará aquela formação e receberá também o título de licenciado. Inversamente, o que já possua a licenciatura, em pouco tempo se credenciará ao bacharelato. Sem mencionar a hipótese mais rara do mestrado, a que sempre deverão ter acesso tanto licenciados como bacharéis.

Esta e outras aberturas foram levadas em conta na fixação dos mínimos de conteúdo para a parte diversificada. Aí sempre se inclui uma abordagem de "evolução" em prosseguimento, agora individualizado, à "História da Arte" exigida na parte comum. temos assim a *Evolução das Artes Visuais*, prescrita para Artes Plásticas; a *Evolução do Teatro e da Dança*, para Artes Cênicas; a *Evolução da Música*, para esta e a *Evolução das Técnicas de Representação Gráfica*, para Desenho. É de grande importância que o artista ou professor de Arte seja capaz de situar temporalmente o seu campo estético, pois só assim terá consciência de suas transformações, ao longo da própria transformação humana, e poderá distinguir a autêntica inovação do que represente mera repetição do antigo ou, como é freqüente, não chegue a merecer o nome de arte. Afinal, por mais "neutras" que eventualmente se apresentem, as "formas" artísticas não fogem às leis que presidem à marcha do saber.

Além desse estudo evolutivo, prevêem-se para a *habilitação em Artes Plásticas* três outras matérias na configuração do conteúdo mínimo: *Fundamentos de Linguagem Visual*, abrangendo a psicologia da forma, particularmente da percepção, e os elementos fundamentais da composição: ritmo, harmonia, movimento, cor etc; *Análise e Exercício de Técnicas e Materiais Expressivos*, compreendendo esses materiais e técnicas em si mesmos e, quanto aos primeiros, a sua origem, as sua confecção artesanal ou industrial, o seu emprego geral e a sua aplicação ao ensino; e *Técnicas de Expressão e Comunicação Visual* incluindo a expressão em superfície, volume e movimento, programação visual e todo um mundo de recursos que vai da cerâmica, da gravura e das artes gráficas (embalagem, cartaz, ilustração, propaganda) à história em quadrinhos, à fotografia, ao cinema e ao desenho animado. Uma grande margem de opção reserva-se, portanto, às instituições no planejamento desta matéria.

Para a *habilitação em Artes Cênicas* acrescentam-se: *Expressão Corporal e Vocal*, como uma análise de recursos e possibilidades a desenvolver; *Encenação*, compreendendo o espaço cênico e os elementos expressivos da



cena, para chegar à encenação propriamente dita - coordenação, atuação - e à metodologia do teatro e da dança; *Cenografia*, abrangendo iluminação, sonoplastia, maquete e caracterização e figuras; e *Técnicas de Teatro e Dança*, em que mais diretamente se exercitarão o teatro e a dança de origem clássica, moderna ou folclórica, sem esquecer os recursos pedagógicos do tipo oficina de teatro infantil (teatro de bonecas, teatro de mão) ou jogos de teatro.

Para a habilitação em *Música*, prescrevem-se também: *Linguagem e Estruturação Musicais*, matéria de cunho prática em que, a partir de noções ministradas na "evolução" (modalismo, tonalismo, atonalismo etc), se chegará às técnicas e aos exercícios de criação; *Técnicas de Expressão Vocal* - Canto Coral e outras - de alto significado para a formação geral da personalidade, não só por louvarem a consciência da importância da voz humana enquanto veículo de comunicação e expressão como por basear-se em atividades de conjunto e constituir-se, assim, um valioso recurso de integralização social dos educandos; *Práticas Instrumentais*, compreendendo o estudo dos vários instrumentos musicais, com particularização de alguns dentre eles segundo possibilidades e inclinações individuais; a *Regência*, entendida como experiência em conduzir a realização musical, de que deve resultar uma visão global do processo de criação e recriação aos diversos níveis primitivo, popular, folclórico e erudito.

Para a habilitação em *Desenho*, finalmente, deverão estudar-se além da evolução: *Linguagem Instrumental das Técnicas de Representação Gráfica* - Desenho Geométrico, Geometria Descritiva e Perspectiva - com um caráter acentuadamente prático de preparação às *Técnicas de Representação Gráfica* propriamente ditas: Desenho Mecânico, Topográfico, Arquitetônico e de Interiores, entre outros; *Técnicas Industriais*, como estudo dos recursos mecânicos de geração de forma para industrialização a partir, tanto quanto necessário, do conhecimento de técnicas artesanais básicas; e introdução ao Desenho Industrial, focalizando projeto, desenvolvimento e execução de protótipos.

Demos, assim, a esta habilitação em sentido e amplitude que nos parecem de todo convenientes no atual momento brasileiro. Se o licenciado irá lecionar em áreas profissionalizantes, e poderá mesmo obter um bacharelado, não há por que omitir do currículo este aspecto utilitário, desde que sem fugir ao objetivo artístico do curso. Originariamente um meio expressivo, o Desenho foi mais tarde utilizado como Instrumento de raciocínio espacial e de representação técnica das formas bi e tridimensionais; Geometria Descritiva, Desenho Geométrico. Não se desvinculou, porém, do mundo da expressão e da criatividade; apenas ajustou-se a novas condições. É o que ocorre agora com o *Design*, que significou uma verdadeira síntese destas duas tendências ou direções.

Por isto é que o próprio *Design* aqui imperfeitamente chamado "Desenho Industrial", foi também incluído no currículo, embora com a ressalva de uma simples "Introdução" que não impede as instituições de atribuir-lhe maior ênfase. O seu endereço é sem dúvida prático, mas não deixa de ser igualmente pedagógico. Numa época dominada pela tecnologia, em que todos vivemos cercados de formas industrialmente concebidas e construídas, o professor de Desenho já não pode ignorar, nem deixar de considerar em seu ensino, esta característica profundamente atual de sua habilitação.

Formação pedagógica

Tal como está previsto na conclusão 3.1 da Indicação nº 22/73, aos mínimos até aqui fixados virá somar-se a formação pedagógica da licenciatura. Para essa formação, que deverá incorporar-se e ajustar-se aos conteúdos nos vários currículos plenos, serão baixadas normas especiais em consonância com a nova política do magistério. Até então, as instituições que organizem de imediato o curso de Educação Artística poderão ater-se à Resolução nº 9-69, oriunda do Parecer nº 672/69, com orientação geral contida nas conclusões 7.1, 7.2, 7.3 e 8.0 da Indicação nº 22. É uma ressalva quase desnecessária de um lado, porque já se encontra em preparo a revisão do Parecer nº 672, devendo a sua aprovação ocorrer muito proximamente; de outro, porque os cursos imediatamente iniciados não começarão a ministrar formação pedagógica antes do segundo ano letivo.

Duração

Previmos como duração mínima do curso abrangendo as matérias de conteúdo e a formação pedagógica, (a) 1.500 horas de atividades, a serem integralizadas em tempo total variável de um e meio a quatro anos letivos, com o termo médio de dois anos, para a modalidade de curta duração; e (b) 2.500 horas, integralizáveis de três a sete anos letivos, com o termo médio de quatro anos, para a duração plena. Assim, em vista das peculiaridades do setor artístico, adotamos um esquema superior ao que se traçou como referência para as Humanidades e idêntico ao traçado para as áreas de Ciências e Tecnologia. Valemo-nos para tanto da faculdade contida na conclusão 5.3 da Indicação nº 22/73.

RESOLUÇÃO Nº 23, de 23 de outubro de 1973

Fixa os mínimos de conteúdo e duração do curso de Educação Artística.

O Presidente do Conselho Federal de Educação, na forma de que dispõe o art. 26 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, combinado com os arts. 29 e 30 da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, tendo em vista as Indicações nº 22, 23 e 36 - CFE e o Parecer nº 1.284/73, homologado pelo Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura, os quais a esta se incorporam,

RESOLVE:

Art. 1º - O curso de licenciatura em Educação Artística, a que se refere a conclusão 1.4 da Indicação nº 23/73, terá por objetivo formar professores para as atividades, áreas de estudo e disciplinas do ensino de 1º e 2º graus relacionadas com o setor da Arte.

Art. 2º - O curso de Educação Artística será estruturado como licenciatura de 1º grau, de curta duração, ou como licenciatura plena, ou abrangendo simultaneamente ambas as modalidades de duração, de acordo com os planos das instituições que o ministrem.

Parágrafo único - A licenciatura de 1º grau proporcionará habilitação geral em Educação Artística e a licenciatura plena, além dessa habilitação geral, conduzirá a habilitações específicas em Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música e Desenho, sem exclusão de outras que sejam acrescentadas por este Conselho ou pelas instituições de ensino superior, na forma da conclusão 6.3 da Indicação nº 22/73.

Art. 3º - O currículo mínimo do curso terá uma parte comum a todas as habilitações suficiente em termos de conteúdo para a habilitação geral e uma parte diversificada em função de habilitações específicas, ambas suscetíveis de acréscimos a nível de currículo pleno.

§ 1º - O currículo mínimo do curso de Educação Artística abrangerá as seguintes matérias:

1. Na Parte comum:

- 1.1 - Fundamentos da Expressão e Comunicação Humanas
- 1.2 - Estética e História da Arte
- 1.3 - Folclore Brasileiro
- 1.4 - Formas de Expressão e Comunicação Artística

2. Na Parte diversificada:**2.1 - Habilitação em Artes Plásticas**

- 2.1.1 - Evolução das Artes Visuais
- 2.1.2 - Fundamentos da Linguagem Visual
- 2.1.3 - Análise e Exercício de Técnicas e Materiais Expressivos
- 2.1.4 - Técnicas de Expressão e Comunicação Visuais

2.2 - Habilitação em Artes Cênicas

- 2.2.1 - Evolução do Teatro e da Dança
- 2.2.2 - Expressão Corporal e Vocal
- 2.2.3 - Encenação
- 2.2.4 - Cenografia
- 2.2.5 - Técnicas de Teatro e Dança

2.3 - Habilitação em Música

- 2.3.1 - Evolução da Música
- 2.3.2 - Linguagem e Estruturação Musicais
- 2.3.3 - Técnicas de Expressão Vocal
- 2.3.4 - Práticas Instrumentais
- 2.3.5 - Regência



2.4 - Habilitação em Desenho

2.4.1 - Evolução das Técnicas de Representação Gráfica

2.4.2 - Linguagem Instrumental das Técnicas de Representação Gráfica (Desenho Geométrico, Geometria Descritiva e Perspectivas)

2.4.3 - Técnicas de Representação Gráfica (Desenho Mecânico, Topográfico, Arquitetônico e de Interiores)

2.4.4 - Técnicas Industriais

2.4.5 - Introdução ao Desenho Industrial

§ 2º - A matéria "Formas de Expressão e Comunicação Artística", incluída na parte comum, compreenderá pelo menos os setores relativos às habilitações específicas já previstas e, desdobrada ou não, será ministrada com uma visão integrada no fenômeno artístico.

§ 3º - Além das matérias previstas nos parágrafos anteriores, será obrigatória a formação pedagógica prescrita na Resolução deste Conselho que disciplina o assunto.

Art. 4º - Observados os mínimos prescritos no art. 3º desta Resolução, às instituições que ministrem o curso de Educação Artística em duração plena será facultado:

- prolongar em qualquer das habilitações específicas o estudo de matérias da parte comum, com o caráter de aprofundamento;
- admitir que matérias prescritas para uma habilitação específica sejam estudadas em outras, a título de enriquecimento.

Art. 5º - O curso de Educação Artística terá como duração mínima:

- na modalidade de licenciatura de 1º grau, mil e quinhentas (1.500) horas a serem integralizadas em tempo total variável de um e meio a quatro anos letivos, com o termo médio de quatro anos.

Art. 6º - Às instituições que ministrem o curso de Educação Artística em duração plena será lícito oferecer uma ou mais habilitações específicas, não podendo o aluno seguir mais de uma habilitação de cada vez.

Art. 7º - O diploma do curso de Educação Artística, ministrado em duração curta ou plena, conterá no anverso o título do curso, o que corresponderá à habilitação geral, e no verso as habilitações específicas a inicial e, quando for o caso, as que sejam obtidas por acréscimo.

Art. 8º - Respeitado o que se prescreva como habilitação específica na Resolução correspondente à formação pedagógica das licenciaturas, para cumprimento do disposto no art. 30 da Lei nº 5.692/71, o diploma do curso de Educação Artística dará direito a exercício do magistério:

- nas atividades de Educação Artística do ensino de 1º grau, incluindo sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho, quando obtido em duração curta ou plena;
- nas atividades de Educação Artística e nas disciplinas de formação especial em Artes, do ensino de 2º grau, quando obtido em duração plena.

Art. 9º - A presente Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Roberto Figueira Santos



PARECER CFE Nº 540/77 - CEPSCG - Aprovado em 10-02-77

ASSUNTO: Sobre o tratamento a ser dado aos componentes curriculares previstos no artigo 7º da Lei nº 5.692/71

RELATORA: Edília Coelho Garcia

I - RELATÓRIO

A Lei nº 5.692/71, no caput de seu artigo 7º, tornou obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física e Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º Graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-lei nº 869, de 12 de setembro de 1969.

O parágrafo único do mesmo artigo acrescenta: "O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º Graus.

A observação, porém, do que vem ocorrendo da maioria das escolas, nestes cinco anos de vigência da lei, sugere a este Conselho a conveniência de uma manifestação sobre o posicionamento destes componentes curriculares na dinâmica escolar, visando a contribuir para que venham a assumir, efetivamente, no contexto educacional, a importância que se lhes reconhece.

O problema se coloca, evidentemente, em termos de planejamento curricular, preocupação que felizmente se vai impondo entre nós, à medida que amadurece entre os educadores a consciência de sua necessidade como condição para se conseguirem melhores resultados com menor dispêndio de tempo e de recursos.

Assim, parece-nos ainda oportuno reiterar a importância de um tratamento global mais correto nos diferentes componentes curriculares que integram, por força de legislação, os currículos plenos dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º Graus, porque muitas são ainda as distorções que se verificam nas montagens em que se apresentam e, conseqüentemente, no desenvolvimento do trabalho nas escolas.

Sobre a posição dos componentes derivados das matérias do Núcleo-Comum no contexto curricular, emitiu o Conselho Federal de Educação seu primeiro pronunciamento por via do memorável Parecer nº 853/71, relatado pelo ilustre Conselheiro Valnir Chagas.

Aquele Parecer fixou, em atendimento ao que dispõe o Artigo 4º, § 1º. Inciso I da Lei nº 5.692/71, as matérias do Núcleo-Comum para os currículos do ensino de 1º e 2º Graus, definindo-lhes os objetivos e a amplitude e, na oportunidade, estabeleceu a doutrina do currículo na Lei nº 5.692/71.

A Lei e o Parecer nº 853/71 difundiram entre os nossos educadores diversos termos e expressões cujo correto sentido em Educação ainda hoje freqüentemente lhes escapa. E porque ainda não dominam bem os correspondentes conceitos, as tarefas que realizam, e exigiram aquela compreensão, se esvaziavam de um alcance maior, o que distancia das escolas a desejada reforma do ensino.

Ocorre que muitos desses termos e expressões correspondem a idéias essenciais, que se perdem na medida em que os educadores rotulam com eles antigas noções e procedimentos aos quais se habituaram. "Currículo", "currículo pleno", "matéria", "atividades", "área de estudos", "disciplinas" etc. são desses termos e expressões, cujo entendimento correto é fundamental às equipes escolares, e muitas ainda não os manipulam satisfatoriamente.

Não nos deteremos, neste Parecer, para explicá-los, que seria ocioso o retorno às colocações já feitas pelo Parecer nº 853/71, cujo texto está suficientemente divulgado.

Além do mais, através do Parecer nº 4.833/75, este Conselho já voltou ao assunto e ofereceu explicações importantes aos planejadores de currículo quando abordou as implicações da descentralização articulada adotada pela política educacional brasileira, as diferentes competências para a definição de objetivos e seleção de conteúdos, os elementos estruturais do currículo, os processos de sua organização, sua conceituação e uma sistemática de planejamento.

Transcreveremos, apenas, e para realçá-la, uma passagem do Parecer nº 4.833/75, que sintetiza o problema:

"... o conceito mais tradicional e mais restrito que identifica currículo como rol de disciplinas de determinado curso ou série tem bastante fixidez, encontrando-se, ainda hoje, muito difundido entre nossos educadores.

É possível que a sobrevivência da palavra apenas com tal acepção, no consenso dos educadores menos atualizados, seja um dos fatores que dificultam a implantação da Lei nº 5.692/71".

"Ora, se um currículo" - entendido como o conjunto de todas as experiências que constituem o caminho que a escola oferece a seus alunos - "pressupõe um planejamento que permita chegar, com economia e eficiência, aos objetivos educacionais; se esses objetivos supõem um compromisso com os diferentes indivíduos mas também com a sociedade, assumindo, portanto, conotações econômicas e políticas, é evidente que concebê-lo de maneira tão insuficiente impede que o educador se comprometa com a tarefa da mudança".

"No momento em que o currículo seja entendido como algo a ser planejado pelas equipes de cada escola em função dos alunos, da comunidade em que se insere, de seus recursos humanos e materiais; no momento em que a partir de um diagnóstico, objetivos sejam determinados com precisão, conteúdos sejam realmente selecionados e escolhidas as melhores formas de trabalharem esses conteúdos, considerando os objetivos propostos; no momento em que a avaliação da relação ensino-aprendizagem, elemento de controle de qualidade se fizer em função dos objetivos e no momento em que, submetido à contínua avaliação, o currículo for constantemente redigido, será possível admitir esteja em processo a atualização do ensino, preocupação nacional expressa na Lei nº 5.692/71..."

O posicionamento dos componentes exigidos pelo artigo 7º da Lei nº 5.692/71 no currículo pleno dos estabelecimentos de ensino de primeiro e segundo graus não foi objeto do Parecer nº 853/71, havendo esclarecido o seu ilustre Relator que, por já virem prescritos na lei, só os consideraria na medida em que se relacionassem com os demais componentes curriculares.

A importância dos elementos previstos pelo artigo 7º para a formação do homem é tal que a lei, ela própria, os enumera. E o fato de a lei, ela mesma, os destacar, ao mesmo tempo em que atribuía ao Conselho Federal de Educação, no artigo 4º, a competência de fixar, "para cada grau as matérias do Núcleo-Comum", evidencia quanto àqueles, a preocupação do legislador, com se procurasse evitar o risco de a Educação Artística, a Educação Moral e Cívica, a Educação Física, a Educação Religiosa e os Programas de Saúde não receberem o realce que convém na educação das crianças adolescentes.

Ao enumerá-los no artigo 7º, não os encara nem como "matérias" na nova acepção do termo, nem como "disciplinas", na linguagem tradicional mas como uma "preocupação geral do processo formativo, intrínseca à própria finalidade da escola, porque partes constitutivas e intransferíveis da educação do homem comum".

Esta não tem sido, todavia, a compreensão da maioria das escolas, pelo que se pode depreender da quase generalidade dos planos curriculares. Preocupadas com o cumprimento formal dos dispositivos legais, nossas escolas vêm consignando em seus planos a presença destes elementos, aos quais atribuem, via de regra, cargas horárias semanais que deixam claro a incompreensão do papel desses componentes no contexto curricular e revelam ao mais arguto a inviabilidade de serem alcançados, por tais meios, os objetivos que se desejam.

Assim é que freqüentemente se atribui uma obra semanal, em determinada série, à Educação Moral e Cívica, aos Programas de Saúde e à Educação Artística. E a colocação presume o cumprimento de um dever, de certo modo burocrático, a ser cumprido o mais depressa possível, a fim de que se destinem cargas horárias mais substanciais e outros estudos talvez tidos como mais importantes.

Como a lei não poderia descer a explicações de natureza pedagógica, tais elementos curriculares, daquele modo colocados, atenderiam ao artigo 7º e estaria, pois, a escola cumprindo a lei.

Na verdade, há nisto um enorme engano. Primeiro porque os artigos da Lei nº 5.692/71 não devem ser considerados fora do contexto da legislação e depois porque, ainda que isto fosse possível, o fato pedagógico não deve ir a reboque do fato legal.

Um dos sérios problemas que enfrenta a implantação da nova ordem educacional é o fato de a importância dos objetivos educacionais não ser compreendida, por muitos educadores. Fosse-o, norteariam por eles suas ações profissionais.

Afinal, não é por acaso que a Lei nº 5.692/71 se inicia com uma declaração de objetivos:

"Artigo 1º - O ensino de 1º e 2º graus em por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania".

O conjunto de objetivos que o artigo 7º implica deve constituir, pois, um elemento basilar nos currículos das escolas de 1º e 2º graus. E como preocupação basilar, esse conjunto de objetivos transcende ao que seria um "pré-núcleo" formado pelo elementos do artigo 7º e ao próprio "Núcleo-Comum" que deve ser por tais preocupação impregnado.

Como os objetivos de cada matéria devem conduzir, em última análise aos fins da educação, por via dos objetivos gerais de cada grau de ensino, torna-se mais evidente ainda que o desenvolvimento das potencialidades do educando tanto para a auto-realização como para o trabalho e o exercício consciente da cidadania não podem prescindir do que prescreve o artigo 7º, que visa, em rigor, à instalação no homem de sua plena humanidade.

Assim interpretados, os componentes curriculares derivados do Artigo 7º dificilmente caberão na estreiteza de uma carga horária burocraticamente cumprida em determinada série, como se está fazendo muitas vezes.

Na prática - é preciso tenham os educadores a humildade de reconhecê-los, os objetivos da Educação Artística, da Educação Moral e Cívica, da Educação Religiosa e dos Programas de Saúde têm sido assiduamente distorcidos. Não por má-fé, certamente e felizmente, mas por inexperiência, por falta de questionamento e também, talvez pela inexistência de recursos humanos devidamente preparados e em número suficiente para atender à demanda.

Alguns dos componentes previstos no Artigo 7º, a Educação Artística, os Programas de Saúde e a Educação



Moral e Cívica, por exemplo e mais precisamente não podem ficar confinados a determinadas limitações da escola antiga. Assumem agora uma abrangência necessariamente maior e um espírito diferente, e não podem permanecer episódicos ou marginais uma vez que são, como já dissemos, elementos basilares da educação comum.

São como um fluxo que deve percorrer todas as ações educativas, e intenções subjacentes a todas as experiências propiciadas pela escola aos seus educandos.

A forma escolhida pela lei para enunciar as exigências do artigo 7º já insinua a abrangência que lhes deve imprimir a escola e evidencia que não podem aqueles componentes ficar restritos à pequenez de um determinado horário em determinada série.

"Educação Artística", "Educação Moral e Cívica", "Educação Física" enunciados assim não correspondem a campos do conhecimento, a "matérias" portanto, ao contrário do que a palavra "Ciências", por exemplo, logo identifica. São antes, "preocupações" essenciais, que foram do legislador e devem ser dos educadores.

Igualmente a expressão "Programas de Saúde", cuja forma plural tem importância decisiva, informa imediatamente a diferença que deve distingui-los do que seria o "programa" de uma "disciplina", usada a palavra disciplina aqui com sua acepção tradicional e não como forma de abordagem didática de um campo de conhecimento.

A lei faz referência a diretrizes metodológicas ao usar, com frequência, "atividades", "áreas de estudo" e "disciplinas" e o Parecer nº 853/71 orienta sobre a forma de tratamento que, em termos de predominância, devem receber, os elementos que derivam do "Núcleo Comum", nos diferentes momentos de escolaridade: uma abordagem por atividades "nas áreas iniciais, sem ultrapassar a quinta", como áreas de estudo "em seguida", até o fim do primeiro grau e como disciplina "no ensino de 2º grau".

Nem a lei nem o Parecer nº 853/71 determinam, porém, a forma didática pela qual seriam atingidos os objetivos educacionais implícitos no Artigo 7º. Tal omissão não seria evidentemente uma falha, mas a decorrência do que procuramos demonstrar ao dizer que os elementos do Artigo 7º não constituem "matéria" e sim "preocupações" básicas e que devem transcender ao "pré-núcleo" e ao própria "Núcleo-Comum" que delas deveria impregnar-se também.

Assim, a partir do momento em que o currículo de uma escola é atendida como o conjunto de todas as experiências que ele propicia a seus estudantes, com vista aos objetivos educacionais, torna-se mais fácil compreender porque as experiências que visem aos objetivos implicitamente almejados pelo Artigo 7º não devem ficar restritas à rígida pequenez de um determinado horário em determinada série.

E aqui é o momento de recordar que a reforma do ensino estimula, como princípio, a intercomunicação dos campos de conhecimento, o que visa não só à unidade do saber como a possibilitar um maior rendimento de cada parte, pela compreensão de como os elementos se relacionam.

Feitas estas colocações gerais, passemos à consideração de cada um dos alvos do Artigo 7º, por que apresentam especificidades que devem ser comentadas.

1 - Educação Artística

É preciso considerá-la não "como derivativo ou adorno da existência humana", mas tendo a arte "como condição da vida e da sociedade".

A educação artística não se dirigirá, pois, a um determinado terreno estético. Ela se deterá, antes de tudo, na expressão e na comunicação, no aguçamento da sensibilidade que instrumentaliza para a apreciação, no desenvolvimento da imaginação, em ensinar a sentir, em ensinar a ver como se ensina a ler, na formação menos de artistas do que de apreciadores de arte, o que tem a ver diretamente como o lazer - preocupação colocada na ordem do dia por sociólogos de todo o mundo, e com a qualidade da vida.

Neste quadro, confirma-se a inequívoca importância da Educação Artística, "que não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses". E concordamos com o ensaísta Celso Kelly quando diz ainda:

"Não se estima que todas as manifestações artísticas se transformem em atividades escolares para todos. Entretanto, a formação geral estética, indispensável, se completará, em cada caso com alguma atividade específica: ou o desenho ou a música, ou o teatro, ou o balé ou outro enfim. Partindo da essência, uma vivência se impõe como "corolário natural".

De tudo o que se esboçou até aqui, sobre a Educação Artística chega-se a que não há um sentido maior em sua oferta limitada a uma só modalidade de expressão e num determinado momento da escolaridade.

Aquela "formação geral estética" a que se refere o autor citado há de ser produto de uma atitude contínua da escola, que assinala a cada momento, todas as experiências curriculares. Isto implica, evidentemente, um cuidado urgente com a formação de professores, especialmente, aquela que se desenvolve em nível de 2º grau.



A partir da série escolhida pela escola, nunca acima da quinta série, sem prejuízo do que se disse até aqui, é certo que as escolas deverão contar com professores de educação artística, preferencialmente polivalentes no primeiro grau. Mas o trabalho deve se desenvolver sempre que possível por atividades e sem qualquer preocupação seletiva.

A propósito, a verificação da aprendizagem nas atividades que visem especificamente à Educação Artística nas escolas do primeiro e de segundo graus não se harmoniza também com a utilização de critérios formais.

Essas atividades, mesmo quando específicas, quando se presume uma opção do aluno correspondente às suas possíveis aptidões, não visam à formação de artistas. Não faria sentido, pois, manter-se o aluno preso a uma opção na qual o seu desempenho não revela seu maior interesse, negando-lhe a oportunidade de outras experiências, e muito menos impedir a promoção de série àquele que não apresente resultados satisfatórios em termos de produto: o desenho "feio", a dança canhestre, a representação dissonante no grupo, o canto desafinado no coro. E isto porque a importância das atividades artísticas na escola reside no processo e não nos seus resultados.

Dentro do raciocínio desenvolvido, chega-se a que a Educação Artística pode prescindir de um horário rígido pré-estabelecido. E mais porque convém aproveitar as oportunidades, sobretudo as que a comunidade oferece, como exposições: museus e concertos, públicos, quando cabíveis, no plano das escolas. "Trata-se de usufruir cultura. E mais, habituar crianças e adolescentes a freqüentar instituições e iniciativas que visam justamente à sua comunidade".

Por outro lado, o desenvolvimento de atividades artísticas dificilmente poderá ocorrer no curto espaço de uma aula de cinquenta minutos. Um exemplo é o trabalho de teatro, este precioso instrumento do qual o sistema educacional brasileiro abriu mão por tanto tempo e que tem especial importância para educar o aluno para uma verdadeira liberdade criadora, posto que é antes de tudo, um permanente exercício de criatividade. E como ninguém faz teatro sozinho, ressalta seu valor como experiência de equipe.

Ninguém deverá inferir, porém, do que se disse até aqui sobre a natural impregnação que devem sofrer, dos objetivos implícitos no Artigo 7º, os diferentes componentes curriculares derivados do núcleo-comum, ou da possibilidade de dispensar um horário pré-estabelecido para a Educação Artística; uma saída para omiti-la, ao amparo da legislação representada por este Parecer.

Evidentemente, nenhum verdadeiro educador o faria, porquanto compreenderá que são razões de ordem pedagógica as que poderiam justificar semelhante dispensa de horário rigidamente pré-fixado e que tal medida visaria exatamente a valorizar a educação artística, permitindo-lhe um maior alcance. Alguém na escola deve ser o encarregado de coordenar essas atividades, exigência que se cria indispensavelmente.

A flexibilidade, ao contrário do que poderiam pretender alguns, implicará a necessidade de planejamento das atividades específicas de Educação Artística a serem proporcionadas pela escola ou, antes, acentuará a exigência desse planejamento das atividades específicas de Educação Artística a serem proporcionadas pela escola ou, antes, acentuará a exigência desse planejamento, cuja execução deverá ser acompanhada pelos órgãos de inspeção dos diferentes sistemas de ensino.

No período anterior ao advento da Lei nº 5.692/71, as escolas ofereciam, por exemplo, o Desenho, geralmente tratado como "disciplina".

Ora, o Desenho era e continua sendo, sem qualquer dúvida, um poderoso elemento de educação e um imprescindível instrumento para um melhor desempenho do homem, em múltiplas circunstâncias. O ensino do Desenho, entretanto, por si só, não satisfaz à expectativa em relação à Educação Artística.

Além do mais, quando o ensino do Desenho se concentra na geometria, ele se desloca, com mais propriedade, para o campo das Ciências, "matéria" na qual a Matemática se inclui como conteúdo específico para efeito de obrigatoriedade, nos termos do Parecer nº 853/71.

Este fato explica a ausência de referência expressa ao Desenho no § 1º do Artigo 1º da Resolução nº 8/17 deste Conselho, ausência que não deve ser interpretada como a insinuação de uma menor importância que lhe fosse atribuída, mas entendida por uma questão de lógica.

Dentro deste raciocínio, a Matemática, componente curricular decorrente da "matéria" Ciências, ao receber, de 5ª a 8ª série, uma abordagem didática como "área de estudo", daria margem ao estudo do Desenho, através da "integração dos conteúdos afins". É certo que o tratamento tradicional que a Matemática ainda recebe no ensino de 1º grau, com a sistematização configuradora de um trabalho "por disciplina", afasta semelhante possibilidade. O problema não é, porém, da Matemática, do Desenho, ou da reforma do ensino: é antes o resultado do insuficiente domínio daqueles conceitos a que nos referimos no início deste Parecer e do desconhecimento da didática que eles supõem, por parte dos educadores.

É claro que não desconhecemos que muitos estabelecimentos de ensino incluíam em seus "programas" de Desenho unidades referentes ao desenho decorativo etc. É certo, portanto, que esses "programas" envolviam um certo sentido de educação artística, mas freqüentemente num contexto em que a livre expressão e a criatividade não eram devidamente estimuladas e que limitava a atividade em relação ao endereço agora pretendido.

Também havia Música, além de Trabalhos Manuais, nas escolas, anteriormente à Lei nº 5.692/71.



Entretanto, a Música ou os Trabalhos Manuais do modo como se desenvolviam em muitas escolas, não atenderiam com precisão às intenções do legislador.

A Música, era tratada como disciplina em muitos casos - Teoria Musical - propiciando conhecimentos sem dúvida interessantes e caracteristicamente Educação Artística, mas era limitada em seu alcance quando não deixava muita margem, outra vez, à criatividade e à auto-expressão dos educandos.

O canto coral teve sempre uma significação maior na medida em que implicava atitudes de sensível valor educativo, mas também, isoladamente, não atenderia ao que se espera num contexto mais amplo e novo de Educação Artística.

Os Trabalhos Manuais, em cujo nome se pretendia um ensino artístico, insinuado na denominação muitas vezes utilizada de "Artes Aplicadas", constituem uma concepção especialmente resistente à mudança. E como se desenvolvem na maioria das vezes, constituem até uma contrafação da arte e um exercício sistemático do mau-gosto.

As vantagens que ofereciam - e oferecem, no campo motor, por si sós, não os justificaram. Afinal, esses objetivos do plano motor podem ser atingidos num outro contexto que leve a resultados educacionais - mais ariados e positivos.

1.2. O mesmo vereador apresenta a seguinte justificativa:

"O presente requerimento foi apresentado por este vereador que, sendo professor da EBSF "Jacinto Ferreira de Sá", verifica e nota algumas irregularidades que, levadas ao conhecimento do Ilustre Conselho, pedindo sua colaboração.

Em primeiro lugar, o problema do Ensino:

Existem alunos que estão cursando o último ano da Edificação, Eletromecânica, Eletrotécnica, Mecânica ou Enfermagem que, trabalhando há mais de um ano no mesmo setor, no seja, em Desenho, Mecânica ou Hospital, conhecendo os problemas, podendo inclusive ser monitores na sala de aula.

Sendo a EBSF "Jacinto Ferreira de Sá" uma escola de formação profissional de área técnica, como professor da referida escola, acredito que existem algumas deficiências no currículo. No primeiro ano que é de único curso não tem aulas de Desenho, o que é tremendamente lamentável porque ao primeiro grau também não tem aulas de Desenho, não dando nenhuma base para os alunos, tornando o problema muito grave no 1º Grau.

O aluno, passando para o 2º ano, tem disciplina chamada Desenho Arquitetônico, Desenho Técnico, conforme o curso. Com total desconhecimento da disciplina, os alunos tentam os primeiros de falta de base, os professores encontram dificuldades em transmitir aos alunos, agravando o mesmo problema do 1º ano.

1.3. O presente requerimento foi objeto de três diligências da Assessoria Técnica, solicitando maiores informações sobre disponibilidade de espaço, razão da demanda ao Conselho de Ensino.

2. Apreciação:

2.1. O presente requerimento refere-se a requerimento feito ao Conselho pela Câmara Municipal de Curitiba por solicitação do Vereador Saurino Ianni, que é também professor da EBSF "Jacinto Ferreira de Sá" da mesma cidade.

O requerimento prende-se a duas solicitações diferentes. Uma refere-se à disciplina Desenho, outra se refere ao problema dos alunos que estão cursando o último ano de várias habilitações profissionais dentro da escola e que trabalham há mais de um ano em ocupações semelhantes às práticas objeto do ensino.

2.2. O Sr. Vereador questiona-se de que a disciplina Desenho inicialmente foi retirada do ensino de 1º e 2º graus. Não é assim como que o Desenho tenha sido retirado do ensino de 1º e 2º graus, pois Desenho, parte das artes plásticas, pode ser considerado dentro da matéria obrigatória - Educação Artística.

E ainda, pelo Regimento Interno das Escolas Públicas de 1º e 2º graus, a escola pode escolher conteúdos de arte de acordo com o artigo 6º, entre os quais a disciplina Desenho está incluída.

Resumidamente o grande valor educacional do Desenho é das Artes Plásticas na formação do aluno, no

PARECER Nº CEE 395/80 - CESG - Aprovado em 12-03-80

ASSUNTO: Dispensa de estágio e acréscimo da disciplina Desenho no currículo de 1º e 2º Grau

INTERESSADA: Câmara Municipal de Ourinhos

RELATOR: Pe. Lionel Corbeil

PROCESSO CEE Nº 2.242/79

I - RELATÓRIO

1. Histórico:

1.1 O Sr. Vereador Susumo Ikuno, presidente da Câmara Municipal de Ourinhos, encaminhou ao Conselho Estadual de Educação requerimento de nº 668/78 daquela casa legislativa, "solicitando estudos dos dignos conselheiros, para uma possível dispensa dos Estágios aos alunos que comprovem estar trabalhando há mais de um ano no mesmo setor que estão cursando na escola e uma mudança no currículo de determinados cursos como o de Edificações, Eletrotécnica, Eletromecânica, Mecânica, cuja disciplina mais importante, dentre todas acredito ser Desenho e que, infelizmente, foi retirada dos cursos".

1.2 O mesmo vereador apresenta a seguinte justificativa:

"O presente requerimento foi apresentado por este vereador que, sendo professor da EESG "Jacinto Ferreira de Sá", verifica e nota algumas irregularidades que, levadas ao conhecimento dos dignos Conselheiros, poderão servir de colaboração.

Em primeiro lugar, o problema do Estágio.

Existem alunos que estão cursando o último ano de Edificações, Eletromecânica, Eletrotécnica, Mecânica ou Enfermagem que, trabalhando há mais de um ano no mesmo setor, ou seja, em Desenho, Mecânica ou Hospitais, conhecendo os problemas, podendo inclusive ser monitores na sala de aula.

Sendo a EESG "Jacinto Ferreira de Sá" uma escola de formação profissional de área técnica, como professor da referida escola, acredito que existem algumas deficiências no currículo. No primeiro ano que é de núcleo comum não tem aulas de Desenho, o que é tremendamente lamentável porque no primeiro grau também não tem aulas de Desenho, não dando nenhuma base para os alunos, tornando o problema muito grave no 2º Grau.

O aluno, passando para o 2º ano, tem disciplina chamada Desenho Arquitetônica, Desenho Técnico, conforme o curso. Com total desconhecimento da disciplina, os alunos sentem os problemas de falta de base, os professores sentem dificuldades em transmitir aos alunos, agravando o ensino técnico dia a dia".

1.3 O presente protocolado foi objeto de três diligências da Assistência Técnica, solicitando maiores informações sobre dispensa de estágio; razão da demora na emissão deste Parecer.

2. Apreciação:

2.1 O presente protocolado refere-se a requerimento feito ao Conselho pela Câmara Municipal de Ourinhos por solicitação do Vereador Susumo Ikuno, que é também professor da EESG "Jacinto Ferreira de Sá" da mesma cidade.

O requerimento prende-se a duas solicitações diferentes. Uma refere-se à disciplina Desenho, outra se relaciona à possível dispensa dos estágios a alunos que estão cursando o último ano de várias habilitações profissionais do setor secundário e que trabalham há mais de um ano em ocupações semelhantes às práticas objeto do estágio.

2.2 O Sr. Vereador queixa-se de que a disciplina Desenho infelizmente foi retirada do ensino de 1º e 2º graus. Não é bem exato que o Desenho tenha sido retirado do ensino de 1º e 2º Graus, pois Desenho, parte das artes plásticas, pode ser ministrado dentro da matéria obrigatória - Educação Artística.

E mais: pelo Regimento Comum das Escolas Estaduais de 1º e 2º graus, a escola pode escolher conteúdos da parte diversificada de acordo com o artigo 6º, entre os quais a disciplina Desenho está incluída.

Reconhecemos o grande valor educativo do Desenho e das Artes Plásticas na formação do aluno, no



desenvolvimento dos dons criadores e de todas as faculdades: imaginação e expressão, sensibilidade, memória, vontade, inteligência, desenvolvimento do sentido das formas, das cores, do movimento, do gosto em geral. Como ministrar Educação Artística ao menos ao nível de 1º Grau sem que de uma maneira ou de outra, algumas noções e práticas destas matérias não sejam ensinadas?

No 2º Grau pode ser escolhido pela Escola, na parte diversificada, o Desenho e até o Desenho Linear na 1ª série como preparação ao Desenho Técnico que será ensinado nas outras séries, conforme as habilitações profissionais a serem ministradas.

2.3 A segunda consulta refere-se à dispensa de estágio para os alunos que estão cursando o último ano de diversas habilitações profissionais o setor secundário, no caso, técnicos em Edificações, Eletrotécnica, Eletromecânica, Mecânica e que exercem ocupação idêntica, no mercado de trabalho, àquela a que se refere o curso.

2.4 Este Conselho pronunciou-se sobre caso semelhante através do Parecer CEE nº 1.533/79, aprovado em 5-12-79, quando diz no item 2.4:

"Todavia chamamos a atenção sobre o 3º parágrafo do artigo 72, que reza:

"O aluno que comprovar exercer ocupação idêntica àquela a que se refere o curso, poderá, em casos específicos, ter computado o tempo de trabalho para efeito de estágio".

"Lembramos que o Parecer CFE nº 45/72 no seu item 7.2, exige que, para as habilitações dos setores primário e secundário, haja, do conteúdo profissionalizante ministrado, uma necessária complementação do exercício profissional por estágio, orientado pela escola.

Portanto, a comprovação pelo aluno, mencionada no parágrafo 3º do artigo 72 (Regimento da Escola) de que exerce ocupação idêntica às habilitações do curso, deverá ser rigorosamente verificada pela escola quanto à equivalência de estágios (art. 125) deverá justificar, em ata própria a computação do tempo de trabalho de estágio que ele julgar equivalente ao que deve ser contado para a respectiva habilitação."

2.5 A Secretaria de Estado da Educação estabeleceu uma Resolução SE de 26-01-78, que dispõe sobre estágio de estudantes do ensino profissionalizante dos estabelecimentos estaduais que mantêm o 2º Grau.

No artigo 5º que reproduz o § 3º do artigo 70 do Regimento Comum das Escolas Estaduais de 2º Grau, a Resolução determina:

"O aluno que comprovar exercer ocupação idêntica àquela a que se refere o curso poderá, em casos específicos, ter computado o tempo de trabalho para efeito de estágio".

2.6 Por outro lado, sabemos que certas ocupações no mercado de trabalho podem representar operações que são idênticas a uma parte de estágio a ser realizado pelo aluno de uma determinada habilitação profissional. Portanto, cabe ao responsável, na escola, pelo estágio avaliar as operações realizadas dentro da ocupação, e computar parcial ou totalmente, o tempo de trabalho para efeito de estágio. Pois, tanto o Parecer CFE nº 45/72, item 7.2, quanto a Lei Federal nº 6.494/77 e a Resolução SE de 26-01-78, são claras a respeito do planejamento, acompanhamento, avaliação e orientação do estágio pela escola.

Acreditamos haver respondido à segunda consulta feita pela Câmara Municipal de Ourinhos sobre o estágio, ficando como norma deste Conselho o mencionado no Parecer CEE nº 1.533/79, e expresso na Conclusão:

II - CONCLUSÃO

A vista do exposto, responde-se às consultas feitas pela Câmara Municipal de Ourinhos:

1º que o Desenho pode ser lecionado dentro da matéria obrigatória Educação Artística, e pode ser escolhido pela escola e ministrado como disciplina da parte diversificada.

2º Para efeito de estágio, a comprovação pelo aluno de que exerce ocupação idêntica a uma ou outra habilitação profissional do curso, deverá ser rigorosamente verificada e avaliada pela escola quanto à equivalência do estágio a ser realizada, para que seja computado parcial ou totalmente o tempo de trabalho. O responsável, na escola, pelo estágio deverá justificar em ata própria a computação do tempo de trabalho de estágio que julgar equivalente ao que deve ser contado para a respectiva habilitação.

CESG, em 22 de fevereiro de 1980.

a) Cons.º Lionel Corbeil - Relator



III - DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara do Ensino do Segundo Grau adota como seu Parecer o Voto do Relator.

Presentes os nobres Conselheiros: Antônio F. da Rosa Aquino, Bahij Amim Aur, José Augusto Dias, José Maria Sestílio Mattei, Lionel Corbeil, Maria Aparecida Tamasso Garcia e Renato Alberto E. Di Dio.

Sala das Sessões, em 27-02-80.

a) Cons.º José Augusto Dias - Presidente

IV - DELIBERAÇÃO DO PLENÁRIO

O Conselho Estadual de Educação aprova, por unanimidade, a decisão da Câmara do Ensino do Segundo Grau, nos termos do Voto do Relator. O Cons.º Alpinolo Lopes Casali apresentou Declaração de Voto.

Sala "Carlos Pasquali", em 12 de março de 1980.

a) Cons.ª Maria de Lourdes Mariotto Haidar - Presidente

DECLARAÇÃO DE VOTO

A magnitude da matéria está a reclamar uma Deliberação desta Casa.

São Paulo, 12 de março de 1980.

a) Cons.º Alpinolo Lopes Casali



DELIBERAÇÃO CEE Nº 29/82**Implantação da Lei nº 7.044/82, que altera dispositivos da Lei 5.692/71**

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições e dando cumprimento ao disposto nos artigos 1º, 4º, 5º, 6º, 8º, 12, 16, 22, 30 e 76 da Lei 5.692/71, com a nova redação que lhes foi dada pela Lei nº 7.044/82, e tendo em vista o disposto no Parecer CEE nº 2159/82,

Delibera:

Artigo 1º - As escolas do sistema de ensino do Estado de São Paulo, que mantêm ensino de 1º e 2º graus, deverão obedecer para fins de atendimento ao disposto na Lei 7.044/82, às diretrizes contidas na presente Deliberação.

Artigo 2º - Os currículos do ensino de 1º e 2º graus serão compostos de uma Parte Comum integrada por matérias do Núcleo Comum e do artigo 7º da Lei 5.692/71, e de uma Parte Diversificada, destinada a atender, conforme as necessidades e possibilidades concretas, às peculiaridades locais, aos planos dos estabelecimentos de ensino e às diferenças individuais dos alunos.

Artigo 3º - No ensino de 1º e 2º graus o objetivo geral de preparação para o trabalho deverá ser considerado no desenvolvimento de todos os componentes curriculares, quer da Parte Comum, quer da Parte Diversificada.

Artigo 4º - No ensino de 1º grau a preparação para o trabalho deverá visar à sondagem de aptidões, à oferta de informações sobre o mundo do trabalho e à aquisição de habilidades, hábitos e atitudes para o trabalho.

Parágrafo único - Os objetivos referidos no "caput" do artigo serão atingidos mediante tratamento adequado dos componentes da Parte Comum e da Parte Diversificada que assegure a oferta de informações e realização de atividades práticas ajustadas à natureza do componente curricular e ao nível de desenvolvimento dos alunos.

Artigo 5º - Para os fins previstos no artigo anterior, a Parte Diversificada do currículo poderá incluir componentes curriculares que conduzam à qualificação profissional, nos termos do que dispõe o artigo 76 da Lei 5.692/71.

§ 1º - A oferta da qualificação profissional deverá situar-se em nível das últimas séries do ensino de 1º grau, respeitado o estágio de desenvolvimento do aluno, bem como o nível de escolaridade necessário à aprendizagem da qualificação a ser oferecida.

§ 2º - A carga horária destinada à oferta da qualificação profissional deverá ser acrescentada aos mínimos de duração previstos em Lei para o ensino de 1º grau, devendo ajustar-se ao nível de complexidade da ocupação a ser ensinada.

Artigo 6º - No ensino de 2º grau, a preparação para o trabalho deverá levar à reflexão sobre o mundo do trabalho, à oferta de informações sobre a natureza das ocupações e sobre as oportunidades profissionais nos diferentes setores da economia, ao desenvolvimento de habilidades, hábitos e atitudes para o trabalho e, por opção da escola, à aquisição de uma habilitação profissional.

Artigo 7º - Os objetivos referidos no artigo anterior serão atingidos ao longo de toda a execução curricular e, especialmente, mediante inclusão na Parte Diversificada de:

I - mínimos profissionalizantes de habilitações profissionais em nível de técnico ou de auxiliar;

II - componentes curriculares que visem à preparação para ocupações de menor complexidade, nos moldes da Qualificação Profissional I, com fundamento no disposto no artigo 5º, parágrafo único, alínea "f", da Lei 5.962/71;

III - componentes curriculares selecionados dentre os arrolados nas Deliberações CEE nºs 18/72 e 12/78 ou escolhidos de acordo com o disposto no artigo 5º, parágrafo único, alínea "c".

§ 1º - Na hipótese do inciso I, deverão ser cumpridos os mínimos de conteúdo e carga horária previstos nos Pareceres do Conselho de Educação que instituirão a respectiva habilitação e o mínimo de 1.440 horas na Parte Comum.

§ 2º - Quando da opção pelo previsto nos incisos II e/ou III, bem como no caso de habilitações parciais com carga profissionalizante inferior a 900 horas, dever-se-á destinar, no mínimo, 2.000 horas para as matérias da Parte Comum.

Artigo 8º - Ao aluno que concluir a 3ª série de cursos, que ofereçam habilitações profissionais, nos termos do artigo 4º, § 2º, da Lei 5.962/71, com duração superior a 3 séries, poderá a escola expedir certificado de conclusão do ensino de 2º grau, para fins de prosseguimento de estudos, desde que tenham sido estudadas todas as matérias da Parte Comum e tenha sido cumprida a carga horária mínima de 2.200 horas.

Artigo 9º - Os estabelecimentos de ensino deverão assegurar a seus alunos o direito de concluir seus estudos na forma pela qual os iniciaram.

Parágrafo único - Caso a escola queira introduzir alterações nos cursos em funcionamento, com base no disposto na Lei 7.044/82, somente poderá fazê-lo, em 1983, na 1ª série do 2º grau.



Artigo 10 - A implantação das novas modalidades de cursos de 2º grau, estruturados com fundamento no disposto na Lei 7.044/82, se fará progressivamente, iniciando-se com a 1ª série, em 1983, somente com a Parte Comum do currículo e carga horária mínima de 720 horas.

Artigo 11 - Para fins de ajustamento às normas contidas na presente Deliberação, deverão ser providenciadas pela escola as alterações pertinentes no Regimento Escolar e Planos de Curso.

§ 1º - As alterações a serem efetuadas em 1983 deverão constar no Plano Escolar a ser encaminhado ao órgão competente da Secretaria de Estado da Educação, na época normal, para fins de aprovação.

§ 2º - As alterações regimentais, a que se refere este artigo, deverão ser encaminhadas, para fins de aprovação, até o final do mês de julho de 1983, e vigorarão, em caráter provisório, no que não colidir com dispositivos expressos da Lei, enquanto não houver pronunciamento da Secretaria de Estado da Educação.

DELIBERAÇÃO DO PLENÁRIO

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO aprova, por maioria, a presente Deliberação.

Foram votos contrários ao parágrafo único do artigo 9º e ao "caput" do artigo 10 os Conselheiros: Heitor Pinto e Silva Filho, Renato Alberto T. Di Dio e Roberto Ribeiro Bazilli.

O Cons. Heitor Pinto e Silva Filho foi Voto Vencido.

Sala "Carlos Pasquale", em 22 de dezembro de 1982.

a) Cons. Moacyr Expedito M. Vaz Guimarães, Presidente.



ROTEIRO / ENTREVISTA

1ª etapa

Dados pessoais do (a) pesquisado (a)

1. Nome
2. Nome da escola
3. Sexo
4. Idade
5. Situação Funcional
6. Tempo de Magistério em Desenho
7. Formação Profissional
 - curso universitário
 - outro (s)

As próximas questões se referem à prática docente como professor (a) de Desenho:

8. Cite os objetivos do ensino do Desenho para o 2º grau que considera mais importantes
9. Relate o (s) procedimento (s) utilizado (s) para atingir os objetivos citados na questão anterior
10. Explique as formas e os critérios de avaliação utilizados.
11. Relate as dificuldades demonstradas pelos alunos em relação à disciplina.

ROTEIRO / ENTREVISTA**2ª etapa**

As questões abaixo, visam aprofundar as informações anteriormente obtidas, em uma 1ª etapa de coleta de dados, com a aplicação do roteiro/entrevista anterior (anexo 14)

1. Relate sua formação escolar (grau médio e universitário), lembrando a presença do Desenho nessa formação.
2. Na sua opinião, qual a finalidade do ensino de 2º grau?
3. No seu entender, qual a importância do Desenho para a vida em geral?
4. Você pratica atividade (s) que envolva (m) Desenho, além da atividade docente?
5. Qual a finalidade e importância do ensino do Desenho para o 2º grau?
6. Que modalidade (s) de Desenho você aborda nas aulas de 2º grau? Por quê? Existe (m) influência (s) de sua formação nessa abordagem? Por quê?
7. Em quê você se baseia para elaborar o conteúdo programático a ser ministrado no 2º grau?
8. Cite dificuldades encontradas no ensino do Desenho no 2º grau, em relação à sua formação profissional, à prática docente, à escola.
9. Aponte sugestões para melhorar o ensino do Desenho.
10. O que você acha do desempenho da Educação Artística na grade curricular do 2º grau?



Entrevista nº 1 - realizada em 17/06/92

- **Fale-me a respeito de sua formação escolar.**

- Bom, eu fiz da pré-escola até o 3º colegial em escola do Estado e depois a Faculdade, fiz em escola particular. Fiz Educação Artística, que era em dois anos (não sei se houve mudança) depois, habilitação em Artes Plásticas e depois, em Desenho, um ano de cada uma.

- **Você teve Desenho no ginásio, no colegial?**

- Tive na 7ª, na 8ª e no 1º colegial. Eu lembro bastante, assim... a parte de Desenho eu uso bastante... o que eu aprendi eu passei a colocar em prática... Eu apliquei bastante o Desenho que aprendi. Mais a parte geométrica, principalmente o de 7ª e 8ª série. Do 1º colegial já... usei... Mas usei bastante o de 7ª e 8ª série na prática. A gente aprendia a divisão de circunferência, fazer estrelado, esse tipo de coisa... O que eu sei agora é porque eu lembro o que eu aprendi e porque eu apliquei. É uma coisa que você não esquece tanto. Como tem coisa que eu aprendi na Faculdade, que eu me formei e eu fiquei acho que 05 anos sem dar aula de Desenho, eu comecei ano passado...

- **Na sua opinião, para quê serve o ensino de 2º grau?**

- Para quê serve? Eu acho que a divisão em si, não quer dizer muito... é uma sequência que existe... a divisão é pra padronizar alguma coisa...

- **Para o aluno, você vê alguma finalidade no 2º grau? Por que ele vem ao 2º grau?**

- Bom... ele vem porque é obrigado... é um padrão... é um... assim, é o cotidiano dele acabar o 3º colegial... Eu sinto isso... que é uma coisa assim...

- **No seu contato com os alunos, você percebe se eles procuram o 2º grau só para ter o diploma, ou é para preparar para o curso superior?**

- Eu acho que a minoria é para continuar um curso de 3º grau... porque tem que terminar... porque o serviço está obrigando... exigindo ou então é porque todo mundo faz e "então vou fazer também"...

- **O que a palavra "Desenho" lhe traz à mente? Qual é a imagem impressa por "Desenho" na sua mente?**

- Na minha cabeça vem primeiro Desenho geométrico, quando se fala a palavra meio vaga... vem Desenho geométrico primeiro, porque eu não sei Desenho artístico...

- **Na sua experiência, na escola... você já teve alguma outra modalidade de Desenho, além de Desenho geométrico?**

- Não... não tive assim... Eu sempre gostei mais de Desenho geométrico. Não gosto de desenhar assim... Desenho artístico. Posso estilizar um desenho... A minha maior alegria foi quando na 7ª série a professora

deu desenho "quadriculado" e... ficou bonito! Eu lembro até hoje...! Fiquei realizada porque eu não sabia desenhar! Quando desenhei!!... Eu uso desenho... quando vou dividir uma folha... eu sou bem geométrica...

- **Você acha o Desenho importante para vida, em geral?**

- Vejo, vejo... vejo importância. Acho bastante importante... Só que eu acho difícil mostrar para os alunos, despertar o interesse... isso eu tenho dificuldade...

- **Você acha que para o nosso dia-à-dia, Desenho é uma coisa importante?**

- Acho bastante! Nós usamos os desenhos... um meio de comunicação gráfica é o Desenho, não é? Nós não usamos tanto a comunicação gráfica? É desenho! A harmonia que a gente precisa tanto, no geral!...

- **Para você, qual a finalidade do Desenho para o 2º grau? Você já se perguntou: "pra quê vou ensinar Desenho no 2º grau?"**

- Olha, pro 2º grau eu tenho e tive dificuldade para montar o planejamento, o que eu vou ensinar... Então é uma coisa assim... até hoje eu não estou contente. Não tem com quem buscar informação. Se conversar com outros professores, a gente sente a mesma coisa... Eu estou perdida até hoje, principalmente no 2º grau... A gente tenta mostrar um pouco da prática para os alunos, mas é difícil... eles não têm aquele interesse, ainda na adolescência. Numa classe, deve ter um que percebe a importância na prática... eu me preocupo um pouco com a prática...

- **Como você demonstra essa preocupação pela prática?**

- Vamos supor que eu esteja ensinando... "concordância". No que que eles podem usar? Vamos supor, se ele é um marceneiro, se trabalha em tal coisa... eu procuro pegar assim a profissão deles... ah! eu sou... ah! eu trabalho em papelaria... então como você pode "concordar"; assim... pra ficar certinho? Assim eu tento mostrar a prática... de acordo com a profissão deles... Eles não obedecem traçados... eles não vêem o porquê de um material, de um lápis bem apontado... é difícil, isso é difícil! É importante... o Desenho para o 2º grau... agora tornaria mais importante se ele visse a importância do Desenho. Não só pra tirar nota... tirar nota é diferente de aprender. Infelizmente, as coisas agora... Os alunos trabalham em função de nota e nota é um estímulo para ele. Só que passar para menções A,B,C,D,E é desestimulante, e eles sabem que não tem nota! Como vão fazer? Não vão repetir!! Eles vivem em função disso. Infelizmente, eles não têm

aquela maturidade para enxergar que alguma coisa vai ser importante. Pode ser que alguém use isso aqui hoje, mas pode ser que daqui a alguns anos use... A vida é assim...

- Que modalidades de Desenho você aborda? Trabalha só com Desenho geométrico?

- Só... Estou pensando para o 2º semestre, dar uma variada... variar um pouco... mas, assim... estou perdida quanto ao planejamento do 2º grau. É difícil trabalhar... eles não aceitam muita coisa em Desenho. Eles não têm organização para o Desenho, porque um dos objetivos é que eles tenham uma organização... a coisa mais difícil é conseguir uma organização para o Desenho. Eles não têm nenhuma... olha!... aí dificulta!...

- Além desse objetivo, você vê mais objetivos para o ensino do Desenho?

- Então... se ele tiver uma organização para o Desenho, eu acho que isso desperta para uma outra coisa... para a vida do dia-a-dia... agora, também a atenção, a memória também o Desenho sabe, a organização... uma hierarquia para certas coisas...

- Existe alguma influência da sua formação no tipo de Desenho que você aborda?

- O Desenho geométrico foi o que mais marcou... na faculdade também... eu acho que ficou a desejar não pela estrutura da Faculdade, não pelos professores, mas... pelo tempo, que foi só um ano de habilitação e a minha falha foi também ter terminado a Faculdade e não ter dado aula... Tive oportunidades para trabalhar com engenheiros... tive oportunidades... mas... acabei optando por outra coisa...

- Você percebe influência do professor de Matemática a respeito do conteúdo dado em Desenho? E influência da direção?

- Não... de jeito nenhum... tanto que em todo esse tempo de trabalho eu nunca tive um curso pra Desenho, oferecido pela Delegacia. Eu sei que teve em tal época e eu não fiz... eu não me lembro de ter visto... Fica cada um na sua... Não digo que seja falha do professor, da pessoa. É da estrutura...

- Você disse que o planejamento é uma de suas maiores dificuldades. Em quê você se baseia para montar o conteúdo programático?

- Bom, cheguei no 2º grau, 3º colegial, né! O que é que eu vou dar? Pegava livros. Eu já conhecia mais ou menos a clientela, aí eu falava: "prá eu começar isso

daqui, não posso começar baseado nos livros de 2º grau porque eles não vão ter estrutura... mesmo para traçar uma mediatriz... eles não sabem... não sabem e tem muitos!... Comecei a pesquisar professores que dão aulas há mais tempo no 2º grau. Então vi que... assim... está sendo baseado no meu planejamento de 7ª e 8ª séries, o mesmo assunto, um pouquinho mais aprofundado, mais reforçado tanto que nem cheguei a colocar no meu planejamento... no 2º semestre a gente pode alterar o planejamento.. eu dei um pouquinho... uma noção... uma pincelada do Desenho técnico. Foi para despertar mais interesse, mais atenção... eu dei bem superficial mesmo... usando esquadro... É, mas ficou assim... não estou contente... com o planejamento até hoje... Estou preocupada, meu Deus!... Eu acho que é mais difícil eles entenderem Desenho do que Matemática!...

- Qual a razão disto?

- Eu acho que... não sei... a vida que está toda corrida... não sei... eu não consigo ver aprender Desenho numa bagunça, numa falta de organização... Posso estar sendo assim, chata!... mas eu não consigo! e eles não têm... é tudo a "miguelão" entre aspas, como é o termo que eles usam: "vamo fazê de qualquer jeito"... eu acho impossível... posso estar errada mas eu acho isso impossível... Sem ter uma organização e eles não têm... é difícil despertar neles... não sei, posso estar errada...

- Como é o seu jeito de dar aula de Desenho? Qual a sua metodologia?

- Eu uso compasso... não gosto muito de trabalhar na lousa... Eu geralmente explico na lousa, certo? Dependendo do exercício, eu faço a estrutura do exercício, o raciocínio e depois dou atenção individual para o aluno... Às vezes acabo resolvendo o exercício... é lógico! a gente precisa parar, explicar e saber como usar o compasso e o esquadro... A partir do momento que eles aprenderam a usar, às vezes, faço um esboço na lousa para eles, à mão livre, explico o raciocínio...! Aí, tento dar atenção individual. Passo de carteira em carteira. Não fico sentada... esperando... Às vezes, eu explico toda a matéria usando compasso, esquadro, traçados... principalmente o esquadro, não gosto de usar na lousa... acho muito difícil... Ensino como deve ser usado para paralelas, perpendicular... então eles sabem... Coloco o raciocínio na lousa e passo... mas, às vezes, resolvo todinho o exercício e sempre peço para eles resolverem primeiro à mão livre numa folha rascunho, fazer o raciocínio do exercício ver a parte final, para depois saber como vão chegar naquilo...

(a gravação foi interrompida por defeito técnico)

Entrevista nº 2 - realizada em 04/08/92

- Eu gostaria que você falasse primeiramente da sua formação escolar.

- Eu sempre estudei em escola do Estado. Mas a minha família mudava muito de cidades. Estudei em onze escolas diferentes, somente em escolas de Estado; e quando foi pra eu entrar numa faculdade, queria Análise de Sistemas, passei e cursei dois anos do curso. Só que daí meu pai foi transferido e eu tive que optar por Matemática pura. Começaram os estágios, que é curso que você tem que fazer, né? Fiz os estágios e comecei a gostar de dar aula. Fui convidada a dar aula num cursinho antes de terminar a faculdade, aí eu fui pro cursinho, tal... e comecei. Eu fiz inscrição pro Estado, logo que voltei pra Bauru. Fiz inscrição. Na primeira semana de aula, mandaram me chamar pra pegar aulas de Desenho geométrico. Peguei aula, comecei a dar... nunca mais parei. Faz sete anos que eu dou aulas assim, sem parar...

- Na sua formação, você teve Desenho? Como aprendeu? Que tipo de Desenho?

- Desenho geométrico. Desenho artístico eu tive muito pouco. Era Desenho geométrico mesmo. Meu professor era sempre muito minucioso em tudo aquilo que ele ensinava. Então, a insistência dele em fazer a gente aprender e do jeito que ele queria, fez com que eu tivesse muita facilidade na faculdade. Então, quando eu fui pra faculdade, tudo aquilo que ele tinha ensinado foi básico pra eu poder continuar. Então, não tive problema na faculdade. Aí, eu fui gostando, tanto que quando apareceu a oportunidade de dar aula de Desenho, eu peguei, assim, sem ter problema nenhum. O que acontece é que a maior parte dos professores de Matemática não gosta de Desenho geométrico porque não tem habilidade com o material, não tem habilidade com a matéria... A geometria em si, para o professor de Matemática é uma matéria muito difícil. Eles não conseguem associar geometria com Desenho geométrico, na maioria. Se você oferece aula de Desenho geométrico para um professor de Matemática, mesmo que ele tenha habilitação, dificilmente aceita. Você não encontra professor... Eu saio de licença, vou precisar de alguém pra me substituir, não acha ninguém, dificilmente...

- E Desenho artístico, você não teve, mas, você... gosta?

- Gosto. Depende muito do professor que ensina... a gente lembra muito do professor... Eu sempre gostei... Sempre tive habilidade manual...

- Além de dar aula de Desenho, você faz alguma outra atividade fora que envolva Desenho?

- Faço... faço porque eu gosto de pintar, de bordar. Estudei música muito tempo; então, a música tem tudo a ver com a Matemática e envolve o Desenho sem querer, tudo isso, né!

- Na sua opinião, pra que serve o ensino de 2º grau?

- O ensino de 2º grau ou o Desenho geométrico?

- Não. O ensino de 2º grau.

- O 2º grau seria uma revisão do 1º grau com um aprofundamento daquilo que foi estudado no 1º grau. Então, você por exemplo, na parte da Matemática, você viu polinômios no 1º grau. Você vai usar aqueles polinômios, só que mais aprofundado no 2º grau, pra você poder aplicar no curso universitário. Cônicas, por exemplo: nós estudamos as cônicas no Desenho geométrico, no 3º colegial, eles vêem as cônicas e em cursos de Administração de Empresas você tem que saber todas as cônicas pra você aplicar em forma de gráficos. Tudo isso... Seria uma preparação para um curso universitário. Você tem uma visão geral de tudo, porque qualquer ramo que você pegar, você não vai se apertar, pelo menos uma noção você tem de alguma coisa. Noção, tá? Não chega a ser nada mais específico.

- Quando a gente fala a palavra "Desenho", qual a primeira coisa que vem à sua mente?

- Desenho, qualquer desenho. Não Desenho geométrico, viu? Na minha cabeça, qualquer desenho, uma casinha... uma ilha... qualquer coisa com desenho, não Desenho geométrico. Desenho pra mim é só desenhar... Agora, se você falar Desenho geométrico aí eu vou ver todas aquelas figuras geométricas...

- Que tipos de Desenho você conhece pela experiência? Desenho geométrico é um. Algum outro tipo de Desenho, outras modalidades de Desenho que você conhece, ouviu falar ou que você já praticou?

- Eu gosto muito de Desenho artístico, mas com profundidade. Eu gosto deste tipo de Desenho, né, e um Desenho... você aplica também Desenho de projeção... Eu gosto de Geometria Descritiva que também é uma forma de Desenho em que você aplica também. Eu gosto desta parte. Um outro desenho... Desenho artístico eu gosto apesar de não ter tido muito disto na escola, eu gosto, né! Tudo que tem sombra... eu gosto de lidar com as cores... então, é isso.

- Para você, qual a importância do Desenho, pra vida, em geral?

- O Desenho?

- É. O Desenho...

- Pra mim, em 1º lugar, desenvolve a imaginação, eu acho importante. Acho que ele desenvolve a imaginação... Você imaginando, você é capaz de ter profundidade. Por exemplo, você acha que o Desenho, mesmo o Desenho artístico, não tem nada a ver com a Matemática. É um engano. Então, uma pessoa que não consegue imaginar uma esfera com volume, não



consegue fazer isso na Matemática. Então, se você pede pro aluno: "Olha, eu quero que você me desenhe uma esfera..." se ele não tiver visão de espaço ele não consegue desenhar a esfera. Ele não passa pro papel. Ele faz é um círculo. Se ele tiver noção de espaço, aí ele vai desenhar a esfera, vai fazer a sombra, vai dar luminosidade e lá, quando ele chega no 2º grau, ele tem que saber que a esfera tem volume, espaço e que ela não é apenas um contorno. É... acho muito importante, principalmente pelo desenvolvimento do raciocínio e pra você ter uma visão espacial...

- Você já se perguntou: "Para quê estou ensinando Desenho para o 2º grau? O que os alunos vão fazer com ele?"

- Olha, no começo, quando eu comecei a dar aula, eu achava que não ia ter quase utilidade. Mas, depois que eu comecei a dar aula, dá pra perceber que em tudo você consegue encaixar o Desenho geométrico. O aluno diz: "Ah! Professora, eu vou fazer Medicina! Nunca vou usar isso na minha vida..." Engano dele! Se ele for fazer uma aula de Microscopia, vai ter que passar tudo o que vê no microscópio pro papel. Se ele não tiver noção mesmo de Desenho artístico, ele não consegue. Metragens, ampliações de figuras, é... tudo! Depende do curso, ele vai usar. Então, eu acho que ele encaixa em tudo. Daí, eu comecei a perceber que, se você gosta de Desenho, ele tem aplicação pra tudo aquilo que você for usar...

- E no contexto do 2º grau, dentre as demais disciplinas, você acha uma disciplina importante?

- Eu acho, apesar de que muita gente não consegue ver a importância do Desenho geométrico.

- A que você atribui essa falta de importância que o pessoal não consegue ver?

- Eles vêem o Desenho geométrico como desenho... nem como Desenho artístico. Como desenho.. Eles acham que o professor de Desenho geométrico entra na sala de aula e vai ensinar o aluno a fazer casinhas, ilhas, é... balões, barquinhos, essas coisas... E, na realidade não é nada disso!

- O que leva o pessoal a pensar dessa forma? Você já se questionou?

- A simples confusão que eles fazem com a palavra "desenho". Pode ser que na vida cotidiana, "desenho" é desenho de televisão, aqueles bichinhos que você vê correndo ali... é... o que você aprende no primário. Então, o professor vem com um monte de tinta guache e dá pra você desenhar... Dificilmente alguém insiste na idéia: "olha, isso aqui não é Desenho artístico, isso é Desenho geométrico". Tanto, que em muitas escolas tem lá Educação Artística e o que é dado é Desenho geométrico. Todo mundo acha que ele tá fazendo Educação Artística. Ele não tem noção daquilo. Ele faz o que estão mandando fazer. Ele nunca questionou.

- E você, também já questionou por que na Educação Artística se dá Desenho?

- A Educação Artística é básica pra aquilo que você vai fazer. Então, você vai ver um desenho com profundidade. A noção de profundidade vem lá do Desenho geométrico. Só que você vai enfeitar tudo aquilo com coisas da Educação Artística. Se você não souber a profundidade do Desenho geométrico, você não consegue fazer o trabalho de Educação Artística... O Desenho é importante na grade curricular. A gente sente que o Desenho está sendo desvalorizado. É isso aí. Principalmente as escolas novas, agora "escolas-padrão" não têm mais o Desenho geométrico.

- A que você atribui essa queda, essa desvalorização?

- Em primeiro lugar, é falta de conhecimento, é ignorância, né. Porque, se você tem conhecimento daquilo, você sabe a utilidade daquilo, você jamais tiraria uma matéria dessa do currículo, principalmente ela sendo tão paralela à Matemática. E no segundo grau, você vê que o aluno teve Desenho geométrico no primeiro grau. Mas ele chega no segundo grau e ele não tem noção de espaço. Como é que ele vai trabalhar Matemática sem a noção de espaço? Tem aluno no segundo grau que não sabe que um quadrado tem quatro ângulos iguais. Como ele vai trabalhar isso lá na Matemática? É, você vê, retas perpendiculares, retas concordantes, na Matemática. Se ele não souber isso, como é que ele vai acompanhar? Então fica difícil. O Desenho geométrico, a gente querendo ou não, é uma base pra tudo isso. E você vê que o aluno que vai mal em Desenho geométrico também vai mal na Matemática. Porque que a Matemática é importante e o Desenho geométrico não? Não tem porquê...!

- O fato de você abordar apenas o Desenho geométrico é porque a disciplina é Desenho geométrico?

- O enfoque final é Desenho geométrico, mas às vezes pra você fazer o aluno entender algumas coisa você se aproveita de outras situações, né. Por exemplo, agora no terceiro colegial, nós vamos precisar de umas aulas específicas na área de cônicas, espaços, tudo isso. Olha só: a parte das espirais, que eles vão ver, faz parte do programa de Desenho geométrico e inclusive pedido pelo ITA, no vestibular do ITA consta. Eu mostro pra ele a parte de Educação Artística, onde começou, como é que veio... Os triângulos de Pitágoras, eu mostro lá, os mosaicos que eles usavam. Então você, pra chegar num determinado fim, que vai ser a aplicação daquilo, você tem que mostrar como é que foi usado. Então, aí, passa a ter sentido aquilo que ele tá fazendo. "Ah professora, triângulo retângulo... eu nunca vou usar isso na minha vida..." - pensa bem, se eles usavam na Antiguidade... a perfeição... tudo aquilo que eles faziam, porque que agora a gente não usa? Os segmentos áureos, aquele número áureo, né, você em que saber porque que você tá usando aquilo, onde começou esse segmento áureo... Então você tem que usar uma boa

parte de Arte pra ele poder chegar a entender o que que tá acontecendo ali naquelas expressões algébricas que ele tá estudando.

- Você vê influência de Matemática, ou melhor dizendo, do professor de Matemática nas aulas de Desenho?

- Das aulas de Matemática... do professor que dá aula de Matemática pra mesma turma que dou Desenho?

- É! Ele pede que você dê determinados conteúdos de Desenho?

- Depende do professor...

- Você sente esse tipo de integração? De influência?

- Depende do professor: se ele é um professor que conhece geometria, ele pede. Então, por exemplo, eu trabalhei muito tempo com a Célia, que tá na assistência agora. É, professora de Matemática. Então nós trabalhávamos juntas. Ela dizia: olha, eu vou dar essa parte de triângulos e gostaria que você reforçasse na Matemática. O Teorema de Tales, que eles vêm na Matemática, eu trabalhava ao mesmo tempo com eles no Desenho geométrico. Então, tem professor que conhece a geometria e que trabalha paralelamente. Tem professor que não conhece a geometria, então ele não dá importância. Aí, o professor de Desenho é que corre atrás do de Matemática pra que o programa do Desenho tenha fundamento.

- E influência da direção? Você sente apoio ou se sente pressionada?

- Aqui, eles conhecem o trabalho que eu faço, então, nunca tive problema nenhum com eles.

- Em quê você se baseia para fazer o seu conteúdo programático?

- No vestibular, né! O que ele vai precisar, no final: o vestibular! Porque não adianta ele saber, querer fazer uma faculdade, se ele não passar por um vestibular ele não passa. Eu tenho até o programa do ITA... Esse daqui é o mais completo, eu sei que a Universidade Mackenzie também pede, mas o ITA é o mais difícil dos vestibulares, mesmo pelo nível de raciocínio que eles põem. A confusão mental que eles fazem na hora de formar a questão, se você não souber Matemática você não resolve os problemas de Desenho geométrico deles.

- Existe algum livro que você usa?

- Eu gosto muito desta apostila que era do Carlos Marmo... Tem aqueles livros do Jota, que eu também uso. Para a parte artística, que está envolvida no Desenho geométrico que é cobrada aí, curvas cíclicas, concordantes eu uso o material do Herling e Yagima, que eu acho o melhorzinho...

- E o seu procedimento de ensino? Como você trabalha?

- Bom, em primeiro lugar, eu procuro associar o que tem de cotidiano com aquilo que o aluno vai estudar. Então eu citei pra você as curvas cíclicas. A curva

cíclica, tal, ele usou, era voltada principalmente pra parte artística. Depois eu mostro pra eles como é que era, né, quadros, sistemas, escalas, os arcos. Então, ele tem lá as obras-de-arte, que ocupavam arcos. Tem noção da arquitetura que ele vai aplicar na geometria, pra depois ele estudar na Matemática. Tudo isso ele vai ver. É uma das formas, né. Eu uso algumas vezes também o retroprojetor porque é uma maneira de você passar pra eles uma visão espacial do que está acontecendo. Sempre que eles podem fazer algum trabalhinho, algumas coisa concreta, eu peço também, construção de figuras: polígonos, poliedros, essas coisas, eu também peço pra que eles tenham noção do que eles vão estudar... E depois eu passo pra aula expositiva.

- Você explica, coloca na lousa, e eles vão resolvendo?

- É, coloco na lousa, explico e faço alguns exemplos. Dou sempre exercícios muito parecidos com os exemplos pra eles fazerem sozinhos. Aí eu vou dificultando o nível dos exercícios pra que eles consigam desenvolver o raciocínio sozinhos.

- Sempre na sala de aula?

- Na sala de aula... depende... às vezes alguns exercícios que eu sei eu tem um nível maior de dificuldade. Então eu proponho um desafio pra eles: aquele que conseguir terminar, tiver certo, vai ganhar alguma coisa na média... aí é um desafio... aí eles se dedicam mais.

- Já aconteceu de você, por exemplo, mudar a aula, o conteúdo, em função da participação do aluno? Uma coisa espontânea que ele pediu?

- De uma maneira geral, assim... 90% do que acontece, eles aceitam aquilo que você está dando. Difícilmente você tem um interesse extra. Uma coisa que eles pedem (são os alunos do terceiro colegial) eles pedem sempre projeção ortogonal. Eles gostam e... como não faz parte do currículo de Desenho geométrico, então, eu normalmente procuro adiantar a matéria, com o segundo e o terceiro bimestres pra sobrar, pelo menos um bimestre para eles verem projeção ortogonal. Isso eles pedem, já chegaram a pedir mais de uma vez.

- Quais as formas de avaliação utilizadas?

- Normalmente são provas... trabalhos... Algumas vezes eu peço umas perguntinhas pra eles escreverem, né, principalmente o pessoalzinho que vem pro segundo colegial (quem não estudou aqui, que não sabe o que é triângulo retângulo, que faz confusão com aquela parte toda...) então, eu dou uma parte teórica e cobro aquilo deles na prova. Mas isso, normalmente, no primeiro e no segundo bimestre e depois não mais...

- Que critérios você adota na avaliação?

- A organização dele, a limpeza, os cadernos eu peço (até pro terceiro colegial). Todo bimestre eu peço cadernos, corrijo, vejo o que que ele tá fazendo, tudo isso. Participação e interesse que ele tem em perguntar, em ver se aquilo que ele está fazendo está certo, se está errado... tudo isso também.

- E nas provas, o que que você considera?

- Precisão. Raciocínio também, porque às vezes você ensina de uma maneira e você se surpreende, que ele chega a uma outra maneira que tem tanta lógica quanto aquilo que você ensinou e sem nenhuma influência, eles fazem por conta própria... Então, raciocínio eu também levo muito em consideração. "Ah, você fez de uma maneira certa, não é igual àquela que ensinei, mas está correta, então... também vale a mesma coisa".

- Em relação ao ensino do Desenho, que dificuldades você percebe quanto à sua formação, aos alunos, à escola e à sua estrutura?

- Bom, primeiramente, eu senti quanto à minha formação. Porque, apesar de eu ser formada em Matemática e ter a habilitação em Desenho geométrico, eu tive que estudar muito e tentar procurar associar o Desenho geométrico à Matemática. Porque isso, até então, não tinha nada a ver uma coisa com outra, na minha cabeça... não tinha! Aí, eu comecei a estudar em cima disso. Comecei a perceber que tinha fundamento direto e isso me ajudou bastante, porque daí eu consigo mostrar pro aluno que o que ele está fazendo tem fundamento. Depois, eu percebo que muitos alunos que não têm Desenho geométrico no primeiro grau... eles não têm habilidade pra Desenho geométrico no segundo grau. Tem muitos que não sabem nem pegar num compasso. É como se chamasse o compasso de senhor, não consegue, não consegue fazer um círculo, nada nada nada. Isso dá muito mais trabalho do que você ensinar Desenho geométrico do princípio, fazer com que o aluno aprenda a trabalhar com o material. Esquadro, eles não sabem trabalhar... compasso também não sabem... traçar uma mediatriz, uma mediana, uma perpendicular, mostrar que um segmento, se você vai fazer uma perpendicular, você nunca deve deixar um ponto vagando no espaço, você sempre tem que ter um apoio pra isso. Eles não conseguem ver. E isso também vai pela falta de cobrança no primeiro grau. No primeiro grau eles vêem Desenho geométrico com Educação Artística e aí, a parte artística não exige precisão. Como é arte, a arte não tem precisão. Então... tudo é... mais ou menos jogado ou pouco cobrado. Aí eles não conseguem, no segundo grau, fazer as coisas direitinho. Aqui no Estado nós não temos muita verba, mas em algumas escolas particulares até o material para o aluno é ruim. No Anglo, por exemplo, eles têm aquela cadeira de braço. Como é que o aluno vai fazer aula de Desenho geométrico numa cadeira de braço? Cai o caderno, cai a régua, pega a régua e cai compasso.. A escola não sabe o que que está sendo ensinado para o aluno. Então, é uma falta de conscientização geral. Se isso acontece com o Desenho geométrico, imagine o que não acontece com outras matérias!!... Nós tínhamos até pouco tempo uma sala para Desenho geométrico, há uns dois anos atrás tinha. Depois, como a escola recebeu uma grande quantidade de alunos, e não tinha espaço disponível, então aquela sala foi usada como

sala de aula mesmo. Se vê que o Estado tem muita coisa boa, mas o professor, de certa forma está desmotivado e ele acha que... "ah, não sei... vai dar tanto trabalho... eu não vou ganhar em cima do trabalho que eu vou ter". Se você parar pra pensar ou for pesquisar, aqui dentro você encontra uma infinidade de coisas pra fazer. Mas, muita gente não tem interesse. Então, eu acho que o professor reclama que ele ganha mal... mas, e o interesse dele? O interesse dele é pobre demais, ele não se valoriza! Então, ele vai continuar ganhando mal por muito tempo ainda... infelizmente, né?

- Você vê dificuldade em relação à carga horária, à atribuição de aulas de Desenho?

- Não, número de aulas não importa... porque se você trabalhar bem as aulas, com uma aula por semana ou mais você.. eu acho que duas aulas por semana é um número suficiente de aulas. Agora, atribuição de aula... não... ninguém dá muita importância pra isso, viu... ninguém acha que tem importância na... por exemplo: "ah, não deu pra completar o horário". Então, você fica por fora, não tem problema, o aluno... "depois a gente vê... a gente arruma" - essas coisas assim.

- E sugestões para o ensino de Desenho?

- Em primeiro lugar o incentivo, né? Tem que ser incentivado, o aluno tem que entender porque que ele está estudando aquilo. Não é uma coisa qualquer que você faz. Aliás, qualquer coisa que você faz tem importância, né? E saber meu próprio espaço: se eu sei mais que você, você não pode me passar a perna, eu vou guardar aquilo para o resto da minha vida. Agora, se nós tivéssemos num lugar específico para isso, seria bom... se fôssemos incentivados não só a nível de Matemática mas também a nível de Arte, porque é importante mesmo. Você também vê que não é uma coisa que não tem utilidade, tem muita utilidade. O professor precisa de cursos e o próprio professor precisa de incentivo. Porque você não encontra mais professores de Desenho geométrico porque ele é mal ensinado, em primeiro lugar, e porque o pessoal não consegue passar aquilo pra frente, ele não consegue ver o Desenho geométrico como uma coisa útil. Você vê professores de Matemática que pegam aulas de Desenho geométrico e que, no fundo, acontece de vir um aluno de uma outra classe pra estudar naquela classe... não tem nada a ver aquilo que o professor está falando com aquilo que ele está dando! Ele não sabe o que ele está ensinando, então você percebe que o professor precisa ser orientado, ele precisa de cursos, porque muitas vezes ele não sabe aquilo que ele está ensinando, ele não consegue... e, às vezes, ele, por mais que se esforce, não chega a nenhuma conclusão. Então, ele ensina por ensinar. Já chegou caso do professor ter programa na mão e ele não conseguir desenvolver o programa. "Não, isso aqui não dá pra desenvolver... eu acho que aquilo é mais útil... se ele fizer isso ele vai ter mais utilidade...". No fundo, é pura enganação. Porque, quem não sabe mesmo é o professor.

Entrevista nº 3 - realizada em 11/08/92

- Eu gostaria que, em primeiro lugar, você me falasse sobre sua formação escolar.

- Eu estudei o primário e o ginásio em escolas estaduais. Ao mesmo tempo, ininterruptamente, eu fazia, de dia, escola profissio-nalizante e à noite, eu fazia o ginásial. No colegial eu fiz curso técnico em Edificações. Passei no vestibular de Educação Artística. Não fiz habilitação em Artes Plásticas, fiz só a licenciatura curta. Fui fazer habilitação em Desenho fora daqui. Fiz em 1990. Não consegui fazer antes, aqui em Bauru por falta de turma. A gente nunca conseguia formar classe... Fiz Pedagogia com Administração Escolar e Supervisão fora, também. Foi aquele curso especial que o pessoal fala, né, uma vez por mês fizemos essa vida durante quatro anos. Então... o que eu acho que mais me contribuiu, foi a minha vinda para a Escola da Rede Ferroviária onde, a cada 6 meses a gente passa por uma reciclagem que o SENAI dá e isso traz novos horizontes, você tem que estar pesquisando, apesar que não teve muito na área de Desenho. Mas eu tive algumas experiências que valeram a pena na área de Desenho e a própria profissão na área de serralheria e soldagem, que tinha muito traçado na área de calderaria, fez com que eu fosse atrás e procurasse alguma coisa para se desenvolver, senão, eu ia ficar ensinando alguma coisa que eu não sabia. Então, tive que ir atrás, procurar pra desenvolver meu trabalho. Eu acho que o que aperfeiçoou mais a minha qualificação em Desenho foi o meu dia-a-dia aqui e mais a minha vida prática, dando aula no Estado, dando aula aqui.

- Você teve Desenho no ginásio, no colegial? Você lembra alguma coisa a respeito dele?

- Tive sim. Então... aqui (na Rede Ferroviária) a gente tinha uma cobrança muito grande dos professores. Sempre cobraram da gente muita limpeza, muita organização e foi isso que refletiu no Estado. Então, eu acho que o que mais me marcou na vida foi a aprendizagem que eu tive aqui na Rede!... Tinha muito volume de coisa pra fazer. Nosso tempo aqui era totalmente usado e tinha pessoas muito qualificadas; eles eram à altura, sem qualquer dúvida. Agora, no Estado, como aqui o nível era puxado porque necessitam desse nível para trabalho, na oficina, no Estado, em traçado geométrico eu tirava dez; quando não tirava, era porque era malandro mesmo... nunca fui aquele aluno que se sobressaía em todas... E o Desenho, o que eu percebia lá, é que eu tinha essa facilidade que eu pegava aqui, porque a escola profissionalizante forçava bastante. Lá eu tinha só os traçados fundamentais... sólidos...

- Você chegou a ter outra modalidade de Desenho, além do geométrico?

- Tive, tive sim, mas eu não tive grande habilidade... não tenho tendência... eu sinto que mesmo como professor de Educação Artística, a gente não encontrou

como, de que maneira ensinar isso para o aluno, entende? Pegar um aluno que não sabe e mostrar para ele que ele vai aprender aquilo... tem aluno que já acha que é um dom natural, então, a maior restrição que se encontra em Educação Artística, nesta parte é que o aluno não tem habilidade e já se sente restringido para a área de Desenho... não o Desenho técnico, mas o Desenho artístico. Tanto é que quando se pega um professor artista como eu peguei, senti que eles não sabiam transmitir para a gente... não conseguiram transmitir para a gente... não faziam na lousa para a gente ver. Eu acho que o aluno vem da teoria de Thorndike "aprendizagem está na prática". Então, eu percebia isso... acho que não aprendi Desenho artístico por causa disto... Acho que faltou mais pedagogia do Desenho como linguagem artística na Faculdade, porque não aprendi na Faculdade como ensinar o aluno. Eu fiz uma Faculdade elitista que não se preocupava em formar professores de Educação Artística, porém, se preocupava em jogar para o mercado, artistas. E não era isso o que a gente estava querendo de lá na época. Mas, éramos uma minoria: dois ou três que tinham essa preocupação. A grande maioria estava preocupada em ser artista, em montar galeria, exposição... tinha um nível de rendimento financeiro... totalmente diferente do nosso, né! A gente até passava por circunstâncias difíceis...

Acho que em termos de Educação Artística a contribuição do professor pra mim foi muito pouca. Foi essa falta de contribuição que sinto na Faculdade e que eu tive no ginásio, mas também acho que não deu pra aproveitar... não sei se faltou interesse da minha parte...

- Qual é o seu tempo de magistério?

- Desde 1980. Na Rede Ferroviária tenho 12 anos e no Estado, quatro anos.

- E lecionando Desenho?

- Desenho é uma consequência do que eu faço, porque sem o Desenho não consigo fazer nada. Lá no Estado só leciono Desenho. dou pouca aula de Educação Artística mesmo. Só o necessário quando diretor empurra pra eu pegar. Particularmente, sou franco em dizer, não tenho vergonha de dizer para os alunos: "tenho dificuldade". Porque acho que pra mim ensinar eu tenho que fazer na lousa. Então, por exemplo, não aprendi técnicas de traçado com giz em lousa na parte artística. Não tive essas informações... Nunca vi um artista desenhar em lousa... no papel eu já tenho uma outra visão... Então, acho que se eu tivesse essa visão na lousa, no papel seria mais fácil... Eu não estou querendo passar o problema para a faculdade.. É preciso rever essas informações que estão chocando com os interesses: o interesse de formar o professor ou o interesse de formar o artista. Quando dou aula no Estado, prefiro pegar, preferencialmente, aula de Desenho geométrico só, ou de Desenho. Me saio muito



melhor em Desenho: porque é mais arquitetônico, tem a parte de equivalência, de arcos romanos, de concordância, de ovais, acho que me saio muito bem ali...

- Pra você, qual a finalidade do ensino de 2º grau?

- Então.. no meu conceito, é uma preparação para o 3º grau.. dá um embasamento para o 3º grau. Só que acho que o grande problema do Estado, hoje, e que choca a gente e continua chocando, é que não existe um planejamento, não existem objetivos... Os objetivos se chocam, tanto pessoais como políticos. A partir desse momento fica difícil de traçar metas... Então, você tem um administrador que tem um objetivo mas ele desconhece a sua área. Ele acha que o que você faz está bom. Ainda mais se foi um cara que se entrega a serviço e tal... que procura fazer direitinho, não tem problema nenhum. Mas eu nunca vi ninguém cobrar alguma coisa, nem a própria Divisão de Ensino. Nunca percebi alguém que viesse me orientar pra mudar esse comportamento: "Olha, precisamos dar isso e isso no colegial, no 1º, 2º e 3º colegial, pra que esse aluno quando fizer vestibular, saiba isso, isso e isso...". Nunca me foi colocado! Principalmente, programa de colegial! Desconheço! Pode ser que seja leigo da minha parte, mas mesmo assim, em todas as escolas que passei nunca o diretor chegou pra mim e falou: "aqui está o plano curricular do 2º grau, as matérias que você tem que dar são essas..." E eu sei que existe plano curricular no Estado, mas nunca foi passado... então, mesmo a Divisão nunca foi orientada, fiscalizada. Não que a gente goste de ser fiscalizado! Ninguém gosta! Mas acho que um acompanhamento... O ser humano vive de deveres e direitos, respostas e questionamentos. eu não tenho percebido isso... Meu trabalho, tenho sempre feito. O diretor olha, a gente recebe as respostas através do aluno que passa pela mão da gente e vai para outro lugar. Mas do Estado mesmo... Por exemplo, eu nunca vi um curso oferecido pelo Estado direcionado mesmo para o Desenho ou Educação Artística mais voltado para a pedagogia. Nunca vi. Fui participar de cursos na Divisão de Ensino e chegou lá é papel, papel... só ficou no papel... Não houve proposta também. Fomos lá para montar locais de cada município. Fez, fez... ficou por isso mesmo...

- O que a palavra "Desenho" lhe traz à mente? Qual é a imagem impressa por "Desenho" na sua mente?

- Limpeza e organização. Mais que organização: raciocínio intelectual! Acho que o Desenho tem que ser cultivado nas crianças e a nível colegial e adulto, porque ele é metódico é uma coisa exata... ele não é mais ou menos. Ele é lógico... é certo, é claro, é perfeito... Você tem a certeza de que dada alguma coisa, você vai encontrar determinada coisa, com exatidão máxima: é zero, zero (0,0) ou então não é! Ele mostra muita precisão! Desenho pra mim passa uma coisa segura de se fazer e concreta. Tanto é que se você perde alguns dos pontos que você está fazendo, você fica totalmente inseguro... você não sabe onde você está! Então, existe uma sequência lógica que determina um fim que é o objetivo. O Desenho me passa, não sei

se é porque a gente gosta e sabe fazer aquilo dentro do limite da experiência da gente, muito... é muito fácil de fazer aquilo, dentro da nossa realidade, dentro do pouco que a gente sabe... Principalmente pra mim, me passa muita exatidão, muita imperfeição, muita limpeza, muita organização!

- Além do Desenho geométrico, quais as modalidades de Desenho que você conhece, pela experiência?

- Desenho artístico, Desenho mecânico e Desenho arquitetônico. Conheço Desenho topográfico porque no Desenho arquitetônico fui obrigado a conhecer e conheço também o Desenho de traçados de calderaria, o Desenho de desenvolvimento de sólidos... conheço pouco na parte matemática, mas, na parte do desenvolvimento só do traçado, não tem problema...

- Você acha Desenho uma coisa importante para a vida, em geral?

- Acho fundamental para tudo. Uma dona de casa usa Desenho em tudo, uma vendedora, um comprador usa Desenho. Uma costureira usa Desenho, o confeiteiro, pedreiro, ainda muito mais usa Desenho. Eu vou citar um exemplo: você vai comprar um Fiat... um carro, tirando a marca, o que você compra? Você compra Desenho! Você não compra o carro, você compra Desenho! Porque você só compra aquilo que lhe agrada, as formas geométricas que você gosta. Até o ser humano mesmo, você simpatiza com uma pessoa pela forma geométrica que ele tem: pelo lado, pela face, pela escultura do corpo... Então, acho que a gente vive em cima disso... a gente sobrevive em cima disso. Quando você compra uma camisa, uma jóia, um relógio, um brinco, uma chuteira, uma luva, uma bola... você está comprando Desenho! Vê a evolução que houve no futebol em termos de camisas! Os designs que houveram em termos de camisas! Foi totalmente revolucionário! Ele voltou a ser geométrico, colorido... Acho que o Desenho é tudo! É fundamental em todas as áreas. Além do desenvolvimento do raciocínio... ele colabora com a melhor forma, com o conforto... Você só vai viver bem em sua casa, ter um relacionamento saudável quando você combina cor com o ambiente, com a linhagem do seu ambiente. Se é curva, se é reta... Você só se dá bem comprando alguma coisa, satisfeito, feliz, quando você compra um óculos, uma jóia, uma camisa, um sapato que é puramente Desenho... Vivemos num país extremamente consumista. O que acontece nele? Ele precisa vender a imagem, o produto... Taí os designs dos carros... a evolução que está havendo... é em cima disso. Prato, garfo, colher, tudo! Eu não consigo perceber o mundo, que norteia a gente sem o Desenho! Você vai informar, a letra "A" é um código, é um símbolo que alguém descobriu sei lá onde e codificou e passou a mensagem...

- Na sua opinião, qual a finalidade do Desenho para o 2º grau?

- Eu, particularmente, procuro fazer alguma coisa voltada em termos de vestibular... Já senti algumas respostas muito significativas: de 30 alunos, um ou dois passaram...



- Onde você trabalha, a procura pelo vestibular é...

- É mínima por causa do poder aquisitivo. O Desenho também é cobrado... Mas a resposta é muito significativa: de dez, passe um... Eu acho que o grande problema da área de Desenho é que ela está muito segmentada. Não existe uma sequência lógica. Não conseguimos falar a mesma linguagem desde o 1º ano. E a gente desenvolve as crianças no 1º ano com o Desenho. Lá na pré-escola a gente vem desenvolvendo... a garatuja. A criança vem se desenvolvendo até formar o círculo, a cabeça... até pegar a noção de dimensão, de tamanho e é só Desenho, que eles conseguem fazer. Chega no primário ele vai sendo segmentado, cortado. Com as propostas que estão aí, que a gente ouve comentar, eu não sei como vamos fazer! Até que ponto é fundamental o Desenho? Eu acho que ele é fundamental pra tudo! Mas pra quê ensinar Desenho arquitetônico pro cara que mora numa COHAB? Não sei! De repente, ele pode querer mudar, ele tem noção de traçar a casa dele! De repente, a moça pode ter vontade e ela não precisa ser casada para ter uma casa. Pode mudar do gosto dela. Mas se todo mundo vai ser desenhista, vai virar um caos! Não! Ninguém está formando desenhistas! Estamos dando noções básicas necessárias par que ele interprete o Desenho no 2º grau. Por exemplo: eu fui para a faculdade com uma base. Mas, se eu tivesse muito mais reforçada no Técnico, apesar de que foi forte no Técnico e no 1º grau, eu não teria tanta dificuldade como ative na faculdade. Dificuldade de interpretação, pô! Não é dificuldade de aprender. É de leitura, de entender...

- Então, a primeira finalidade é o preparo para o vestibular?

- Eu acho que sim...

- Além desse objetivo, você vê outros objetivos?

- Eu penso assim... É... vou pegar o exemplo da casa, para que quando o engenheiro ou alguém levar a planta de uma casa que é o que ele mais vai estar em contato, pra que ele possa entender o que está escrito ali, pra que aqueles traços transmitam uma mensagem para eles... Tem muita gente que não consegue perceber! Eu fico pensando... até que ponto ele vai utilizar... Uma vez, uma menina me questionou: "Pra quê vou aprender Desenho?". Respondi: "Para um dia, se você for uma costureira e não souber usar traçado de Desenho, não vai conseguir traçar um molde. Se você não entender aquelas linhas, não vai conseguir montar um molde. Então, acho que o Desenho no 2º grau, no momento, pra mim, está sendo uma preparação para o vestibular só e mais para a leitura do dia-a-dia. Agora, até que ponto isso é certo ou correto...

- Como você vê o Desenho em relação às outras disciplinas?

- Eu acho que é uma matéria importante como qualquer uma das outras. Primeiro, porque acho que não existe diferença de matérias. Precisamos tirar essa imagem do Desenho... Educação Artística, Inglês...

- Por que existe essa imagem?

- Existe porque acho essa informação parte da Secretaria ou então dos próprios colegas que não têm senso de ética de nada! É um mercenário! Está ali trabalhando, não interessado em educar ninguém, porém, na parte técnica e... tudo bem! Não está lá para transformar seres humanos em educados, estão lá pra passar a parte técnica! "Foi pra isto que me formei!". De repente, uma aluna veio questionar pra mim: "Desenho não repete no colegial?". Falei: "Olha, não sei, desconheço essa lei. Se você achar essa lei, traga pra mim". Ela só pode obter essa informação na Secretaria. Eu acho que o governo podia ser mais claro com os alunos. Se existe interesse do governo em que não continue Desenho, porque é uma matéria que não tem necessidade, baseado na visão dele, então, vou lá pra não fazer nada! Pra quê ensinar uma coisa que não tem necessidade? Se não tem necessidade de ensinar Desenho, pra quê estou indo lá, então? Está mostrando que está gastando dinheiro à toa! Podia ter outra matéria no lugar! Se é mais importante Português ou Matemática, que coloque mais aulas deles e que corte o Desenho, se ele não tem função!

- Você está entrando numa outra questão: a desvalorização e a queda de Desenho do currículo. A que você atribui este fato?

- Olha, pelo pouco tempo que tenho de experiência com o Desenho, sinto que a dificuldade do aluno em aprender, por não ter uma sequência lógica, ser muito fragmentado: esse ano, ele trabalha com um professor, outro ano com outro, o professor não dá a mesma sequência do outro, ele, aluno, pela própria natureza mente, diz que não aprendeu aquilo. O próprio professor não tem o planejamento global de todas as escolas, todo mundo falando a mesma linguagem... então, tudo vai contribuindo para que a matéria fique uma matéria discriminada, que é uma matéria em que não se vê sequência nela. Então, acho que o que mais prejudica isso tudo, foi essa imagem que passaram e que colocaram quando descobriram que tem uma lei que Desenho e Educação Artística no 1º grau não dá repetência... é uma atividade... a partir daí o aluno perde o respeito por você. Pra quê? No Conselho, seu voto é insignificante... Eu acho que a desvalorização vem mesmo de forma como o governo colocou a matéria. Não sei onde arrumou esse fundamento? Baseado se a matéria é cara, se gasta muito material, não existe sala-ambiente, não tem essa preocupação! Então, fica difícil de trabalhar!... Encontramos os instrumentos quebrados, deteriorados!...

- Você dá Desenho geométrico, não é? Você acha importante abordar outras modalidades de Desenho? Por exemplo, Desenho de observação, decorativo...

- Acho importante ter os dois tipos... Sabendo fazer esboço, é fundamental. Tem que ter esboço para ter uma forma completa... Vai usar o útil e o agradável. Na minha opinião, acredito, tem que haver essa... Não estou mandando tirar Educação Artística ou colocar mais



Desenho. Estou querendo alguém que me oriente o quanto, de que maneira e como fazer essa dosagem. Nunca tive essa orientação. Por ser um professor ACT, acho que tem que ter mais essa preocupação de saber, de orientar... Eu me encontro assim: fazendo os programas de acordo com o que tem nos livros que acho que estão mais bem explicadinhos e montados. Tiro os resumos que acho necessários. Monto os planos de acordo como vem lá, todo mundo sabe que essa é a realidade. E a verdade é essa! Ninguém vem aqui passar pra mim que faz diferente, porque eu não acredito. Você pega os planos e vê que é um resumo pessoal, individual, mas que no fundo, no fundo, segue aquela sequência. Agora, quem são esses outros? De que forma estão trabalhando? É a forma correta? Não sei! Se o objetivo deles é o de trabalhar para o Estado nessa visão ou é só o de vender? Não sei se eu fui feliz nessa explicação!

- Sim, já entendi... Então, concluindo, você acha importante abordar outras modalidades, mas, a dificuldade é a dosagem...

- Não que eu queira uma dosagem rígida, mas uma orientação. Essa é uma dificuldade que eu sinto.. Estou fazendo o meu trabalho... Até agora, ninguém veio e disse que está tudo errado! O dia em que alguém chegar e falar, eu digo: "então, você me apresenta um projeto para eu cumprir!". Não tenho nem projeto rígido, nem o flexível. Tenho o que eu estou construindo, por experiências, por orientação de pessoas mais velhas. Essa troca de experiências que você vai passando... Na vivência do dia-à-dia é que você vai aprendendo. É assim que estou aprendendo a trabalhar com Desenho. E aí, eu cobro mesmo essa parte! Eu cobro da faculdade. Ela não me passou nada disso e eu acho que tinha condições! Só que o curso era furado!...

- Completando esse pensamento: Você acha que além do Desenho geométrico, a parte expressiva, criativa, poderia ser dada na aula de Desenho? Ou você acha que ficou para Educação Artística? Na sua opinião, a Educação Artística cobre esta parte?

- Acho que precisa haver mais entrosamento entre Desenho e Educação Artística. Estão perdidas! Os objetivos são totalmente diferentes! Por exemplo: no colegial estou ensinando perspectiva para voltar para os ambientes da casa. Eles acham que estou dando Desenho geométrico, só. Não conseguiram perceber que é artístico aquilo! Perspectiva com um ponto de fuga, com dois... é o que estou tentando fazer... Então, acho que precisa haver mais integração entre as duas partes, para ver de que maneira e como fazer, sem afetar uma ou a outra. Integração que não existe... Como estou dando Educação Artística no colegial, estou fazendo de acordo com o nível da clientela. Porque o grande problema que se encontra em Educação Artística, é que me deixou sem vontade de trabalhar com ela, foi que, primeiro, minha falta de habilidade, que sou franco em dizer. Tenho que aprender muito. Recebi poucas informações e segundo, que o aluno não em condições de acompanhar a matéria. Não porque ele é burro. Ele não é burro. Não tem condições financeiras, nem estrutura financeira para manter

aquilo.. Não estou falando que o governo deveria dar o material. Não é isso! É uma matéria que está sendo tirada, colocada de lado, porque é cara mesmo! E a resposta dela não é imediata como é o Desenho geométrico. Acho que aprender Desenho artístico, você não consegue em uma aula ensinar um traço para o aluno. Você consegue passar algumas informações para que ele depois vá se condicionar e atingir o objetivo depois de algum tempo, que pode ser duas horas, três horas, quatro semanas, seis meses, um ano... Desenho é prático! Não é teórico, principalmente o artístico! E mesmo o geométrico, se você não faz, não consegue ensinar. Você precisa do manuseio. Se você não tiver manuseio com os instrumentos, fica muito difícil ensinar! E mesmo na parte de artes, essa integração precisa ver até que ponto... tem a razão da proporção que o artista usa, né? da profundidade... que é uma integração geométrica com a arte que acredito estar perdida sim!

- Você vê influência do professor de Matemática e da direção, quanto ao conteúdo de Desenho dado? Vê integração... cobrança... imposição?

- É fundamental. Mas não tem integração, nem cobrança do professor de Matemática. Nem da direção. Fico até meio constrangido de colocar, mas nas escolas em que eu fui, o que eu fiz (que sinto que é muito pouco ainda; se eu fosse melhor preparado estaria fazendo muito mais), as pessoas me disseram que o que os que estavam fazendo anteriormente eram piores. Sempre encontrei liberdade por parte do diretor. Nunca fui cobrado. Acredito que por ser uma área de ciências exatas e o diretor ter outra formação, ele não vai se meter nessa área, porque ele tem medo, porque você pode com 4 ou 5 palavra engambelar ele! Não sinto desvalorização não (por parte do diretor).

- Praticamente, você já respondeu à pergunta que eu faria agora: em que você se baseia na elaboração do conteúdo programático?

- Já. Só tem um detalhe: eu não procuro seguir criteriosamente o que está lá no livro. É uma fonte de informação. Eu trabalho de acordo com o nível da classe. Já aconteceu de não conseguir dar todo o programa. Até tenho vontade, professora, de diminuir o meu programa, de ser mais honesto comigo mesmo. Escrever só no papel o que eu faço e entregar lá. Fico preocupado, pensando... será que se eu diminuir o cara vai perceber? Tenho medo de perder o meu emprego à noite, porque preciso dele. Gostaria de diminuir, e colocar o que eu fiz, mesmo.

- E a sua metodologia? Como é que você trabalha nas aulas de Desenho?

- Bom, eu trabalho assim: pego um livro, xeroco o que eu quero, tenho uma pasta com plástico, na aula tiro o conteúdo do plástico. Passo o exercício na lousa. Os cadernos dos alunos são todos divididos em 4 partes (todas as folhas). O aluno vai e volta dentro de um caderno de Desenho. Uso giz colorido para chamar a atenção do enunciado e embaixo faço a resolução. Uso esboço à mão livre mais na 7ª e 8ª série. No colegial,

não. Só quando o exercício é muito complexo, por exemplo: tangente de 4,5,6 circunferência que dão muito traço, então, dou uma antecipada, esboço, para o aluno. Normalmente, no colegial, procuro ir tirando o vício do esboço, não é que um vício assim... é uma maneira de você mostrar para o aluno como é o final do exercício para ele saber se ele está caminhando. Ai, procuro sempre procuro traçar linhas fracas de construção e o que quero chamar atenção, a resposta, colorido. Compasso bem apontado igual do aluno, para que ele perceba que é importante ser bem apontado. Melhorou muito na minha sala de aula, agora no 2º grau, o interesse da classe. A classe é boa, viu. Já consegui no colegial, trazer o material, sem forçar e instrumental de acordo; bem aplicadinho, porque sentiram que se não trouxessem material, não iriam fazer nada. Iriam ficar perdidos... Ah, uma dificuldade que eu tenho, que gostaria de comentar e que não aprendi é trabalhar com o lado esquerdo. Trabalho de frente e não consigo trabalhar de lado.

- Alguma vez já ocorreu de você ter que aproveitar o contexto do momento, modificando a seqüência do que você estava dando, para atender a uma necessidade que partiu dos alunos?

- É muito difícil os alunos pedirem alguma coisa. O aluno não gosta de pensar. Se ele pensasse mais pensaria muito mais o professor.. Ele, não sei... ele tem medo! Já foi codificado para isso. No colegial não encontro aluno questionativo como por exemplo aquela menina que perguntou: "pra quê aprender Desenho? Onde vou usar?" e que respondi: "a gente come Desenho, almoça Desenho, vive Desenho... tudo é Desenho". Não criam situação-problema para o professor resolver. Nem pensar em mandar fazer em casa ("trabalho o dia todo..."), para trazer um problema... é a circunstância. Apesar que isso tudo não justifica. É uma questão de interesse. O grande problema que a gente sente: "ensinar pra quê?". É um problema do professor. Ai vem um outro problema do aluno: "aprender pra quê?" Eu vou usar aonde?". Você fica num dilema terrível: você está numa proposta honesta de trabalho, de coerência... pedagógica, educacional. Depois, aí ele te cobra. E o mercado? É a mesma questão do professor de Desenho. O ensino perdeu o atrativo, pelas próprias circunstâncias do país em que vive, da realidade. Ele sabe que a mão-de-obra dele é explorada e que ele vive numa exploração e que nem sempre o diploma é a solução dele. É uma realidade. É um fato que tem que vivenciar com ele. Não pode iludir o aluno. Ele não está mais iludido. Ele pode até aceitar algumas coisas de Desenho, porque ele tem medo de questionar. "Será que vou perguntar?". Agora, a utilização do diploma, onde ele vai aproveitar aquilo? Ai, a gente sente que a desmotivação é muito grande. A mídia passa essa imagem com a maior facilidade: que o estudo não é mais o veículo-mestre desse país. Quer dizer, de um modo geral, toda regra tem exceção...

- E as formas e critérios de avaliação?

- Provas questionativas. Ele tem que dar uma resposta gráfica que não dá para colar. Quem sabe fazer, faz. Dou exercícios, tiro 5. Vai ser a prova. Dou 20, tiro 10 para prova. as mesmas questões apenas com mudança de medidas para que o aluno pense um pouquinho. Em Educação Artística, trabalhos. Em Desenho ainda trabalho com o sistema de prova: uma avaliação, uma recuperação. Não faço avaliação de caderno. Caderno é um vício. Reforça o aluno a não estudar e reforça o desestímulo pela matéria. O professor que olha caderno passa uma imagem de vagabundo (eu senti dos alunos). Aquele professor que não quer ter problema... Apesar de todas as dificuldades que o governo coloca para a gente, eu acho que ainda a gente, você, tem que manter a sua imagem de trabalho, de ir lá, cumprir sua obrigação. Pelo menos fazer o mínimo necessário. Senão, a gente continua alimentando o sistema que está aí, né?

- Vamos agora pensar nas dificuldades que você sente em relação ao ensino de Desenho. Dificuldades quanto à sua formação, à escola, aos alunos...

- Olha, primeira dificuldade: as aulas são separadas e, não, aulas agrupadas. Precisaria no mínimo duas aulas de Desenho ou duas de Educação Artística. As aulas tem que ser juntas. É um fato fundamental, a seqüência de aulas. Colocar de tal forma que, na semana, você trabalhe a semana inteira com os alunos, vivencie na escola a semana inteira. Não estou querendo aula, não!! É uma questão lógica para aprendizagem. Na Rede Ferroviária, se o aluno está aprendendo a limar, e se faltou hoje.... é um problema sério! É como jogador de futebol: tem que treinar, se não vai no treino, está fora do jogo.

Voltando, aulas na seqüência, duas aulas no mínimo. Às vezes, o próprio aluno cobra da gente a seqüência da aula.

Segundo, os instrumentos: é o que a gente sente. O aluno nunca tem compasso... falta de material

Quanto aos alunos, acho que existe uma reação do aluno que existe no momento em que o cara começa a entender. Se você usa uma metodologia mais lenta, mais compassada, melhor dividida, você vai criando um interesse no aluno. Ele vai sentindo que está aprendendo. Ai então, começa a se interessar. Nunca vi um colegial lotado trazer material. Às vezes, um só não traz. Isso é insignificante. Com paciência, passando matéria, usando todos os argumentos que o professor tem (monte de exercícios, monte de matéria, até registrar matéria e coagir o aluno para que preste atenção na aula - instrumento terrível, mas que às vezes você tem que usar) tem que fazer com que o aluno perceba a importância da aprendizagem... Hoje, chego na 8ª série e não vejo ninguém coçando... Só que não foi trabalho de um dia, foram seis meses para conseguir isso... Então, imagine, se estou trabalhando com essas classes há alguns anos, hoje eu estaria tranqüilo.

porque eu estaria trabalhando dentro de uma metodologia que eu quero desenvolver, que no final vai atingir o objetivo que é importante para a comunidade e importante para mim. Por exemplo, em Avaí, quando eu trabalhava na 5ª, 6ª e 7ª com Educação Artística, na 8ª série os alunos estavam afiadinhos! Porque eu dava os pontos, traçados, apertava bastante, tirava um pouco o artístico de lado, na 7ª e 8ª, oh!...

- Tem acontecido dos alunos pedirem outro tipo de Desenho no 2º grau?

- Os alunos tem até medo de falar em Desenho artístico, por não terem habilidade! Tenho dois colegiais, uma 8ª e uma 7ª, tenho três alunos para mostrar para você que tem dons e habilidades. O restante...

Eu acho que não é cobrar muito da natureza, o problema está na preparação deles. Então, se houvesse mais sequência de aulas, essa imagem haveria uma mudança terrível...

A sequência seria assim: duas aulas na segunda, duas na quarta, duas na quinta, duas na sexta. Não importa se seria duas de Desenho hoje, duas de Educação Artística amanhã... Aumentar a carga horária. Eu acho que ela aumentou e não resolveu. Aumentou não sei no quê. Não sei pra onde. E não resolveu nada! Aí, o pessoal fica questionando: é importante dar Matemática e Português? Até que ponto é importante? É um fator interessante. Gostaria de falar alguma coisa sobre isso. Garanto primeiro minhas quatro aulinhas em Avaí (sede) e depois venho para Bauru, porque aqui é mais difícil (não tenho contrato de trabalho aqui). Com a "escola-padrão" não sei como vai ficar! Eu vou ter um problema sério, porque eu não vou pegar Educação Artística. Não vou trabalhar naquilo que não dá!... Eu não atinjo meus objetivos, então, não vou fazer aquilo que não estou conseguindo! Não consigo sair de casa para ficar perante trinta alunos, conversando o quê?

- E quanto à atribuição de aulas?

- A atribuição é uma coisa normal, mas não gosto da maneira como ela é vista pra hora da escolha por Matemática (Desenho geométrico). Acho que aí você fica marginalizado. Embora o professor de Matemática pegue muito raramente, porque ele não gosta de dar Desenho.

- E quanto à sua formação profissional?

- Acho que a dificuldade mesmo foi o direcionamento da faculdade. Outro objetivo que não era o nosso: estar formando artistas plásticos e não para o magistério. A grande dificuldade que sinto hoje e que poderia estar trabalhando muito melhor se eu tivesse sido melhor orientado na faculdade. Os professores ensinaram, mas tudo voltado dentro daquela realidade, que era

artística. Só que acho a estrutura não foi voltada para a parte educacional. e, na realidade, a grande maioria, da faculdade se formou professor. Ninguém foi ser artista plástico.

- Que sugestões você tem em mente para melhorar o ensino do Desenho?

- Olha, eu sugeriria para a DRE, que olhasse com mais cuidado a metodologia de ensino. Direcionasse a metodologia de ensino de Desenho. Fizesse uma revisão no seu plano curricular. Organizasse melhor seu plano curricular. E que abrisse, não um campo de trabalho, mas para o pessoal que está na ativa ter oportunidade de se reciclar ou até de participar de curso de treinamento, mas que fosse evoluir para alguma coisa, e não ficar no papel somente. Existem pessoas competentes nessa universidade para resolver esses problemas. Eu acho que se você sair em todos os ginásios, eu acredito, que se usarem da mesma lealdade, da mesma sinceridade que falo, vão passar a mesma coisa que estou falando. É a mesma mensagem, a grande preocupação da gente não é perder o emprego. A gente tem filho, sobrinhos... Vão aprender o quê? Se continuar com isso... Nas escolas particulares é a mesma coisa... porque é cópia do Estado...

Mas Desenho é fundamental? É, dentro do limite dele, do espaço dele, da área dele. Esse limite, esse espaço, foi reduzido e isso que tem que chamar a atenção.

Eu acho que a Universidade tem essa resposta. Tem pessoas a altura para resolver isso aí. Não vejo como utopia, acho que o pessoal que está lá tem gabarito e competência para resolver esse problema. Nem periodicamente nem definitivamente, mas de momento, para que se eleve o nível de informação, que está baixo. A gente tem a responsabilidade de não levar o nível baixo, mas ao mesmo tempo encontra barreiras, dificuldades e se forçar muito, você encontra discriminação dentro da própria circunstância escolar. Está totalmente fechado, não tem nada como cursos... Desconheço, até! Talvez por falta de informação!

- Como você vê a Educação Artística na grade curricular?

- Atinge os objetivos dela, mas para mim, está com a imagem de uma "disciplina-lazer". Quem fez a proposta deve ter tido boas intenções. Na prática, ela não está funcionando, porque não tem a prática! E, de teoria, estamos cansados neste país! O grande problema que está acontecendo com a Educação Artística, é que ela pode ter uma proposta boa, só foi no dia você não encontra a realidade. E é isso que o pessoal cobra da gente! o pessoal cobra o dia-à-dia! Você está ali na frente? É o dia-à-dia que eles querem saber! Não querem saber de teoria, teoria...



Entrevista nº 4 - realizada em 18-08-92

- Fale, primeiramente, à respeito de sua formação escolar.

- Que é que fiz? Bom, eu sou mineira. E, lá em Minas, a minha Educação Artística, do ginásio, era realmente só Educação Artística - de trabalhos. Então, quando eu vim pra Bauru fazer colegial aqui, eu não tinha noção nem de ponto, de reta, não tinha noção de nada. E, quando eu fui fazer colegial fui muito mal na matéria porque eu não tinha noção de nada. Quando eu cheguei na faculdade, é que a professora começou a ensinar ponto, tudo... Eu tive dificuldade. Tirei zero na minha primeira prova. Fui mal, mal, mal. Hoje, bem dizer, eu pego a apostila e dou pros meus alunos, né. Então, minha formação de Educação Artística no ginásio foi só trabalhos manuais.

- Você fez Educação Artística?

- Isso. Eu fiz o vestibular pra habilitar em Desenho, mas na hora da habilitação, na época, não tinha turma pra habilitação em Desenho. Então, foi onde eu senti muita dificuldade e... pra não perder o tempo, né... o ano, a faculdade... eu comecei e falei "ah, a gente passa pra Artes Plásticas". Aí, eu fiz em Artes Plásticas. Depois de muito tempo... eu fiz habilitação em Desenho em 90, parece. Em 90 ou 91... Foi em 90. Eu me formei em 81. Porque eu precisava, porque com a minha matéria só de Educação Artística eu não conseguia pegar aula. Então, eu fui obrigada a fazer Desenho pra poder pegar aula de Desenho geométrico, sabendo toda a matéria... por isso que hoje é a primeira vez que eu peguei o segundo colegial. Então, eu estou tendo muita dificuldade, assim, em aprofundar naqueles Desenhos, né... Então, eu tô tentando, é meu primeiro ano de segundo colegial e terceiro. Mas, espero que agora... né?

- Na sua opinião, para quê serve o ensino de 2º grau?

- Bom, o certo seria a formação... acho que, em todos os aspectos, assim, seria isso pra todas as escolas: um nível pra um bom vestibular. Pra não precisar o aluno ter que fazer um reforço, ter que fazer um cursinho, né? Mas, infelizmente, nós estamos envolvidos numa situação que é financeira. Então, a pessoa que não tem condição de pagar... não tem condição. Outro dia mesmo eu estava comentando com um aluno, falei assim: "quem faz vestibular hoje, pra passar na UNESP mesmo?" Você acha que... um aluno que não tem condição de pagar uma escola particular, tem nível pra enfrentar um vestibular? Vai entrar numa faculdade que não paga? É difícil... E quem tem

condição de pagar, não só tá conseguindo até o terceiro colegial. Faculdade? "Você vai prestar pra faculdade?"

- Ah, não sei, professora... não sei o que vai ser da gente... nós não temos condição de pagar! Pagar quinhentos mil da faculdade de Direito? Se você não ganha nem quinhentos mil...". Casa e vai viver... trabalhando em casa... Infelizmente, em vez de se ter uma formação, né... acho que o governo quer isso mesmo, né? Quanto mais burro, melhor pra votar... Então, o certo seria o colegial pra treinar a pessoa pra o vestibular. É onde todos caem no Direito. Vai fazer Direito, vai fazer Direito, né? Aonde todos caem.

- Mas, e na realidade, pra que que está servindo o segundo grau?

- Ah... só diploma... Inclusive, os alunos têm uma dificuldade imensa de trazer o material... não querem saber de assistir aula, até eles pedem pra mim, às vezes: "ah, professora, não dá aula hoje não, nós estamos cansados, temos que estudar pra prova..." - essas coisas assim, sabe? Então, eles estão num desânimo...

- Geral...

- Geral. Geral mesmo. Lá na UNESP não. Na UNESP eu leva a sério, procuro... não sei qual a diferença, os dois são Estado, mas eu... aqui os alunos só querem saber de passar. Eles querem passar e eu acho que o próprio governador tem um pouco de culpa disso, porque chega no final do ano, se você assistir uma reunião nossa de Conselho, é assim: o aluno, antigamente, tinha que somar doze no conceito, né? Agora não. Agora, se o aluno tem onze, mas ele cresceu nas notas, no conceito... ele tirou D no primeiro, C no segundo, D no terceiro e A... se ele não conseguiu os doze... mas ele passou. Ele passou por quê? Por que ele cresceu, ele teve desenvolvimento, rendimento. Então, passa esse aluno. Quer dizer, isso daí, eu não sei. O sistema de avaliação do Estado faz a gente ficar meio magoado. Lá não é assim. Aliás, os alunos ultimamente andam levando a sério a matéria que passa. A matéria, que não passa, eles procuram levar de lado. Só quem gosta é que faz. Então, o certo seria: o colegial pra formar, mas infelizmente eles estão fazendo pra passar, fazer um concurso, alguma coisa, pra ver se consegue... Eu converso demais com eles. Eu falo: olha gente, eu tenho duas, três faculdades e pretendo fazer mais porque... preciso fazer uma pós... não tenho tempo pra fazer. Porque a gente... vocês pensam que a gente... vocês pensam que é só terminar a faculdade... e só, pronto? A gente termina a faculdade

e precisa fazer outras pra conseguir melhor porque o pouco que a gente ganha já não dá pra sustentar, pra viver... Mas é verdade! A gente vive em torno do dinheiro. Que é que uma pessoa, com a oitava série, vai fazer na cidade? Não vai fazer nada, vai trabalhar no comércio... O que que uma pessoa do terceiro colegial vai fazer?

- O que a palavra "Desenho" lhe traz à mente? Do que você se lembra?

- Falando na parte de Artes ou na parte...? Bom, desenhando, né, eu acho que a gente transfere pro papel o que a gente é por dentro. E o Desenho geométrico, né, no caso... Desenho geométrico... eu não sei o que que eu posso te dizer...

- A primeira coisa que vem na sua cabeça... é o Desenho artístico ou...

- Ah, é o Desenho artístico. É a expressão do interior.

- Quais são os tipos, ou as modalidades de Desenho que você conhece? Por experiência ou que você já teve ou com que você trabalha, além do Desenho geométrico?

- Na minha faculdade de Desenho, muito assim... o que eu sinto demais, o que eu tenho visto melhor, são o Desenho arquitetônico, o Desenho mecânico, o Desenho... acho que só esses dois... teve um outro Desenho que eu tive também... mas o que eu sinto é não ter visto o Desenho arquitetônico: geometria, tá?

- Você sente porque você não teve...?

- Não. Foi por falta de tempo.

- Por falta de tempo?

- Uma faculdade vaga que eu fiz. Eu sinto demais. Tanto, que eu fazia Desenho porque eu gosto de Arquitetura, né. Ah, é o meu xodó!

- Ia no fim de semana à faculdade?

- Não, era um dia. Então... eles escolhiam o dia da prova. Aí, aquele professor.. era assim a nossa faculdade, por semestre, né, por bimestre, então... hoje tinha aula desse bimestre, então, já na próxima prova ele já marcava trabalho pro próximo bimestre. Então, a gente fazia aqueles trabalhos, em cima daquele assunto. Ele pedia fachadas... desenhava três fachadas... pergunta pra pessoa quanto a metragem, tudo aqueles negócios de pesquisa. Então, eu pegava revistas, desenhava, tirava daquela revista e desenhava... é... chegava lá e ele pedia pra desenhar, às vezes, planta... muito por cima. Então, a experiência porque gosta que eu tirei de lá. E o Desenho técnico também, que eu tive. O Desenho técnico também, eu gosto demais. Hoje, eu que estou dando aula pro terceiro colegial, eu tô aprendendo, sozinha. Através de livros, que eu peguei... Desenho técnico que eu comprei... Desenho Técnico para Segundo Grau, lá tem. Então, eu tiro de

lá. Eu tiro de livro de oitava série... ponto de fuga... Porque, aliás eu tenho a minha apostila de Geometria Descritiva ainda, né, mas aquele plano frontal... aquelas coisas, tudo, eu acho que... é "tão" assim pra eles, né, seria... teria de ser, né, não... é isso daí que eu aprendi.

- Teve Desenho Artístico também?

- Tive Desenho Artístico, Desenho Geométrico eu tive... I, II e III, na faculdade eu tive três e quatro, né? Eu tive Geometria Descritiva I, II e III... lá... também eu tive. Desenho Mecânico, Desenho Arquitetônico, Desenho Geométrico eu tive na área de Desenho... Eu não sei mais outros Desenhos que eu tive.

- Na sua opinião, qual a importância do Desenho para a vida, em geral?

- Ah, acho que é. Em todos os sentidos, decore, de equilíbrio, simetria... no caso, você fazer... às vezes você vai decorar, você tá na sua casa... ainda mais nós, mulheres, se você vai decorar alguma coisa, pro filho da gente, pra filha... Desenho também, você pega, você presta atenção numa propaganda, você pega alguma coisa... às vezes você se liga muito nessas coisas de... de... você pega Desenho, você vê... como é que eu vou dizer... o produto... Acho que em todos os sentidos, assim, de decoração, de cores, você vê uma cor tal... outra... você pega um estampado com isso, então você vai aprendendo na faculdade... artisticamente, no Desenho... tem o Desenho mecânico, tem o Desenho arquitetônico, você, um dia, você quer... Você tem uma casinha, como a gente agora... a gente agora... a gente tem uma casinha desse "tamainzinho" da Cohab... eu quero crescer com aquela casa... então, eu mesma às vezes faço a planta da minha casa. Não arquitetonicamente... mas, assim, dou minhas... os traços.

- Qual a finalidade do Desenho para o 2º grau?

- Eu não sei... a finalidade do Desenho no segundo grau... principalmente em colegial normal...

- Não deu pra perceber ainda?

- Não...

- E você vê importância do Desenho no segundo grau? Você acha uma disciplina importante?

- Ah, eu acho! Porque, às vezes, tem um aluno lá que vai fazer uma faculdade... que nem eu. Qual foi a minha noção, que eu tive? Eu não tive Desenho em segundo colegial e terceiro. Não tive. Eu tive, na minha época, só Educação Artística no segundo colegial. Né? Então, eu fui pra faculdade com que base? Nenhuma base! Então, o único Desenho que eu tive, na minha vida, antes da faculdade, foi no meu primeiro colegial, que hoje é Educação Artística! Não tive noção nenhuma de Desenho. Nossa! Sofri tanto!...

- Mas isso na faculdade ou no colégio?

- Não, no colegial, primeiro colegial. Lá no Ernesto Monte! Eu peguei uma classe muito forte. Eu vim de Minas e eu peguei uma classe muito forte. Naquela época, o 1º A era dos melhores... e o 1º D era o mais ou menos... Então, eu acho importante. Eu acho importante pra dar essa noção. É, um deles, né, mas seria melhor assim. Ele tem muito mais importância do que o técnico.

- Por quê?

- Justamente que um Desenho tem relação com outro Desenho. Desenho técnico, o Desenho técnico na profissão. Você vai usar nessa profissão. E no colegial, você vai usar aonde? Só se ele entrar numa faculdade!

- Na sua opinião, qual a causa da desvalorização e da queda do Desenho no 2º grau?

- Eu pensei algumas vezes, né, de vê-los desanimados... os próprios alunos, as vezes, desanimados. Às vezes, a gente também fica numa situação que é um reflexo deles pra gente.

- Que passa pra gente?

- Passa. Porque é um trabalho tão grande pra gente... a gente vai pra faculdade, às vezes muita coisa você deixa de dar, de dar pra eles, porque sabe que eles não vão entender... Você procura amenizar, procura dar uma matéria que dê pra... Como tangência, eu quero dar tangência e eu não posso aprofundar numa tangência difícil, numa tangência cheia de construção, porque aquela, só aquela, ela é quase uma aula, duas aulas só. Eles são muito... devagar pra poder seguir. Então, você não pode tentar dificultar. Se dificultar... E tem outra coisa: pra pegar esse Desenho geométrico, muitos formados em Desenho às vezes não podem pegar. Por isso, às vezes, quando eu vou registrar no diploma, ele perguntou pra mim: Você tem preferência por Desenho geométrico ou Desenho? Eu disse: ah, eu acho que tanto faz. Só que eu peguei aqui porque a secretária falou... Tem que ter registrado Desenho geométrico. Por isso que o professor de Matemática tem mais prioridade. Porque eles podem dar Desenho geométrico. Nós, formados em Desenho, a gente é passado pra trás. Isso é uma coisa também que você podia até comentar lá na faculdade. A nossa, a faculdade tem registrado só Desenho e na hora da atribuição, a Matemática com Desenho geométrico que pega primeiro.

- Você acha importante abordar outra modalidade sem ser Desenho geométrico no 2º grau?

- Não, pode dar outros, pode dividir... seria até bom! Seria até bom! Às vezes, o aluno já gosta daquela outra área...

- E como é que você acha que deveria ser dividida?

- Bom, esses Desenhos que eu acho que são gostosos, esses Desenhos aí, Desenho técnico, Desenho arquitetônico, um pouco de Desenho de cada... o Desenho artístico. É, acho que iria ser interessante. Também daria chance pra gente, formado em Educação Artística. O Desenho geométrico tem aquela prioridade.

- Você pratica alguma atividade que envolve Desenho? Sem ser dar aula, faz alguma coisa que precise de Desenho?

- Na minha casa?

- É. Em casa...

- É, essa daí, por exemplo, né, de fazer minha plantinha...

- Agora, você falou que você desenha, você pinta...

- Ah, eu às vezes, quando dá tempo, eu Desenho. Inclusive, na semana passada meu marido deu uma bronca em mim, que eu... já faz tempo que eu não pinto, que eu podia fazer um vitral... eu falei: mas, fazer um vitral? E pra vender? Quem é que vai comprar? O artista tem essa barreira, né? Você vai fazer as coisas... como? Vou gastar material e tintas e vidros, como vai fazer? Eu faço cartãozinho de Natal pra vender no fim do ano. Então, eu pego aquela técnica do vegetal, copio o Desenho... só não faço mais detalhado... e vendia. No final do ano é uma beleza! Esse ano que eu não vou fazer. Se eu fizer, vai ser muito pouco porque não vou ter tempo pra fazer, né, por causa do meu filho: um ano e seis meses, muito pequeno. Ele tá com quase dois anos... bagunceiro... Então, eu teria que fazer na hora em que ele tivesse dormindo. E é justamente a hora que a gente tá fazendo as coisas de casa! Eu dou aula de noite; de dia, só aqueles dias lá na Fundação, no Colégio. Então, durante o dia eu fico em casa, lavo, passo, faço almoço, faço tudo. Que também é uma dificuldade. Agora, o Estado paga tão mal a gente (aqui, lá paga bem melhor). Aqui paga tão mal, que você não tem dinheiro nem pra pagar uma empregada. Então, eu...

- Você percebe alguma influência do professor de Matemática a respeito do conteúdo dado em Desenho?

- Ah! Tem! Eles perguntam pra gente! Conversam com a gente... ainda não senti essa integração no colegial este ano. Ainda não. Todo professor de Matemática puxa pra Matemática mesmo. O professor de Desenho puxa para o lado do Desenho, da construção mesmo. Eles não. Eles vão pra feixes... sabe, Teorema de Tales, aquelas coisas todas, né?



- E influência da direção?

- Não. Ela só impõe outras coisas do andamento da escola. Faltar... às vezes, a gente tem que faltar por motivo particular e ela, né, diz: "você está faltando demais! Não pode faltar assim".

- Em quê você se baseia para montar o conteúdo programático?

- Ah! Tive tanta dificuldade esse ano! É a maior dificuldade! Principalmente do 2º colegial. Este ano, é o primeiro ano que peguei no 2º grau. Eu faço um livro de minhas séries que eu dou aula. Na Educação Artística, procuro manter o mesmo programa: reta, plano, tudo... porque eu dou Desenho geométrico desde a 5ª série. Os meus alunos saem da 5ª série manuseando o compasso, construindo circunferências, bem sem saber a noção de muita coisa, né... Então, o material de Desenho já compram na 5ª série, todos eles. Na 6ª série, dou transferidor, esquadros... Este ano, tive dificuldade no 2º grau, porque éramos em três professores com experiências diferentes... Eu e a outra professora copiamos o programa, mas, inclusive, eu não estou dando esse programa... estou dando por cima só... O do 3º colegial eu não fiz. Procurei o do ano passado e não encontrei. Ah! geralmente faço baseado no do ano anterior e nos livros. Eu nunca adotei livros porque o meu nível de alunos sempre foi precário.

- E a sua metodologia? Como é o seu jeito de dar aula de Desenho?

- Eu passo a matéria na lousa... eles copiam. Depois, eu explico, né! Às vezes, quando tem que fazer uma construção bem no geral.. ai eles fazem e depois eu dou a construção. Eu Desenho à mão-livre, prefiro. O único instrumento que eu uso, assim, que é o mais que eu uso, é o compasso. O compasso já é meu amigo faz tempo. Mas, o esquadro! A aula de Perspectiva está sendo horrível para mim, mas tudo é experiência, né? O transferidor eu uso também. Quando estou dando ângulos. Os alunos, eu prefiro que preste atenção primeiro, depois eu repito com a construção e eles vão fazendo. Vou explicando porque eu faço aquela mediatriz... porque eu faço aquela bissetriz... Muitos até teimam e fazem junto comigo. É onde eles se perdem. Eles fazem direto. Uns, usam rascunho. É a vontade...

- Quais são suas formas de avaliação?

- Pasta, lista, prova bimestral... Não dá pra dar duas provinhas, o tempo é muito pouco, duas aulas só...

- Que critérios você usa na avaliação?

- Não sou exigente, assim... no traçado. Aqui não tem condição de exigir. O professor trabalha em cima do nível do aluno... não adianta você chegar num 2º colegial e aplicar Geometria Descritiva se eles mal sabem o que é... Eu estou dando matéria de 7ª e 8ª série! Muitos não sabem o que é uma mediatriz...

muitos não sabem... Então, não adianta! Eu não sou exigente pra prova, né!... Às vezes, o mínimo só de construção eu deixo passar... não dá pra exigir.

- Que dificuldades você sente no ensino de Desenho em relação à sua formação, à escola, aos alunos...?

- É isso daí, primeiro, porque é a primeira vez que estou dando aula de Desenho. Minha formação de Desenho foi muita vaga. Então, hoje, eu procuro melhorar vendo livros que pouco tem. Tem muito pouco livro pra 2º grau. Não sei se você já reparou. A falta de material. Eles não trazem material! Desinteresse dos alunos. Eu, sexta-feira, não tenho aluno pra dar aula no 3º colegial: "Professora, a senhora gostou de não termos vindo na aula de sexta-feira? Sexta-feira nós vamos continuar, nós não vamos vir...". Então, estou chegando no 3º colegial com quatro ou cinco alunos! O que eu faço? De uma classe de 35, 37 alunos! Dou matéria? Se eu não der matéria, vou ficar quase um mês sem dar matéria... Então, não sei qual a minha atitude agora... Eu estou quase começando a dar matéria, porque até uns dias atrás, eu não estava dando matéria! Mesmo com quatro ou cinco alunos, senão, chega o dia da prova e eu não tenho matéria! Mas, eles falam assim: "nós não trouxemos material". Como é que a gente dá aula de Desenho sem material? Eles não vão aprender, se não tiver material! O nível também... Duas aulas acho muito pouco... Estamos reduzindo cada vez mais!... Ano que vem, vai ser "escola-padrão" aqui e estou morrendo de medo da escola-padrão. Sou ACT. Estou na mão da diretora... Estou pensando... não sei o que a gente vai fazer...

- E sugestões para o ensino do Desenho?

- Acho importante o professor ter cursos, principalmente para passar para a gente experiência... Como resolver nossa dificuldade em fazer programa? Qual é o básico? A matéria básica para o colegial? Pelo menos o máximo, para a gente tirar o mínimo pra passar para os alunos... A gente não tem aquela... noção. O que eu dou aqui, tem muita gente que dá outra coisa lá... Eu acho que deveria ser universal... Agora, deveria mudar só o nível de você ensinar. O curso então, seria pra isso daí... Eu acho que o governo deveria dar material... já que tem alunos que não têm material, deveria dar pra gente esse material. No Estado, a gente não tem sala de pranchetas. Eles fazem essas mesinhas pequenininhas... Acho que eles gostariam até mais do Desenho... levariam até mais a sério o Desenho, com ambiente, próprio... É tão gostoso.. é outro ar...

- Como você vê Educação Artística na grade curricular?

- Na 5ª série, eu dou as duas coisas porque eu gosto do Desenho... gosto demais do Desenho geométrico, vejo a Educação Artística deturpada demais pelos diretores,

pelos alunos... além da fama de não reprovar... Repete? Não! Então, os alunos não levam a sério... Às vezes, muitos nem respeitam... Não sei se é meu jeito de dar aulas... Sou muito amiga deles, procuro fazê-los gostar de mim pra gostar da matéria... Eu acho que Desenho tem relação com Educação Artística, tanto que no ginásio eu dou o Desenho geométrico como Educação Artística, por exemplo dou a noção de ponto em geometria e em plástica. Então, eu dou as duas coisas. Eu tento relacionar uma coisa com a outra... Eu acho que tem a ver... No segundo grau eu já puxo pro Desenho... É onde eu falei, cada professor dá uma coisa... A gente precisava ter aquele conteúdo certo para tomar uma base, fazer aquele programa... Eu tenho o meu programa que eu dou, é aquele livrinho, que eu faço. Se eu mudar ali, é o que eu vou

acrescentar... De manhã, é um nível, de noite é outro nível... Os alunos vem a fim de fazer bagunça... de... eles não trazem nada... é só pra sair... Isso aí é ruim! É falta de interesse mesmo... E a gente sente uma dificuldade muito grande de dar aula. Falta de material... Eu adoro dar aula, mas, financeiramente... a gente anda tão desanimada pra vir dar aula... Às vezes, prefiro ficar com meu filho do que dar aula... Chego aqui e falo pra eles: "Olha, pra eu montar esse caderninho, eu tirei de quatro, cinco livros" - quando eu tinha condição de fazer... era solteira.. tinha condição de montar... Deu trabalho... Agora, falo pra eles: "chego aqui... é nada... não trazem material". É essa dificuldade que a gente tem! Ninguém traz material! Vem na escola pra namorar e não pra estudar...

... os alunos se pensam mais a, quando se fala em Desenho, eles se perguntam "que Desenho que é?" Quando eu vou falar a diretora me disse: "Você vai pagar, não é Desenho geométrico só mas o Desenho artístico para poder segurar a classe! Se você ensinar em Desenho geométrico, vai ser um problema sério para eles". Ai, entrai em pânico, porque em Desenho Artístico eu não gostava! Eu Desenho mesmo e com os instrumentos, tanto que na parte de Plástica, quando fizinha Desenho artístico eu não suportava! Eu não conseguia. Fazer mesmo porque tinha que fazer! Não deu e quando deu é uma parte de criatividade, porque se não tem, pra gente não dá. Não deu Desenho de objeto de valor... Não deu porque não sei depois como trabalhar com eles. Então, quando eu penso em Desenho, vem o Desenho artístico, mas fica no pensamento... Na parte de criatividade, eu trabalho com instrumentos...

- Você se lembra do Desenho no Ginásio, na colegial?
- Na minha época de ginásio, tinham compositura, Desenho, Artes Industriais e Educação para o Lar. Fui para aquela escola que teve um programa diferente. Em Desenho, a professora era figuradíssima. Ela dava a parte de geometria mesmo.

- Você se lembra de ter tido outra modalidade de Desenho, sem ser geometria?

- Não não. Só a Faculdade. No 2º grau eu tive um professor... Mas eu não conseguia nada no desenho... E um dos motivos de ter ido para o Maranhão, foi por causa dele. Era terrível! Minha mãe não gostava dele. Ele dava Geometria Descritiva! Nossa! Porque o meu Desenho no ginásio não foi... um professor ruim! E ele (professor) ia vindo com toda bagagem da Faculdade, no 2º grau! Nossa! Toda manhã da minha turma ficou chorando! Chorando! Sai e fui fazer Desenho! É a professora da Faculdade era terrível! Ela conseguia prender a atenção de todos! Ela dava aula no ITA e a professora de Desenho... Ela era rigorosa! Dava uma coisa diferente de antes! A gente via que ela sabia e pensava muito bem as coisas! E eu ficava triste, porque a gente não conseguia fazer nada de Descritiva no 2º grau! Depois eu fui dar aula e agora dá Descritiva no 2º grau!

- Para você, qual é a finalidade do ensino de 2º grau?

- Eu acho que ele já paga mais aquela coisa adulta. Já está preparando muito o aluno para a vida. Aí, no 8º ano, quando a gente começa a estudar mais coisas, a gente já está preparando muito o aluno para a vida. Não vou falar

- Que tipo de Desenho você conhece pela sua experiência?

- Desenho arquitetônico, que gosto de trabalhar, principalmente no final do ano, principalmente com perspectiva, com maquete, quando dá tempo! Eu gosto, né! O Desenho industrial, a parte de mobiliário, né! E no DTA, eu trabalho com Desenho topográfico. Tingo meus Desenhos e instrumentos para ensinar para os alunos poderem conhecer!

- Na sua opinião, qual é importância do Desenho para a vida, em geral?

- Eu acho que é tudo. O corpo da gente, a gente já vê que é um Desenho! Uma coisa me diz no início do ano: "Quando nós não tivemos Matemática ainda, e já estamos tendo Desenho. Eu acho muito mais importante Matemática que Desenho". Ai, que que explicar a importância do Desenho. Conhecer pelo corpo dele! "Você é feito de curvas, retas, figuras geométricas, ângulos! Nosso próprio corpo é um Desenho". Ai, coloquei dentro da classe, tudo que é

Entrevista nº 5 - realizada em 25/08/1992

- Conte-me a respeito de sua formação escolar.

- Eu fiz do primeiro grau até o 2º colegial em escola de Estado. Depois, como eu queria fazer Magistério, fui para escola particular, cursar o 2º e o 3º colegial. Fiz a faculdade fora daqui. Era curso de Educação Artística com habilitação em Desenho. Entrei, mais por causa da parte de pintura. Depois, tinha uma professora de geometria muito boa que não teve como escapar - ela levou toda turma de Artes Plásticas para Desenho. Ela dava geometria plana e espacial. Dos 60 alunos, conseguiu levar 50 para Desenho! Depois, eu fiz Desenho Arquitetônico na PROTEC, a nível de 2º grau durante um ano e meio, porque eu queria aprender o Desenho bem prático, mesmo!

- Você se lembra do Desenho no ginásio, no colegial?

- Na minha época de ginásio, tínhamos Música, Desenho, Artes Industriais e Educação para o Lar. Foi a única escola que teve um programa diferente... Em Desenho, a professora era rigorosíssima. Ela dava a parte de geometria mesmo.

- Você se lembra de ter tido outra modalidade de Desenho, sem ser geometria?

- Não, não. Só na Faculdade. No 2º grau, eu tive um professor... Mas eu não conseguia nota de jeito nenhum! E um dos motivos de ter ido para o Magistério, foi por causa dele. Era terrível! Minha nota não passava de 2! Ele dava Geometria Descritiva! Nossa! Porque o meu Desenho no ginásio não foi... tão profundo assim! E ele (professor) já vindo com toda bagagem da Faculdade, no 2º grau! Nossa! Todo mundo da minha turma ficou perdido! Gozado! Sai e fui fazer Desenho! E a professora da Faculdade era terrível! Ela conseguia prender a atenção de todos, mesmo! Ela dava aula no ITA e aplicava as provas do ITA em nós. Era rigorosa! Dava uma prova diferente da outra! A gente via que ela sabia e passava muito bem as coisas! E eu fico triste, porque a gente não consegue fazer nada de Descritiva no 2º grau! Dou aula há dez anos e nunca dei Descritiva no 2º grau!

- Para você, qual a finalidade do ensino de 2º grau?

- Eu acho que ele já pega mais aquela fase adulta. Já está preparando mais o aluno para a vida. Até a 8ª série, o aluno é muito infantil. Acho que o 2º grau já é uma preparação mais de adulto, mesmo. Não vou falar

da Faculdade, porque hoje em dia, poucos vão para ela. Mas, eu acho que eles ficam mais preparados para a vida aí fora.

- O que lhe traz à mente quando se fala a palavra "Desenho"?

- Já vem, na hora, Desenho artístico. Não tenha dúvida! Inclusive, os alunos já pensam nele e, quando se fala em Desenho, eles já perguntam: "que Desenho que é?". Quando entrei aqui, a diretora me disse: "Você vai pegar, não o Desenho geométrico só, mas o Desenho artístico para poder segurar a classe! Se você entrar em Desenho geométrico, vai ser um problema sério para eles!". Aí, entrei em pânico, porque em Desenho Artístico eu sou péssima! Eu Desenho mesmo é com os instrumentos, tanto que na parte de Plástica, quando fiz, tinha Desenho artístico e eu não suportava! Eu não conseguia. Fazia mesmo porque tinha que fazer! Não dou e quando dou é uma parte da criatividade, passando pro técnico, pra geometria. Não dou Desenho de objeto, de olhar... Não dou porque não sei depois como trabalhar com eles. Então, quando eu penso em Desenho, vem o Desenho artístico, mas fica no pensamento... Na parte de criatividade, eu trabalho com instrumentos...

-- Que tipos de Desenho você conhece pela sua experiência?

- Desenho arquitetônico, que gosto de trabalhar, principalmente no final do ano, principalmente com perspectiva, com maquete, quando dá tempo! Eu gosto, né! O Desenho industrial, a parte de mobília, né! E no DER, eu trabalho com Desenho topográfico. Trago meus Desenhos e instrumentos para mostrar para os alunos poderem conhecer!

- Na sua opinião, qual a importância do Desenho para a vida, em geral?

- Eu acho que é tudo. O corpo da gente, a gente já vê que é um Desenho! Uma aluna me disse no início do ano: "Gozado! Nós não tivemos Matemática ainda, e já estamos tendo Desenho. Eu acho muito mais importante Matemática que Desenho". Aí, tive que explicar a importância do Desenho. Comecei pelo corpo dela: "você é feita de curvas, retas, figuras geométricas, ângulos! Nosso próprio corpo é um Desenho!". Aí, coloquei dentro da classe, tudo que é

Desenho: "desde onde estava sentada, como o que estava usando para escrever (uma caneta)". O Desenho é parte total da vida da gente. O que a gente vê, tem um Desenho.

- Você já pensou: "Para quê serve o Desenho no 2º grau?" Qual a finalidade dele para o 2º grau?

- Bom, eu relaciono muito o Desenho com a Matemática. Dá para trabalhar bastante junto à Matemática. Acho que eles têm uma facilidade maior para entender a Matemática através do Desenho geométrico. Acho que no 2º grau, é importante ter Desenho geométrico por causa disso. Principalmente quando trabalham com figuras geométricas, a partir dos triângulos, construindo as figuras, eles vão ter muito mais facilidade para entender as equações. Acho que facilita o raciocínio. Saber o que se dá, o que se pede, força a raciocinar. Principalmente hoje, quando se fala em concurso, em vestibular... Facilita o macete e o Desenho ajuda bastante... Dar História, Português, Matemática... são teóricas, são matérias que não forçam o aluno a raciocinar. O Desenho faz muito isso: tem o problema e ele tem que dar os passos para chegar na resposta.

- Você acha que os alunos percebem essa importância?

- Olha, no 1º colegial é Educação Artística e dou um pouco de Desenho também. Os alunos não ligam, não estão nem aí... principalmente no noturno. Mas, no 2º e 3º, eu consigo. Principalmente no 3º. Não sei se estão no último ano e eles querem aprender mesmo! Parece que é a última chance!

- Parece que o Desenho está caindo da grade curricular. A que você atribui essa queda?

- Não tem mais faculdade específica de Desenho. A falta de professor é muito grande. Porque, se tivessem cursos funcionando e alunos se formando... Mas, não temos! De Desenho, dá pra contar nos dedos, quantos tem! Os que fazem, fazem Artes Plásticas. Eu acho que é falta de abertura para estudo, mesmo. Falta de abertura para estudo, para cursos. Quando tem, é em horário que não podemos fazer.

- Além do Desenho geométrico, que outras modalidades você aborda nas aulas?

- Desenho Industrial e Desenho arquitetônico. Eles trabalham bem nessa parte. Já vão até pedindo: "A senhora não vai ensinar desenhar casa?" Eles não sabem fazer uma leitura de uma planta! Agora estou dando as projeções e eles não conseguem! Tirei até xerox de exercícios para pintarem as vistas e a perspectiva. Ai, sim! Agora já tenho certeza que todos sabem. E isso é prático para a vida! Todos precisam, né?

- Existe influência da sua formação, da sua atividade como desenhista nesse tipo de abordagem, não é?

- Claro, tem tudo, né! Logo que me formei, entrei no DER. Tanto que na Faculdade eu tive Desenho topográfico e eu tive muito pouco, né. A gente tem uma noção. Eu até brincava com meu chefe: "O que eu aprendi no ano todo, na faculdade, em um dia, eu fiz lá no DER". Tive que falar: "é isso que eu sei". E ele disse: "Só isso?". Então, o resto foi prática, mesmo. Aula, eu só fui dar depois de dois anos! Quando me formei, já fui trabalhar no DER e fui para a PROTEC. Achava que não estava apta para lecionar. Então, quando aprendi bem, tive Desenho lousa (a gente fica mais ágil), aí, tive coragem de partir para o Magistério. Saindo da Faculdade, direto, não fui nem atrás. Porque a gente sai... bem inexperiente.

- Você percebe influência do professor de Matemática na elaboração do conteúdo de Desenho, ou na sua prática docente?

- Não. A gente trabalha bem isoladamente. Mas, é falta de chegar, sentar e... conversar. Aqui, houve a separação: o de Desenho dá Desenho mesmo e o de Matemática, Matemática mesmo. Porque, antes, o de Matemática dava um pouco de geometria...

- Em quê você se baseia para organizar o conteúdo programático?

- Bom, quando vim para cá, esse ano, peguei o plano do ano passado para ver o que foi dado e fiz o meu. Vejo o que já viram e, geralmente os alunos dizem que nunca viram nada! Isso não é só para Desenho, é para todas as matérias!

- Você sente falta de um programa mínimo que fosse estipulado para organizar o conteúdo?

- Eu sinto, sinto sim. Acontece que é meio difícil de fazer isso, porque cada professor tem uma maneira de dar. Como dou aula há muito tempo, não fico perdida. Mais ou menos, já vou sondando o que foi dado ou não! Vou catando os meus livros, vou vendo o que já sei e o que é mais importante dar e vou levando... Não fico perdida não! Mas, acho que a maioria dos professores novos fica sim! Às vezes, acontece de não vencer o conteúdo. O número de aulas (duas), é muito pequeno. Se um dia, tem alguma coisa na escola, já furou... ou na sexta-feira, não tem aluno. Se meia dúzia vem, eles se recusam a ter matéria, porque você é obrigada a dar tudo de novo, principalmente se a classe tem 45 alunos! Esse é o problema: poucas aulas! Já que é um apoio para a Matemática, é difícil dar apoio com duas aulas de Desenho, ou mesmo em outras disciplinas, como Geografia, que pede mapas. Não dá para dar essa assessoria para outras disciplinas, por causa do tempo. Tudo quanto é festa, pedem para o professor de Educação Artística ou de Desenho. O programa vai ficando...

- E a sua metodologia? Como você trabalha?

- É o tradicional. Passo na lousa, o que dá para passar. Quando é Desenho de peças, eu dou xerox. os alunos se cotizam para ter o material. Eu uso esboço à mão livre. Os alunos também (mas o esboço definitivo, é Desenho com instrumentos).

- Já houve necessidade de você alterar o programa, para atender a alguma necessidade dos alunos ou aproveitar o contexto do momento?

- Em Educação Artística, sim. Em Desenho é muito difícil, os alunos não questionam. A única coisa que eles gostaram e que foi diferente, porque tiveram que procurar em revistas, foi quando dei Homotetia e eles criaram. Isto deu mais abertura. Aí, quando dei Desenho de móveis, foi muito mais fácil e eles gostaram. Aquela coisa maçante de lousa e instrumentos só, aí é difícil! Eles têm que ver onde está sendo aplicado. A gente tem que fazer, senão vai perdendo cada vez mais o espaço. Aqui, a diretora tirou as aulas de Desenho do diurno, por falta de professor. Tenho que fazer adaptação para os alunos que vêm do diurno para o noturno na própria escola.

- Como você vê Educação Artística na grade curricular?

- É difícil trabalhar, em qualquer escola. Não tem uma sala própria! Eu acho importantíssimo ter uma pra... uma torneirinha, uma sala em que se fique solto, fora daquela mesinha, naquela cadeira! Você não tem espaço, não tem material! Limpar a mesa! Caiu a tinta! Em 45 minutos de aula você vai fazer o quê? Enquanto não derem um espaço, como tinha aqui na minha época, pra Educação Artística, não vai resolver.

- Você acha que a Educação Artística está cobrindo a parte expressiva, criativa, do aluno?

- Não. Está solta demais! Perdidíssima! O pessoal não está sabendo mesmo como trabalhar numa sala de aula!...

- Quais as formas de avaliação utilizadas?

- Provas - mensal, bimestral... Dou muitos trabalhos e exercícios para fazer em casa.

- Quais os critérios considerados na avaliação?

- Pelo menos, ver se conseguiram atingir o objetivo. Se conseguiram chegar na conclusão do Desenho... Não dá para ver perfeição, precisão, porque o material

deles é bem precário. Se for levar isso em conta, não avalia, fica naquilo: quem é o mais bonito, mais limpo, que é o mais estético! O aluno que concluiu o Desenho direitinho... que soube todas as etapas, porque eu dou as etapas, os passos. Eu explico o Desenho primeiro, faço o esboço, depois vou fazer ele mesmo resolvido. Aí, eu dou as etapas, por escrito, porque quando vão estudar, se eu vejo que eles conseguiram construir direitinho, seguindo as etapas, então eu levo como certo.

- Que dificuldades você enfrenta no ensino do Desenho, em relação ao alunos, à sua formação, à escola?

- Acho que, em relação aos alunos, estão muito... não sei... estão sem vontade, sem interesse mesmo! Estou contente com o 3º colegial. De 46 alunos, só 4 não estão afim... No 2º colegial, já tem mais. O 1º, nem se conta... estão brincando, ainda! A falta de material tem bastante. No 3º colegial, nem tanto. Agora, no 2º... é aquela coisa.

- E quanto à escola?

- Estou com um problema de carga horária, porque eu fui a última a vir. O horário já estava pronto... então, é "tapa-buraco", né? Falta infra-estrutura, as carteiras são apertadas, estragadas, que dá até dó!

- E em relação à sua formação?

- Eu tenho necessidade de me atualizar. Eu fico por mim, pesquisando. Tem que ser interesse nosso mesmo. Se for depender de curso!... Não sinto dificuldade em relação à minha formação para o magistério. Acho que aprendi além daquilo que a gente está dando... Falta livro didático com facilidade de acesso, o que tem (do Scipione), é muito caro! Fora isso, se tivesse uma sala de Desenho com pranchinhas... Eu gosto muito de ensinar a colocar o papel, a fita. Acho que tudo isso ajuda você a trabalhar. Trabalhar com esquadros, num caderno espiral! Isto está errado! Como vou exigir do aluno? A dificuldade está aí!

- E sugestões para melhorar o ensino de Desenho?

-- Na parte de curso, ter mais experiências de outros professores, novas técnicas que a gente só descobre na prática e que podem ser passadas pra gente. Aumentar o número de aulas e de preferência, aulas duplas. Eu adoraria fazer computação gráfica!



Entrevista nº 6 - realizada em 27/08/1992

- Fale-me, primeiramente, à respeito de sua formação escolar.

- Estudei sempre em escola particular. Em vários colégios. Estudei um ano só no Estado: 1ª série ginásial. Depois, fiz Faculdade de Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas. Terminei em 1990, no meio do ano.

- Você lembra de Desenho, quando cursava o ginásio, o colegial?

- Então... na minha época... eu não lembro do Desenho. O que eu me lembro é da geometria na Matemática mesmo. Eu não tinha a matéria Desenho geométrico ou Desenho. Nem Educação Artística existia, porque hoje, tem professor que na parte de Educação Artística trabalha com Desenho. Tanto é que, quando entrei na Faculdade, foi um sufoco... foi dificultoso... eu não tinha noção nenhuma! Inclusive, no 1º termo, a professora sentiu que eu não tinha noção nenhuma! Comecei da estaca zero... a ver as noções da 5ª série, na Faculdade, tipo reta... essas coisas assim, que a gente trabalha com aluno agora. Essa dificuldade que eu sinto hoje com o aluno, de abstrair, eu senti na Faculdade. A mesma dificuldade que senti em Inglês, aconteceu com Desenho. Essas matérias não tinham nas escolas particulares. Até hoje, tenho preconceito com Inglês. Com o Desenho, já acabou.

- Na sua opinião, qual a finalidade do curso de 2º grau?

- Eu acho que o 2º grau teria que ser uma preparação para o vestibular. Teria que ser... não é... Eu sinto que, em Desenho, como é atividade no 1º grau e passa a ser disciplina no 2º grau, você tem que retomar tudo de novo... conceitos fundamentais... Sinto que, tinha que ir um pouquinho mais para a frente...

- Então, na sua opinião, o 2º grau seria para formar para o vestibular. Mas, você acha que está formando?

- Não. Não está formando. De jeito nenhum. Acho que, daqui para a frente vai piorar... Eu sinto que o Estado está se preocupando em formar o aluno para a área de trabalho, não para cursar uma faculdade... O aluno de nível médio vai se aprimorar num cursinho... agora, o carente, aquele que não tem condições, não vai fazer. Vai só para o trabalho mesmo...

- Quando se fala em "Desenho", qual é a imagem que lhe vem à mente?

-- Bom, eu acho que o mundo é geométrico, né? Hoje, eu vejo assim... Eu sei pouco, pela minha formação... Estou sempre estudando... e hoje eu vejo assim, e tento passar para os alunos que o mundo é geométrico. De repente, qualquer item que estou aplicando, procuro fazer com que eles transfiram lá fora, para perceberem que o mundo realmente é geométrico. Tanto o mundo natural, quanto o mundo que a gente constrói.

- Qual a importância do Desenho, para a vida, em geral?

- Sem pensar em vestibular... é essa percepção mesmo... de que tudo é geométrico mesmo!... De que a gente vive num mundo que se não tiver a percepção, a capacidade de desenvolver... eu acho que a sensibilidade está sendo desenvolvida. Tanto a Educação Artística, né, que caminha paralelamente, também desenvolve isso aí...

- Você já se perguntou: "Para quê estou ensinando Desenho no 2º grau?", "O que os alunos vão fazer com ele?"

- Fiz... fora da questão da percepção, de repente a gente tenta buscar e eu não sei se é correto ou não, para o que eu te disse antes, se é para o vestibular, para a opção de carreira que o aluno tenha, de fazer Engenharia, Arquitetura, até mesmo Educação Artística, ele vai utilizar tudo aquilo que está aprendendo, porque é a base do 1º e 2º grau... quer dizer, deveria ser, né?

- E você já ouviu do aluno: "Pra quê estou aprendendo isto?"

- Bastante! De repente, a gente fica meio embananada para responder essa questão... e eu passo pra eles isso daí... da percepção de lá de fora, da sensibilidade de enxergar o mundo geométrico, do vestibular, da vida futura dele...

- Você acha Desenho uma matéria importante para o 2º grau?

- Para o 1º grau, Desenho não deveria ser uma atividade também, deveria ser uma sequência...

- Em relação às outras disciplinas, você tem sentido que o Desenho é desvalorizado?

- É... a não ser o professor de Matemática que nos dá mais força, porque ele sente que há necessidade de ter essa ligação. Geralmente, ele não consegue cumprir todo o plano dele e a gente trabalhando junto - eu, por exemplo, que não trabalho com muito cálculo, mas, mais com abstrações, com gráficos.. - então, eles sentem essa necessidade. A gente tem, assim, um certo preconceito...

- A que você atribui esse preconceito?

- Há um preconceito pelo fato de não ser disciplina que reprova o aluno no 1º grau. Acontece isso com todas as disciplinas, mas mais com relação ao Desenho, tipo: "Cuidado com as notas. Não fica dando muita nota vermelha, porque no final do ano, você vai ter que passar o aluno...". E o preconceito vem disso aí. Embora no 2º grau seja disciplina, continua com esse preconceito enraizado...

- Além do Desenho geométrico, quais outras modalidades de Desenho que você conhece, pela experiência?

- Desenho artístico, praticamente só. O Desenho técnico, eu tive duas semestres só, é muito pouco. Inclusive, quando peguei as aulas, foi muito dificultoso...

- Para fazer o conteúdo programático, em quê você se baseia?

- É uma dificuldade... porque acho todo planejamento um disparate... furado... Porque, não adianta você saber qual o programa da série anterior, se a clientela é outra e as dificuldades são diferentes, de classe para classe. Procuro acompanhar a classe e não o programa estipulado. De repente, no final do ano, me justifico... a gente faz aqueles documentos todos que é exigido da gente, mas eu discordo em cumprir rigorosamente, só pelo fato de cumprir... Procuro pesquisar em livros, em programas anteriores da escola, principalmente porque não tive essa formação... estou sempre estudando, pegando em livros...

- E a sua metodologia? Como você trabalha?

- Geralmente, passo a teoria na lousa, converso muito com eles. Faço esboço antes de começar os traçados, porque eles têm muita dificuldade à mão-livre... Eu sempre cobro deles esse esboço e eles sempre se perdem numa construção... na hora de fazer exercícios, porque eles acham que não tem muita importância, e estou sempre pegando no pé... Senti que eles nunca tiveram orientação na questão do material... Dou menos valor para a letra bastão do que para o compasso e o lápis apontados certos... então, pego no pé... Todo começo de ano, ensino como usar o material... faço treinar,

porque eles apontam tudo errado... Depois do esboço, vão construindo junto, na medida do possível, vou acompanhando a classe, individualmente, e, quando passo exercícios, eles esquecem tudo!...

- Quais as formas de avaliação utilizadas?

- Eu dou prova, avalio caderno, geralmente dou trabalho. No colegial, ainda não apliquei essa transferência de observação lá fora, de paralelas, perpendiculares... como faço com a 8ª série.

- Que critérios você considera na avaliação?

- Bom... primeiro, a limpeza, a exatidão. E, às vezes, a criatividade, porque pode acontecer do aluno resolver de maneira diferente daquilo que você deu, é muito difícil, mas às vezes acontece...

- Já aconteceu de você ter de alterar o que foi planejado para a aula, para atender a solicitação de algum aluno ou para aproveitar o contexto de momento?

- Olha... é diferente as classes... tem algumas classes que não aceitam tudo não! Tem que ser mais maleável ou puxando mais...

- Você acha importante dar só o Desenho geométrico, ou deveria ser dada outra modalidade, como Desenho de observação, expressivo...?

- Bem... é tão difícil isso! A formação que a gente teve era assim... meio imposta... que a gente não misturasse as atividades. Hoje, quando a gente está estudando, cada vez mais, a gente vai vendo que essa separação não existe, caminham integrado. Então, eu acho necessário, sim. Então, eu trabalho integrado no 1º grau. No 2º grau, trabalho só com o Desenho geométrico...

- E você acha que a Educação Artística está cobrindo esse lado da expressão?

- Não está... por causa dessa separação. Porque tivemos a formação de não unir, de não integrar... É Educação Artística? É Educação Artística... É Desenho geométrico? É Desenho geométrico... e isso aí é cobrado da gente dessa forma... pela direção... A Educação Artística é menos valorizada que o Desenho... não cumpre o papel... principalmente pela falta de espaço físico para as duas disciplinas... Falta sala-ambiente para maior dinamismo, com maior liberdade de locomoção, com material suficiente para trabalhar... Isso não acontece! A dificuldade é toda ali... a gente fica bitolada só naqueles determinados trabalhos. O aluno não pode passar daquilo... você não pode trabalhar com determinado material porque não tem sala-ambiente. Não pode sujar a cadeira... não pode deixar o aluno levantar muito, porque atrapalha a aula...

Entrevista nº 7 - realizada em 31/08/1992

- Fale, primeiramente, a respeito de sua formação escolar.

- Meu primário foi basicamente, na zona rural. Depois, eu fiz o ginásio em algumas cidades diferentes: Bariri, Iacanga, Arealva... Depois, o colegial foi feito em Bauru. Fiz o Clássico e o Magistério. Meus cursos superiores: Letras (Português com Francês). Depois fiz Desenho e Plástica; fiz a licenciatura curta em Educação Artística; depois, fiz Faculdade de Música em Ribeirão Preto; depois, fiz complementação com Artes Plásticas, habilitação plena. E, depois eu já era diretor naquela época e precisava ser licenciado em Pedagogia. Aí, fiz Pedagogia com duas habilitações, em Administração Escolar e Supervisão Escolar.

- O que você lembra do Desenho, na época do ginásio, do colegial?

- Olha, no ginásio, eu tive um professor de Desenho que era leigo. Era um professor que tinha na época e depois, a gente veio saber que tinha o curso científico. Então, faltava professor naquela época e ele dava muito Desenho decorativo. Lembra daquelas faixas decorativas, aquela coisa toda? Desenho geométrico, muito pouco cheguei a estudar. Dava muita cópia do natural. Ele levava o cavalete, colocava a peça sobre o cavalete e a gente desenhava. Do ginásio, então, tenho essa lembrança... Tenho até uns caderninhos, que a gente guardava... No 2º grau, no clássico, nunca estudei Desenho e, no Magistério, eu tive uma excelente professora de Desenho pedagógico, que foi onde me inspirei para fazer Faculdade de Desenho.

- Interessante, a maioria, lembra mais do Desenho geométrico...

- O meu professor gostava disso. Inclusive, chegamos a decorar as ruas na procissão de Corpus Christi com as faixas decorativas que fazíamos no caderno e ele mandava colocar em prática! Veja que coisa interessante!

- Na sua opinião, qual a função do ensino de 2º grau?

- Hoje, dá basicamente uma orientação para o aluno que continuar o curso superior. Nós temos os antigos colegiais, hoje 2º grau, Inciso III, que não dão formação especial para o aluno. Só dão oportunidade de um ensino acadêmico, para que possa prestar o concurso vestibular. Enquanto que outras escolas, hoje, estão oferecendo um curso de 2º grau profissionalizante, mas mais voltado para a área do setor terciário: técnico de contabilidade... e essa parte de Magistério. Então, eu vejo o 2º grau preparando o aluno dentro de um 2º grau mais acadêmico, com a finalidade de levá-lo para um curso superior. Nada quase direcionado para a parte profissionalizante. A gente, que às vezes de

teimoso, como no meu caso que sou professor de Desenho técnico, pendi mais para o Desenho técnico, de construção civil, no 2º grau. Tenho trabalhado muito, eles têm copiado, criado já alguma projeto. Tenho levado para mostrar... A gente tem trabalhado em cima disso aí, e eles estão gostando bastante, aproveitando bem e estão despertando para uma profissão. Tenho percebido que os meus alunos, ao perguntar que curso superior pretendem fazer, respondem: Engenharia, Arquitetura, Desenho Industrial, relacionando com aquilo que estão aprendendo...

- O que fica impresso em sua mente, quando se fala a palavra "Desenho"?

- Desenho... é tudo, né. Faz parte da vida. Tudo é Desenho, né? Tudo é imagem...

- Qual a importância do Desenho, para a vida, em geral?

- É justamente isso que tento passar para os alunos... O tratamento metodológico, nas escolas, ele é tido como atividade, mas não é... Então, de vez em quando, a gente encontra um profissional, um colega na área, perguntado: "Puxa! Como vou trabalhar com o aluno, se o interesse dele é tirar nota?". Então, a gente tem comentado, tem passado uma imagem mais positiva do profissional que consegue mostrar que o Desenho é importante como é qualquer outra atividade ou disciplina que está estudando... tal qual como Português, Matemática... Então, mesmo sendo atividade, tenho conseguido passar muita coisa. Por exemplo: há pouco tempo, eu estava ensinando arcos. Você precisava ver o interesse dos alunos em trazer fotografias, revistas de arquitetura com arcos...! A gente percebe que, de um modo geral, o Desenho é bem aceito quando a gente mostra a utilidade e porque é ensinado.

- Você acha que depende do professor, então, mostrar a importância do Desenho?

- Depende do professor, depende de como é passado, mostrando para o aluno, mostrando a utilidade prática daquilo... Por exemplo: em equivalência de área, mostrar a utilidade prática, a aplicação. É dada a parte teórica, na lousa, com exercícios e depois mostrar a parte funcional na prática aplicada. Isso leva o aluno a ter muito mais interesse na coisa, a ponto de achar que Desenho é mais importante que todo o resto!

- A que você atribui essa falta de visão do professor em não dar importância a Desenho?

- É a formação. Felizmente, no nosso tempo, passávamos até a noite em claro, estudando com o intuito de aprender mesmo! Hoje, estão aparecendo profissionais com cursos vagos, em um ano de Educação Artística,

que depois são candidatos a dar aula, como a gente... O professor também não está sabendo distinguir bem esse tratamento metodológico e, quando ele percebe que é atividade e o aluno é medido apenas por assiduidade, ele começa a não cobrar muito. Começa a cobrar... de repente, parece que não tem muito valor, o conceito não tem valor... então, ele começa a deixar a coisa de lado. Acredito que o próprio professor fica desmerecendo a sua matéria.

- Parece que o Desenho está caindo da grade curricular. Na sua opinião, qual a causa desta queda?

- Eu tenho a impressão que o pessoal da Secretaria da Educação está pensando que o Desenho deve ser incluído dentro do componente Educação Artística. Na verdade, o professor de Educação Artística não trabalha com Desenho geométrico. Então, o Desenho geométrico vai ficar de lado. Ele vai ser trabalhado com o professor de Matemática e nem sempre dá tempo de se ver tudo, porque o professor de Matemática gosta muito mais de trabalhar com álgebra. O aluno será prejudicado com isso! É... no 2º grau se tem notícia de que na escola-padrão não vai entrar Desenho. Será uma grande perda para o aluno! É... passa para a Educação Artística tentando solucionar o problema de Desenho, dentro do componente Educação Artística. E será difícil.

- Qual a finalidade do Desenho para o 2º grau?

- É tudo. Não começo dando Desenho técnico. Primeiro dou toda a parte fundamental de geometria. E, em seguida, começo o Desenho técnico. Só que eu pergunto aos alunos: "Olha, podemos estudar Desenho técnico, em algumas modalidades. O que é que vocês querem?" São eles que escolhem e fazem a proposta para o professor. E, a partir dali, começamos o trabalho e exploramos o máximo!

- Você encontra, por parte dos alunos, a pergunta: "Pra quê estou aprendendo isto?"

- Não, porque antes de perguntar, eu já falei porque é que estão aprendendo aquilo. Qual a finalidade, qual o objetivo daquilo...

- Você acha importante, no 2º grau, abordar não só a parte geométrica, mas também outras modalidades de Desenho, como por exemplo o Desenho de observação, de expressão...?

- Esses colegiais que eu falei pra você são colegiais acadêmicos. Então, direcionam para um concurso vestibular. Talvez, coloquem Desenho geométrico, ou mesmo só desenvolvem Desenho geométrico, em Desenho, pensando justamente nisso. Porque, a parte artística já desenvolvem no 1º colegial, em Educação Artística - que é obrigatória. E daí pra frente, só tocam mais a parte geométrica.

- Na sua opinião, seria interessante um programa mínimo para se trabalhar em Desenho?

- Vamos dizer assim, elaborar um programa mínimo - uma coisa de forma básica, fundamental e mínima para todas as escolas - sim. Mas, eu acho que deveria ser deixado para cada escola montar o seu projeto. Vou contar para você como faço o meu projeto: o meu

projeto não é feito na época do planejamento. Só defino com meus colegas ou só vou para observar, por exemplo, na área de Matemática, o que cada um vai dar. O meu projeto é feito na sala de aula, com os alunos. Primeiro, faço uma sondagem para ver onde estão e a partir dali, começo.

- Você faz o correto...

- As vezes, os professores não têm noção do mínimo... Eu recebo alunos que vem de outros lugares, mas eles não têm noção de uma paralela, de uma perpendicular!... Meus alunos trabalham com régua T. Nós preparamos a sala com carteiras melhores, para trabalhar com régua T, cuidamos da limpeza...

- E o conteúdo programático? Em quê você se baseia para sua elaboração?

- Alguma coisa, me baseio em livros. Mas, é mais pela experiência. Aproveito a experiência da hora. Aproveito experiências que trazem de casa, relacionando com aquilo que você está falando. Eu devo dizer a você, que sou uma pessoa privilegiada: o quanto me aceitam, gostam e aproveitam das minhas aulas e o quanto de retorno tem dado para mim... o quanto eles têm voltado para dizer para mim que não ficaram por fora em outras escolas... Sabiam porque estavam fazendo e isto é o melhor retorno pra gente... Tenho apoio positivo da direção. Sou valorizado pelo diretor. Tenho toda liberdade para o meu trabalho... Vou aproveitar e dizer outra coisa para você: como é difícil arrumar um professor de Desenho! Você vê: o profissional chega, habilita-se em substituir e, de repente, a gente vê que ele está por fora de tudo aquilo, não é? Observa-se que é justamente pela sua formação.

- E a sua metodologia? Como você trabalha?

- Você sabe que há uma carência muito grande de material. Eu uso giz colorido, os instrumentos, a minha saliva. São aulas, assim, expositivas. Os alunos criam muitas situações em cima daquela aula. Eles formulam problemas em cima daquilo. Às vezes, da própria vida, do que acontece com eles. Quando começo Desenho técnico, faço à mão-livre. Eles usam instrumentos, direto.

- E as formas de avaliação? Quais as utilizadas?

- Uso provas. Dou trabalhos em sala de aula. Corrijo as pranchas a cada semestre. Corrijo de uma por uma.

- Aponte dificuldades em relação ao ensino do Desenho.

- Não, eu não tenho dificuldades. Eu só cobraria para que as coisas saíssem a meu modo, melhores, um local mais apropriado. Uma sala de Desenho com pranchetas, com armários...

- Você tem dificuldade de material com os alunos?

- Tenho sim. Mas, devagar, o problema vai acabando. Devagar, eles vão tendo o seu material, cuidando dele e o problema da régua T, que é um pouco mais caro. Às vezes, entre irmãos... emprestam de primos... Mas eu tenho a sala com 40 alunos, os 40 usam a régua T. Só sei dizer pra você que, quando eu chego, as 40 régua



estão lá. Agora, eu sou muito de cobrar. Graças a Deus, sou muito respeitado. Respeito muito meus alunos. Tenho sempre uma conversa muito franca com eles. Não tenho nenhum problema de disciplina. Dou toda a liberdade do mundo. Tem hora pra tudo! A frequência das aulas nas 6ª feiras é 100%. Eu "bolo" a aula de um jeito, de modo que eles tenham um compromisso comigo. Às vezes, tenho alunos que levam mochilas para viajar às 6ª feiras, mas só depois que termina a aula de Desenho é que eles vão. E não vão com raiva, não!

estudar. Foi Parâmetros de Desenho e Pintura, depois foi a complementação com Educação Artística.

- Você lembra do Desenho que havia na grade, na escola...?

- Era dado um pouco de geometria, aquelas faixas decorativas... "Então um pouquinho em Educação Artística, praticamente nada. Só que... naquela época, o professor podia exigir material e depois inventaram um jeito que não podia exigir material, mas era por que... Em todas as matérias! Você não pode exigir material! Então, o aluno acha que ele não precisa fazer nada... Se não precisa trazer material, não precisa fazer nada! Ah, vem o desmatamento, não é em uma disciplina! É em todas. Principalmente na de gente que precisa de material, não é um pouco melhor. É isso que o material não pode ser comprado, ele usa uma ou duas aulas, depois tem que jogar fora. Então, eu acho que... o governo não precisa dar material na escola. Se acabar isso aí, talvez diminua a corrupção... As invenções da escola, que tem uma firma ganhando, colocando o valor no material. Eu acho que... aí, o povo começa a pedir tudo do governo. Não é pedir tudo do governo, a gente tem que trabalhar. Se a gente não trabalhar, não vai... inclusive, a ação diminui também...

- Você sempre deu aula de Desenho em Educação Artística?

- Eu procurava mais dar Desenho por causa do problema de material. Eu já gostava mais do Desenho... Educação Artística eu acho que... a população... De lá, eu comecei a dar aula praticamente zero, então, ainda pode existir um pouquinho mais de material, e pessoal traz um pouco mais de material de material... Mas a gente não adianta mesmo, eles não trazem! Derivata, quando não trouxe, quando trouxe eu não trouxe... Então, você acaba ficando um pouco do Desenho em Educação Artística. A dificuldade maior mesmo é com falta de material. Não adianta você ficar inventando invenções, inventando... porque não é no material também! Tem que ter o material para você trabalhar... E não é o governo que tem que dar isso! O aluno tem que ter o poder para trazer e a gente poder exigir um pouco mais do aluno... Se ele não tem condição de estudar, então, ele não pode ficar aqui na escola! Então... deixar esse problema de trazer material, o aluno dentro da sala, sem fazer nada, que a sala é ruim. E, depois, você encerra de "E", e os alunos não vão mais... Então, não adianta nada!

- E sugestões para o ensino do Desenho?

- As escolas se tornarão "padrão" - eu só queria que houvesse Educação Artística de quinta a oitava série. Mas que na sétima série houvesse abertura para dar Desenho e não Educação Artística. Pra mim, ficaria Educação Artística nas quintas e sextas e Desenho na sétima e oitava séries, com o mesmo professor, efetivo ou ACT. E que também tivesse Desenho no 2º grau na "escola-padrão", porque é importante - você vê, o vestibular, por exemplo... e que fosse trabalhado com mais seriedade - encontro para troca de experiências, eu acho isso muito bom!

- Seria... É na realidade, você acha que está acontecendo isso?

- Na maior parte, as escolas vêm na escola por via. A maioria vem porque quer diploma. Então, você vê no 2º grau o pessoal não querendo nada! Ai, começam a reclamar que o professor está dando muita matéria, está apertando muito... E a gente tem que incluir-lhes que é aí que eles vão estudar. No vestibular! Se a gente chegar na sala de aula e dar menos matéria, muita dificuldade pra eles estudar depois! Ele não vai ter a matéria toda! Então, dizem que o professor, depois, o aluno precisa de material muito... A gente nota isso aí, acho que tá aí uma dificuldade. A gente tem que falar pra eles que, quando eles der matéria pra eles, muita coisa vão aprender pra entender a vida lá fora, eles sabem "ah, mas não tem"... A gente aperta eles não segure. Então, chega de lá de lá, diminui um pouco, agora na "escola-padrão", diz que é pra "olhar a matéria". Você vai ficar voltando o ano inteiro?! Se aprofunda um pouquinho a matéria, eles não conseguem!

- Quando se fala a palavra "Desenho", o que você lembra primeiramente? O que ficou impresso na sua mente?

- Agora você não abriu, hein!... Desenho é a forma de você expressar a coisa que você quer, não é?

- O que lhe serve primeiro, Desenho artístico ou Desenho geométrico?

- Depende da hora... a gente pode pensar num Desenho artístico de uma figura, uma paisagem na hora em que você está próximo de uma residência... uma habitação, lá, que está vendo as peças, então é Desenho técnico... depende do contexto...

- Quais as modalidades de Desenho que você conhece, pela experiência?

- Desenho geométrico, artístico... zircular, Desenho técnico, Geometria Descritiva... Só que eu também não tinha base... eu fiz o antigo normal...

- Você acha Desenho uma coisa importante para a vida, em geral?

- É... é importante. Para conhecer o Desenho, você tem que ler. Se o professor não souber ler a planta, vai fazer a casa toda errada, não é? Se operário, não souber nada de Desenho, vai fazer a peça toda errada também, porque de Desenho, para fazer determinada coisa...

Entrevista nº 8 - realizada em 03/09/1992

- **Fale-me a respeito de sua formação escolar.**

- Eu estudei em escola de Estado, mas depois de adulto. Quando começou a ampliar e abrir à noite, aí voltei a estudar. Fiz Faculdade de Desenho e Plástica, depois fiz a complementação com Educação Artística.

- **Você lembra do Desenho que havia no ginásio, no colegial...?**

- Era dado um pouco de geometria... aquelas faixas decorativas... Entrava um pouquinho em Educação Artística, propriamente dita. Só que... naquele tempo, o professor podia exigir material e agora inventaram um lei que não pode exigir material, não sei por quê...! Em todas as matérias! Você não pode exigir material. Então, o aluno acha que ele não precisa fazer isso... Se não precisa trazer material, não precisa fazer nada! Aí, vem o desestímulo... não é só em uma disciplina! É em todas. Principalmente na da gente que precisa de material, mais e um pouco melhor. É isso que é o mal: você pede um compasso, ele usa uma ou duas aulas, depois, tem que jogar fora. Então, eu acho que... o governo não precisa dar merenda na escola. Se acabasse isso aí, talvez diminuísse até a corrupção... Ao invés de dar o vale, que tem uma firma ganhando, coloque o vale no salário! Eu acho que... aí, o povo começa a pedir tudo do governo. Não é pedir tudo do governo, a gente tem que trabalhar. Se a gente não trabalhar, não vai... inclusive, a nação diminui também...

- **Você sempre deu aula de Desenho ou Educação Artística?**

- Eu procurava mais dar Desenho, por causa do problema do material. Eu já gostava mais do Desenho... Educação Artística, eu acho que... a população... De dia, eu comecei a dar aula praticamente esse ano, então, ainda pode exigir um pouquinho mais de material. o pessoal traz um pouco mais de material de manhã... Mas, à noite, não adianta mesmo: eles não trazem! De trinta, quarenta alunos, somente quatro ou cinco trazem!... Então, você acaba aplicando um pouco do Desenho em Educação Artística. A dificuldade maior mesmo é essa: falta de material. Não adianta você ficar inventando, inventando, inventando... porque não é só inventar também! Tem que ter o material para você trabalhar... E não é o governo que tem que dar, não! O aluno tem que ter o poder para trazer e a gente poder exigir um pouco mais do aluno... Se ele não tem condição de estudar, então, ele não pode ficar aqui na escola! Então... deixar esse problema de ter que agüentar o aluno dentro da sala, sem fazer nada, até a oitava série. E, depois, você enche ele de "E", e no final do ano ele passa do mesmo jeito! Então, não adianta nada!

- **Na sua opinião, qual a finalidade do ensino de 2º grau?**

- Olha, seria quase que praticamente uma preparação para a faculdade...

- **Seria... E na realidade, você acha que está acontecendo isso?**

- Na realidade, os alunos vêm na escola por vir. A maioria vem porque quer diploma. Então, você vê no 2º grau, o pessoal não querendo nada! Aí, começam a reclamar que o professor está dando muita matéria, está apertando muito... E a gente tenta incutir-lhes que é aí que eles vão passar! No vestibular! Se a gente chegar na sala de aula e der menos matéria, mais dificuldade pra ele passar depois! Ele não vai ter a matéria toda! Eles dizem que o professor, depois, é o ruim, porque está apertando muito... A gente nota isso aí... Acho, sei lá, falta maturidade. A gente tenta falar pra eles que, quanto mais der matéria pra eles, mais eles vão conhecer pra enfrentar a vida lá fora. eles falam: "ah! Mas está fraco!". A gente aperta, eles não seguem. Então, chove de E e D! Se diminui um pouco, agora na "escola-padrão", diz que é pra voltar a matéria... Você vai ficar voltando o ano inteiro?! Se aprofunda um pouquinho a matéria, eles não conseguem!

- **Quando se fala a palavra "Desenho", o que você lembra primeiramente? O que ficou impresso na sua mente?**

- Agora você me apertou, hein!... Desenho é a forma de você expressar a coisa que você quer, não é?

- **O que lhe ocorre primeiro, Desenho artístico ou Desenho geométrico?**

- Depende da hora... a gente pode pensar num Desenho artístico de uma figura, uma paisagem na hora ou se você está próximo de uma residência... uma indústria, lá, que está vendo as peças, então é Desenho técnico... depende do contexto...

- **Quais as modalidades de Desenho que você conhece, pela experiência?**

- Desenho geométrico, artístico... escultura, Desenho técnico, Geometria Descritiva... Só que eu também não tinha base... eu fiz o antigo normal...

- **Você acha Desenho uma coisa importante para a vida, em geral?**

- É... é importante. Para conhecer o Desenho, você tem que ler. Se o pedreiro não souber ler a planta, vai fazer a casa toda errada, não é? Se operário, não souber nada de Desenho, vai fazer a peça toda errada também... parte do Desenho, para fazer determinada coisa...

- **E para o 2º grau? Você acha uma matéria importante?**

- É, pra gente aprofundar um pouco mais. Você aprofunda um pouquinho mais no Desenho... pra depois ele... tentar alguma coisa lá fora, se ele for fazer determinada faculdade... Se ele não for... Agora, a gente não pode separar... cada um vai pra um lugar...

- **Em relação às outras disciplinas, você sente que o Desenho fica desvalorizado? No 2º grau...**

- Não. Eu não sinto isso não... A gente tem que incutir neles a importância. A pergunta "pra quê?" é pra todas as matérias, até para Matemática ("tenho uma maquininha...!")

- **Parece que o Desenho está caindo da grade curricular. Na sua opinião, por que isso está acontecendo?**

- (pausa)... Eu acho... ele está sendo dado também para ajudar um pouquinho a Matemática. Porque tem escola que nem tem...

- **Você trabalha integrado à Matemática?**

- Tem integração. Tem... A gente trabalha junto com a Matemática. Eu forneço o meu currículo para a professora de Matemática e ela fala: "ah, é isso mesmo que eu quero!". Ai, a gente toca o barco...

- **E a sua metodologia? Como você trabalha?**

- Eu não adoto livro. Trabalho só com o caderno. No colegial, trazem caderno... são bem mais conscientes e trazem material. A gente expõe a matéria e tenta justificar o porquê.

- **Você desenha na lousa com instrumentos ou à mão-livre?**

- Faço tudo com instrumentos e eles vão acompanhando...

- **Eles fazem direto no caderno ou passam a limpo?**

- Não, já mando fazer direto no caderno. Avalio caderno também e dou prova.

- **Que critérios você leva em consideração?**

- O exercício tem que estar no final... se não estiver no final, está errado... Mas é o exercício completo. O traçado... o grafite apontado ou não, se for levar muito em consideração, não sobra nada... A gente vai no final do exercício, estando certo, a gente dá uma relevada no resto...

- **Você trabalha só Desenho geométrico no 2º grau?**

- É, só... Às vezes, sai alguma coisa de Desenho artístico. É muito pouco... Eles pedem mais é o Desenho geométrico mesmo, porque a gente fala que pode cair no vestibular que eles vão fazer. Então, é uma maneira deles pedirem mesmo...

- **E o Desenho artístico, o que vem a ser?**

- Desenho de observação. Mas é muito pouco. No 3º ano eu dou mais é o geométrico mesmo.

- **Você sente influência da direção sobre o seu trabalho?**

- Não. Não tem...

- **Além do Magistério, você faz alguma atividade que envolva Desenho?**

- Não. Não tenho feito nada não.

- **Além da falta de material, existem outras dificuldades em relação ao ensino do Desenho? Pode pensar quanto à sua formação, aos alunos, à escola...**

- Se... se a gente tivesse uma conscientização maior, poderia ter a sala de aula já com material lá dentro... Mas, não tem mesmo. Aqui na escola até a televisão roubaram! A televisão e o vídeo! Se você monta uma classe já com o material, as pranchas... Mas não tem condição! Se colocar isso aqui, em três, quatro anos some tudo! O aluno não precisaria nem comprar. Ele arruma um jeito, faria uma festa para ganhar dinheiro e compraria um compasso bom, régua... O aluno só traria o papel... mas, seria o ideal! Aqui, tem o espaço físico, mas está sendo usado como uma sala de aula normal...

- **E quanto à carga horária? É suficiente?**

- Dá. Dá pra trabalhar...

- **Em relação à sua formação, você sente alguma dificuldade?**

- No colegial, eu sinto um pouquinho de dificuldade. Eu tenho que estudar para trabalhar, porque eu não tinha base quando fui pra faculdade... Só a faculdade não dá base, então, tenho que dar uma "estudadazinha", mas só no colegial. Até a oitava série, dá pra tocar tranquilo... Porque, outra, no colegial, é o terceiro ano que estou dando...

- **Em que você se baseia para organizar o conteúdo programático que você vai dar?**

- A gente tem baseado um pouquinho... nos livros que eles apresentam pra gente seguir e tal... Um pouco, nos livros e um pouco na vivência da gente.

- **Dá tempo de você cumprir aquilo que planejou?**

- Tem anos que dá. Às vezes, você pega uma classe meio fraca, não dá pra você seguir, acompanhar... Se for acompanhar mesmo, fica muita coisa pra trás... Às vezes, a gente dá a matéria, mas menos exercícios. À noite, não dá pra dar atividade pra casa. É só na sala de aula. Às vezes, tem que deixar terminar o caderno na sala de aula. Não adianta pedir para trazer de casa, porque ele não vai fazer... O aluno trabalha direto, trabalha em supermercado, trabalha aos sábados também. Como ele vai fazer? Só tem o "domingozinho" de lazer... A gente vê que não faz... No período diurno, dá pra passar coisas pra casa. O noturno não, é outra realidade!

- **E sugestões para melhorar o ensino de Desenho?**

- Seria bom cursos de atualização... Eu não fazia curso nenhum porque não tinha tempo. Sou ACT e ACT, às vezes, não chega nos cursos que tem...



- Você acha falta de contato entre professores para trocar experiências? Ou de orientação para elaborar os programas? Ou isso não é necessário?

- Sei lá... É meio difícil, porque, às vezes, vem de uma pessoa que está lá em cima, fora da realidade... Parece que é que está ocorrendo agora com a "escola-padrão". Teve programa lá, que vem do pessoal que está lá em cima e está fora da nossa realidade. Então, pode ser até perigoso. Teria que mandar ele vir na realidade. Ele tem que vir fazer um cursinho aqui, para depois passar melhor pra gente. Sentir o problema de perto, para depois falar... O aluno não tem motivação nenhuma pra fazer nada porque com as leis do país, ele acha que não pode ser repreendido na sala de aula porque ele é menor, ele não precisa trazer nada, porque o governo tem que dar tudo pra ele. Isso é que precisa mudar.

- No Clássico também?

- Não, não.

- Que tipo de Desenho?

- Desenho geométrico.

- O que mais marcou nessa época: o Desenho geométrico ou o artístico?

- Não... acho que Desenho artístico. O que marcou mais é aquela parte da geometria. Lembra do Jansão Propperina, do Instituto de Educação? Ele marcou muito, também, não o Desenho artístico (eu não lixi nada o Desenho pedagógico no Normal). Naquela época, tínhamos Tietze, e Maluina.

- Francisco Damasceno...

- Tinha o Desenho geométrico. Tinha aquelas greças, ele marcou muito, aquelas faixas greças, decorativas. Mas marcou bastante e foi o que fez com que eu, depois de estudar trabalhando, optasse por Desenho geométrico, pelo Desenho, na antiga Fundação. Eu gostava muito de Educação Física, mas, naquela época, meu marido não deixava. Ele achava que era coisa para homem. Não machista, naquela época... depois, ele mudou completamente. Então, fui fazer Desenho e me dei muito bem - bem, inclusive, me realizei profissionalmente, foi uma realização minha mesmo... Me encontrei ali! Se que, agora, estamos sentindo que o Desenho está sendo valorizado mais na parte de Matemática e eu não sei o porquê disso...

- A gente sente que o Desenho está caindo na grade, está desvalorizado...

- Exatamente...

- Na sua opinião, qual a causa disso?

- Na minha vivência, acho sentindo que ele está entrando em livros de Matemática, coisa que pra mim, é insignificante, porque, eu sou formada em Desenho, uma das duas normas de Desenho e é uma coisa que eu gosto muito de dar, de fazer. Eu me realizei vendo o que os alunos fazem... Eu organizei as pranchas, a legenda, padronizei tudo isso... De repente, você vê todo seu trabalho todo assim... não é por isso assim.

Enquanto não mudar essa realidade, o ensino vai ficar fraco mesmo, porque você não consegue transmitir tudo pra eles, porque não é interesse deles...

- Como você vê Educação Artística na grade curricular? Ela completa a parte de expressão que o Desenho geométrico não dá?

- É... poderia ser dada uma matéria só com um nome... Só Desenho ou Educação Artística, como era dado antigamente. A gente desenhava o que desenha agora na Educação Artística e em Desenho... Ele não traz material.. você é obrigado a fazer alguma outra coisa... Mais é Desenho de criação. Pouquinho, só de observação... Sem passar quase na lousa para ele não copiar...

Quando o capricho, a limpeza, a atenção, a vontade de trabalhar com o compasso... E, depois, depois realmente, E, como exigiram de mim, e eu acho muito importante, então eu sinto agora.

- Para você, qual é a finalidade do 2º grau?

- Preparar o aluno pra fazer um bom vestibular. Na minha opinião, o professor que dá aula no 2º grau, ele prepara o aluno para sair do colégio de Estado e fazer um bom vestibular aí fora.

- Você acha que isso aconteceu com a maioria dos alunos? Nesta escola, eles procuram o vestibular?

- Procuram. Agora, esse ano, está tendo uma igualdade de ensino entre o período diurno e noturno. Sendo "escola-padrão", o objetivo dela é que o aluno de período noturno tenha as mesmas condições de enfrentar o vestibular.

- E como você está vendo a experiência da "escola-padrão"? Está funcionando?

- Eu acho... excelente... Eles reclamam muito da falta nos sábados, mas é que foram assim... condicionados a terem aula até sexta-feira e na manhã, à noite. E, agora não, mudou completamente. Pelo menos na minha área, criou-se igualdade nos colegiais da manhã e da noite. Eu dou a mesma matéria para os dois períodos. Eu consigo fazer com que o aluno da noite acompanhe o aluno da manhã.

- Então... a finalidade é o vestibular?

- É o vestibular, porque ele não vai parar aí. E, se ele estuda à noite, é porque ele trabalha durante o dia e não vai ter condições, oportunidades... E, não é isso, que não tendo oportunidade de estudar de manhã, o ensino seja diferente; eu acho super-interessante esse projeto, porque está dando igualdade de condições aos alunos. Pelo menos, na minha matéria, ve o aluno matar o período, o conteúdo é o mesmo.

- Quando se fala a palavra "Desenho", que imagem lhe vem à mente, de pronto, em primeiro lugar? O que ficou marcado em sua mente?

- Foi Desenho geométrico. Porque eu fui daquela época que tinha... inclusive, nós tínhamos Latim de quinta à sexta... Mas, para mim, vem a palavra Desenho geométrico e não o Desenho artístico.

Entrevista nº 9 - realizada em 08/09/1992

- Conte-me sobre sua formação escolar. O que você lembra do Desenho ensinado nessa formação?

- Eu lembro... porque foi isso que me marcou e me fez fazer faculdade, depois de ter filhos quase mocinhos, adolescentes. Eu gostava muito. Tinha uma professora, rígida por sinal... Eu fiz ginásio clássico e depois fiz o normal e me formei professora primária. Mas eu tive Desenho no Clássico e... sempre gostei.

- No Clássico também?

- Tive... é...

- Que tipo de Desenho?

- Desenho geométrico.

- O que mais marcou nessa época: o Desenho geométrico ou o artístico?

- Não... não tive Desenho artístico. O que marcou mais é aquela parte da geometria. Lembra da famosa Prosperina, do Instituto de Educação? Me marcou muito, também, não o Desenho artístico (eu não tive), mas o Desenho pedagógico no Normal. Naquela época, tínhamos Trabalhos Manuais...

- Economia Doméstica...

- Tinha o Desenho geométrico. Tinha aquelas gregas... me marcou muito, aquelas faixas gregas, decorativas. Me marcou bastante e foi o que fez com que eu, depois de casada, trabalhando, optasse por Desenho geométrico, pelo Desenho, na antiga Fundação. Eu gostava muito de Educação Física, mas, naquela época, meu marido não deixou. Ele achava que era curso para homem. Meio machista, naquela época... depois, ele mudou completamente. Então, fui fazer Desenho e me dei muitíssimo bem. Inclusive, me realizei profissionalmente. foi uma realização minha mesmo... Me encontrei aí! Só que, agora, estamos sentindo que o Desenho está sendo valorizado mais na parte da Matemática e eu não sei o porquê disso...

- A gente sente que o Desenho está caindo da grade, está desvalorizado...

- Exatamente...

- Na sua opinião, qual a causa disto?

- Na minha vivência, estou sentindo que ele está entrando em livros de Matemática, coisa que pra mim, é inadmissível, porque, eu sou formada em Desenho, uma das últimas turmas de Desenho e é uma coisa que eu gosto muito de dar, de fazer. Eu me realizo vendo o que os alunos fazem... Eu organizei as pranchas, a legenda, padronizei todinha... De repente, você vê todo teu trabalho indo assim... não é por água abaixo,

mas, sendo desvalorizado. Em Educação Artística, eu entendo, porque dei aula 15 anos na Universidade, eu acho que é mais a parte artística, a criatividade e eu acho que o aluno precisa do Desenho geométrico. Eu acho que faz muita falta! Eu oriento até o 3º colegial para a parte, também, de vestibular. Então, eu procuro induzir o aluno para que faça um bom vestibular, para que aprenda o capricho, a limpeza, o traçado, até a maneira de trabalhar com o compasso... Então, eu exijo realmente. E, como exigiram de mim, e eu achei isso importante, então eu exijo agora...

- Para você, qual é a finalidade do 2º grau?

- Preparar o aluno pra fazer um bom vestibular. Na minha opinião, o professor que dá aula no 2º grau, deve preparar o aluno para sair do colégio de Estado e fazer um bom vestibular aí fora.

- Você acha que isso acontece com a maioria dos alunos? Nesta escola, eles procuram o vestibular?

- Procuram. Agora, este ano, está tendo uma igualdade de ensino entre o período diurno e noturno. Sendo "escola-padrão", o objetivo dela é que o aluno do período noturno tenha as mesmas condições de enfrentar o vestibular.

- E como você está vendo a experiência da "escola-padrão"? Está funcionando?

- Eu acho... excelente... Eles reclamam muito da aula aos sábados, mas é que foram assim... condicionados a terem aula até sexta-feira e na mamata, à noite. E agora não: mudou completamente. Pelo menos na minha área, estou em igualdade nos colegiais da manhã e da noite. Eu dou a mesma matéria para os dois períodos. Eu consegui fazer com que o aluno da noite acompanhe o aluno da manhã.

- Então... a finalidade é o vestibular?

- E o vestibular, porque ele não vai parar aí. E, se ele estuda à noite, é porque ele trabalha durante o dia e não vai ter condições, oportunidades... E não é justo, que não tendo oportunidade de estudar de manhã, o ensino seja diferente: eu achei super-interessante esse projeto, porque está dando igualdade de condições aos alunos. Pelo menos, na minha matéria se o aluno mudar de período, o conteúdo é o mesmo.

- Quando se fala a palavra "Desenho", que imagem lhe vem à mente, de pronto, em primeiro lugar? O que ficou marcado em sua mente?

- Foi Desenho geométrico. Porque eu fui daquela época que tinha... inclusive, nós tínhamos Latim de quinta à oitava.. Mas, para mim, vem a palavra Desenho geométrico e não o Desenho artístico...

- Você acha o Desenho importante para a vida, no sentido geral?

- Eu acho. Porque, na maioria das profissões, na vida e no dia-a-dia, se você souber traçar um Desenho, uma perpendicular... saber trabalhar com a régua o compasso, eu acho que é importante demais. E quantas profissões exigem isto! Principalmente na área de exatas, né?

- E para o 2º grau, qual a finalidade do Desenho?

- Assim... eu preparo, por exemplo... de uma maneira geral, mas, às vezes, você percebe o aluno, que através do Desenho, ele já começa... ele vai fazer o Desenho Industrial, ele vai partir para um Engenharia, Arquitetura... Então, ele já começa a se descobrir, através do Desenho geométrico, a facilidade e o que ele pode fazer ali... Escolher uma faculdade, sem ir... assim... como se diz, de "olhos vendados"! Ele já sabe o que quer realmente, e você conhece o aluno quando tem dom pra isso... No traçado, na limpeza, na organização. É... nós temos aqui alunos excelentes! Eu faço uma prova e vejo as pastas... eu exijo pasta, né! E, realmente... Pego pastas do 2º, 3º colegial que são, assim... perfeitas! Dá gosto de se ver! Muito bons mesmo! E da noite também! Você nota que também são caprichosos!

- Você já encontrou alunos perguntando: "pra quê estou estudando isto? O que vou fazer com isto?"

- Não... não aconteceu ainda, de aluno chegar pra mim e fazer essa pergunta...

- Você acha importante para o 2º grau, dar somente Desenho geométrico? Ou você aborda outro tipo de Desenho? De observação, expressivo...

- Não. Eu dou, inclusive, a teoria de Desenho e a parte prática. Eu não dou só a parte prática. Dou a parte teórica também, que é pra ele poder saber porque está fazendo aquilo, demonstrando... e então, depois ele faz. Mas, a parte artística, eu não dou.

- E você acha importante, para o colegial, a parte artística? Os alunos já chegaram a pedir pra você trabalhar com outro tipo de Desenho?

- Não... nunca chegaram... Porque, no 1º colegial, tem Educação Artística...

- E você acha que a Educação Artística está suprimindo esta parte?

- Eu acho que não...

- Como você vê a Educação Artística?

- Vejo como um campo muito grande e sem limite. Então... de repente, você se perde... Não é como o Desenho, que você vai ensinar alguma coisa concreta e ele sabe que vai ter um aproveitamento. Está certo que a gente deve tirar a parte artística do aluno também, paralelo... Mas, eu acho o Desenho muito mais importante! Principalmente... o Desenho... industrial, o arquitetônico, o topográfico e não dá para se aprofundar nesta parte e dar para o aluno, porque são

duas aulas por semana e é muito pouco tempo! Então, a gente dá só a estrutura básica, porque eu gostaria de dar até mais! Agora, eu não sei como o professor preparado para a Matemática pode dar Desenho! Porque ele vê o lado da Matemática e da geometria e... eu acho tão importante essa construção do Desenho geométrico! Só que não sei porque eles estão tirando!

- Você vê influência da direção sobre o seu trabalho?

- Ah, não! Tenho muita liberdade!

- E integração com Matemática? Tem havido?

- No 2º grau não. É mais no 1º grau. No 2º grau, a Matemática é totalmente diferente... do ginásio...

- Além de dar aula, você pratica alguma atividade que envolva Desenho?

- Não... porque não dá tempo. Gostaria que desse tempo para me aprofundar mais, porque me apaixona... principalmente no Desenho industrial. Não dá tempo, por ser dona-de-casa, mãe e avó.

- E a sua metodologia? Como é o seu procedimento na aula?

- Passo na lousa, explico a parte teórica, faço a demonstração na prática e dou exercícios.

- Você trabalha à mão-livre ou com instrumentos?

- Não! Não! Todos com instrumentos. Eu trabalho na lousa com os meus e eles com os deles! No período da manhã, eles passam a limpo, porque têm mais tempo. No período da noite, como eles trabalham, se quiserem fazer direto, na prancha, já fazem. Só que é um pouquinho mais demorado... Dificilmente ele vai ter tempo para passar a limpo e ele vai ter uma nota naquela pasta.

- E a avaliação?

- Dou prova, nota na pasta e, à noite, dou menos exercícios, porque eles tem 40 minutos de aula.

- Quais são os critérios para a avaliação?

- Na pasta, é a organização, a limpeza e toda a matéria dada naquele bimestre. Na prova, eu corrijo tudo com compasso, régua, tudo eu corrijo. Eu corrijo realmente, porque eu acho muito válido. A gente não deve corrigir à tapa. Corrijo prova por prova. Depois, elas são arquivadas no colégio.

- Você tem sentido o problema da desvalorização da disciplina, devido à avaliação?

- Não, não tenho. Eles levam a sério, participam, fazem... corrijo... Não tem esse problema...

- Em que você se baseia para elaborar o conteúdo programático?

- Olha, eu me baseei em livros, principalmente no colegial, que eu tive que fazer sozinha. Então, me baseei também no que eles já tinham visto de quinta à oitava, e uma complementação séria aí, no caso... me aprofundei um pouco mais. Não adoto livro. Nem no

ginásio e nem no colegial. Não gosto. Acho que bitola muito o aluno e faz com que ele se acomode muito. Acho que o aluno tem que fazer para aprender.

- Que dificuldades você sente em relação ao ensino do Desenho?

- Acho que os alunos de hoje em dia são irriquiotos, conversam demais... À noite, é um pouquinho de falta de material, mas é mínimo. Eles trazem... porque o que eu peço é mínimo também. Não admito que use caneta, de maneira nenhuma. Inclusive, eu corrijo e dou a nota à lápis também. Não admito que use caneta. Seria o ideal se tivesse uma sala apropriada. Não se pode fazer um trabalho nessas carteiras comuns, principalmente no colegial da noite, às vezes, senhoras casadas, sentadas naquelas carteiras pequenas, onde o primário ou o ciclo básico teve aula de manhã... Então, realmente, é difícil trabalhar...

- E sugestões para o ensino de Desenho?

- Eu gostaria que ele nunca caísse. Acho que o professor de Matemática está preparado para dar Matemática. Agora, de repente, ele vem ensinar Desenho

geométrico!! Ele não vai ensinar da maneira como nós entendemos e aprendemos o Desenho geométrico. Ele vai ensinar da maneira dele, utilizando a Matemática. Eu acho que cada profissional teria que ficar no seu campo. Agora, levar o Desenho geométrico pra Matemática...! Eu não estou entendendo. Qual é o objetivo? Eu sinto falta de cursos, de encontros para a troca de experiências... A nossa área nunca tem.

- Existe alguma área específica para a realização desses cursos?

- De uma maneira geral, eu gostaria que tivesse cursos. Principalmente no colegial, a gente não encontra livros de Desenho. De repente, eles esqueceram do colegial! Eu acho falta de uma orientação, principalmente para o colegial. Para o ginásio, tem os livros pra se basear. Para o colegial, eu montei o programa sozinha e, de repente, me senti sozinha. Será que estou procedendo corretamente? Será que vou atingir os objetivos? Será que vou conseguir? Eu gostaria que o Desenho não acabasse! Mas, pelo que estamos vendo, no ano que vem, o Desenho cai. Na escola-padrão, o professor de Matemática já está entrando com o Desenho geométrico. Não sei se o colegial continua...

Entrevista nº 10 - realizada em 08/09/1992

- Fale-me sobre sua formação escolar: ginásio, colegial, faculdade...

- Fiz ginásio e colegial em escola de Estado. Quando estava no 3º ano, fiz cursinho junto. Prestei vestibular pra Engenharia e pra Desenho. Passei nos dois. Peguei o 3º lugar em Desenho. A minha intenção era fazer também no campo da Arte, por exemplo, Artes Plásticas. Quando fui optar para fazer a matrícula, optei por Desenho porque disseram que viria Arquitetura e se eu estivesse fazendo Desenho, encaixava mais matérias... essas coisas... Então, fiz Desenho e Artes Plásticas em 1975. Quando terminei, fiz Educação Artística em seis meses. Foi o primeiro ano de complementação.

- Você teve Desenho no ginásio, no colegial?

- Tive... tive sim.

- O que você lembra desse Desenho?

- Ah! Eu sempre gostei... Desenho é como a Matemática... a fórmula, a técnica, é a mesma! Eu gosto de aplicar alguma coisa, depois que eu dei a Geometria, a Descritiva, aplicar isso na Arte, para eles poderem ter uma visão. Porque, às vezes, eles não mexem com isso... Inclusive, a turma de agora está fazendo um trabalho assim, usando as ovas, as espirais, aplicando em alguma coisa que pudessem construir com isso aí. Na matéria Desenho, tinha Desenho geométrico. Estudava pelo Carlos Marmo. Dentro desse Desenho geométrico tinha alguma coisa de Desenho de observação, né! Que era desenhar vendo um objeto, ou então desenhar assim, da sua imaginação, alguma coisa em perspectiva e faixas decorativas também Fiz muitas faixas. A carga maior sempre foi de Desenho geométrico. Essa outra parte era assim, uma aplicação quando terminava a matéria.

- Mais era Geometria, não é? Quais as modalidades de Desenho que você conhece pela experiência, além do Desenho geométrico?

- A Descritiva, a Perspectiva, o Desenho técnico. Eu estudei isso e aplico também.

- Você faz alguma atividade que envolva Desenho, além do Magistério?

- Faço. Eu trabalho com arte, trabalho na oficina do SESI com traçado de madeira, com argila... Você tem que usar a Geometria, né! Tem que fazer a planta, a planificação de um trabalho que eu vá construir... E, fora disso, eu trabalho com decoração. Eu faço, às vezes, Desenho de parede ou mesmo faço aplicações com pedras, tinta, espelho, com tinta, manchando... Essa parte aí da arte. Faço algum Desenho de faixas, logotipo. Nós temos uma loja, então, toda a parte de escritório da loja, eu é quem desenhei os logotipos, os cartões, os talões...

- Na sua opinião, qual a finalidade do ensino de 2º grau?

- Do 2º grau? Olha, aqui, nossa escola, a turma que está fazendo 2º grau do 2º ano em diante é uma turma até mais responsável de disciplina, de nota... você pode deixar que eles vão até sozinhos. Porque a intenção deles é dar continuidade mesmo. Tivemos alunos de prestar vestibular nos outros anos e todos passaram. Então, é pra uma continuidade. À noite, dou aula no 2º e 3º ano e tem uns rapazes que vieram de outra escola para a nossa, porque não tinha Desenho lá e a intenção deles é prestar o vestibular.

- Então, pra você, o 2º grau está sendo uma preparação para o vestibular?

- Isso. Exatamente. Porque, olha, é muito difícil uma escola particular, um cursinho e tal... é a minoria... Fazem lá, mas... essa turma que trabalha não tem condições. Então, eles levam a sério...

- O que a palavra "Desenho" lhe traz à mente? Qual é a imagem impressa em sua mente?

- Pra mim? Gosto muito da matéria. Pra mim, o Desenho não é o Desenho artístico, é o Desenho construtivo... construção... é a primeira coisa pra mim. Para a criança, ela já pensa em desenhar alguma coisa... depois é que eles vão tomando noção da matéria. Talvez, até seria melhor mudar o nome da matéria, em relação a quem vai estudar, que não em conhecimento... eles acham que é só desenhar mesmo... traçado e construção é outra coisa... Talvez, Geometria seria melhor, usar a palavra geométrica do que Desenho.

- Embora você já tenha feito alguns comentários, vou perguntar novamente a respeito da importância do Desenho para o 2º grau. É a de preparação, mesmo?

- É... é aquela mesma. É um conhecimento geral... Eles têm outras matérias paralelas: Física, Química, Matemática, que eles usam a Geometria.

- Você já encontrou este tipo de pergunta: "Pra quê estou aprendendo isto? O que vou fazer com isto?"

- Já... principalmente em alunos de 7ª e 8ª séries. Quando eles começam a estudar...

- E no 2º grau?

- Não, no colegial não. Quando ele está fazendo o colegial, ele já tem consciência de que vai usar aquilo ali... Porque ele associa a outras. Ele aplica em outras matérias, entendeu? O que mais pergunta isso aí é a turma de 7ª. Ele entra e já assusta com o nome da matéria: Desenho. Ele pensa que é uma coisa e é outra. Depois, aqueles que não têm muita afinidade com

matéria de raciocínio, já perguntam: "Pra quê estou aprendendo isso aí?" Não tem ainda visão de continuidade...

- No colegial, você trabalha mais com Desenho geométrico e Geometria Descritiva, não é? Dá tempo desenvolver Desenho de observação, Desenho de criação?

- Eu aplico, o que ele aprende é o que eu faço. Eles mesmos criam, por exemplo, eu dou as idéias. Terminei agora tangência, tem muitos rapazes ali que trabalham em oficina mecânica. Então, eles fizeram Desenhos aplicando na arte, Desenho de motor. Então, eles inventaram usando a tangência...

- E a parte da livre-expressão, sem aplicar a Geometria?

- Então... uma classe tem 50 alunos: 30% entra nesse campo técnico, aplicando tecnicamente, outros entram no campo... no caso... muitos ali... Tangência; eu estava fazendo no 2º ano tangência e circunferência. Eles não usaram o Desenho tecnicamente. Usaram para fazer "desenhinhos" assim, artísticos: a forma de uma olho, a forma de alguma bichinho, algum pássaro, algum inseto, assim... Porque ele já não vê da maneira que o outro vê, dentro do curso.

- E a Educação Artística, como você vê?

- Não, eu não dou. Só tenho uma classe para completar a carga horária.

- Você acha que a Educação Artística completa a parte do Desenho expressivo, de comunicação?

- Eu acho que o Desenho deveria começar na 5ª série. Inverter com a Educação Artística, ou as duas, começar juntas... ou começar o Desenho primeiro. Porque, às vezes, quando você chega numa classe, que você vai dar Educação Artística e ele nunca viu Desenho, ele não sabe nem usar os instrumentos, corretamente. E é uma continuidade, né? Eu acho que deveria ser o contrário, começar primeiro, pelo Desenho, depois a Educação Artística. A Educação Artística que eu dou, eu entro na parte de Plástica, entro... na parte de confecção de alguma coisa, sabe? Dependendo da época... alguma comemoração, Dia das Mães, dos Pais, Dia da Criança, Festa Junina... Então, eles fazem ornamentações. Eu ensino algumas técnicas, entendeu? Essa é a minha maneira! E a parte de Plástica, eles têm a pasta deles, fazendo as atividades comemorativas...

- Parece que o Desenho está caindo do currículo. Na sua opinião, a quê você atribui esta queda?

- Falta de professor. Porque tem escolas que não tem professor de Desenho, sei lá... às vezes, talvez, a direção da escola também. Porque às vezes, tem escola que adota ou não. Tem escola que, às vezes, coloca no currículo ou não... Olha, é isso aí: estão dificultando o ensino e facilitando ao aluno, só. Então, estão caindo

naquele básico, que é Português e Matemática. E isso não é nem culpa da escola, vem lá de cima, de gente que não está aqui dentro... Então, acho que nem deveria ter nota mais. O aluno que é interessado vem e trabalha.

- E quanto à direção, você sente influência na sua maneira de trabalhar?

- Não, na minha matéria, não.

- E em relação ao professor de Matemática?

- Não, quando eu vou dar a matéria, eles vêem que o aluno tem conhecimento daquilo que estão falando. Então, não chegamos a conversar, assim. Quando a gente conversa alguma coisa na sala dos professores, que ele comenta a matéria que está dando, tem a ver com a matéria que estou dando. Automaticamente, está seguindo paralela.

- E a sua metodologia? Como você trabalha?

- Todinha técnica. Com instrumentos, não adoto livro. Eles têm que copiar toda matéria. Eu exijo essa matéria em ordem, em pasta... Depende da condição financeira do aluno. Ele pode fazer onde quiser, na hora da aula. Mas tem uma data que ele tem que apresentar isso daí.

- Passado a limpo?

- Depende. Tem aluno que faz direto, porque gosta da matéria, entende, sabe... Tem aqueles outros que não acompanham muito bem, rascunham e depois passam a limpo. E sistema de provas, exercícios e trabalhos.

- Quais são os critérios de avaliação? O que você leva em conta?

- Começa desde a folha que ele está usando, porque é técnica. Exijo a técnica. Posição correta da folha, com margem, com legenda, letra tipo bastão... tudo em preto, a lápis ou caneta, sem alinhamentos de uso de folha-sombra. Tem uns que já aboliram, mas outros dependem do alinhamento. E uso dos instrumentos.

- E no caso dos exercícios? O que você leva em consideração?

- Bem, em primeiro lugar, a construção de raciocínio, que ele traçou, que ele soube fazer. Aí, depois, vem aqueles descontinhos por às vezes ter feito em qualquer lugar, ou não ter usado desta que na resposta, e vem essas outras coisas... Mas, em primeiro lugar, a construção, o conhecimento dele...

- Em que você se baseia para organizar o conteúdo programático?

- Em livros e na experiência.

- Dá tempo para cumprir o conteúdo proposto?

- Dá, porque eu aplico a base fundamental, necessária. Por exemplo: tem bimestre que só foi matéria. Não dá nem tempo de fazer outra coisa. Então, é matéria, exercício, é prova. Nem vejo caderno, trabalho, nada.

Só a parte técnica, por causa do tamanho do currículo e da classe. Agora, quando sobra tempo, dá pra se fazer uma porção de coisas. Dá pra explicar bem...

- Você poderia citar as dificuldades que tem encontrado no ensino do Desenho? Em relação aos alunos, à sua formação, à escola?

- As dificuldades, às vezes, que apresentam é problema financeiro do aluno ou conhecimento dele. É o que eu falo, começou na 7ª série, é como se o aluno estivesse no 1º ano de Desenho... Então, tenho que começar tudo... Acho que deveria começar na 5ª. A base está na 7ª e fica muito pesado. Por isso que, às vezes, eles não gostam da matéria e vão mal. Dificuldade em mexer com instrumentos... Mas, tecnicamente, eles não sabem usar, não sabem nem preparar uma ponta de compasso! O material que eu uso é caderno ou sulfite, lápis, caneta, instrumentos... Esse material que eu exigi é usado em todas as outras matérias. Eu dou até um tempo... acho que eles têm é que comprar um caderno, no começo do ano. Então, dou um tempo. Podem copiar onde quiserem. Ai, tem um dia marcado para trazer tudo a limpo. Mas eles já estão acostumados comigo. Até agora, não tive problema não. Não tenho dificuldade quanto à atribuição de aulas. Estou aqui e não tem nenhum outro efetivo.

- E a carga horária? É suficiente?

- Olha, se pudesse ter mais aulas, seria melhor. São duas aulas só.

- E em relação à sua formação?

- Não. Não tenho dificuldade. Porque, acho que é assim: o estudo da gente, acho que cada um tem o seu interesse. Até coisas que você estudou, acha que não vai aplicar nunca. No vestibular mesmo, nos concursos para Professor III, não tem nada a ver com o que a gente faz, com o que você já estudou. Não tem nada a ver! Então, não tem lógica!

- Você é um dos poucos que trabalham com Perspectiva, com Geometria Descritiva. Os alunos aceitam bem?

- Aceitam! Gostam! No começo da matéria, é um pouco difícil fazer enxergar, mas eu começo não na lousa, eu começo no espaço, com objetos, com exemplos deles mesmos, com a luz e a sombra, certo? Vendo a distância, a projeção. Então, é uma coisa mais positiva, deles mesmos observando as coisas. Mas é na base do diálogo com eles. Eles dando exemplo de alguma coisa que já perceberam na Perspectiva. Eles gostam mais de Perspectiva do que Descritiva.

- E sugestões para melhorar o ensino do Desenho?

- Olha, eu acho que teria que continuar, ser uma matéria exigida - como a Matemática, Português. Porque uma depende da outra. Teria que ser um tipo matéria básica e fundamental, desde a 5ª série. E ter professor na escola.

- Você encontra dificuldade quanto a falta de consideração pela disciplina?

- Em Desenho não. Em Educação Artística, às vezes, eles comentam. Por isso mesmo, adoto o sistema de trabalhos. Fez, usou o material, então está avaliado. Agora, Desenho não! Ele mesmo pode corrigir a prova dele! Na minha matéria, não tenho essa dificuldade.

- Você sente falta de cursos de reciclagem, de atualização?

- Mas Desenho... não tem o quê! Desenho é técnica. É como a Matemática! É aquela fórmula, é aquela! Você vai aplicar aquilo! Não muda nunca! O traçado da mediatriz, do ângulo, é aquele mesmo! Não muda nunca! Agora, atualização é você quem faz. Depende do lugar em que você dá aula, tem que levar de acordo com o lugar. Mas, a técnica, a base é a mesmo... Não acho falta de encontros pra trocar experiências. Eu tenho muitos colegas que vem me procurar, pra ver o que estou seguindo, fazendo... Porque como eu trabalho com arte, eu gosto de aplicar muito e é uma coisa atual.

- Alguns professores têm achado falta de uma orientação ou programa básico, O que você acha disso?

- O problema é que o professor de Desenho está confundindo com Educação Artística. O de Educação Artística não tem conhecimento básico de Desenho. Os alunos que vieram de outras escolas dizem que o professor parava no meio do exercício procurando no livro como construir. Eles não têm base! Agora, temos faculdade de Educação Artística, uma no campo da Música, outra de teatro, artes plásticas... Acho que teria que voltar a ter um curso de Desenho mesmo, como eu fiz e outros professores fizeram. Como na minha época. E que esses professores não partissem para Educação Artística que é muito fácil. Eles fogem da aula de Desenho porque raciocínio é mais difícil de passar para o aluno. O difícil é só o comecinho, porque depois, ele vai desenvolvendo... Quem não teve professor de Desenho e teve outros professores dando Desenho é outra coisa! Não tem noção nenhuma... Quem não teve Desenho, não vai saber passar nunca! No colegial, quando o aluno está consciente do que ele quer, é importante fazer a verificação do que ele acha da escola que tem e da que não tem Desenho!

Entrevista nº 11 - realizada em 08/09/1992

- Fale-me sobre a sua formação escolar.

- Bom, eu fiz o ginásio até a 6ª série em colégio interno. Aí, fiquei um tempo sem estudar... Daí, retornei ao estudo, fiz a 7ª e 8ª séries em escola do Estado e dando seqüência, fiz o 1º, 2º, 3º científico. Daí, prestei vestibular para Desenho. Fiz a minha "abençoada" Faculdade de Desenho e, quando estávamos para terminar a Faculdade, houve aquele "golpe" contra nós, não é? Acabou o Desenho... Aí, tivemos que fazer aquela complementação de Educação Artística, meio assim... a contragosto... mas, para aproveitar aquele tempo da Faculdade, a gente teve que fazer para não perder... Porque todo concurso que vinha depois disso era em cima de Educação Artística: o Desenho tinha acabado, né? Embora o comentário paralelo que gente percebe é que Desenho é muito cobrado, muito solicitado - não assim, diretamente do aluno falando: "Eu quero Desenho!" Não! A gente percebe que eles têm uma certa dificuldade em Matemática, principalmente... porque, aqui, a gente não trabalhou o Desenho... Mas aquele trabalho contínuo, aquele trabalho sério... e hoje, Educação Artística está fazendo isto, mas assim meio tropeçando... mas a gente não pode estar cobrando muito, porque não há avaliação, eles sabem que não tem nota. Eu já abri o jogo pra eles e falo que não há retenção... Mas só que eu tenho um trabalho argumentado... porque eu pus na cabeça deles que é uma coisa que a gente está passando pra eles que é muito importante. Então, eu estou dando os fundamentos do Desenho para eles... Eu coloquei na cabeça deles que eles têm é que argumentar, então paralelo a esse Desenho, estou trabalhando Educação Artística. Paralelo à Educação Artística e o Desenho, estou também dando instruções civis pra eles, porque estou fazendo ele argumentar o exercício. Estou colocando obstáculos pra eles descobrirem e argumentarem, entende? Então, já levo tudo isso dentro desses padrões... Então, o critério de trabalho meu é trabalhar com pranchas. Por que eu falo pranchas? Pra dar para eles aquela idéia... pra quando eles chegarem lá no curso superior, ou já lá na frente, no curso colegial, eles saberem do que estamos conversando, pra não ficarem olhando pra gente como se estivéssemos falando uma grande novidade... Já vou fazendo com que ele perceba a seriedade da coisa e atrás disso eu trabalho Educação Artística, também Desenho e Música. Então, eu tenho uma agenda com eles... eles já conhecem a agenda: esta semana, é semana de Desenho geométrico. Então, ele só traz material pra trabalhar Desenho geométrico. Não forço muito a barra, porque a gente tem que ir devagar, porque eles não têm aquela... não é? Na outra semana, é Educação Artística. Na outra, vamos trabalhar Arte Musical. Depois, na outra, volta à carga Educação Artística. Depois, na

outra volta Desenho. Quer dizer, Desenho é bem "raleado", mas eu não deixo de dar essas coisas importantes para eles. Jogo Educação Artística. Trabalho muito bem em cima deles sobre isso. Vejo o que mais gostariam de apresentar. Eu faço uma conscientização do trabalho deles, da maneira como se comportam, da maneira como eles trazem os problemas. A gente tem resolvido problemas deles, de casa, trabalhando dentro da sala da aula... Então, esse é o trabalho da gente. No colegial, a pretensão era trabalhar um pouco mais com Desenho geométrico. Fiquei surpreso, porque eles não "sa-bem" absolutamente "na-da" de Desenho!! No 2º colegial, eles não sabem... alguns sabem porque fizeram SENAI, Noroeste... E o 3º também! Então, eles estão preocupados, porque, de repente cai no vestibular alguns exercícios e, por causa disso, ficam mal classificados. Mas a gente está trabalhando porque está na grade e no 3º colegial acelerando... No 3º e no 2º colegial, dá pra gente dar uma corridinha... Só pra você ter uma idéia, no 2º colegial, hoje, já fizemos 16 pranchas, enquanto que no 1º colegial chegou na 9ª prancha, agora. E a criançadinha da 5ª e 6ª série está fazendo a 4ª, 5ª prancha. É bem devagar... Eles aprendem e fixam aquilo que é dado... Não acelerado, claro! E o 1º colegial, além dos Desenhos das construções fundamentais, nós começamos já em fevereiro, fazer uma sondagem de interesse. Eu percebi que eles gostariam de trabalhar Educação Artística como aprofundamento de coisa que interessaria mais, pra eles, porque não adianta nada ficar dando técnica de pintura, aquelas coisas... e 70% fica de corpo mole, certo? Então, trabalhamos com propaganda com eles e ficaram empolgados! Chegaram até a cobrar: "Puxa vida! Então, vamos ter propaganda? Porque tivemos na escola particular, mas foi meio corrido!" Então, falei: "É bom deixar bem claro que vamos dar noções de propaganda". Eu não posso aprofundar ao ponto de ficar absorvido toda a Educação Artística só em propaganda. Então, comecei a dar propaganda e trabalhar Desenho e trabalhar Educação Artística. Em outros setores, Desenho artístico em si. Enfim, fazendo todo aquele trabalho paralelo. Mas, trabalhando muito em cima de propaganda... E eles cobram e passaram a se interessar... Então, eu acho que o resultado tem sido bem satisfatório neste campo.

- O Desenho que você teve no ginásio, no colegial, marcou ou influenciou você?

- Olha, o meu professor de Desenho no ginásio e no colegial foi o professor Benê. E, naquela ocasião, a gente o tinha como um grande amigo nosso. E isso facilitava bastante porque a gente tinha liberdade de chegar até ele e colocar os problemas que a gente estava

sentindo com o Desenho. É, eu confesso a você que, em Desenho eu não era uma BRASTEMP não! Mas eu gostava do Desenho. E quando foi para fazer opção para a Faculdade eu falei: "Puxa vida! Gosto tanto de fazer tracejado, essas coisas... Vou partir para Desenho" e peguei gosto lá. Eu acho que o Desenho educa o aluno a ser disciplinado socialmente, no seu estudo. Você trazendo ele com essa rigidez que a gente tem trabalhado com o esquema de prancha e hoje fiz uma pesquisa com eles, esperando um resultado crítico, de forma que melhorasse a maneira de como trabalhar com eles... E em alguns comentários disseram que no começo ficaram assustados com a sistemática, mas hoje eles adoram e gostam da maneira como é trabalhado o Desenho, tanto como pela maneira como a gente cobra deles, pelo rigor da coisa. Gozado! Como eles gostam que a gente seja exigente e rigoroso com eles! Eles apreciam muito isso! Eles não gostam desse negócio de deixar na moleza, não! A gente pensa que eles aplaudem, coisa e tal! Mas, depois, eles vêm e comentam que, realmente, é um negócio muito bom...

- Na sua opinião, qual a finalidade do curso de 2º grau?

- Na amplitude? Olha, veja bem, eu tenho uma opinião... eu não sei se deveria falar... porque a gente está com um nível bom de conversa e, de repente, o que eu falar, você pode dizer: "Pôxa! Está querendo voltar atrás!"

- Não. Não, em absoluto...

- Veja bem, eu gostava muito do esquema anterior, quando o aluno chegava na 4ª série, recebia o seu diplominha e era estimulado, era valorizado, sentia naquilo um valor extraordinário, entende? Ai, ele teria oportunidade de partir para a série seguinte. Evidentemente, o esquema que havia e que eu não sou muito partidário daquilo também... daquela seleção que se fazia, é lógico que aquilo lá era uma peneiração que se fazia. Mas, não sei porque não ter aquele esquema. Porque hoje, se você prestar atenção, nós temos escolas, temos alunos temos gente adulta que se formou na 4ª série que sabe mais do que os alunos hoje, de 8ª série. Num país em que estamos quase passando fome, até o próprio Magistério quase passando fome... à mercê dos políticos! Por que esse esquema de manter essa criança oito anos para ter condições de ser admitido no emprego, que ela não tem o 1º grau? Pra quê esse absurdo? Por que não manter a 4ª série? Mas, uma 4ª série bem dada, prestigiar mais os Professores I, dar mais condições de trabalho pra eles. Eles dão uns resultados extraordinários! Os Professores I fazem milagre com essa criança! Depois, há uma fase que se jogaria essa 5ª a 8ª série, que seria um acréscimo que ele teria no seu primário. Agora, a pergunta sua: "você acha necessário esse 2º grau?" Veja bem: o conteúdo que é dado pra esse pessoal desde o CB, que vem trazendo, trazendo, trazendo... quando ele chega na 8ª série, ele está na metade do caminho do conhecimento que deveria ter pra enfrentar aquela turma que está lá em cima, na Faculdade ou as exigências da Faculdade. Caiu o nível das Faculdades? Caiu! Porque caiu o nível do colegial. Porque, em consequência disso, também

caiu aqui em baixo, o 1º grau. Então, se nós condensarmos mais a 1ª a 4ª, a 5ª até 8ª, talvez, porque eu acho que a pretensão da pergunta seria: "Porque existe o 2º grau?". Ele existe apenas... Deveria se chamar de 5ª... não deveria chamar de 1ª a 8ª série do ginásio e tirar o 2º grau. Mas acontece que a nossa legislação diz que eles terão que fazer o primário e o primário termina na 8ª série! Entende? Por isso, é que é de 7 a 14 anos... Mas esse 2º grau, o que é? Ele é o intermediário que vem para aqueles que estão interessados em prosseguir o estudo. É democrático? Eu não acho que é democrático. Eu acho que isso é um pouco elitista. Disfarçadamente, ele é elitista porque aquele pessoal que sentiu o peso aqui, vai para o 2º grau, sabendo que lá tem muitas disciplinas que são mais exigentes. Então, ele se acha numa situação assim: "Ah! Minha 8ª série é suficiente pra enfrentar a vida. E não enfrenta, o 2º grau. Agora poderíamos distribuir tudo o que existe no 2º grau e jogar no 1º. Não sei se seria uma idéia, da sua tese, do seu mestrado... jogar do primário já direto para a Faculdade.

- Não, não. O que estou pesquisando é "pra quê serve o Desenho no 2º grau?"

- É... eu devolvo a pergunta: "E por que ensinar, se não somos prestigiados?". Então, a primeira coisa: estou trabalhando o 2º colegial de uma forma, que, quando chegarem no 3º, eles terão muito mais coisa para ver em Desenho. Mas, já com alicerce, estruturado com construções fundamentais. Estou fazendo com o 1º colegial, para que, quando chegarem no 2º, tenham uma evolução maior que o 2º deste ano. Para que, quando estiverem no 3º, a coisa já avançou muito mais... Eu não tenho 7ª e 8ª série, nada! Então, estou trabalhando com 5ª e 6ª. Um aluno de 5ª série está fazendo o mesmo exercício que estou dando no 1º colegial! Coisa de louco! Mas esse aluno, quando estiver lá na frente, eu posso, depois, distribuir muito mais. Educação Artística em cima, trabalhar mais esse garoto, porque ele viu esse Desenho com seriedade. Quando chegar lá na frente, lá, naquela pretensão que eu tenho de 2º colegial, ele está dominando realmente. Imagine, como é que vamos trabalhar esse elemento para Desenho? E, pra quê serve esse Desenho no 2º grau? Então, eu vou perguntar pra você: "Pra quê serve Inglês no 2º grau? Pra quê serve Física no 2º grau? Química? Pra quê serve tantas outras disciplinas?" Oh, mas elas fazem parte da grade! Tudo faz parte da grade! Se você colocou na grade, então tem que cumprir. Agora, ela disciplina o aluno. Além de tudo, leva ao conhecimento do aluno, de muita coisa que terá utilidade na vida prática dele. Certo? Como posso amanhã ou depois admitir que um aluno que passou por aqui, consiga fazer aquela porta, se ele não sabe nem o que é esquadro, medida, não sabe nada... Então, na vida prática, tem uma utilidade imensa e muito mais do que o Inglês... não sou contra o Inglês, é lógico... é apenas uma comparação...

- Desenho é uma coisa importante, para a vida, em geral?

- O Desenho geométrico?



- O Desenho... na abordagem que você deseja fazer...

- Se Desenho é importante para a vida? (pausa) De formação dele, cultural? Na vida prática, acabei de citar o caso pra você... Por que a gente está dando muito mastigado certas coisas, sabe?... E por que o Desenho é importante? Porque a gente está dando muito mastigado pra eles. Tem que fazer eles trabalharem... Você viu o aluninho discutindo Desenho aqui comigo? É trabalhando assim que eu quero, que pra ele discutir, criar o senso crítico, construtivo... Mas é impressionante, eles não sabem por onde fazer a fundamentação crítica! "Que é que eu tenho criticar?" É gozado, que eles elogiaram, gostaram... acharam que o Desenho tem facilitado as coisas, tem ajudado, em termos de estudar, como se coordena, entendeu? Eu vejo por aí.

- Que modalidade de Desenho você aborda no 2º grau?

- Só Desenho geométrico. Não adianta falar em outra coisa... Eles não sabiam o que é paralela, perpendicular. No 1º colegial, eu já "embolei" Desenho abstrato, porque temos que ver o Desenho como expressão de sentimento... Nossa! Foram aulas que eles adoraram! Disseram: "Nunca vimos Educação Artística sob este ângulo!" Lógico, porque esse negócio de pegar papel e ficar pintando, pintando, mas não ter a razão de porquê fazer isso, não funciona!

- Que dificuldades você sente em relação ao ensino do Desenho?

- Olha... dificuldades... A Secretaria de Educação não está muito preocupada com Desenho, com Educação Artística, com essas coisas... com dotar a escola de

condições pra você trabalhar... Você vai fazer esses cursos que eles vê dar aí, você fica um dia inteiro pra aplicar uma técnica! Eu tenho só 45 minutos à noite e 50, durante o dia! Você começa a trabalhar e tem que interromper. Se é um trabalho de surpresa, não dá pra fazer! Você não pode pedir material. Eu não vou pôr material do meu bolso! E também a formação de casa, o contexto na sociedade, entende? Tenho visto pais que têm comentado: "Puxa vida! Meu filho tem feito uma coisas muito interessantes, que a gente nem imaginava! Como as crianças gostam do professor e de como o senhor tem trabalhado!" Então, se eu quiser trabalhar direitinho com Desenho, eu precisava exigir uma sala-ambiente, com pranchas, material... Pra trabalhar com Educação Artística, preciso de sala-ambiente, toda aquela parafernália...

- E sugestões para o ensino do Desenho?

- Por que o Estado não retira a disciplina Educação Artística, como retirou Arte Musical, Desenho... e contrata um professor para trabalhar Arte Musical fora do horário escolar, montando banda escolar, coral, acompanhando o interesse desse pessoal mas, tudo com seriedade de trabalho, né? E esse professor poderia completar o seu tempo em outra escola. Mas, ele estaria à disposição dos alunos para trabalhar. Ampliando essa idéia, porque não ampliar com Educação Artística? E também o próprio Desenho! O aluno ficaria menos horário dentro da sala de aula, por causa dessas disciplinas e ele teria essas aulas fora da sala de aula, numa sala especial, ambiente. Mas, o Estado não vai fazer isso aí, porque já sabe a despesa que vai dar, não é? Então, é sugestão utópica... Ele tinha que fazer parte da grade, mas com uma atividade que o aluno viria fazer...



Entrevista nº 12 - realizada em 10/09/1992

- **Fale-me a respeito de sua formação escolar.**

- Estudei sempre em colégio de Estado, o ginásio e o normal.

- **Que lembrança você tem do Desenho, na época do ginásio, do curso normal?**

- Olha, eu lembro muito mal da professora. Não ficou gravado nada. Tanto é que, pra fazer o vestibular, fiquei uma semana na casa de um tio, professor de Desenho, para aprender o fundamento: mediatriz, bissetriz, usar esquadros... eu não lembrava nada! Eu lembro... O que me gravou mais, foram trabalhinhos de mosaico, que tinha que pintar aqueles quadradinhos com guache pra formar um Desenho. Foi uma das coisas que mais me ficou gravada, e não tinha nada a ver com Desenho geométrico. Agora, de Geometria, nem lembro! Eu lembro dos meus cadernos de Ciências, que tinha que desenhar, fazer... mas, de Desenho geométrico, eu não lembro nada, nada, nada! E, não é que eu não lembro agora, quando eu fiz vestibular, eu não lembrava que tinha visto como construir uma perpendicular, um ângulo... Não ficou nada gravado.

- **O que levou você a fazer vestibular para Desenho?**

- Para falar a verdade, minha intenção não era fazer Desenho, era fazer Educação Física. Mas, como eu era uma nulidade em natação, fiquei com medo de prestar o vestibular. Aí, esse meu tio professor me deu a idéia do vestibular pra Desenho. E foi quando aconteceu... Me preparei nuns três ou quatro dias e fui fazer o vestibular.

- **Qual a finalidade do ensino de 2º grau?**

- A maioria do pessoal encara o 2º grau como uma preparação para o vestibular. Eu não sei se é a função real dele: preparar para o vestibular. Porque a gente sabe que, pelo menos 70% não vai continuar ou, pelo menos, vai tentar continuar e não vai conseguir ingressar em lugar nenhum. Do jeito que está sendo, o 2º grau com uma formação geral... ele deveria ser mais profissionalizante do que qualquer outra coisa; em vez da meta ser preparar para o vestibular, ele deveria ser mais específico: não tantas matérias, ou então, direcionar, formar classes, por exemplo, para alunos que têm tendências para exatas (Desenho, Matemática, Física...), para Magistério... Eu acho que até diminuiria o número de classes e prepararia melhor. Ou então, cada escola de 2º grau, de modo geral, deveria zonear: determinar zonas, dependendo das atividades da região. Prepararia a criançada para aquilo, para não sair daquilo. Quem, desde a 1ª série, já tem tendência de querer fazer o vestibular, então teria a cultura geral (aquele mundão de matérias) e aqueles que querem optar por uma profissão qualquer, a escola teria de dar

condições. E, não preparar todo mundo como se fosse fazer uma coisa só! Eu acho que seria o mais sensato, não sei se o mais prático. Na verdade, nem se prepara para o vestibular, nem se prepara para a vida. Porque são poucos, só aqueles alunos excelentes (que hoje em dia são poucos) é que vão aproveitar aquilo e vão aplicar mais tarde, numa faculdade.

- **Que imagem lhe traz à mente, a palavra "Desenho"? O que ficou marcado para você?**

- A gente associa Desenho com uma figura seja ela geométrica ou artística.

- **Você vê importância do Desenho para a vida, no sentido geral?**

- Eu acho que, das matérias, ainda se falando do 2º grau, eu acho que o Desenho no 2º grau, seria uma matéria profissionalizante, pode-se dizer. Não como está sendo encarada hoje, mas a gente poderia destacar, por exemplo, Desenho técnico, Desenho mecânico, uma gama muito grande que poderia ser aplicada na vida real. Não seria só aquela teoria, aquela coisa abstrata... No dia-a-dia, a gente aplica o Desenho mesmo sem ter formação, em qualquer coisa, quase que sem o saber.

- **E para o 2º grau, qual a finalidade do Desenho?**

- Se fosse preparação para o vestibular, seria preparar o aluno para Arquitetura, Engenharia... Desenho Industrial... Eu acho ainda que a gente dá aula de Desenho, mas sabe que está faltando alguma coisa. Não é bem aquilo que a gente queria transmitir para o aluno, ou preparar para o vestibular. Você estaria preparando quanto? Para cada ano, um aluno é que vai usar aquilo. Se a cada dois anos aparecer um, que tem aquela tendência natural, que a gente vê que pode seguir... Mas não, é difícil! Eu acho que deveria ser encarado como profissionalizante, como faz o SENAI, para preparar para alguma coisa, porque eles saem dali do 2º grau, têm condições de pleitear um serviço, aplicar... aquilo ali, em alguma coisa! Eu não vejo isso aí, não só no Desenho, não vejo em matéria nenhuma... É acadêmico!

- **Os alunos já perguntaram a você: "Pra quê estou aprendendo isto?"**

- Não é só essa pergunta. Mais ainda: "Eu detesto isso! Não quero nem ver!" Tem bastante...

- **Como você explica essa situação?**

- Eu não sei... Pra dizer que foi porque o aluno foi reprovado anos atrás e pegou birra, não é. Porque Desenho não deixa ninguém... Acho que cada um tem uma tendência. Quando não gosta, não gosta mesmo!

Ou, sei lá porque... o professor de Desenho é meio exigente também... A gente gosta da perfeição e eles, nessa idade em que estão, perfeição não é com eles... Pode ser que esteja faltando mostrar o lado prático da coisa...

- Você acha importante trabalhar com outras modalidades de Desenho, além do geométrico?

- Na 8ª série, eu aplico mesmo em Educação Artística, a Perspectiva e eles gostam, por incrível que pareça! É a única parte que eu vejo que 90% da classe fica interessada. No colegial, até o mês passado, estávamos vendo os tipos de perspectiva e eles vêem o resultado... uma noção de luz e sombra e eles se entusiasma bastante! Esse bimestre, disse que ia entrar um pouco em Geometria. Aí, já vi que o ânimo da classe já diminuiu bem! Tá faltando alguma coisa! Eu não sei se é muita teoria... Eu não gosto de muita coisa decorada! E, se você não dá a teoria para eles, toda vez que se vai fazer alguma coisa para eles, tem que repetir a mesma coisa! Eu não sei o que está faltando! O que é preciso para eles reterem esse conhecimento? Muitas vezes, na mesma aula, só muda o tipo de exercício, ele não transferem, não associam que aquilo que acabou de fazer ali é a mesma coisa. A gente até perde a esportiva de vem em quando.

- Na sua opinião, a Educação Artística está suprimindo o lado expressivo do aluno?

- Não. Eu estou vendo Educação Artística como preenchimento de uma lacuna. Não tem uma matéria pra tapar aquele buraco, naquele determinado horário da classe, então, jogam Educação Artística pra eles! Se o Desenho geométrico já está assim, Educação Artística então...! Está mais perdida ainda! Pode ser até que eles gostem de fazer, mas é uma coisa que é um passatempo, uma diversão, uma higiene mental... É alguma coisa que estão fazendo para passar o tempo, para espalhar... Até agora, não vi resultado na Educação Artística. Muitas vezes, estou dando aula e sentindo quase que inútil dentro da sala de aula. Mas isso aqui vai levá-los a quê? Pra quê vai servir? Onde vai ser aplicado? É lógico, está certo, o aluno tem uma tendência também. Mas, aí, ele vai procurar um curso especializado: propaganda, Desenho artístico, que a gente não tem condições de oferecer... Pra trabalhar é muito mais gostoso dar Educação Artística, não se desgasta... mas, não vejo a prática, a utilidade...

- Você tem trabalhado Desenho geométrico integrado com a Matemática?

- Dificilmente acontece essa integração. Pouquíssimos foram os anos em que houve integração com Matemática, por duas razões: primeiro, porque eles sempre deixam para dar Geometria nos três últimos meses e você está com Desenho desde o primeiro bimestre. Então, não tem jeito, como você vai fazer um compasso de espera do seu programa com o programa dele? O ideal, seria caminhar juntos. Enquanto estamos vendo a construção geométrica, eles veriam a parte teórica. A outra razão é que, se a gente for se ater só à

Matemática, eles terão triângulo só na 8ª série, quando em Desenho já é dado na 7ª. A não ser que a gente faça o programa de Matemática, mas o professor teria que alternar as aulas de álgebra e Geometria. A Geometria seria, pelo menos, uma vez por semana e não deixar pra dar só no final. Se eles fizessem assim, ainda dava. Não atrasaria tanto a gente...

- E quanto a direção, você sente interferência sobre o seu trabalho?

- Não, não. O diretor não interfere em nada...

- Você aborda somente o Desenho geométrico?

- Só. Não adianta dar outra modalidade, porque eles têm aquela lacuna: Educação Artística no 1º colegial. Eles têm Geometria na 8ª série, depois só no 3º colegial. Então, quando chega no 3º, ele não sabe mais nem o que é perpendicular! Se a gente for falar em Perspectiva, Geometria Descritiva, projeção... Então, empena tudo! Então, volto e dou todas aquelas noções fundamentais como na 7ª série. Perco uns dois meses com construções fundamentais, justamente porque não tem continuidade... E outra: você recebe alunos de outras procedências que nunca tiveram Desenho! Aí vem o caso das adaptações...

- Aponte dificuldades que você sente em relação ao ensino do Desenho:

- Uma delas, é a preparação dos alunos, esses hiatos que quebram a continuidade. Muitas vezes, é a falta de material. Tem escolas que não tem um compasso! Às vezes, temos que trazer o esquadro para casa, para arrumar. Régua, eu chamo de curva de nível!... Então, é uma tristeza! Falta sala-ambiente com pranchetas decentes! Quanto ao material dos alunos, o compasso está caro demais para o poder aquisitivo deles. Se tem um compasso é de má qualidade. Nem 50% dos alunos da classe tem material completo. Até para trabalhar, sentam em dois ou três, formam grupinhos em torno de quem tem material. Até que eu acho que os alunos do colegial (esse é o primeiro ano que pego o 3º colegial) é uma das melhores classes que eu tenho. A gente sente que não gostam muito, mas são interessados, tentam fazer, prestam atenção. Alguns ajudam os outros. Muitas vezes, você é obrigado a demonstrar para o aluno à mão-livre, porque não tem instrumentos! Então, você pensa que está transmitindo alguma coisa e vai olhar no caderno: eles entenderam de maneira diferente! Se a gente exige precisão, então a gente tem que fazer com precisão na lousa...

- Em que você se baseia para organizar o conteúdo programático?

- Eu me baseio em livros pra poder ter uma sequência lógica, né? Para o colegial, fiz um apanhado de livros de 8ª série, porque não tiveram noções. Nem livro pra mim, adotei no colegial. Peguei aquilo que achava que era mais interessante da 8ª série, um pouco mais difícil que muitas vezes não dá tempo de dar. Então, joguei a matéria de 8ª e um pouquinho do colegial... Acho que para todas as matérias deveriam ter um programa

mínimo. Porque, muitas vezes, a gente fica perdido mesmo! Será que o que eu dei foi suficiente? Será que dei mais do que devia? E a dosagem? Na 7ª e 8ª série não tem esse problema pela experiência da gente. No colegial, estou meio perdido. Não sei se o que estou dando é suficiente. Foi mínimo? Mesmo por causa das transferências, se todos os professores estiverem dando a mesma coisa, não quebra a continuidade. Não seria muito problema para o aluno se entrosar.

- O que você lembra do Desenho nessa época? O que ficou marcado?

- Eu tinha Desenho geométrico - Desenho decorativo, que se chamava na época (as larvas) - e, no Magistério, tive Desenho pedagógico. No meu tempo de ginásio, os professores eram aqueles "arroz-com-feijão", davam aquela coisa bem simplista e que não despertava para nada. Não tinham objetivos. Parece que o objetivo único pra eles foi traçado, ter alguma ordem.

- Nessa época, você já tinha tendência ou dom para arte?

- Eu não sei se tinha dom, mas eu tinha uma percepção, não sei se posso chamar percepção ou não, mas uma maneira de perceber as coisas de modo diferente, porque eu morava em fazenda e o meu pai chamava a minha atenção para as coisas. Por exemplo, ele plantava arroz e ele me levava pra ver todo processo de crescimento do arroz. Ele era sempre dizendo "Olha que lindo", "Olha o verde!", "Olha a cor do chaco!"... E essas coisas, essa forma de percepção eu acho que devia marcar. Escagacar o visual, ele não desperdiçava para olhar as formas... Eu acho que foi isso!

- E aí você decidia fazer Desenho?

- No tempo de ginásio eu pintava bem. Aí, comecei com os colegas, aquela história de "virinhas": "Fim de pra mim", "Como você faz?"... Foi assim... Depois, no Magistério, comecei o Desenho pedagógico. Eu tinha uma mão bem rápida para as linhas curvas, apesar de que não gosto de Desenho pedagógico. Depois, eu fui fazer Belas-Artes em Araraquara. No meu tempo, o curso já estava em decadência. Aprendemos bastante pintura e a parte de anatomia. Tinha professores bons nessa parte... Aí, vim pra cá e comecei a dar aulas. Abriu a curso de Desenho na Fundação e fui fazer Desenho. Mas eu nunca pude trabalhar realmente com aquilo que eu queria, desenhar ou pintar, porque sempre tive que trabalhar muito pra ensinar, pra agendar o "trabalho". Então, eu deixei um pouco de lado aquilo que realmente eu deveria ter feito. Fiz complementação em Educação Artística.

- É a parte de geometria, na Faculdade? Você se saiu bem?

- Eu me saí muito bem em Geometria Descritiva. O Desenho geométrico foi no fim, porque tivemos Matemática no começo. Eu sempre me dei bem com os dois lados, artístico e matemático. Eu acho que um era

- E sugestões para o ensino do Desenho?

- Eu acho que o Desenho deveria ser matéria. Enfrento o problema de desvalorização na 7ª e 8ª série porque é atividade. Infelizmente, até para o 3º colegial já estão conseguindo passar o conceito de que matéria é só Português e Matemática. As outras, nenhum interesse mais. Antigamente, esse conceito vinha do primário, depois passou para 5ª e 8ª e, pelo jeito que vai, vão passar esse conceito até o 3º colegial. No Conselho de Classe, o próprio diretor força a deixar só em Português e Matemática para a recuperação... E eles sabem que, com uma semana de recuperação... pronto!!!

... uma integração natural com a realidade do mundo. É uma parte que continua. Mesmo a minha preferência de ensinar de Desenho geométrico, deve uma forte decorativa e ele não procurava chamar a atenção para nenhum aspecto. Se chamava a atenção pela forma que tinha ali e achava: "Faz igual a isso bonito". Então se referia a aquela coisa mais artística, se foi dado por alguém.

- Você acha que essa atitude se tornou um senso comum?

- Virou... virou senso comum, isso, se a gente olhar da história da nossa educação... e por aí, nós que tivemos uma formação dos cursos... pegar lá os jesuítas, o Brasil-Colônia, e porque da desvalorização da arte... Então acho que está por aí. Cobraram apenas aquilo que é lógico, racional, as matérias que usam o raciocínio e Matemática - que são "mais importantes". Até hoje se perguntam uma coisa de aula qual a matéria mais importante... eles dizem que é a Matemática. Vai virando senso comum e o professor não busca, também, e porque. Eu acho que o erro mais grave é a falta de conhecimento do professor de Arte, principalmente do de Educação Artística - de saber que a Arte é a mais importante e de valorizar-se perante os outros, ter uma postura de tolerância dentro da escola, porque só ele com a formação dele é que os outros vão perceber como ele é importante.

- Mas, parece que ele não consegue isso...

- Por falta de conhecimento! A Educação Artística é aquela que vai comandar todas as outras. Então, mas aí, com a colocação de que todo mundo pode fazer tudo (sem buscar realmente, sem vou falar dom, mas pelo menos algumas coisas)... a percepção um pouco mais desenvolvida pra trabalhar Arte... Eu acho que o professor de Desenho de Arte, tem que ter uma sensibilidade, tem que ter algumas coisas diferente para ele poder passar isso, para ele formar alguém. Senão, não vai formar ninguém. Se ele for apenas com o espírito profissional, não dá. Se ele tem o dom e acha que nunca vai dar aula e depois cai num mundo como o de hoje - em que a profissão fácil, mais comum, é dar aula, onde o campo é maior - ele vai dar aula sem nenhum conhecimento didático... Então, o outro caso! Não tem os extremos que eu vejo na formação do professor: ou ele tem o dom e não tem a didática, que não

Entrevista nº 13 - realizada em 14/09/1992

- Conte-me a respeito de sua formação escolar.
- Estudei em colégio particular aqui, em Bauru.

- O que você lembra do Desenho nessa época? O que ficou marcado?

- Eu tinha Desenho geométrico - Desenho decorativo, que se chamava na época (as faixas) - e, no Magistério, tive Desenho pedagógico. No meu tempo de ginásio, os professores eram aquele "arroz-com-feijão", davam aquela coisa bem simplisinha e que não despertava para nada. Não tinham objetivos! Parece que o objetivo único era um bom traçado, ter limpeza, ordem.

- Nessa época, você já tinha tendência ou dom para arte?

- Eu não sei se tinha dom, mas eu tinha uma percepção, nem sei se posso falar percepção diferente, mas uma maneira de perceber as coisas de modo diferente, porque eu morava em fazenda e o meu pai chamava a minha atenção para as coisas. Por exemplo, ele plantava arroz e ele me levava pra ver todo processo de crescimento do arroz. Estava sempre dizendo: "Olha que lindo", "Olha o verde!", "Olha a cor do cacho!"... E essas coisas, essa busca da percepção eu acho que devo a meu pai. Esse aguçar o visual... Isso me despertou para olhar as formas... Eu acho que foi isso!!

- E aí você decidiu fazer Desenho?

- No tempo de ginásio eu pintava bem. Aí, começou com as colegas, aquela estória de "vizinhite": "Pinta pra mim", "Como você faz?"... Foi assim... Depois, no Magistério, começou o Desenho pedagógico. Eu tinha uma mão bem rápida para as linhas curvas, apesar de que não gosto de Desenho pedagógico. Depois, eu fui fazer Belas-Artes em Araraquara. No meu tempo, o curso já estava em decadência. Aprendemos bastante pintura e a parte de anatomia. Tinha professores bons nessa parte... Aí, vim pra cá e comecei a dar aulas. Abriu o curso de Desenho na Fundação e fui fazer Desenho. Mas eu nunca pude trabalhar realmente com aquilo que eu queria: desenhar ou pintar, porque sempre tive que trabalhar muito pra sustentar, pra agüentar o "tranco"! Então, eu deixei um pouco de lado aquilo que realmente eu deveria ter feito. Fiz complementação em Educação Artística.

- E a parte de geometria, na Faculdade? Você se saía bem?

- Eu me saía muito bem em Geometria Descritiva. O Desenho geométrico foi no fim, porque tivemos Matemática no começo. Eu sempre me dei bem com os dois lados: artístico e matemático. Eu acho que um era

complemento do outro. Sempre na Descritiva, eu sempre procurei voltar para o lado do mundo, da realidade do mundo encaixada naquilo ali. Nunca vi separado! Foi uma integração natural. Na Faculdade foi passado desligado, não mostrando a utilidade: sem uma integração natural com a realidade do mundo. E isso parece que continua... Mesmo a minha professora de ginásio, de Desenho geométrico, dava uma faixa decorativa e ela não procurava chamar a atenção para nenhum aspecto. Só chamava a atenção pela forma que tinha ali e acabou: "Faça igual e faça bonito!". Nunca se referia se aquilo tinha uma utilidade, se foi usado por alguém...

- Você acha que essa atitude se tornou um senso comum?

- Virou... virou senso comum. Isso, se a gente cobrar da história da nossa educação... é por aí. Nós que tivemos uma formação dos europeus... pegar lá, os jesuítas, o Brasil-Colônia, o porquê da desvalorização da arte... Então, acho que está por aí... Cobraram apenas aquilo que é lógico, racional, as matérias que usam o raciocínio, a Matemática - que são "mais importantes". Até hoje se perguntam numa sala de aula qual a matéria mais importante... eles dizem que é a Matemática. Vai virando senso comum e o professor não busca, também, o porquê. Eu acho que o erro mais grave é a falta de conhecimento do professor de Arte, principalmente do de Educação Artística, de saber que a Arte é a mais importante e ele valorizar-se perante os outros, ter uma postura de liderança dentro da escola, porque só ele com a formação dele é que os outros vão perceber como ele é importante.

- Mas, parece que ele não consegue isso...

- Por falta de conhecimento! A Educação Artística é aquela que vai comandar todas as outras. Então, mas aí, com a colocação de que todo mundo pode fazer tudo (sem buscar realmente, nem vou falar dom, mas pelo menos alguma coisa...), a percepção um pouco mais desenvolvida pra trabalhar Arte... Eu acho que o professor de Desenho, de Arte, tem que ter uma sensibilidade, tem que ter alguma coisa diferente para ele poder passar isso, para ele formar alguém. Senão, não vai formar ninguém. Se ele for apenas com o espírito profissional, não dá. Se ele tem o dom e acha que nunca vai dar aula e depois cai num mundo como o de hoje - em que a profissão fácil, mais comum, é dar aula, onde o campo é maior - ele vai dar aula sem nenhum conhecimento didático... Então, é outro caos! São dois extremos que eu vejo na formação do professor: ou ele tem o dom e não tem a didática, que não

adquiriu, ou ele não tem nada de sensibilidade, tem medo do outro, continua achando que a Matemática é mais forte, o Português é mais importante... Essa briga é muito difícil!...

- Você acha que a permanência do Desenho geométrico por tanto tempo no currículo escolar é pelo fato dele proporcionar um certo "status" ao professor? Pelo fato de relacionar-se diretamente com a matemática, que é tão importante?

- Hoje, eu acho que não dá nada. Nem status... Hoje não vejo nada disso... Em outra época sim, até aconteceu isso. O professor inchando o peito, dizia: "Eu não sou professor de Arte, eu sou professor de Desenho geométrico!". É como hoje, o professor que dá aula de Desenho, nunca fala que dá aula de Desenho. Ele fala que dá aula de Matemática. Ou então: "Dou aula de geometria" e não de Desenho geométrico. Eu acho que é a mesma ordem aí... Mas acho que isso hoje já não está muito não... Está uma desvalorização total! Porque precisa um de fora pra falar: "Não! Desenho geométrico é importante!" - quando ele mesmo reconhece isso! No final do ano, nas reuniões no Conselho, nem citam o professor de Desenho. A gente nem entra para as notas, na hora de avaliar o aluno. Aí, vem um professor de Português e diz: "Não! Mas o professor de Desenho é muito importante!". O professor precisa valorizar-se como pessoa. Ele precisa achar que ele é muito importante. O professor artista tem medo de ser professor, tem medo de ser artista... Ele não é nada então! Ele não se posiciona perante os alunos! Que conteúdo ele pode passar? Ele não tem sensibilidade, empolgação! É difícil, né? E, no primário, eles acham que o professor pode fazer tudo e o professor nem sabe porque está dando aquilo ali. Ou ele não dá... Falta o conhecimento! Conhecer as etapas do desenvolvimento da criança e ir encaixando no que é possível. Agora, quando o aluno chega na 5ª e 6ª série, antigamente o conteúdo já era estabelecido. Então, por que tinha esse conteúdo já na 5ª e 6ª de geometria? Então, se você vai pegar as etapas do desenvolvimento, você vai observar que, realmente, na 5ª série é para ser colocado as figuras geométricas planas como conhecimento! Porque é um conteúdo que agora ele já é capaz de assimilar. E, na 6ª série, ele já tem a capacidade do tridimensional, do volume... Para alguns não, mas é a época certa de dar o volume, de colocar as figuras no espaço, introduzindo de uma forma natural na realidade e enxergando realmente o exato! Porque já é hora dele aprender o conteúdo! Ela vai na escola pra quê? O conteúdo científico dever ser passado na escola, não deixando ao "Deus-dará" também... Há o momento certo de cada coisa. Tiraram isso também! Deve ser dado de uma maneira diferente, isso sim! Mas, se ele for passado na sequência desde o CB, na 3ª e 4ª séries, quando chegar na 5ª série é o momento certo de aprender alguma coisa. É o momento de aprender o conteúdo, realmente. Não deixar ao "laissez-faire", fazer por fazer! Não, é a hora de aprender, de ter conhecimento! Outra coisa: eu acho que a estrutura da escola é por aí... Agora, parece que estamos sentindo que ele, o Desenho, é importante e é essa importância que o professor deve reconhecer: para

quê serve, como serve e saber que a escola é necessária. Porque passamos por um período em que a escola não era necessária. Mas ela é necessária, porque é o lugar de se passar o conhecimento. Ele pode aprender lá fora, na realidade dele, ele pode ter conhecimento pela televisão, ele adquire esse conhecimento aí, no mundo que está todo cheio de formas, de cores, de acontecimentos, de fatos. Mas, na escola, é a hora de sistematizar o que estamos vendo aí fora. Não é fácil, porque os meios de comunicação colocaram isso de uma forma muito rápida, muito aberta e muito sofisticada, que o professor não conhece, não tentou buscar junto. Agora, fica mais difícil até! Ele não acompanha, porque teria que buscar junto... Nós passamos da "era do parado, do estático" para o dinâmico. Por exemplo: estou passando um filme e nele tenho que cobrar Desenho geométrico: a linha, a forma, a cor. É o momento de cobrar, de eu, como professor, organizar, estruturar aquilo ali e saber ir tirando do aluno. E, na sala de aula, na hora de passar o conhecimento, sistematizar para que o aluno leve aquilo ali. É isso que não dá pra fazer, às vezes. Às vezes, é difícil de fazer: saber colher essa influência e devolver para o aluno. É isso que teríamos que fazer, que não fazemos. Aí, dá no que dá: ou você fica fazendo por fazer, o aluno vai fazendo também por fazer... acha que a escola não é importante, porque lá dentro não tem nada... Um aluno do colegial me disse assim: "Eu gostaria que, aqui na escola (era um rapaz dos seus 20 anos), a gente fizesse mais coisas práticas". Então, eu disse a ele: "A escola não é a hora da coisa prática: é a hora de receber a ciência, o conhecimento e lá, depois, você aplica". Outra coisa também: os políticos dizendo: "Nós vamos colocar escolas profissionalizantes! Precisa de escolas profissionalizantes!". A escola profissionalizante não cabe ao Estado. No meu ver, acho que cabe a indústria, ao comércio. Eles que montem! A nós cabe formar o indivíduo. Mas é isso que muitos professores pensam. Principalmente na hora da Arte, o professor vem lá e dá Desenho técnico! Desenho técnico é específico de uma escola, de um lugar, como SENAI, SENAC... Tudo bem, lá é que se encaixa. Agora, ele precisa sentir que o Desenho geométrico veio antes e que a Arte veio antes e que a sensibilidade veio antes. Começar a desenvolver isso para ele... chegar a ser um bom desenhista técnico, senão, é uma desgraça, né! É aquele engenheiro que vai fazer a casa e não sabe nem porque fez, não tem proporção, não tem nada! Não tem o outro lado que foi básico. Mas ele também não sente nada, porque só põe no papel e vai riscar o que o outro riscou, o que o outro fez. "Mas a minha formação não bate com isso!". Ele esqueceu da Arte... Agora, o Desenho geométrico é importantíssimo na hora de estruturar tudo isso, porque é o didático. Você não pode passar qualquer coisa, nada, só emoção, só sentimento... Ainda ontem, estava lendo sobre Renascimento. Está certo que buscaram a Ciência, a Matemática, a Geometria, para descobrir o mundo... Depois, descobriram tanto que essa natureza ficou aí, toda destruída, porque o Homem achou que ele era melhor do que essa natureza. Acho que agora é o momento de

"terra firme"! Descobrir, eu já sei: tem formas, essas formas são tais, tais, tais... Já defini, já organizei e elas, junto comigo, vão construir um mundo melhor. Elas, junto! Não destruir: um ser melhor do que o outro. É caminhar junto, paralelo...

- Você está falando sobre o 2º grau. Na sua opinião, qual a finalidade do 2º grau?

- De um modo geral?

- Sim.

- Passagem. Alguns alunos sentem que estão fazendo o 2º grau para alguma coisa. Mas uns vão para socializar-se, para namorar, para ir a algum lugar... mas tem alguns que são bons. É uma minoria. Você vê, no começo do ano enche de alunos no 1º colegial. No segundo semestre, esvaziam... Só sobram mesmo aqueles que vêem alguma coisa no futuro. A maioria diz preparar para o vestibular e não para a vida. No aluno, às vezes, a gente tem que colocar para ele, e se o professor não tiver estrutura firme, ele não suporta a carga de pressão... quando você pegar, por exemplo, um 2º grau de Magistério e você diz para elas: "Meninas, antes de serem professoras vocês têm que ser gente! Se você não for gente, não vai dar nada na vida! Você não vai ser professora, doutor, mecânico...". Ai é difícil. Você precisa ter uma estrutura, saber no momento certo dizer para eles, porque é que eu tenho que ser eu primeiro. É realmente conhecer, ser forte, ser estruturado... Acredito que muitos professores não têm embasamento para garantir isso. É muito difícil! E saber da sua disciplina, do seu conteúdo, transferir para a vida... Não é todo mundo que consegue fazer esse leque... da vida, do conteúdo... É a idade também! Essas meninas podem ter o conteúdo tático... Entram na sala, dão por exemplo: mediatriz. Dão dez exercícios e elas mesmo não sabem aplicar na vida delas - a mediatriz, o meio-termo, as metades. O começo de tudo está na faculdade, também. Na preparação da idade... É o círculo vicioso...

- E o Desenho no 2º grau, qual a finalidade?

- Foi o que eu te falei: tanto faz se você der Educação Artística, Desenho ou Desenho geométrico: você tem que abrir esse leque de informações para o aluno de colegial. Ele tem que receber em nível de 2º grau, em doses crescentes, informações. Você não pode pegar um aluno de colegial, na mesma dose de 5ª série, e vice-versa... Você tem que ter conhecimento das etapas do desenvolvimento cognitivo de cada faixa. Então, acho que o Desenho deve caminhar no sentido crescente... qualquer um deles... e o aluno deve chegar ao 3º colegial com dose correta de informações, para que possa caminhar na vida e usar esse Desenho (geométrico) em qualquer campo - seja ele um mecânico... que saiba tirar proveito dele... não formá-lo para uma profissão. Formá-lo sim, para ser gente. Se ele for um empresário, um doutor, que saiba realmente que aquilo foi importante. Reconhecer aquilo na vida dele, não para ganhar dinheiro, mas como formação dele.

- Bom... isso seria o ideal. E o real?

- O real, para mim, que às vezes trabalho deste jeito, comigo, 10% da classe que saiam com essa visão... o resto, ou eu não consegui (pelo meu jeito de trabalhar, ou pelas diferenças individuais dos alunos, alunos interessados) ou só que estão para passar o tempo. Se conseguir 10%, até que está bom!

- Por que só o Desenho geométrico domina no conteúdo? Por que não se desperta para outras modalidades?

- Eu vejo isso de várias formas. Primeiro, o professor não tem muito tempo de preparo. Isso é um fator muito sério. Ele dá 40, 36 aulas e ele precisa preparar as aulas. O Desenho geométrico, como ele já adquiriu isso na faculdade, é mais fácil e tem em livros, muitos de Desenho geométrico. Então, ele chega na classe e é só "socar" os exercícios - não precisa nem preparar... Então, ele só dá Desenho geométrico porque é mais fácil. Porque, procurar outros desenhos e ter cada dia um objetivo para tal desenho, chegar a uma conclusão e passar a cobrar esse outro tipo de Desenho, aí é que é o difícil. Porque é preciso o tempo de preparo. Às vezes, ele tem todas as séries e não dá tempo de preparar. Isso é um fator muito sério. Por isso, acho que o Desenho na escola deveria ser trabalhado integrado com outras disciplinas: Desenho de propaganda com Português, Desenho topográfico com Geografia... O professor deveria trabalhar integrado, senão não chega a nada... porque ele não vai formar um profissional disso ou daquilo. Então, uma das razões é tempo. A outra, a formação do professor. E a outra é a avaliação. Na hora de avaliar, o professor não sabe como avaliar esse desenho (não o geométrico). Se ele não tiver muito conhecimento daquele desenho, o aluno discute com ele e ele fica perdido. Não sabe justificar o porquê de avaliar daquele jeito. E o Desenho geométrico é fácil de avaliar. Outra é que às vezes os diretores pedem o Desenho geométrico e o professor, não tendo muita personalidade, não sabe impor porque ele quer aquilo. Então, o diretor ou qualquer outro que tenha um pouco mais de liderança acaba deixando o professor fazer o que o outro quer e não o que gostaria de fazer.

- E quanto à formação do professor, a que você se referiu?

- Geralmente, ele se especializa numa coisa e não sabe as outras. É o que eu falei pra você... é o que acontece com o professor de música: ele não sabia transferir muita coisa que poderia aproveitar. É especialista que sabe cantar, só. Ele não sabe transferir esse leque de informações que a faculdade não ofereceu, nem a didática de tudo isso, também não ofereceu. Mas, eu acho que a escola deve oferecer o Desenho, o suporte estaria no Desenho geométrico. Ele é a estrutura de tudo. É a estrutura para o Desenho técnico para o Desenho arquitetônico, publicitário, para todos, mesmo para a pintura livre. Acho que ele é o esquema, a estrutura-mestra e a escola, sendo aquela que transmite o conhecimento, não pode deixar o Desenho geométrico de lado. Mas, obedecendo as etapas do desenvolvimento

do ser humano, do jardim até a 4ª série, deve ser trabalhado com sensibilidade, como percepção, como olhar, que trabalhar isso na criança. E, talvez, aquilo que meu pai fez. É, depois, até a 8ª, é a hora de conhecer. E no colegial, é esse conhecer mais profundo! Por que não? Aprofundar, alguma coisa disso tudo. Se até a 8ª série ele passou por vários desenhos, Desenho geométrico, teatro, dança, desenvolveu, juntando sensibilidade, emoção e um pouco de conteúdo... agora, no colegial, é a hora da coisa mais firme, mais concreta, não dirigida, mas com conhecimento. Saber que você tem que levar esse aluno a buscar as coisas no caminho certo, porque senão ele fica perdido. É como educar um filho, você deixa ele sempre fazer o que quer. O que ele vai fazer? Ele não tem segurança. O aluno não sente essa segurança no professor, ele não desenvolve nada. No colegial, no 1º ano, em Educação Artística, quero levá-los a uma leitura de mundo. Levá-los a ler formas, cores, sinais todos que ter no mundo e fazer sempre uma relação com o Desenho geométrico, que é o suporte daquilo. Eu acho que o suporte está na geometria que se junta ao sensível, aos outros conteúdos, ao científico, à ciência, à biologia, física, química... Por exemplo: eu dei cor e o aluno nunca soube que a cor estava relacionada com a física e química. Quando expliquei, ele assustou! o professor precisa estar aberto para descobrir com ele. Volta outra vez ao problema da formação, do tempo, do dinheiro também, que o professor não dispõe para comprar livros, fitas e outros materiais... O xerox também está caro...

- Como você trabalha o Desenho geométrico?

- Antes de cada conteúdo é preciso que você busque o objetivo. Tem que ficar claro na cabeça do aluno o que você quer com aquele conteúdo. Aí, talvez, já comece um processo de motivação para ele se interessar por aquilo. Passar aquilo junto com alguma realidade. Essa realidade pode ser mostrada através de imagens de figuras do dia-a-dia (propaganda, obras de arte). Sempre tem alguma coisa que você pode encaixar aquele conteúdo... Quando eu passo filme ou novela, cobro os elementos que ali aparecem. E avaliar... Acho que a hora da avaliação é muito séria para o professor. Não é deixar pra lá... É a hora de cobrar o seu, porque, às vezes, aí você nota que você empolgou muito em coisas que não eram seu objetivo. Às vezes, o aluno dá respostas que envolvem apenas o seu lado emocional. Cobrança feita realmente em cima do objetivo. Ele (aluno) organiza a cobrança. Eles cobram a gente...

- Depois dessa conscientização, como você trabalha?

- Depois, tem que cair na sistematização. Na hora do exato, tem que ser o exato. Você não pode fugir do exato. O professor tem que conhecer, não só deixar para o aluno. É a hora de você passar o gráfico direito, com processos, linhas corretas. Se ele puder transferir isso para outras coisas, ele mesmo pode organizar exercícios dele mesmo. Às vezes, o tempo não dá (duas aulas por semana) tem que dosar muito bem porque, senão, você não dá muita coisa e o aluno do colegial cobra muita coisa. Ele gosta de ver o conteúdo, ele sente valorizado, ele valoriza o professor pelo conteúdo também. Você vê: tenho aula na sexta-feira e,

geralmente, na sexta-feira eles fogem, mas dizem: "a aula da senhora eu vou assistir!". Eles trabalham com instrumentos. Desenvolvem um rascunho, um esboço, primeiro. Localizam a teoria, os teoremas... No colegial, não tenho problema de falta de material.

- E quanto a avaliação? Quais são as formas e os critérios adotados?

- No colegial tem nota, mas eles sabem que, se entrarem com recurso na Delegacia de Ensino, eles conseguem passar... Isso desvaloriza, né? Eu é que falo sempre: se o professor em tarimba, ele vai mostrando outros lados, sabe, que o aluno se envolve, mas, se ele não tem... é difícil! Dou prova, trabalho, pasta. Nela, avalio o traçado. Porque, como eu já disse, é a hora dele mostrar a ordem, o capricho... Acho que isto a gente forma, é como escovar o dente... é questão de formação. Qualquer profissão que você exerça, você precisa ter ordem... saber o que é capricho... O aluno sai sem saber o que é caprichar! A gente leva em conta as diferenças... Mas tudo tem um limite! É por isso que o mundo está assim... Tudo pode! Tem coisas que não podem... Mas, não é fácil de trabalhar... Porque estamos numa desordem social, desordem educacional, política... Pra você pôr uma ordem ali, não é muito fácil! Mas o Desenho geométrico ainda é um momento que dá pra você cobrar, porque é isto dá para ver... dá pra se notar... ele revela... está claro... Aí, muitos professores dizem: "O aluno chega na faculdade e não sabe fazer um trabalho, uma capa!". Mas ninguém ensinou! A capa não é geometria? Ordem, espaço, disposição de formas? O erro é nosso, de professores... O professor deveria falar não como imposição, como cobrança, mas como alerta...

-Você desenvolve alguma coisa de representação espacial? Dá tempo?

- Olha, no 3º ano, se eu continuar com essa turma do 2º ano, dá pra desenvolver, tem que ter uma sequência. O aluno tem que sentir que cresceu...

- O problema da sequência é um problema de estrutura, como você bem falou. Alguns professores reclamam que no 3º colegial têm que trabalhar com elementos básicos, Porque ele nunca teve a disciplina nas séries anteriores do 2º e 1º graus... É um problema de organização curricular...

- Sim... Mas, eu acho que o professor pode até suprir. O aluno de 3º colegial é capaz de assimilar os conteúdos, embora dados "correndinho". O aluno deve chegar no 3º e ver que ele não aprendeu... Como eu vejo uma professora, por exemplo, que pegou no 1º colegial e deu linha porque o aluno não tinha visto ângulo, porque o aluno não tinha visto... Ele (professor) pode cobrar, mas jogar lá... o aluno consegue fazer transferência... Mas é acomodação... é muito corrido... há uma série de fatores, eu tenho pena! Agora, é uma coisa que eu falei pra você: Você tem que saber qual o papel da escola. E, ideal ou não, esse papel não pode ser esquecido! Nós já passamos por uma fase em que escola era lugar de lanche, comida, de brincadeira, de socializar-se... Mas eu acho que já está passando isso aí, essa fase... É um lugar de crescimento. E, se você não cresce - você,



professora -, também não cresce na escola. O teu aluno não cresce na escola. O que é que estamos fazendo, então? Mas, se o professor tiver em mente que a escola é o lugar do aluno adquirir conhecimento e ele souber dosar isso, eu acho que ele chega lá.

- Embora durante a nossa conversa já tenha dado pra perceber dificuldades em relação ao ensino do Desenho, você poderia citar outras dificuldades e sugestões, também?

- A dificuldade maior, eu acho que é despertar o aluno, fazer com que ele se interesse. Isso é difícil, é muito difícil! Você precisa ter jeito, conhecimento, garra, persistência... O mundo oferece muita coisa e isso eu acho que é o mais difícil! A sociabilidade do aluno é muito desenvolvida! Desenvolvida errada e de qualquer jeito e, pra juntar tudo isso, não é fácil. A maior dificuldade que eu acho, realmente, é o interesse do aluno. Também, outra dificuldade, é a estrutura da escola, em termos de direção, em termos de ambiente... É muito sério... Dificuldades materiais. Agora, pra que a gente receba material pedido à escola, é preciso que a gente conheça e saiba cobrar! E, muitas vezes, a gente não conhece: "Eu quero tal coisa, mas sei o que eu quero..."; "Eu acho que não tem material, mas também não sei o que eu quero...". Quando a gente conhece, a gente briga por ele... Qual outra dificuldade?... Formar professor mais competente. O diretor deveria conhecer o que é professor, o que é escola... porque o diretor também tem que conduzir a escola para alguma coisa... A minha sugestão: é preciso formar o professor mais

competente. O professor tem que ter conhecimento para ele mesmo se valorizar. Não esperar (esse valor) de ninguém. Valorizar-se a si próprio como professor... não adianta oferecer curso se o professor não estiver motivado dentro dele... a motivação não é fora dele... E aquele que está motivado dentro dele, vai à busca... A Universidade poderia oferecer uma reciclagem, não em termos políticos, porém uma reciclagem contínua, de busca. Mas, muitas vezes, ela não está preparada para atender a gente... Então isso, eu acho que deveria ser o centro...

- Como você vê o desempenho de Educação Artística na grade curricular?

- Sabe que eu sinto vontade de chorar quando a turma sente que ela está perdida. O professor ainda não descobriu o seu valor!! Tantos anos... Agora, pergunto pra você: Por que eu descobri?... Somos todos iguais, tivemos a mesma formação e Educação Artística é tão linda, é tão importante, é tão séria!!

- Acho que além de sua formação, aquilo que você herdou de seu pai, a tendência natural, a sua busca... fazem com que você se diferencie dos demais professores...

- Quando o professor de Educação Artística descobre que isso é importante, aí ele não esquece! Mas ele não descobriu com ele! Cadê os professores da Faculdade descobrindo pra esses professores de Educação Artística?... Como é que você vai dar aula de Educação Artística na 7ª e 8ª série, se ele não tem um suporte? É difícil também! Por isso que os professores desanimam!!

- Na sua opinião, qual a finalidade do curso de 2º grau?

- Olha, eu penso assim: deveria dar uma preparação para o aluno. O 2º grau teria uma preparação para uma sociedade. Não tem nada a ver com o aluno de hoje. Então, pra preparar para uma sociedade... É quando qualquer coisa difícil seguir. Então, eu acho que 2º grau tem que ser um curso técnico, para que, quando o aluno sair, ele tenha uma profissão e não precise fazer curso extra ou outra coisa para ganhar dinheiro. Termina o 2º colegial, lá sai com o diploma, ali pode fazer o 3º, se quiser, em alguma coisa... mas, mesmo, aprender a lidar com o mundo... Acho que já tinha que ser com uma profissão do 2º grau.

- Isso seria... mas como a 1ª, como é que você vê a 2ª grau, na realidade, então?

- Olha, eu vou ser sincera. No Estado, eu acho que não está servindo pra nada, porque geralmente o 2º grau é a noite e os alunos vão super cansados. Tem que mudar muito o programa, não dá pra seguir. Não tem condição. Não tem infraestrutura, não tem que a gente coloca alguns alunos do curso de faculdade... Quer que o nível de ensino seja muito bom - e realmente é assim - e uma das quatro ou cinco melhores do Brasil. Tem bons professores, o nível é bom... Mas, mesmo assim, é difícil colocar aluno sem vontade. Eles trabalham a dia inteiro, fazem muito... Tem alunos que, enquanto se faz a chamada, já estão dormindo. Então, praticamente

precisa fazer a planta, depois tem coisas que, na disciplina de Desenho, é importante... essa parte de Desenho geométrico, né? Fora a parte de Desenho geral, de parte de arte... Mas, acho que tem muito do que se diz que Desenho é importante.

- É para o 2º grau, você acha Desenho uma disciplina importante?

- Geométrico?

- A abordagem que você considerou importante...

- É o que eu falei pra você: quando o professor de Matemática que pega essa matéria, então vai para o lado de Desenho geométrico. Quando o professor de Educação Artística, aí já vem por esse outro lado. Eu tenho a impressão de que essas duas coisas são importantes para o colégio. A parte ali pode servir de tudo também a parte de pintura, coisa assim, não os alunos. Agora, essa outra parte de Desenho geométrico é importante para uma faculdade para eles. Acho que as duas partes são importantes. Acho que teria que ter dois professores para trabalhar com eles... porque... um só não dá tempo. São duas coisas por semana! Então, tendo as duas coisas, mas para dar matéria, já está mais ou menos! Na 7ª e 8ª série, a matéria é Educação Artística, mas a gente sempre coloca coisas de Desenho, pra poder chegar na 7ª e 8ª ter uma base. É difícil também trabalhar com Educação Artística... fazer esse ambiente... Muitos dizem que 2º grau é mais fácil que Desenho... e se não quiser



Entrevista nº 14 - realizada em 15/09/92

- Fale-me a respeito de sua formação escolar.

- Fiz o ginásio em escola estadual. O Curso Normal, fiz em escola particular, mas no 4º ano do Magistério, voltei para o Colégio de Estado.

- Você lembra do Desenho nessa época?

- Desenho... Desenho... não me lembro bem não. Eu lembro em de Educação Artística no Magistério. A professora dava a Educação Artística pra gente passar para as crianças. Inclusive, a gente tinha aula prática, a gente montava uma aula para as crianças... No ginásio, há muitos anos atrás, não me lembro do Desenho e no Colegial, foi Educação Artística. Acho que, por isso, escolhi fazer Educação Artística. Bom... também eu não gostava muito de estudar, mas eu gostava de pintar, desenhar... e, já que eu gostava disto, fui fazer Artes! Depois fui fazer habilitação em Desenho...

- Você faz alguma atividade que envolva Desenho, além do Magistério?

- Fazia antes... mas depois que minha filha nasceu, não deu mais para fazer. Até para corrigir prova, tem que ser de madrugada, porque ela quer fazer junto... Quando dá, a gente faz sim... mas por enquanto...!

- Na sua opinião, qual a finalidade do ensino de 2º grau?

- Olha, eu penso assim: devia já dar uma profissão para o aluno. O 2º grau seria uma preparação para uma faculdade. Mas, hoje em dia é tão difícil um aluno do Estado entrar para uma faculdade...! E, quando consegue, é difícil seguir! Então, eu acho que 2º grau teria que ser um curso técnico, para que, quando o aluno saísse, já tivesse uma profissão e não precisasse fazer outro curso ou outra coisa para ganhar dinheiro. Terminou o 3º colegial, já sai com o diplominha, ali... pode fazer... sei lá, técnico em alguma coisa... marceneiro, aprender a trocar estofado... Acho que já tinha que sair com uma profissão do 2º grau...

- Isso seria... mas como não é, como é que você vê o 2º grau, na realidade, então?

- Olha, eu vou ser sincera. No Estado, eu acho que não está servindo pra nada, porque geralmente o 2º grau é à noite e os alunos vêm super-cansados. Tem que atrasar muito o programa, não dá pra seguir... Não tem condição! Meu diretor exige da gente que a gente coloque alguns alunos dentro da faculdade... Quer que o nível de ensino seja muito bom - e realmente a escola é uma das quatro ou cinco melhores de Bauru. Tem bons professores, o nível é bom... Mas, mesmo assim, é difícil colocar aluno sem cursinho... Eles trabalham o dia inteiro, faltam muito... Tem aluno que, enquanto se faz a chamada, já está dormindo! Então, praticamente

não está servindo pra nada! É mais um lugar onde eles vão, para ter o diploma de 3º colegial, não para prestar um concurso, mas para arrumar um emprego melhor, porque quem tem o diploma de 2º grau, às vezes passa na frente de um outro... Agora, o que vão fazer com esse diploma?!!

- Quando se fala a palavra "Desenho", o que vem à sua mente, em primeiro lugar? Que imagem ficou gravada?

- Pra mim, desenho... eu gosto de coisa muito colorida, de pintura forte e grande... Então, sempre vem um quadro colorido, muito grande, sem imagem nítida... sabe? Pra mim vem isso... Aí, depois a gente vai dividindo esse quadro, né?

- Você vê importância do Desenho, para a vida no sentido geral?

- Meu curso de habilitação em Desenho foi no "chute", né! Daí, tive dificuldade para começar a dar aula de Desenho, mas fui estudar, porque nesse curso não estudei nada, e agora pego livros de Desenho e fico vendo muita coisa que eu poderia passar para os alunos, se eu realmente soubesse, porque é interessante. Como aqui - a gente quer fazer um banheiro e eu poderia fazer a planta... Então, tem coisas que, no dia-a-dia, o Desenho é importante - essa parte do Desenho geométrico, né? Fora a parte de Desenho geral, da parte de artes... Mas, acho que tem muito do dia-a-dia que Desenho é importante...

- E para o 2º grau, você acha Desenho uma disciplina importante?

- Geométrico?

- A abordagem que você considerar importante...

- É o que eu falei pra você: quando é o professor de Matemática que pega essa matéria, então vai para o lado do Desenho geométrico. Quando é um professor de Educação Artística, aí já vem por esse outro lado... Eu tenho a impressão de que esses dois lados são importantes para o colegial. A gente não pode deixar de lado também a parte de pintura... essas coisas... para os alunos. Agora, essa outra parte do Desenho geométrico é importante para uma faculdade para eles. Acho que as duas partes são importantes. Acho até que teria que ter dois professores para trabalhar com eles... porque... um só, não dá tempo. São duas aulas por semana! Então, tendo até duas aulas, mas para cada matéria, já está mais ou menos!... Na 5ª e 6ª série, a matéria é Educação Artística, mas a gente sempre coloca coisas de Desenho, pra poder chegar na 7ª e já ter uma base. É difícil também trabalhar com Educação Artística... falta sala-ambiente... Muitos dizem que é bem mais fácil que Desenho... é só dar qualquer

coisinha... Não é qualquer coisinha, não! Principalmente no colegial, os alunos são bem exigentes... Acho que, de 5ª até o 3º colegial, teria que ter as duas matérias, com dois professores, lógico que entrosados, para dar uma continuidade...

- Em que você se baseia para organizar o conteúdo programático?

- Olha, vou ser sincera. Do colegial eu tenho um pouco de dificuldade, porque do ginásio, a gente tem alguns livros que já vêm com planejamento pronto. A gente pega um livro aqui, outro ali e monta o da gente junto com outros professores e com a direção da escola. Mas, do colegial a gente não tem nada... não tem um livro em que possa se basear. Então, você vai na primeira semana, conversa com a classe para ver onde tem mais dificuldade. Mas é assim, é só de conversa em conversa e a gente vendo o que eles estão pedindo mais.

- E o que você acha que eles pedem, o Desenho geométrico ou o expressivo?

- Olha, está bem equilibrado. Eles gostam muito de filmes, por exemplo, do Aleijadinho. Mas, também, vendo os trabalhos - eles gostam dessa parte, também.. Eles gostam de fazer também os trabalhos de Desenho geométrico. No ano passado, em Desenho geométrico, fizeram sozinhos a maquete da escola, com apoio da direção.. Demoraram uns três meses, não ficou lá aquelas coisas... mas gostaram! Então, eu acho que está bem dividido... Tento equilibrar...

- Você sente influência da direção sobre o seu trabalho?

- Nessa escola, não. Deixam a gente bem à vontade.

- E do professor de Matemática?

- Geralmente, o de Matemática vem pedir. Mas eu não faço isso não... Porque eu acho assim: o que é da parte de Desenho geométrico, eu dou. O que é da parte de Matemática, se eu acabei a minha parte, eu ajudo. Mas, não vou deixar passar uma outra coisa por cima... Por isso é que na 5ª e 6ª série a gente já começa um pouco de Desenho geométrico em Educação Artística, para quando chegar na 7ª série, lá em agosto, setembro, aí a gente já pega um pouco da Matemática e ajuda o professor... Nessa escola, já vejo um pouco mais de importância para a Matemática do que para Desenho... não que a direção obrigue a gente a fazer isso...!

- Normalmente, dá tempo para cumprir o que foi proposto?

- Dá. Dá sim! Não tem muita coisa que muda... No ano passado, na 7ª série, em outubro, já foi o fim da matéria... E aí, o que eu fiz? Como eles não têm Educação Artística e queriam teatro, fiz teatro com eles. A segunda prova foi teatro! Fizeram um teatro ótimo sobre cólera, Aids... Levamos em outra escola... foi muito bom!!

- E a sua metodologia?

- No colegial, eles têm uma pasta e quando é Desenho geométrico usam essa pasta na classe. Depois, marco uma data para dar nota.

- Eles vão desenhando com instrumentos?

- Não é fácil, né! Então, a gente tem que marcar o dia para trabalhar com instrumentos, porque assim eles vão emprestando dos outros...

- E a avaliação?

- No colegial, não uso prova. Avalio os trabalhos.

- E a falta de material? Você sente esse problema?

- Tem. Olha, só quando a gente aperta mesmo, é que trazem. Porque, no dia que tem prova, todas as classes tem ao mesmo tempo. Assim mesmo, tem gente que espera o colega terminar para emprestar o material.

- Que outras dificuldades você tem sentido em relação ao ensino de Desenho?

- Olha, o que eu sinto é assim: no caso, eu sou habilitada em Desenho, mas eu tenho que esperar o professor de Matemática pegar as aulas. Aí é que as aulas serão atribuídas a mim. O que sobra é pra gente. Acho que as aulas que sobram na escola deveriam ser atribuídas ali mesmo e não ir à Delegacia e voltar para a escola. Se já tem o professor ali!! Agora, quanto à minha dificuldade, chego ao professor de Matemática e ele me dá orientação. Quanto a isso não tenho dificuldade.

- E o interesse dos alunos, como anda?

- Eu não sei se porque a escola sempre tem muitas atividades diferentes, então eles se interessam bem por todas as matérias em geral. O problema mesmo é isso: o cansaço, a falta de material...

- E em relação à sua formação, você tem alguma dificuldade?

- Então... eu tenho um pouco de dificuldade por causa disto: porque eu fiz um curso vago... eu mesma poderia ter estudado, porque eu tinha apostilas, tinha tudo. Mas, pra mim, na época, foi uma coisa meio forçada. Então, eu tinha horror de estudar e tal... Hoje, eu tenho dificuldade, mas por isso... a gente querendo, vai em frente...

- E sugestões para o ensino do Desenho?

- Cursos de reciclagem, aí sim! Eu sinto falta. Deveria ter em todas as áreas... Só que os cursos que tem sido dados são no sábado e domingo, você já fica a semana inteira dando aula! Sábado, ainda vá lá! Mas, domingo!! Quando é o dia inteiro, durante a semana, você tem que faltar e perde pra ir lá! A gente já ganha tão pouco... Sinto falta de encontro para troca de experiências. A gente mal conhece os professores da área e quando a gente conhece, é aquela briga porque a professora de Desenho, de Educação Artística é minha rival, não é?

- Como você vê Educação Artística na grade curricular?

- Olha, não sei se é porque eu gosto tanto, mas tinha que ter de 1ª série até o 3º colegial. Porque, às vezes, vem um professor de geografia, por exemplo, e diz: "Você já deu tal coisa nesta classe? - Ah! Logo vi, porque está me ajudando tanto!". Porque além de ser uma matéria gostosa, é difícil o professor de Educação Artística ser

um professor que o aluno não goste. É por causa da matéria... Eu acho que ajuda todas as matérias... Como gosto de Educação Artística, eu me viro com meus livrinhos... Sempre faço exposição de trabalhos, cadernos... As escolas sempre me apóiam.

- Você tem dificuldade quanto ao Desenho expressivo, de observação?

- Desenho expressivo? Eles têm dificuldade. Não é fácil, porque eles falam: "eu não sei desenhar!". Eu digo: "eu também não sei!" - porque eu também não sei! Então, vamos desenhar juntos. Essa parte é difícil! Nossa Senhora! O que eles me xingam! Tem gente que

tem muita facilidade. Mas, a maioria!... É que eles acham que não vão conseguir. Então, já partem disso. Só no "vamos tentar" eles já acham ruim. Quando sai alguma coisa, aí sim! É aquilo que falei: tinha que ter dois professores para as duas modalidades... Acho que deveria ter mais aulas sobre essas duas matérias e na atribuição de aulas a gente tinha que batalhar em cima disto.

... com uma facilidade... acho que tem de ser assim... O mesmo tipo de aula... acho que é assim... Qual o aluno de Desenho que não sabe desenhar? Se você reprova, ele entra com medo... É assim aula de desenho particular que reprova... Certo desenho entre todos... Você vai lá e eles dizem: "Você não é independente? Você paga a sua própria?"... É... Eu acho que o ensino, hoje em dia, é assim mesmo... É diferente... Eu não me lembro quando tinha prova de repouso de ano... Eu trabalhava de professor... Hoje, ninguém liga pra nada, ninguém respeita nada.

- Quando se fala em Desenho, o que vem à mente, em primeiro lugar? O que lhe vem à mente?

- Pra mim, é difícil responder, porque? Depende da forma como se fala. Quando alguém fala assim pra mim: "Ah! Você dá Desenho?" Ah, que gostoso desenhar! Eu acho que todo mundo faz Desenho "desenhar"... Agora eu quando falo em Desenho, por exemplo, sei lá dez anos pintura em tela, lá escola Belas Artes. Então, pra mim, abrange muita coisa, abrange a parte artística, a parte técnica. Então, como eu dou Desenho geométrico, eu faço questão de falar e eu faço questão de mostrar pra eles que o Desenho geométrico é tudo aquilo que eles vão aprender, mas que não sabem como se chegou naquilo? É a cadeira, é a mesa, é o prato... Porque, sem o Desenho, eles não sabem fazer e sem a construção técnica, fazem menos ainda... Porque até para se fazer um copo, tem que ter o Desenho geométrico e ninguém vê isso! Todo mundo imagina o Desenho como simplesmente pegar o lápis e fazer uma linha.

- Bem, automaticamente você já encontra em qual questão que eu vou colocar, você já encontra algo no Desenho para a vida, em geral?

- É... é isso daí, não é? Eu acho em tudo... É que as pessoas não sabem diferenciar o Desenho em si... É a mesma coisa para o mundo lá fora. "Ah, você fez aquilo?" "Ah, você fez aquilo?" Não tem o Desenho em si.

- Então, você acha que o Desenho tem uma função social, uma função estética, uma função técnica?

- É... é isso daí, não é? Eu acho em tudo... É que as pessoas não sabem diferenciar o Desenho em si... É a mesma coisa para o mundo lá fora. "Ah, você fez aquilo?" "Ah, você fez aquilo?" Não tem o Desenho em si.

- Então, você acha que o Desenho tem uma função social, uma função estética, uma função técnica?

- É... é isso daí, não é? Eu acho em tudo... É que as pessoas não sabem diferenciar o Desenho em si... É a mesma coisa para o mundo lá fora. "Ah, você fez aquilo?" "Ah, você fez aquilo?" Não tem o Desenho em si.

- Então, você acha que o Desenho tem uma função social, uma função estética, uma função técnica?

- É... é isso daí, não é? Eu acho em tudo... É que as pessoas não sabem diferenciar o Desenho em si... É a mesma coisa para o mundo lá fora. "Ah, você fez aquilo?" "Ah, você fez aquilo?" Não tem o Desenho em si.

- Então, você acha que o Desenho tem uma função social, uma função estética, uma função técnica?

- É... é isso daí, não é? Eu acho em tudo... É que as pessoas não sabem diferenciar o Desenho em si... É a mesma coisa para o mundo lá fora. "Ah, você fez aquilo?" "Ah, você fez aquilo?" Não tem o Desenho em si.

- Então, você acha que o Desenho tem uma função social, uma função estética, uma função técnica?

- É... é isso daí, não é? Eu acho em tudo... É que as pessoas não sabem diferenciar o Desenho em si... É a mesma coisa para o mundo lá fora. "Ah, você fez aquilo?" "Ah, você fez aquilo?" Não tem o Desenho em si.

- Então, você acha que o Desenho tem uma função social, uma função estética, uma função técnica?

- É... é isso daí, não é? Eu acho em tudo... É que as pessoas não sabem diferenciar o Desenho em si... É a mesma coisa para o mundo lá fora. "Ah, você fez aquilo?" "Ah, você fez aquilo?" Não tem o Desenho em si.

Entrevista nº15 - realizada em 06/10/92

- Conte-me sobre sua formação escolar.

- É... eu fiz o curso de Química Industrial no 2º grau. Depois, entrei em Desenho e Plástica.

- Você lembra do "Desenho" na sua formação de grau médio?

- Tinha Desenho, sim. Lembro da parte geométrica... tinha muito a parte de projeção, descritiva. Nessa época, comecei a gostar... Achei interessante, diferente... e foi quando resolvi partir pra Desenho. Eu fiz Belas Artes, também.

- Então você conseguiu desenvolver tanto o lado técnico quanto artístico do Desenho...

(interrupção por um aluno questionando prova e conceito)

- Você complementou com Educação Artística?

- Não. Não quis fazer. Na verdade, eu acho que ninguém dá Educação Artística. Todo mundo dá Desenho. Já que eu não ia dar Educação Artística, ia ter que dar Desenho. Achei que não valeria nada fazer outra faculdade... Eu não conheço nenhum professor de Educação Artística que dá Educação Artística.

- Vamos aproveitar e perguntar: como você vê Educação Artística no currículo escolar?

- Eu vejo como um preenchimento de tempo, só. Mais nada. Acho que tive conhecimento de um só que dava Educação Artística mesmo. É um ou outro professor... No fundo, eles sempre põem o Desenho geométrico no meio... Então, aquela parte de criatividade que deveria ser dada. Só a criatividade, e Educação Artística não é dada.

(interrupção por outro aluno questionando o conceito de prova)

- Na sua opinião, qual a finalidade do ensino de 2º grau?

- Geral ou de Desenho?

- Não. O ensino de 2º grau, no geral...

- Eu acho que é aquela complementação do 1º, vamos dizer assim... Sei eu, é onde o aluno vai atingindo mais maturidade e vai gravando mais os conhecimentos. Porque no 2º grau, é assim, mais uma revisão geral daquilo que foi visto, de uma forma mais profunda. O convívio dos alunos com a parte de política, de História, parece que começa a se aperfeiçoar e gravar mais. No 1º grau, é muito vago, a cabeça é muito infantil... não se preocupa com isto, então, não grava... No 2º grau, ele começa a se preocupar e a gravar. Apesar de que eu acho que as escolas, hoje, são muito fracas. Aqui em Bauru... pelo menos, pelo que eu vejo... Na verdade, o aluno não repete. Meus dois filhos, os amigos, o ano

inteiro com nota vermelha e, chega no fim do ano, passam... O ensino hoje está: cada um salva o seu, porque no geral, todo mundo já passou! Eu acho que é isso... Qual o aluno de Estado que você reprova? Se você reprova, ele entra com recurso... E qual aula da escola particular que reprova? Corre dinheiro corre tudo... Você vai lá e eles dizem: "Você faz D.P. (dependência). Você paga o ano inteiro". É... Eu acho que o ensino, hoje em dia, é isso aí mesmo... E diferente... Eu, no meu tempo, eu tinha medo, pavor de repetir de ano... Eu tinha medo do professor. Hoje, ninguém liga pra nada, ninguém respeita nada...

- Quando se fala em Desenho, o que vem à sua mente, em primeiro lugar? O que lhe marca a mente?

- Pra mim, é difícil responder, entende? Depende da forma como se fala. Quando alguém fala assim pra mim: "Ah! Você dá Desenho? Ah, que gostoso desenhar!" Eu acho que todo mundo imagina Desenho "desenhar"... Agora eu, quando falo em Desenho, por exemplo, estudei dez anos pintura em tela, fiz escola Belas Artes. Então, pra mim, abrange assim, muita coisa: abrange a parte artística, a parte técnica. Então, como eu dou Desenho geométrico, eu faço questão de falar e eu faço questão de mostrar pra eles que o Desenho geométrico é tudo aquilo que eles vêem pronto, mas que não sabem como se chegou naquilo! É a cadeira, é a xícara, é o pires... Porque, sem o Desenho, eles não iriam fazer e sem a construção técnica, fazem menos ainda... Porque até para se traçar um copo, tem que ter o Desenho geométrico e ninguém vê isto! Todo mundo imagina o Desenho como simplesmente pegar o lápis e fazer uma casinha...

- Bem, automaticamente você já entrou em outra questão que eu vou colocar: você vê importância do Desenho para a vida, em geral?

- É... é isso daí, não é? Eu acho em tudo... É que as pessoas não sabem diferenciar o Desenho em si... É a mesma coisa numa tela. O pessoal fala: "Ah, você fez aquele desenho, é tão fácil esse traçado!". Mas não é assim... No Desenho você tem que ter harmonia, composição... e o que é fundamental: o equilíbrio... Não adianta você jogar um desenho numa ponta da tela, sem estar enquadrado. Ele pode estar perfeito, mas aquela tela vai perder seu equilíbrio. Atrás do visual, tem um processo pra chegar lá... E é a mesma coisa que acontece na escola. Eu procuro no colegial... Eu aqui já perdi o estímulo, né! A diretora já disse que vai tirar o Desenho. Então, você perde aquela empolgação. Os alunos estão fazendo aquilo ali... por nada mais, porque não vai ter sequência... Então, no que cai o Desenho? Perde estímulo seu, perde o estímulo do aluno. Ele fala: "Ah, ano que vem não tem mais mesmo!". Mas eu sempre procuro, desde a 5ª série,

explico a geometria do ponto. aí, aplico ele na parte artística do Desenho... Aí, entro na reta. Então, por que existe a reta? O que é feito com ela? Aonde você chega? Até as construções finais... Como na concordância, você não imagina pra quê que uma curva tem que concordar com a outra... Mas, se você pegar uma arquitetura, ninguém faz uma janela de estilo romano, se não souber concordar uma curva com uma reta. Então, procuro encaixar... aplicar a parte da geometria e, em seguida, a parte artística. Daí é que eu não vejo, por exemplo, necessidade da Educação Artística. Porque, como eu falei pra você, eu não vejo professor dando porque isso está no Desenho. Educação Artística é a criatividade, expressão corporal, mexer com materiais diversos... É muito diferente Desenho de Educação Artística! Só quem estuda Arte em profundo é que consegue fazer isso.

- Educação Artística é uma disciplina que exige muita sensibilidade, uma formação bastante profunda, porque, senão, ela se perde...

- Você vê, o professor que fez Desenho... Eu no começo... uma das coisas que me revoltou e por isso não fiz Educação Artística, foi que no 1º ano que enfiaram Educação Artística, era o professor de Desenho quem iria dar.. Eu nunca tive Música na escola de Educação Artística, como eu posso me achar apta a dar Música para um aluno, se eu não tenho conhecimento de Música? Música tem oito horas de estudo! Você tem que saber tudo pra passar para o aluno. Não é sabe cantar o Hino Nacional, achando que sabe Música! Tenha a santa paciência!.. Tem que dar aquela noção... Eu tive da 1ª a 4ª série e no colegial, mas era Música em que a profesora tocava no piano, a gente tinha que saber... Tinha que saber o que era uma clave de Sol... O professor de Educação Artística não dá isso hoje! Ele não sabe! Ele não dá dança, ele não tem ritmo! Então, não tem lógica! Aí, você vê a criança que gosta de Educação Artística, parte pra onde? Escolinha particular. Na minha cabeça, não entra Educação Artística no 1º e 2º graus! De jeito nenhum! No primeiro grau, com aquela criancadinha, colocar uma parte artística, é fácil! Mas, de 5ª a 8ª série em que ser uma coisa muito mais profunda! Ah, você tem que saber! Não é assim, não! Pegar qualquer professor que se formou em Desenho, faz uma complementação em Educação Artística e joga aí! O que ele faz? Aqui mesmo tem professor de Educação Artística que anda com régua e um compasso! Ele não tem formação... ele não sabe o que tem que dar!

- Por que o Desenho está caindo da grade curricular?

- Sabe como que é, o Desenho, a meu ver, assim... é, eu nunca procurei aprofundar muito saber de currículo... Então, cada escola faz seu currículo e eu já notei, eu não sou efetiva, sou ACT. Também não quis prestar concurso, porque pra prestar o concurso, eu tinha que ter Educação Artística e eu não fiz... Então, andando pelas escolas, eu sempre notei assim: se tem um profes-

sor efetivo de Educação Artística na casa, o que eles fazem? Eles arrancam Desenho e põem Educação Artística. Se é um professor efetivo mais antigo de Matemática, o que fazem? Arrancam Educação Artística e põem Desenho. Eu já vi isso em escolas por onde passei... então, é aquela panelinha que existe e que a gente tanto criticou no governo Collor, mas que em cada lugarzinho tem a sua panelinha. Só que em nível menor ou em nível maior, dependendo do local. E existe também aquele negócio: o diretor simpatiza com Educação Artística. Aqui eu noto isso. Quando cheguei aqui, a disciplina era Desenho geométrico e foi mudado para Desenho porque a diretora não queria que desse Desenho geométrico para os alunos, ela queria que desse só Desenho. Ela achou que quem tinha que dar Desenho geométrico era o professor de Matemática. Agora, os professores de Matemática não chegam no fim do livro e nos falam que eles não têm condições, que era mais importante pra eles o professor de Desenho dar construção e eles entrariam na geometria. Eu continuei com o Desenho geométrico, porque achei que era muito mais importante eles saberem um pouco da geometria, da parte da construção, principalmente no colegial. Você pode pegar qualquer livro, você sabendo traçar, você manipulando, fazendo, você grava muito mais do que olhando. Então, você trabalhando junto com o professor de Matemática, o aluno tem muito mais condições... E ela começou a tirar o Desenho daqui... e é assim em todo lugar! Agora, vem a "escola-padrão" e diz que nela não tem Desenho, né?

- A que você atribui a queda e a desvalorização do Desenho no currículo?

- Foi por causa da Educação Artística, né? Caiu com a Educação Artística. Eu me lembro que, quando eu fiz, sempre gostei de desenhar, tanto do Desenho geométrico quanto do Desenho artístico. Sempre fiz muitos trabalhos, fiz obras em tela. Eu me lembro que no ginásio, a gente tinha Desenho mesmo: tanto a parte geométrica quanto a parte artística. Valia nota mesmo. Não era menosprezado em hipótese alguma. No colegial foi a mesma coisa. Quando apareceu a Educação Artística e o governo jogou - eu acho que jogou porque foi uma cópia dos EUA que não deu certo e jogaram aqui no Brasil, porque tudo o que não dá certo no exterior eles jogam aqui - então, o Desenho também começou a decair. Ficou aquela confusão. Tem escola que põe Desenho como atividade, que não vale nota, tem gente que põe como disciplina. Cada escola faz o que quer. Tem diretor que valoriza o professor de Desenho. Tem diretor que menospreza. Eu já trabalhei com diretores ótimos, que põem o Desenho lá em cima... Então, você trabalha diferente, gostoso.

- Você já se deparou com esta pergunta, no 2º grau: "Pra quê estou aprendendo isto?"

- Ah, já... No 2º grau, nem tanto, é muito pouco, porque já perguntaram na 7ª e 8ª série quando começam a lidar com compasso e régua. Aí é que a gente explica a importância. Depois, acho que acostumam...



- Qual tem sido o seu objetivo em trabalhar com Desenho no 2º grau?

- Aqui, como passou para Desenho, passei mais com a parte artística no colegial, porque mudou o currículo todo. Existe uma diferença: se no currículo está Desenho geométrico, você tem que dar Desenho geométrico. Então, daí você se aprofunda mais nos problemas de geometria em concordância com a Matemática. Agora, aqui passou para Desenho. Desenho significa o Desenho geométrico e o Desenho artístico - pra você ver o nosso currículo brasileiro, como é! - Então, tem Desenho técnico, também. Tem escola que o 2º grau é só Desenho técnico. Então, um aluno que sai de lá para cá, tem que fazer uma adaptação, porque o Desenho Técnico dele não serve para cá. Ele tem que fazer outra prova. Sabe, é aquela lenga-lenga toda... Então, você vê que cada um faz o que quer, como quer. E tem a Educação Artística que é a parte artística e o próprio nome já fala, mas o professor dá geometria! Então, o aluno chega aqui e diz: "Ah, mas eu fiz em Educação Artística e lá só tinha geometria. Era a mesma coisa que a senhora está dando!". Mas a nota de lá não vale para cá. Tem que fazer o trabalho de adaptação. Ele viu a mesma coisa, mas o nome é outro. Então, como aqui agora é Desenho, Desenho eu faço Desenho como parte artística, porque se eu der só Desenho geométrico, o aluno entra com recurso e sou obrigada... dou Desenho geométrico e, conforme o que estou dando, faço a aplicação artística daquela parte que estamos vendo.

- E como é a aceitação dos alunos?

- É boa! Eu tenho relacionamento bom com eles. Não têm nada contra. Ninguém fala: "Ah, essa porcaria!". Se falam, falam por trás, entende? Aí, varia. Eu tenho alunos, por exemplo, que adoram, que fazem aquele trabalho perfeito! Vai muito da habilidade e do gosto da pessoa! Tenho aluno que gosta, que tem prazer em desenhar bem, faz a construção certinha... Tem aqueles que fazem no escacho! Só para passar o tempo, só para ter o diploma. A gente nota esses alunos que têm aquela aptidão para o Desenho e você pergunta o que vão fazer e eles dizem que engenharia, arquitetura. Então, já é dele aquilo!

- Você pratica alguma atividade que envolva Desenho, além do Magistério?

- No momento, não. Eu participei bastante. Fiz Belas-Artes e 10 anos de pintura em tela, desenho com carvão e crayon... Há um grupo que se reúne toda semana. Eu é que não estou indo... Mesmo à frente de uma padaria, fiz uma exposição individual no SENAC, no ano passado. Se você larga, você fica por fora...

- Embora você já tenha se referido à influência da direção e do professor de Matemática, como você encara essa influência?

- Eu noto que os professores de Matemática querem que tenha Desenho. Eles não querem dar Desenho. Eles preferem dar aquela parte que é mais importante e um outro professor, acompanhar essa parte. Eles querem, pelo menos notei isso... Agora, com a "escola-padrão", não sei...

- Em que você se baseia para organizar o conteúdo programático?

- Os de Educação Artística não sabem o que dar, não têm conhecimento da área. Para você dar Educação Artística, você tem que ser um artista. Eles não tiveram Desenho e não são artistas. Então, eles não são nada... São uns coitados! Em 80% das escolas, o professor de Educação Artística anda com régua e compasso na mão. Não tenho dificuldade em montar o conteúdo. Eu acho que... Aí, depende da escola. Na parte de Desenho geométrico, tem livros bons, que você acompanha e tem toda aquela sequência certa do Desenho. Você começa pelo ponto, vai pelas formas, pelas linhas, pelas retas... aí, você entra nas figuras. Aí, eu faço o seguinte: se a escola tem Desenho desde a 5ª, vou para o conteúdo mais profundo. Você tem tempo de aprofundar mais, explicar mais, o aluno acompanha mais. Se ele tem só na 7ª, então daí já seleciono o que é mais importante. Então, a gente começa nas construções geométricas. O conteúdo de 5ª e 6ª, jogo na 7ª e de 7ª e 8ª, jogo toda na 8ª. Então, nunca tive problema nenhum.

- E quais são os seus procedimentos de ensino?

- Todo exercício, esboço na lousa, explico, faço as construções e mando fazer várias vezes. Aí, depois, quando chega nos problemas, passo o enunciado, vejo se ele estão "boiando"... Aí, faço um esboço na lousa à mão-livre e dou tempo para eles fazerem a construção corretamente, para eles se desenvolverem. Porque, se a gente passar mastigado na lousa - dou o problema e, em seguida, faço a construção certinha e eles só acompanham... - eles não desenvolvem. Eu noto que assim é o melhor jeito.

- E a avaliação? Quais são os instrumentos e os critérios adotados?

- Eu faço dependendo do exercício. Tem coisas que eles têm que saber. Tem exercícios que, às vezes, com ajuda, são exercícios mais profundos, não adianta exigir que o aluno decore aquela construção. Aí, a gente faz tipo trabalho. Avalio por prova e trabalho. Dou dois conceitos e exijo caderno. Lógico que nem todos. A gente faz aquela exigência. Hoje em dia, professor não manda em aluno mais. Mas, eu procuro fazê-los entender - e provo na classe - que o aluno que tem caderno e me acompanha em todos os exercícios, tem menos dificuldade do que aquele que não faz nada. Porque, na verdade, Desenho geométrico, se você não faz, você não grava. E, como Matemática, se você não resolve problemas, você não aprende. Não adianta ir só copiando... Desenho, não tem como você decorar. Você só decora aprendendo. E, se eu vejo que o aluno tem dificuldade, falo para ele fazer cinco ou seis vezes a mesma construção. Ele fala: "Parece primário!". Eu não dou como castigo. Digo pra ele: "Experimenta, faça umas cinco ou seis vezes para você ver que não erra mais!". Ele não erra mesmo.

- **Aponte dificuldades e sugestões em relação ao ensino do Desenho.**

- Acho que deve ter maior valorização. Acho qu o governo deveria rever essa parte. O que eles fizeram não foi correto com o aluno. Acho assim: um crime ter tirado Música! Jogaram tudo para Educação Artística. Acho que tinha que ter o Desenho certo, essa complementação artística, com o Desenho geométrico e aa parte de Música. Essa criatividade que eles quiseram expor ao aluno... lançaram a matéria... É muito bonito isso daí, se fosse dado corretamente. A Educação Artística é linda, mas é uma coisa muito profunda! Eu, que fiz Belas Artes... assim... é um conhecimento da História da Arte muito grande, o trabalho que você faz com sucata é muito extenso. Então, foi aquilo que eu falei: o professor tem que ser

um artista para dar Educação Artística. Eles não conseguiram nada de nada. Nem como professor de Educação Artística. Abandonaram o Desenho que já tinha uma tradição, aqueles professores de Desenho antigos... Você vê, da minha turma, já está todo mundo se aposentando... E a Música que é tão importante também caiu fora... Se você pegar livros de Educação Artística de 5ª a 8ª série, é a mesma coisa. São as mesmas atividades! Tudo depende de uma política... Se eles não ligam para a educação, para escola, para nada, então muito menos para a arte! É uma questão de visão política, de chegar alguém e... O político não se preocupa com nada e, na hora em que ele ganha dinheiro, esquece de tudo!

(sinal para recomeçar a aula)



unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
Faculdade de Filosofia e Ciências

BIBLIOTECA

DEVOLVER NA ÚLTIMA DATA FIXADA

[illegible]

MOD. 122